

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS**

MARIA PERPÉTUA SOCORRO FREITAS JAQUES

**CARACTERÍSTICAS ESTRUTURAIS DO PORTUGUÊS MARÚBO: UMA ANÁLISE
A PARTIR DE CONSTRUÇÕES EM TEXTOS ESCRITOS**

**MANAUS
2021**

MARIA PERPÉTUA SOCORRO FREITAS JAQUES

**CARACTERÍSTICAS ESTRUTURAIS DO PORTUGUÊS MARÚBO: UMA ANÁLISE
A PARTIR DE CONSTRUÇÕES EM TEXTOS ESCRITOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Amazonas como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras na área de Estudos da Linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Sanderson Castro Soares de Oliveira

**MANAUS
2021**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

J36c Jaques, Maria Perpétua Socorro Freitas
Características estruturais do português marúbo: uma análise a partir de construções em textos escritos / Maria Perpétua Socorro Freitas Jaques. 2021
296 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Sanderson Castro Soares de Oliveira
Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Português Marúbo. 2. Análise de construções. 3. Linguística Contrastiva. 4. Textos escritos. I. Oliveira, Sanderson Castro Soares de. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

MARIA PERPÉTUA SOCORRO FREITAS JAQUES

**CARACTERÍSTICAS ESTRUTURAIS DO PORTUGUÊS MARÚBO: UMA ANÁLISE
A PARTIR DE CONSTRUÇÕES EM TEXTOS ESCRITOS**

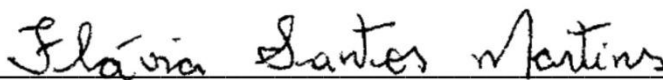
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Amazonas como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras na área de Estudos da Linguagem.

Aprovada em 31 de agosto de 2021.

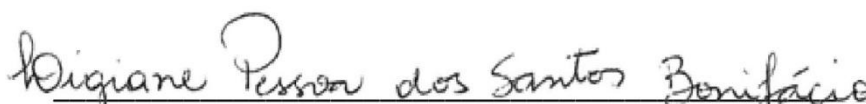
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Sanderson Castro Soares de Oliveira (UFAM)



Profa. Dra. Flávia Santos Martins (UFAM)



Ligiane Pessoa dos Santos Bonifácio (INC-BC/UFAM)

Aos meus pais, Antonio Jaques da Silva “*in memoriam*” e Alaíde Carneiro de Freitas por toda instrução recebida.

Às minhas filhas, que tiveram que suportar por muitas vezes a minha ausência, para que eu continuasse a dar meus passos no caminho da educação. Ao meu esposo que me apoia nas minhas decisões.

Aos meus 9 irmãos que sonham meus sonhos comigo e sempre me veem como referência.

AGRADECIMENTOS

A gratidão é um sentimento que promove paz, amor e harmonia entre as pessoas, é ato nobre e devemos levá-la conosco por toda a nossa vida. O apóstolo Paulo, em 1 Tessalonicenses 5.18 instrui-nos dizendo: “Em tudo dai graças; porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco”. Assim, quando tomamos a atitude de sermos gratos uns com os outros, louvamos a Deus.

A Deus, criador de todas as coisas.

A Jesus Cristo, autor e consumidor da minha fé.

Ao Espírito Santo, consolador e meu melhor amigo.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM, pela bolsa de 20 meses.

A todos os meus professores do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL, pelos ensinamentos durante o curso.

À coordenadora do curso do PARFOR/UEA, Célia Aparecida Bettiol, pessoa que atendeu a nossa solicitação para a atividade de análise linguística de textos escritos de estudantes indígenas Marúbo, do curso de Pedagogia Intercultural – primeira licenciatura/UEA.

À Profa. Dra. Flávia Santos Martins, que cuidadosamente leu, na íntegra, a minha dissertação de mestrado, colaborando desde a banca de Qualificação até a banca de Defesa Final, fazendo apontamentos relevantes a partir dos seus conhecimentos da Linguística, em particular, da Sociolinguística. Suas considerações serviram de apoio para o tratamento das análises, principalmente, no que diz respeito ao português falado na região do Alto Solimões.

À Profa. Dra. Ligiane Pessoa dos Santos Bonifácio que também somou, participando da minha banca de Qualificação e da minha Defesa Final. Suas contribuições foram importantes, suas experiências de contato com línguas indígenas da região do Alto Solimões e suas sugestões nos trouxeram um olhar mais claro, para que pudéssemos tratar a questão do Contato Linguístico, do Preconceito Linguístico, do Português Indígena com mais segurança.

Ao Prof. Dr. Sérgio Augusto Freire de Souza, pela atenção prestada à nossa proposta de pesquisa e pela contribuição no seminário de Metodologia do PPGL.

Ao professor Andérbio Márcio Silva Martins pela leitura da versão apresentada na banca de qualificação e pelo envio de valiosos comentários.

Ao professor e orientador, Sanderson Castro Soares de Oliveira, o meu sincero agradecimento pela acolhida ao chegar ao PPGL; por ter me ensinado que a dedicação à pesquisa, numa pós-graduação é a principal coisa que se deve fazer; pelo acesso ao grupo de pesquisa: Línguas e Culturas Amazônicas – LCA; pelos encontros em meio às ondas da COVID-19 e pelas importantes instruções recebidas sobre os assuntos da Linguística

Descritiva e por toda dedicação dada aos desdobramentos da construção textual dessa dissertação.

Às minhas filhas, Yngra Karolyne Jaques Wadick e Abigaill Jaques Wadick, aos meus dois netos, Guilherme e Gael, ao meu esposo, Wandrison Ulisses Wadick e à minha sogra, Iranilde Baima Ulisses por toda contribuição e apoio que me ofertaram durante o desenvolvimento da minha pesquisa.

À minha mãe, por suas intercessões a Deus pela minha vida e por todo apoio recebido.

Aos meus irmãos, Antonio Jaques Soares, Adriano Jaques Soares, Alvino Jaques Soares, Manoel Nazareno Jaques Soares, Manoel João Jaques Soares, Maria da Glória Jaques Soares, Maria das Dores Jaques Soares, Laíde Freitas Jaques e Mônica Rebeca Soares de Carvalho, por toda força e inspiração.

Aos meus pastores que intercedem por mim diante do Eterno.

A todos os meus amigos, os de perto e os de longe.

Aos meus companheiros de turma do PPGL (2019 a 2021): Perpétua Pessoa, Geise Freitas, João Bosco e à amiga Ana Lúcia, do LCA, por todas as trocas.

*Eu me preocupo com o meu povo do Vale do Javari, a
nossa terra está homologada, mas temos muitos
problemas [...] que foram trazidos junto com a invasão
de nossa terra, e mostraram, que podem levar
comunidades inteiras à doença e à morte.
(A.M.S., graduando Marúbo).*

RESUMO

Este trabalho teve como principal objetivo investigar aspectos estruturais do Português Marúbo inserindo-se na área de estudo que vem se convencendo chamar de Português Indígena. Os objetivos específicos se ocuparam em apresentar uma contextualização histórica do povo Marúbo e de alguns aspectos da sua cultura e de seu contexto atual, como também contrastar aspectos da Língua Marúbo com a Língua Portuguesa a partir dos dados analisados de 73 textos escritos por um grupo de graduandos Marúbo, com base na Língua Portuguesa e nas variações faladas/escritas no Alto Solimões (AM), a fim de evidenciar a influência de L1 em L2. A motivação se deu em virtude da existência de poucos trabalhos descritivos da Língua Marúbo no Vale do Javari e pela minha relação pessoal com a região. Esta pesquisa procurou, assim, desenvolver um estudo com foco na Linguística Descritiva evidenciando o Português Indígena representado por 18 graduandos Marúbo do Vale do Javari do curso de Pedagogia Intercultural Indígena/PARFOR/UEA de Atalaia do Norte (AM). O aporte teórico foi fundamentado, principalmente, em: Amado (2015), Bonifácio (2019), Braggio (2015), Cagliari (2002), Calvet (2002 [1993]), Cesarino (2008), Cordeiro (2018), Corder (1967, 1975), Corrêa (1980), Costa (1992, 2000), Cruz (2004), Dryer (2006), Erikson (1992), Fernández (2011), Kennel Jr. (1978), Labov (2008 [1972]), Lyons (1981, 1987), Maia (2012, 2018), Martins (2010, 2013, 2017, 2020), Mattoso Câmara (1992), Melatti e Melatti (2005 [1975]), Merinero (2006), Monserrat (1994), Peixoto (2020), Perini (2005, 2019), Santos (2011), Simas e Lucchesi (2020) e Welper (2009). O método de pesquisa foi o descritivista, o qual permite analisar e explicar fenômenos de um apanhado de dados. Os possíveis impactos desta pesquisa estão em apresentar uma caracterização do Português Marúbo que podem servir para produção de subsídios para trabalhos específicos e para criação de material específico. Os resultados obtidos revelaram a existência de transferência da L1 na L2, como também a influência da variedade do Português falado/escrito no Alto Solimões no português escrito pelos dos graduandos Marúbo. Os dados que demonstraram essas evidências são importantes porque caracterizam o Português Marúbo.

Palavras-chave: Português Marúbo; Análise de Construções; Linguística Contrastiva.

ABSTRACT

This research had as main purpose to investigate structural aspects of the Marúbo Portuguese that is part of the area of study that has come to be called Indigenous Portuguese. The specific purposes were to present a historical contextualization of the Marúbo people and some aspects of their culture and their current context, as well as to contrast aspects of the Marúbo Language with the Portuguese Language from the analyzed data of 73 texts written by Marúbo college students, based on the Portuguese Language and on the spoken/written variations in Alto Solimões (AM), in order to highlight the influence of L1 on L2. The motivation was due to the existence of few descriptive studies of the Marúbo language in Vale do Javari and my personal relationship with the region. This research aimed to develop a study focused on Descriptive Linguistics, highlighting the Indigenous Portuguese represented by 18 Marúbo college students from Vale do Javari of the Indigenous Intercultural Pedagogy course PARFOR/UEA in Atalaia do Norte (AM). The theoretical contribution was based mainly on: Amado (2015), Bonifácio (2019), Braggio (2015), Cagliari (2002), Calvet (2002 [1993]), Cesarino (2008), Cordeiro (2018), Corder (1967, 1975), Corrêa (1980), Costa (1992, 2000), Cruz (2004), Dryer (2006), Erikson (1992), Fernández (2011), Kennel Jr. (1978), Labov (2008 [1972]), Lyons (1981, 1987), Maia (2012, 2018), Martins (2010, 2013, 2017, 2020), Mattoso Câmara (1992), Melatti and Melatti (2005 [1975]), Merinero (2006), Monserrat (1994), Peixoto (2020), Perini (2005, 2019), Santos (2011), Simas and Lucchesi (2020) and Welper (2009). The research method was the descriptivist, which allows analyzing and explaining phenomena from a collection of data. The possible impacts of this research are to present a characterization of the Marúbo Portuguese that can serve to produce subsidies for specific researches and for the creation of specific material. The results revealed the existence of a transfer from L1 to L2, as well as the influence of the variety of spoken/written Portuguese in Alto Solimões on the written Portuguese of the Marúbo college students. The data that demonstrate this evidence are important because they characterize the Marúbo Portuguese.

Keywords: Marúbo Portuguese; Construction Analysis; Contrastive Linguistics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Povos Páno.....	65
Figura 2 - Adereços masculinos Marúbo.....	74
Figura 3 - Adereços femininos Marúbo.....	74
Figura 4 - Ilustração de Maloca Tradicional Marúbo.....	76
Figura 5 - Pintura corporal Marúbo com uso do jenipapo.....	77
Figura 6 - Localização Marúbo	83
Figura 7 - Mapa da Microrregião Alto Solimões	84
Figura 8 - Barranco onde antigamente se localizava a cidade de Remate de Males	86
Figura 9 - Garrafa encontrada no barranco no local onde se encontrava a cidade de Remate de Males	86
Figura 10 - [Rio Javari], vista panorâmica do município de Atalaia do Norte (AM) – 1955 ..	87
Figura 11 - A sede do município de Atalaia do Norte visto de cima, ano de 2017	87
Figura 12 - Imagem topográfica do Município de Atalaia do Norte (AM).....	90
Figura 13 - Mapa da Terra Indígena Vale do Javari.....	94
Figura 14 - Texto A5T5.....	107
Figura 15 - Texto A15T5.....	108
Figura 16 - Texto A14T5.....	108
Figura 17 - A15T1	109
Figura 18 - Nomes simples em Marúbo	126
Figura 19 - Nomes complexos em Marúbo	127

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Denominações históricas do povo Marúbo	67
Quadro 2 - Série Histórica das notas do 5º ano do Ensino fundamental ao 3º ano do Ensino Médio no IDEB para o Município de Atalaia do Norte	88
Quadro 3 - Demografia Marúbo	100
Quadro 4 - Sequência de textos	110
Quadro 5 - Letras do alfabeto Marúbo com pronúncia divergente do Português.....	113
Quadro 6 - Consoantes da Língua Marúbo.....	114
Quadro 7 - As vogais da Língua Marúbo	115
Quadro 8 - Fonemas suprasegmentais na Língua Marúbo.....	116
Quadro 9 - Morfemas de Tempo Declarativos em Marúbo.....	116
Quadro 10 - Morfemas de Tempo Interrogativo em Marúbo.....	117
Quadro 11 - Morfemas aspectuais em Língua Marúbo	117
Quadro 12 - Morfemas marcadores do modo imperativo.....	118
Quadro 13 - Morfema marcadores de modo interrogativo	118
Quadro 14 - Alguns Sufixos de Encerramento Verbal Declarativos e Interrogativos.....	118
Quadro 15 - Sufixos de Encerramento Verbal Declarativos	119
Quadro 16 - Periferia Substantiva	119
Quadro 17 - Lista dos enclíticos periféricos	120
Quadro 18 - Exemplos de palavras com sufixo casuais	121
Quadro 19 - Exemplos ilustrativos das regras de inserção dos sufixos casuais	121
Quadro 20 - Periferia Adjetiva	122
Quadro 21 - Lista dos enclíticos adjetivos.....	122
Quadro 22 - Lista dos pronomes com seu significado e função	122
Quadro 23 - Periferia Pronominal	123
Quadro 24 - Lista dos enclíticos pronominais	123
Quadro 25 - As vogais da Língua Marúbo	131
Quadro 26 - Consoantes da Língua Marúbo.....	144
Quadro 27 - Marcas de concordância em Marúbo	172
Quadro 28 - Problemas de adequação textual	191

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Alternância de <e> ~ <i>	132
Tabela 2 - Alternância <i> ~ <e>	134
Tabela 3 - Alternância <o> ~ <u>	134
Tabela 4 - Alternância <u> ~ <o>	136
Tabela 5 - Alternância <a> ~ <o>	136
Tabela 6 - Alternância <a> ~ <o>	137
Tabela 7 - Alternância de <o> e <ó>.....	137
Tabela 8 - <ou> em vez de <ó>.....	138
Tabela 9 - Inserção indevida de <e>.....	138
Tabela 10 - Inserção indevida de <i>	138
Tabela 11 - Inserção de <l>	139
Tabela 12 - Alternância <e> ~ <é>.....	139
Tabela 13 - Alternância <e> ~ <o>	140
Tabela 14 - Monotongação pela supressão de <u>.....	140
Tabela 15 - Supressão de <o> na sequência <eo>.....	141
Tabela 16 - Supressão de <e> em margem direita de ditongo.....	141
Tabela 17 - Supressão de <i> em margem direita de ditongo	141
Tabela 18 - Supressão de <a>.....	142
Tabela 19 - Supressão de <a> por equívocos gráficos	142
Tabela 20 - Acento gráfico	143
Tabela 21 - <l> por <r>	145
Tabela 22 - <r> por <l>	145
Tabela 23 - Uso de <v> por <f>	146
Tabela 24 - Uso de por <p>	147
Tabela 25 - Uso de <p> por 	147
Tabela 26 - Uso de <d> por <t>	147
Tabela 27 - Uso de <t> por <d>	147
Tabela 28 - Uso de <g> por <c>.....	148
Tabela 29 - Uso de <gu> por <qu>	149
Tabela 30 - Uso de <c> por <g>.....	149
Tabela 31 - Uso de <qu> por <gu>	149
Tabela 32 - Uso de <q> por <g>	149

Tabela 33 - Uso de <s> por <z>	150
Tabela 34 - Uso de <ss> por <s>.....	150
Tabela 35 - Uso de <s> por <ç>	150
Tabela 36 - Supressão de nasal.....	151
Tabela 37 - Supressão de <s>.....	151
Tabela 38 - Supressão de <t>	152
Tabela 39 - Inserção de <h>	152
Tabela 40 - Inserção de nasal	152
Tabela 41 - Eliminação de <ra>	153
Tabela 42 - Nasalização em final de palavra.....	153
Tabela 43 - Troca de itens lexicais	154
Tabela 44 - Segmentação de “en-” e de “in-”.....	155
Tabela 45 - Segmentação de “-ss”.....	155
Tabela 46 - Segmentação de “a” na sílaba inicial da palavra	155
Tabela 47 - Segmentação assistemática.....	156
Tabela 48 - Junção de palavras.....	156
Tabela 49 - Supressão da vogal inicial “a”.....	157
Tabela 50 - Inserção de “a” no início de palavras	157
Tabela 51 - Reanálises morfológicas envolvendo “em” e “en”.....	158
Tabela 52 - Reanálises envolvendo pluralização.....	158
Tabela 53 - Reanálises assistemáticas	158
Tabela 54 - Número marcado apenas no artigo do SN.....	161
Tabela 55 - Número marcado apenas no Pronome Demonstrativo	161
Tabela 56 - Número marcado apenas no artigo	161
Tabela 57 - Ausência de Concordância Nominal no Predicativo do Sujeito.....	162
Tabela 58 - Ausência de marcação de plural no determinante	162
Tabela 59 - Ausência de marcação de plural no substantivo à esquerda.....	162
Tabela 60 - Pluralização do substantivo no Sintagma Preposicional	162
Tabela 61 - Ausência de marcação de plural no determinante	163
Tabela 62 - Uso do masculino sem concordância no interior do SN	164
Tabela 63 - Uso do masculino com concordância no interior do SN	165
Tabela 64 - Uso do masculino no pronome “nosso”	165
Tabela 65 - Uso do masculino com o pronome “todos”.....	165
Tabela 66 - Uso do masculino com o pronome “outro”	166

Tabela 67 - Uso do masculino no pronome “outro” como 2º elemento do SN.....	166
Tabela 68 - Uso de masculino como adjetivo “muito”	166
Tabela 69 - Uso do masculino com o adjetivo “bom”	166
Tabela 70 - Troca do gênero apenas no substantivo.....	167
Tabela 71 - Forma masculino do substantivo em contexto feminino.....	167
Tabela 72 - Inserção de artigo masculino em sintagma introduzido pela preposição “a”	167
Tabela 73 - Uso do masculino no artigo sem concordância no interior do SN	167
Tabela 74 - Uso do feminino no artigo com concordância no interior do SN.....	168
Tabela 75 - Uso do feminino no adjetivo	168
Tabela 76 - Uso do feminino no lugar do masculino	168
Tabela 77 - Uso do feminino no pronome “essa”	169
Tabela 78 - Omissão de artigo masculino e feminino	169
Tabela 79 - Omissão do artigo indefinido	170
Tabela 80 - Uso do artigo indefinido no lugar do artigo definido.....	170
Tabela 81 - Uso do artigo definido no lugar do artigo indefinido.....	170
Tabela 82 - Artigo desnecessário.....	170
Tabela 83 - Intensificação do superlativo.....	171
Tabela 84 - Omissão do adjetivo “bom”	171
Tabela 85 - Uso da 3ª pessoa do singular para a 1ª do singular	172
Tabela 86 - Uso da 1ª pessoa do plural para a 1ª pessoa do singular	173
Tabela 87 - Uso da 3ª pessoa do plural para a 1ª pessoa do singular	173
Tabela 88 - Concordância influenciada pela fonologia	173
Tabela 89 - Sujeito Oculto.....	174
Tabela 90 - Uso da 3ª pessoa do plural para a 3ª pessoa do singular	174
Tabela 91 - Uso da 1ª pessoa do singular para a 3ª do singular	174
Tabela 92 - Uso da 1ª pessoa do plural para a 3ª pessoa do singular	175
Tabela 93 - Uso da 3ª pessoa do singular para a 3ª pessoa do plural	175
Tabela 94 - Concordância envolvendo a 1ª pessoa do plural	175
Tabela 95 - Uso do infinitivo para outros tempos e modos.....	176
Tabela 96 - Infinitivo marcado por acento	177
Tabela 97 - Uso do presente para o pretérito imperfeito	177
Tabela 98 - Uso da 1ª pessoa do singular do indicativo para a 3ª pessoa do singular do subjuntivo	178
Tabela 99 - Formas não existentes em LP com base em uma flexão “-ei”	178

Tabela 100 - Outras formas não existentes em LP	179
Tabela 101 - Conjugação conforme padrões regionais	179
Tabela 102 - Uso do gerúndio	179
Tabela 103 - Conjugação na forma de locução adverbial no lugar da forma infinitiva para formar a locução	179
Tabela 104 - Ausência do verbo de ligação.....	180
Tabela 105 - Omissão do verbo haver	181
Tabela 106 - Cópula no lugar do “ter existencial”	181
Tabela 107 - Verbo estar em locução verbal	181
Tabela 108 - Omissão do verbo locução verbal	182
Tabela 109 - Omissão da preposição “de”	182
Tabela 110 - Omissão da preposição “de”.....	183
Tabela 111 - Ausência da preposição “com” em um complemento relativo.....	184
Tabela 112 - Omissão da preposição “com”	184
Tabela 113 - Orações adverbiais introduzidas por “onde”	184
Tabela 114 - Omissão da locução “em que”.....	184
Tabela 115 - Preposição inadequada	185
Tabela 116 - Uso da preposição “de” no lugar de “em”	185
Tabela 117 - Uso de “em” como introdutor de objeto direto	185
Tabela 118 - Uso inadequado do pronome	186
Tabela 119 - Ausência de pronome pessoal “ele”	186
Tabela 120 - Ausência do pronome relativo “que”	187
Tabela 121 - Uso inadequado do “que”	187
Tabela 122 - Reflexivização do verbo	187
Tabela 123 - Uso indevido do reflexivo	187
Tabela 124 - Uso indevido do pronome “o”	188
Tabela 125 - Uso de acento	188
Tabela 126 - Inversão de ordem de elementos	189
Tabela 127 - Acréscimos de elementos e não observância da concordância	189
Tabela 128 - Frases mal elaboradas.....	189

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	Acre
AC	Análise Contrastiva
AE	Análise de Erro
ALAM	Atlas Linguístico do Amazonas
AM	Amazonas
ATN	Atalaia do Norte
A1, A2...	Aluno 1, Aluno 2 e assim por diante.
BC	Benjamin Constant
COVID-19	Corona Virus Disease 2019
CTI	Centro de Trabalho Indigenista
Dr.	Doutor
ENELIN	Encontro de Estudos da Linguagem
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
FUNASA	Fundação Nacional de Saúde
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
ISA	Instituto Socioambiental
INC	Instituto de Natureza e Cultura
INC-BC/UFAM	Instituto de Natureza e Cultura de Benjamin Constant da Universidade Federal do Amazonas
LCA	Línguas e Culturas Amazônicas
LC	Linguística Contrastiva
LM	Língua Marúbo
L1	Primeira Língua
L2	Segunda Língua
LP	Língua Portuguesa
MNTB	Missão Novas Tribos do Brasil
NURC	Norma Urbana Culta
PARFOR	Plano Nacional de Formação de Professor da Educação Básica

PB	Português do Brasil
PETROBRÁS	Petróleo Brasileiro S.A
PEIF	Programa de Escola Intercultural de Fronteira
PDF	<i>Portable Document Format</i>
PUC/RJ	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
PPGL	Programa de Pós-Graduação em Letras
RS	Rio Grande do Sul
SARS-CoV-2	<i>Severe acute respiratory syndrome coronavirus 2</i>
SEDUC	Secretaria de Estado de Educação e Qualidade de Ensino
SEMAI	Secretaria de Assuntos Indígenas
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
SILEL	Simpósio Nacional e Internacional de Letras e Linguística
SESAI	Secretaria Especial de Saúde Indígena
SN	Sintagma Nominal
TAM	Tempo Aspecto Modo
TI	Terra Indígena
T1	Texto um
T2	Texto dois
T3	Texto três
T4	Texto quatro
T5	Texto cinco
TLB	Teoria Linguística Básica
UEA	Universidade do Estado do Amazonas
UNIVAJA	União dos Povos Indígenas do Vale do Javari
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	21
CAPÍTULO 1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA.....	25
1.1 Linguística Descritiva	25
1.2 Variação Linguística/Sociolinguística.....	26
1.2.1 Língua: variedade/dialeto	26
1.2.1.1 Comunidade de fala.....	29
1.2.1.2 Norma padrão/culta/não padrão, hipercorreção (“erros”: segurança e insegurança linguística)	31
1.2.1.3 Fala x escrita.....	34
1.2.1.4 Preconceito Linguístico	36
1.3 Trabalhos variacionistas sobre o Português falado/escrito no Amazonas.....	38
1.3.1 Trabalhos sobre o Português Indígena no Amazonas	45
1.4 Trabalhos Descritivos sobre a Língua Marúbo	48
1.5 Contato Linguístico	49
1.5.1 Aquisição/Aprendizagem de L2	54
1.5.2 Linguística Contrastiva/Análise Contrastiva	58
1.5.3 Português Indígena	62
CAPÍTULO 2 - O POVO MARÚBO.....	64
2.1 A família linguística Páno	64
2.2 História do povo Marúbo (pré contato).....	67
2.2.1 Denominação e Autodenominação.....	67
2.2.2 Os primeiros contatos dos Marúbo com a população não indígena	68
2.2.3 Dos remanescentes à origem do povo Marúbo	72
2.2.4 Alguns aspectos da vida tradicional Marúbo	73
2.2.5 Os Marúbo e a cidade	81
2.3 Localização Marúbo (pós-contato).....	82
2.3.1 Alto Solimões	84
2.3.2 O Município de Atalaia do Norte	84
2.3.3 O Vale do Javari	90
2.3.3.1 As primeiras visitas e a exploração do Javari	94
2.3.3.2 Os índios do Javari nos dias atuais	95
2.3.3.3 A vida Marúbo nos dias atuais	97

2.3.3.4	A semelhança entre os Marúbo e os Katukina	99
2.4	Demografia Marúbo	100
CAPÍTULO 3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS		102
3.1	Perfil dos colaboradores	104
3.2	Os dados	106
3.3	O tratamento dos dados e a transcrição	106
CAPÍTULO 4 - A LÍNGUA MARÚBO		113
4.1	Kennel Jr. (1978).....	113
4.2	Costa (1992 e 2000)	125
CAPÍTULO 5 - ANÁLISE DE DADOS		130
5.1	Casos de Transferências Fonológicas.....	130
5.1.1	Segmentos vocálicos	131
5.1.1.1	Alternâncias envolvendo <e> e <i>	132
5.1.1.2	Alternância envolvendo <i> e <e>	133
5.1.1.3	Alternâncias envolvendo <o> e <u>	134
5.1.1.4	Alternância envolvendo <o> e <a>	136
5.1.1.5	Alternância envolvendo <o> e <ó>	137
5.1.1.6	Inserção de vogais	138
5.1.1.7	Uso de <e> por <é>	139
5.1.1.8	Uso de <e> no lugar de <o>	140
5.1.1.9	Casos de Monotongação.....	140
5.1.1.10	Supressão da vogal <a>	141
5.1.2	Acento gráfico	142
5.1.3	Segmentos consonantais.....	143
5.1.3.1	Lambdacismo e Rotacismo	144
5.1.3.2	Surdas e sonoras	146
5.1.3.3	Nasalidade em coda.....	151
5.1.3.4	Supressão de <s>	151
5.1.3.5	Assimilação da consoante <n>	151
5.1.3.6	Palatalização em contexto de <i>	152
5.1.3.7	Supressão de sílaba.....	152
5.1.3.8	Nasalização em final de palavra	153
5.2	Casos de Transferências Morfológicas.....	153
5.2.1	Troca de itens lexicais	153

5.2.2	Segmentação da palavra	154
5.2.3	Junção de palavras	156
5.2.4	Supressão da vogal inicial “a”	156
5.2.5	Inserção de “a” no início de palavra.....	157
5.2.6	Reanálise morfológica sem motivação aparente	157
5.3	Casos de transferências morfossintáticas	159
5.3.1	Concordância nominal.....	159
5.3.1.1	Concordância de número.....	159
5.3.2	Concordância de gênero	163
5.3.2.1	Uso do masculino no lugar do feminino	164
5.3.2.3	Questões relacionadas ao uso do artigo.....	169
5.3.2.4	Casos envolvendo adjetivos	170
5.3.3	Concordância verbal.....	171
5.3.3.1	Concordância verbal envolvendo a 1ª pessoa do singular.....	172
5.3.3.2	Concordância verbal envolvendo a 3ª pessoa do singular.....	174
5.3.3.3	Concordância verbal envolvendo a 3ª pessoa do plural	175
5.3.3.4	Concordância verbal envolvendo a 1ª pessoa do plural	175
5.3.3.5	Expressão de Tempo, Aspecto e Modo (TAM)	176
5.3.3.6	Uso do infinitivo.....	176
5.3.3.7	Outros casos envolvendo TAM.....	177
5.3.3.8	Verbo de ligação.....	179
5.3.3.10	Pronomes.....	185
5.4	Casos de Transferências Sintáticas.....	188
5.5	Observações sobre textualidade	190
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	192
	REFERÊNCIAS	196
	APÊNDICE A - ANÁLISE DOS TEXTOS SOBRE “INTERFERÊNCIA/ TRANSFERÊNCIA” PORTUGUÊS/MARÚBO.....	207
	APÊNDICE B - ANÁLISE DOS TEXTOS PARA “OBSERVAÇÕES SOBRE TEXTUALIDADE”.....	236
	APÊNDICE C - SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA.....	245
	ANEXO A - DESCRIÇÃO DA GRAMÁTICA E DA FONÊMICA DA LÍNGUA MARÚBO, DE ACORDO COM KENNEL JR. (1978).....	246

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é o desenvolvimento de uma outra anterior que visava trabalhar com aspectos da fonologia, morfologia, morfossintaxe e sintaxe da Língua Marúbo, mas que, devido à Pandemia da COVID-19, teve que ser modificada. Dessa maneira, passamos a trabalhar com as *características estruturais do Português Marúbo: uma pesquisa na área de estudo que vem se convencendo chamar de português indígena*.

Essa nova pesquisa considerou materiais escritos por graduandos Marúbos do curso de Pedagogia Intercultural da Universidade do Estado do Amazonas, em Atalaia do Norte. Estes materiais foram desenvolvidos em disciplinas do Prof. Dr. Sanderson Castro Soares de Oliveira ao longo de cinco semestres.

Portanto, a dissertação tem como principal objetivo investigar aspectos estruturais do Português Marúbo, inserindo-o na área de estudo que vem se convencendo chamar de “Português Indígena”. A partir desse objetivo geral construímos três secundários. O primeiro fixou-se em apresentar uma contextualização histórica do povo Marúbo e de alguns aspectos da sua cultura e de seu contexto atual, o segundo em contrastar aspectos da Língua Marúbo com a Língua Portuguesa, a partir dos dados analisados de 73 textos escritos, para evidenciar a influência de L1 em L2 e, por último, mostrar a influência da variedade do Português falada na região do Alto Solimões no Português Marúbo. Além desses objetivos, foram sendo incorporadas análises de outros fenômenos pertinentes, conforme o desenvolvimento da análise dos dados.

A escolha do Português Marúbo para essa dissertação de mestrado se justifica pelo meu conhecimento prévio desse povo, por este povo ser da região onde moro desde meu nascimento, a cidade de Atalaia do Norte. O Vale do Javari, situado majoritariamente em Atalaia do Norte, é habitado por sete etnias contactadas (Kanamarý, Korúbo, Kulína, Marúbo, Matís, Mayorúna e Tyohóm Dyapá) e concentra o maior número de índios isolados do mundo (cf. COUTINHO JR., 1988; VARGAS, 2017). Uma outra questão que me chamou a atenção e me instigou a estudar sobre os Marúbo foi ver as suas lutas e conquistas frente à população não indígena, no município de Atalaia do Norte e até em outros lugares do Brasil. Eles adquiriram respeito dentro da sociedade envolvente, na política, na educação, na saúde dentre outros. Há lideranças indígenas reconhecidas nacionalmente como Clóvis Rufino Marubo, Paulo Dollis Barbosa da Silva/Kenampa (Paulo Marubo), Darcy Duarte Comapa Marubo, Jorge Oliveira Marubo, Yura Niwauani Ní-Nawavo Marubo, Manoel Chorimpa, que ao longo de suas vidas têm dedicado parte delas às lutas do seu povo. Hoje, encontramos, também,

indígenas Marúbo que se dedicam a estudar diversas áreas do conhecimento, como por exemplo: antropologia, advocacia, saúde, educação, etc. Infelizmente, não há, até o presente, registro de indígenas Marúbo com formação linguística, embora haja alunos nos cursos de Pedagogia Intercultural da Universidade do Estado do Amazonas e de Licenciatura Indígena da Universidade Federal do Acre que tenham estudado aspectos de sua língua.

Em meu Trabalho de Conclusão de Curso no Instituto de Natureza e Cultura de Benjamin Constant (INC-BC/UFAM), dediquei-me a pesquisar relatos dos alunos indígenas do Instituto sobre o preconceito linguístico vivenciado nos espaços não indígenas, cujo tema foi “O contato de alunos graduandos de um curso de Letras com Línguas Indígenas faladas na região de fronteira – Brasil/Colômbia/Peru: uma tentativa de minimizar o preconceito linguístico”. Esse trabalho, antes de ser apresentado como TCC, foi publicado nos anais do SILEL 2013¹ (JAQUES e BONIFÁCIO, 2013). Esse foi meu primeiro contato como pesquisadora com questões linguísticas de povos indígenas. Após essa primeira imersão, realizei uma experiência didática de inserção de línguas indígenas em aulas de Língua Portuguesa realizada no “Programa de Escola Intercultural de Fronteira” – PEIF, desenvolvido pela Universidade Federal do Amazonas, nas escolas públicas da tríplice-fronteira/Alto Solimões (AM), nos anos de 2014 a 2016. Os resultados dessa experiência foram apresentados no ENELIN² 2019 e publicados em seus anais sob o título “A interação entre alunos multilíngues numa escola intercultural: aprendizagem e dinamismo” (JAQUES, 2019).

A partir dessas experiências, apresentei um projeto inicial ao Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL da Universidade Federal do Amazonas, com o objetivo de estudar o preconceito linguístico sofrido pelos povos indígenas residentes em Atalaia do Norte (AM). Como a pesquisa era muito abrangente, o seu amadurecimento levou-nos à decisão de trabalharmos apenas com o povo Marúbo. Um dos aspectos relevantes para essa decisão foi a ideia de trabalharmos as características estruturais do português indígena (cf., por exemplo, Bonifácio, 2019). Não há, até o presente, nenhum trabalho sobre o português de qualquer das etnias que habitam o Vale do Javari.

Cabe aqui ressaltar que, nos estudos sobre L2, é possível verificar vertentes que trabalham mais com um Português Indígena caracterizado por sua proveniência, ou seja, é considerado como tal toda variedade do português falada por pessoas que se consideram

¹ Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

² VIII Encontro de Estudos da Linguagem e VII Encontro Internacional de Estudos da Linguagem (<http://enelin.com.br/2019/>) / (<http://pos.univas.edu.br/ppgcl/>).

indígenas (MESQUITA e MENEZES, 2016); e uma vertente que busca caracterizar o Português Indígena por seus aspectos estruturais, principalmente pela influência da Língua Indígena na variedade do português falada por grupos específicos (cf. CHRISTINO e COSTA, 2020; FERREIRA *et al.*, 2014, 2016; J COELHO, 2014). Nosso trabalho se alinha mais a esta segunda vertente, como será visto no Capítulo 5.

A perspectiva adotada para o estudo do Português Marúbo é a de que há influências da Língua Indígena na Língua Portuguesa falada pelo grupo e que é possível, a partir do contraste entre as línguas, verificar as marcas estruturais na produção Marúbo em Língua Portuguesa. Idealmente, o trabalho deveria se atentar para a fala espontânea dos indígenas. No entanto, devido a uma série de questões (principalmente à pandemia do SARS COV-2) optou-se por trabalhar com a produção textual de um grupo de graduandos Marúbo, do curso de Pedagogia Intercultural Indígena de Atalaia do Norte, ofertado pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), na modalidade PARFOR.

Dessa forma, o presente estudo utiliza bases metodológicas de campos diversos da linguística, como a Descrição e a Análise Linguística (cf. LYONS, 1987; BASÍLIO, 1987; MONTEIRO, 2002; PERINI, 2005 e 2019; ARAÚJO, 2007; ROBERTO, 2016; VILLALVA e SOUZA, 2018; GONÇALVES, 2019), a gramática contrastiva (MONSERRAT, 1994) e a análise de textos (MARCUSCHI, 2008; KARWOSKI *et al.*, 2011). O trabalho não explicita sempre a perspectiva teórica dos autores utilizados, pois tomamos como base a Teoria Linguística Básica (DRYER, 2006), a qual assume que os procedimentos de descrição adotam modelos e explicações de teorias linguísticas distintas.

Quanto ao aporte teórico, nós nos apoiamos em alguns autores, cujas pesquisas nos deram base para explanação da parte textual e analítica desta dissertação. Os autores estão apresentados de acordo com os títulos e subtítulos dos capítulos: Dryer (2006) e Cagliari (2002), para o tratamento da Linguística Descritiva; Guy (2012), Labov (2008 [1972]), Faraco (2008), Perini (2005), Calvet (2002 [1993]), Lyons (1987), para a questão da Variação Linguística/Sociolinguística; Simas e Lucchesi (2020), Santos (2020), Maia (2012 e 2018), Martins (2010 e 2013), Corrêa (1980), Cruz (2004), para o embasamento sobre o Português falado/escrito no Amazonas; Simas e Lucchesi (2020), Bonifácio (2019), para o Português Indígena no Amazonas; Kennel Jr. (1978), Costa (1992 e 2000), para o tratamento da Língua Marúbo; Peixoto (2020), Fries (2019), Sampaio *et. al* (2012), Maher (2010), para o embasamento do Contato Linguístico; Bonifácio (2019), Fernádes (2011), Corder (1975), para a subseção Aquisição/Aprendizagem de L2; Santos (2011), Cordeiro (2008), Merinero (2006), Monserrat (1994), Fries (1945) e Lado (1957), para tratarmos da Linguística

Contrastiva e da Análise Linguística. Marubo e Reis (2019), Erikson (1992), Valenzuela e Guillaume (2017), Duarte (2017), Oliveira (2014), Costa (1992), Nascimento (1992) etc, para apresentar a família linguística Páno; Neves (2017 e 2020), FUNASA (2016), Aryon Rodrigues (2013), Welper (2009), Cesarino (2008), Melatti e Melatti (2005 [1975]) etc, para descrever aspectos da vida Marúbo; IBGE (2020, 2016, 2011 e 1990), Nakamura (2015), CTI (2010), para embasamento sobre o Alto Solimões, Atalaia do Norte e Vale do Javari.

Quanto à organização, a presente dissertação está dividida em cinco capítulos principais com subcapítulos (ou seções) secundários. No Capítulo 1, contextualizamos a Fundamentação Teórico-Methodológica envolvendo subseções com temas pertinentes para a proposta aqui apresentada, como por exemplo: Contato Linguístico, Aquisição de L2, Linguística Contrastiva, Português Indígena, dentre outros. No Capítulo 2, apresentamos uma abordagem sobre aspectos do povo Marúbo: a família linguística, a história do pré-contato e pós-contato e localização, alguns aspectos geográficos de interesse e uma breve apresentação dos estudos linguísticos da Língua Marúbo (LM). No Capítulo 3, trabalhamos os Procedimentos Metodológicos, contendo uma descrição sobre os dados, sua origem, critérios de seleção e compilação dos textos, do perfil dos colaboradores, do tratamento dos dados e da transcrição. O Capítulo 4 apresenta uma visão panorâmica dos estudos sobre a Língua Marúbo mostrando resultados dos trabalhos de Kennel Jr. (1978) e os de Costa (1992 e 2000). No Capítulo 5, são realizadas as análises dos nossos dados, com ênfase nos casos de transferência fonológica, morfológica, morfossintática e sintática da L1 sobre a L2. Convém aqui mencionar que, as evidências da L1 manifestadas na L2 consideraram o conhecimento Português falado/escrito no Amazonas, contrastando aspectos da Gramática do Português com a Gramática da Língua Marúbo. Por fim, apresentamos as considerações finais desta dissertação, com ênfase nos resultados e avanços que trouxemos.

CAPÍTULO 1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

O trabalho guiou-se por abordagens diversas para dar conta de um fenômeno bastante complexo, apesar de aparentemente simples à primeira vista. Nesse capítulo, apresentam-se as bases teóricas, partindo dos aspectos mais gerais até os mais específicos dos conceitos utilizados para fundamentar a pesquisa.

1.1 Linguística Descritiva

Como mencionado anteriormente, o trabalho está guiado pela perspectiva da Teoria Linguística Básica (TLB) - que toma os conceitos descritivos utilizados por diferentes escolas e pela tradição gramatical, mas com a inserção de conceitos novos de teorias linguísticas específicas, sempre que necessário. Para explicar melhor o escopo da TLB, citamos um trecho de *Dryer* (2006, 2011):

Diferente de muitas estruturas teóricas que assumem ideias prévias limitadas apenas a um alcance e que livremente assumem muitos conceitos novos, a teoria linguística básica toma tanto quanto possível de tradições anteriores e apenas tanto quanto necessário de novas tradições. Isto pode ser grosseiramente descrito como gramática tradicional, menos os seus traços ruins (tais como a tendência a descrever todas as línguas em termos de conceitos motivados por línguas europeias), mas conceitos necessários ausentes da gramática tradicional. Isto tem suplementado a gramática tradicional com uma variedade de ideias do estruturalismo, da gramática gerativa (especialmente a gramática gerativa e a gramática relacional pré-1975) e da tipologia³.

Não há, portanto, nenhum compromisso com teorias específicas e não nos aprofundaremos nesse debate teórico, pois o principal é utilizar o conhecimento acumulado no estudo linguístico para caracterizar os fenômenos observados no estudo do Português Marúbo. Do ponto de vista mais conceitual, assumimos alguns pressupostos que são consensuais em linguística contemporânea.

Em nossa perspectiva, o conceito de gramática não necessita estar relacionado a uma teoria específica, pois a descrição de um fenômeno é, em certo sentido, a explicação sobre o fenômeno linguístico em si. Ademais, o trabalho ora apresentado não se volta ao estudo de

³ No original: unlike many theoretical frameworks that assume previous ideas only to a limited extent and freely assume many novel concepts, basic linguistic theory takes as much as possible from earlier traditions and only as much as necessary from new traditions. It can thus be roughly described as traditional grammar, minus its bad features (such as a tendency to describe all languages in terms of concepts motivated for European languages), plus necessary concepts absent from traditional grammar. It has supplemented traditional grammar with a variety of ideas from structuralism, generative grammar (especially pre-1975 generative grammar and relational grammar), and typology.

uma gramática de falantes de L1, em que se baseiam a maioria das discussões entre teorias linguísticas. As questões implicadas no trabalho como a postura descritiva frente aos fenômenos, a língua com uma dimensão individual e social, a existência de uma gramática observável, etc. são comuns às diversas teorias linguísticas (estruturalista, funcionalista, gerativista) e adotar um modelo específico apenas nos faria dar mais ênfase a um aspecto em detrimento de outro.

1.2 Variação Linguística/Sociolinguística

Um pressuposto básico da linguística é que toda língua varia e muda influenciada por diferentes condicionadores (LABOV, 2008 [1972]). O estudo do Português Marúbo como segunda língua não deixa de ser o estudo de uma variedade do Português e necessita, portanto, do entendimento de alguns conceitos básicos sobre o estudo da variação que serão apresentados nesta subseção.

1.2.1 Língua: variedade/dialeto

A **língua** é um fio condutor de saberes: saberes tradicionais, saberes científicos, saberes culturais, saberes práticos (cf. RODRIGUES, 2015). Proporciona o conhecimento sobre o nosso passado e, ao mesmo tempo, a projeção do nosso futuro e nos dá acesso a uma cosmovisão (um campo amplo do conhecimento). A língua oral de um povo vai além de um conjunto organizado de elementos sonoros, de códigos linguísticos decifráveis de comunicação, ela é a própria identidade desse povo (cf. RODRIGUES, 2002; LYONS, 1987). No entanto, a análise específica de aspectos linguísticos desvela propriedades importantes para o entendimento do funcionamento de uma língua e de como os falantes a utilizam (cf. PERINI, 2005).

Ao analisar Calvet (2002 [1993]) é possível observar que as línguas se transformam mediante suas estruturas internas, pelo contato com outras línguas e pelas atitudes linguísticas. Calvet (2002 [1993], 65) se posiciona contra a ideia de que a língua seja “um instrumento de comunicação [...] porque um instrumento é realmente um utensílio de que se lança mão quando se tem necessidade e de que se deixa para lá em seguida”. Vemos que o autor refuta essa ideia mostrando que,

Ora, as relações que temos com as nossas línguas e com as dos outros não são bem desse tipo: não tiramos o instrumento-língua de seu estojo quando temos necessidade de nos comunicar, para devolvê-lo ao estojo depois, como pegamos um martelo quando precisamos pregar um prego. Com efeito, existe todo um conjunto

de *atitudes*, dos sentimentos dos falantes para com suas línguas, para com as variedades de línguas e para com aqueles que as utilizam, que torna superficial a análise da língua como simples instrumento. Pode-se amar ou não um martelo, sem que isso mude em nada o modo de pregar um prego, enquanto as atitudes linguísticas exercem influências sobre o comportamento linguístico (CALVET, 2002 [1993], 65).

O argumento de (*Op. Cit.*) em defesa de que a língua não é um simples instrumento se dá em decorrência do reconhecimento da importância da atitude linguística (um dos aspectos extralinguísticos) para as dinâmicas que envolvem as línguas. Assim, se entende que a língua não é um objeto que se usa e se guarda depois, como ele mesmo explica, mas uma atitude manifestada dependendo do momento e situação em que se requer que a use.

Lyons (1987, 17), por sua vez, utiliza a denominação língua(gem) para esclarecer que o termo “traz em si a pressuposição de que cada uma das milhares de línguas naturais reconhecidas distintas, faladas em todo o mundo, é um caso específico de algo mais geral”. O linguista faz uma revisão de definições prévias feitas por autores consagrados que impactaram os estudos linguísticos mundialmente. Na perspectiva de Lyons, é possível observar a ênfase na língua como uma característica da espécie e como um sistema único e diferenciado de todos os demais sistemas comunicativos observados.

Além da discussão sobre a língua, muitos autores chamam a atenção para a diversidade no interior de uma língua. Essa diversidade é denominada, geralmente, como “**variedade linguística**” e compreendida como o modo particular de falar a língua em uma comunidade – de determinado grupo social: grupo religioso, grupo profissional, grupo de afinidades etc. Por **variação linguística** entende-se as várias formas para se referir a um mesmo significado representacional em uma língua, assim como existem várias línguas no mundo. O falante de uma língua aprende a falar de modo diferente para se referir a um mesmo referente, e cada uma dessas formas são chamadas de variantes, A “escolha” feita pelo indivíduo do uso de uma ou outra variante de uma determinada variável, pode ser influenciada pelo contexto social, político, geográfico, dentre outros, onde esteja inserido; esse falar diferente acontece de forma espontânea (CALVET, 2002 [1993]).

Calvet (2002 [1993], 89) afirma que “as línguas mudam todos os dias, evoluem, mas a essa mudança diacrônica se acrescenta uma outra, sincrônica: pode-se perceber numa língua, continuamente, a coexistência de formas diferentes de um mesmo significado”. O autor (*Op. Cit.*, 102-103) mostra a diferença e a relação entre variáveis linguísticas e variáveis sociais:

Temos, pois, variável linguística quando duas formas diferentes permitem dizer “a mesma coisa, ou seja, quando dois significados têm o mesmo significado e quando

as diferenças que eles apresentam têm uma função outra, estilística ou social. Por exemplo, o *toalete*, o *reservado*, o *banheiro*, a *latrina*, o *wc* ou o *sanitário* evidentemente manifesta uma variável, mas resta o problema de saber a que *função* correspondem essas diferentes *formas*. E aqui começam as dificuldades...

Realmente pode-se considerar que essas diferentes se dividem em seu uso em uma escala de faixas etárias: os jovens diriam *banheiro*, seus pais *wc*, e seus avós, *reservados*, por exemplo [...].

Temos, portanto, de um lado um conjunto de variáveis linguísticas, todas as que a análise permite descobrir, e de outro um conjunto de variáveis sociais, todas as que uma teoria sociológica permite isolar.

Calvet (2002 [1993]) explica, seguidamente, que essa diferença não se dá somente por faixa etária, mas também por gênero. A saber, a mulher usaria o enunciado *toalete* e *reservado* enquanto o homem usaria *banheiro* e *wc*. Outra variável social que pode estar implicada é a classe social. Os falantes de centros urbanos prefeririam usar *toalete*, os de classes menos favorecidas usariam *latrina*, *privada* etc. Cabe aqui ressaltar que é “forçado” distinguir classes sociais pelo falar das pessoas, como diz o autor, porque, além de ser preconceituoso, por outro lado, a língua está em constante mudança, acompanha o movimento das pessoas em suas sociedades. Além do mais, o que mais se vê nos dias de hoje são pessoas, com grau de escolaridade avançado, falando com traços da sua comunidade; acreditamos que não se pode medir a inteligência ou fluência da língua de um falante por seu jeito de se comunicar.

A questão que causa confusão para algumas pessoas é diferenciar o uso formal do uso (mais monitorado) do uso coloquial da língua (menos monitorado, o vernáculo). Tanto a língua oral quanto a língua escrita podem ser usadas em contextos formais ou informais. No primeiro contexto é esperado um uso mais próximo ao padrão ou dentro da norma culta, enquanto no segundo, a pessoa tem mais “liberdade” (se monitora menos, o vernáculo flui) para escolher como falar ou escrever. Com o avanço das mídias digitais (*Twitter*, *Facebook*, *Instagram* etc.), fica cada vez mais evidente que é o contexto de uso (o gênero discursivo e o papel social do interlocutor) e não o meio (escrito ou oral) que determina o grau de formalidade no uso da língua.

No contexto do Português do Brasil – PB há várias formas de se falar o português, de modo que, o português falado no Sul diferencia-se do português falado no Norte, ou seja, o modo de falar de uma pessoa nascida e criada em Porto Alegre (RS) não é o mesmo modo de falar de uma pessoa nascida e criada em Manaus (AM). Pode haver também variação, especialmente, na escrita menos monitorada (uma conversa no *WhatsApp* com alguém com alto grau de intimidade, por exemplo). Evidenciamos aqui a maneira que Perini (2005, 25) trata o assunto, principalmente, a questão da gramática – que gramática – descrever aqui no Brasil. Segundo o autor esse é o primeiro problema, porque,

O termo “língua portuguesa” é bastante ambíguo e se aplica a diversas variedades nitidamente diferenciáveis. Por exemplo, todos podemos distinguir claramente a fala de um português de Lisboa da de um brasileiro de Belo Horizonte; podemos igualmente distinguir a fala de um indivíduo criado na cidade, com segundo grau completo, da de uma pessoa criada no campo e analfabeta. E podemos também distinguir entre um texto escrito e a transcrição literal de um texto falado.

Uma diferença importante apresentada por Lyons (1987, 246) é a que se faz entre **sotaque** e **dialeto**. Segundo o autor, “o primeiro é restrito a variedade de pronúncias, enquanto o segundo inclui também diferenças de gramática e vocabulário. No uso do dia-a-dia [sic] são confundidos com frequência”. Nesse sentido, muito do que alguns chamariam de dialetos distintos são, na realidade, sotaques distintos:

É bem possível que pessoas diferentes falem o mesmo dialeto, mas com sotaque marcadamente diferentes. Com muita frequência termos como ‘Cochney’ [a fala típica do lado oriental de Londres], ‘Geordie’ [a fala de Newcastle e Tyneside] e ‘Scouse’ [a fala de Liverpool] são usados para se referir àqueles cujos dialetos, tanto em gramática quanto em vocabulário, é classificável como inglês-padrão, para todos os efeitos (*Op. Cit.*, 246).

Entramos, portanto, na dificuldade de se definir a abrangência de uma língua ou de um dialeto. Quais seus limites? Quais seus contornos exatos? Questionar o que é a Língua Portuguesa é, em certo sentido, questionar o que estamos descrevendo, mas principalmente delimitar a que fenômenos reais poderemos aplicar esse conceito. No caso da presente pesquisa, a questão fica ainda mais interessante pois trata-se de uma variedade do Português como segunda língua. Na próxima subseção, aprofundamos essa discussão a partir do conceito de “comunidade de fala”.

1.2.1.1 Comunidade de fala

Como mencionado anteriormente, definir os limites de uma língua ou de seus dialetos é, em certo sentido, definir a(s) comunidade(s) que utiliza(m) a língua e seus dialetos. Na perspectiva de Guy (2012, 18), “para entender a organização social da língua, grande parte da pesquisa sociolinguística usa uma estrutura básica de referência para além do falante individual, entendido como a base em relação à qual cada idioleto é determinado”, daí surge a comunidade de fala que o autor chama de unidade social, e

tem duas funções na teoria sociolinguística [sic]. Fornece, em primeiro lugar, uma base fundamentada para explicar a distribuição social de semelhanças e diferenças linguísticas [sic], a razão por que certos grupos de falantes compartilham traços linguísticos [sic] que os distinguem de outros grupos de falantes. Em segundo lugar,

a noção de comunidade de fala fornece uma justificativa teórica para unir os idioletos de falantes individuais (que são os únicos objetos lingüísticos [*sic*] cuja existência se pode realmente observar), em objetos maiores, as línguas (que são, na verdade, construções abstratas). Consideremos esses dois pontos separadamente (*Op. Cit*, 18).

Para o autor Guy (2012, 18), há três critérios observáveis que devem ser considerados para a definição de qualquer comunidade de fala, são elas:

1. características lingüísticas compartilhadas; isto é, palavras, sons ou construções gramaticais que são usados na comunidade, mas não o são fora dela.
2. densidade de comunicação interna relativamente alta; isto é, as pessoas normalmente falam com mais frequência com outras que estão dentro do grupo do que com aquelas que estão fora dele.
3. normas compartilhadas; isto é, atitudes em comum sobre o uso da língua, normas em comum sobre a direção da variação estilística, avaliações sociais em comum sobre variáveis lingüísticas.

Explica o autor que, dos critérios acima citados, o primeiro é responsável pela organização das semelhanças e das diferenças lingüísticas referente ao uso da língua. Guy (2002, 20) faz uma pergunta e responde em seguida: “POR QUE todos os membros de uma comunidade deveriam fazer a mesma coisa, e os não-membros não? A meu ver, o modelo de comunidade de fala tem algum valor explicativo para dar conta da distribuição social de semelhanças e diferenças no uso da língua.”

Para fins da nossa pesquisa, nossa comunidade de fala é o grupo de indígenas Marúbo falantes de Português como segunda língua, uma vez que a comunidade de fala, também, aponta para características estruturais (observação de traços semelhantes em grupo que o diferenciam de outro). No entanto, esse grupo está inserido e em constante relação com a comunidade de fala dos moradores do município de Atalaia do Norte/Alto Solimões (AM). De fato, o “Português Marúbo” é uma resultante da interação entre o grupo Marúbo e os moradores de Atalaia do Norte.

Infelizmente, não há, até o presente, nenhuma descrição abrangente das características estruturais do Português falado em Atalaia do Norte e nem mesmo estudos que apresentem aspectos desse Português. Por outro lado, contamos com algumas descrições de aspectos do Português do Alto Solimões, que podemos chamar de uma comunidade de fala maior que abrange o município de Atalaia do Norte e que se espera que compartilhe, também, algumas características estruturais com ele. De fato, os estudos mais abrangentes que se pode contar também são do Português do Amazonas, que apresenta características diferentes com relação

a outras variantes do Português, de maneira geral, mas não sabemos, ainda, o seu grau de diferenciação interna.

Apresentamos abaixo, de forma breve, o conceito de norma padrão/culta e não padrão etc., para melhores esclarecimentos.

1.2.1.2 Norma padrão/culta/não padrão, hipercorreção (“erros”: segurança e insegurança linguística)

No que se refere à **norma padrão**, apoiamo-nos nos trabalhos de Perini (2005) e de Bagno (2006). O primeiro, na oportunidade, fala sobre a gramática descritiva do Português e apresenta questões delicadas sobre qual língua descrever, já que estamos envolvidos num contexto com muitas variedades, inclusive mencionamos na subseção 1.2.1. Falar de norma padrão se refere à língua escrita, não à língua falada, conforme entendimento de Perini (2005, 25) quem afirma, categoricamente, que a norma padrão “ocupa-se basicamente da língua escrita”. O autor assume, paralelamente ao que diz sobre língua padrão, que as variedades do português falada em qualquer região do Brasil necessitam de estudo. Marcos Bagno discute algumas consequências da fixação de uma norma padrão, conforme podemos observar no trecho a seguir:

No momento em que se estabelece uma norma-padrão, ela ganha tanta importância e tanto prestígio social que todas as demais variedades são consideradas “impróprias”, “inadequadas”, “feias”, “erradas”, “deficientes”, “pobres”...E esta norma-padrão passa a ser designada com o nome da língua, como se ela fosse a única representante legítima e legal dos falantes desta língua (*Op. Cit*, 24).

E quem é que determina e se utiliza da norma padrão? Bagno (2006, 27) afirma que o “português-padrão é falado pelas pessoas que detêm o poder e estão nas classes sociais mais privilegiadas, que nós sabemos que são uma pequena minoria da população do Brasil”. A afirmação de Bagno é um tanto controversa, uma vez que, como vimos no parágrafo anterior, a norma padrão se manifestaria apenas na escrita e não na fala.

O conceito de português padrão escrito, segundo Perini (2005, 25) é “a variedade, aliás, que é estudada pelas gramáticas tradicionais. Mesmo esse padrão admite variantes [...]”. O linguista explica parte de um outro trabalho seu, sobre a modalidade de norma padrão, conforme apresentação abaixo:

[...] existe uma linguagem padrão utilizada em textos jornalísticos e técnicos (como revistas semanais, jornais, livros didáticos e científicos), linguagem essa que apresenta uma grande uniformidade gramatical, e mesmo estilística, em todo o

Brasil. Assim, seria difícil distinguir lingüisticamente [*sic*] o editorial de um jornal de Curitiba do de um jornal de Cuiabá ou São Luís. Igualmente, a linguagem de um livro técnico ou didático publicado em Recife não se distingue da de um livro publicado em São Paulo ou Porto Alegre; os regionalismos não penetram em tais textos. Pode-se concluir que existe um português uniforme no país (*Op Cit*, 2005, 26).

Esse padrão é encontrado em textos técnicos e jornalísticos em geral, mas nem sempre nos textos literários. O texto literário não apenas reflete as decisões pessoais do autor, que frequentemente viola as regras do padrão, a fim de obter efeitos estéticos, mas ainda pode conter traços do coloquial de uma ou outra região.

Compreende-se, a partir da apresentação do autor que o português padrão e o estabelecimento de uma gramática de referência pode ser positivo para o entendimento da língua escrita em um país. Há, no entanto, uma discussão ampla entre linguistas sobre qual deveria ser essa gramática de referência, uma vez que o padrão da LP parece muito distante mesmo dos falares cultos do PB. Infelizmente, a norma padrão ganhou um tal prestígio que as pessoas passaram a dar menor valor as outras variedades da língua. Na verdade, a norma padrão é construído, abstrato.

E o que é **norma culta**? Conforme Faraco (2008) a norma culta é a variedade utilizada por pessoas com maior grau de escolaridade, em situação mais monitorada, e geralmente, por aquelas que moram nos grandes centros urbanos, como, por exemplo, advogados, juizes, jornalistas, repórteres entre outras. A norma culta é mais próxima da norma padrão que a norma não padrão. Distancia-se da norma padrão na medida em que a primeira é atualizada espontaneamente, em situações mais monitoradas, pelas comunidades de fala, diferentemente da segunda que só pode ser atualizada a partir de consenso consciente e deliberado que, no caso do Brasil, passa por reconhecimento legal. Não é fácil dizer o que seria a norma culta em uma determinada cidade, uma vez que os falantes se sentem mais à vontade com a variedade falada nas suas comunidades, no uso menos monitorado, portanto, mais vernácula. No caso de uma cidade pequena, como Atalaia do Norte, em que a formação em nível superior ainda é muito restrita e recente, o grupo de pessoas graduadas ainda é muito pequeno e tem pouca força para influenciar a LP local. Acrescente-se a isso a influência dos falantes de Português como segunda língua, indígenas e peruanos, que são numerosos na cidade. Por outro lado, algumas normas cultas existentes em cidades maiores, fazem parte das variações do Português do Brasil e têm sido descritas em trabalhos como os do Projeto Norma Urbana Culta (NURC). Importante ainda notar que, a norma culta tem prestígio em qualquer comunidade de fala no nosso país.

A **norma não padrão** (vernacular) tem também uma estrutura, é mais distante da norma padrão, por isso não se apega a regras das gramáticas tradicionais, é a que segue a mudança da língua no cotidiano, ou seja, a norma que varia no espaço e no tempo, acompanha a mudança da fala no dia a dia, é a utilizada pela comunidade em geral. Podemos chamar de **norma não padrão** ou de português não padrão – aquele/a que foge das normas impostas pela Gramática Tradicional do PB. Bagno (2006, 27) o define da seguinte forma:

o português não-padrão [*sic*] é a língua da grande maioria pobre e dos analfabetos do nosso povo [...]. É também, conseqüentemente [*sic*], a língua das crianças pobres e carentes que freqüentam [*sic*] as escolas públicas. Por ser utilizado por pessoas de classes sociais desprestigiadas, marginalizadas, oprimidas pela terrível injustiça social que impera no Brasil — país que tem a pior distribuição da riqueza nacional em todo o mundo —, o PNP é vítima dos mesmos preconceitos que pesam sobre essas pessoas. Ele é considerado “feio”, “deficiente”, “pobre”, “errado”, “rude”, “tosco”, “estropiado”.

Além das questões de normas observadas acima, um fenômeno bastante comum e que também pode gerar novos padrões a uma língua é a **hipercorreção**. Segundo Débora Silva (2013, 3), são “equivocos no desejo de falar bem quando se modifica numa tentativa de correção, o que é de norma espontânea linguística”. Débora Silva (2013, 3) explica que,

A hipercorreção, por questões sociolinguísticas, está presente na escrita de pessoas em ascensão cultural, pois esses sujeitos já têm certa noção das normas da língua, do contrário, não teriam essa intenção de “acerto”. O que ocorre é que o usuário da língua fica ansioso por evitar erros para os quais já foi alertado, e termina aplicando a regra onde ela não se faz necessária.

O uso da língua, que é natural e não deveria despertar qualquer medo ou constrangimento, acaba por se tornar um pesadelo para grande parte dos falantes de LP. De forma generalizada, sabe-se nada ou muito pouco sobre a norma padrão e isso acaba por acarretar estruturantes desviantes no intuito de falar ou escrever uma norma que o próprio falante desconhece. Exemplo do resultado dessa insegurança linguística é o uso de dois pronomes oblíquos em frase como ‘eu me vi-me’, em que o falante, por não saber o local do pronome, (pois na fala menos monitorada acontece de uma forma e na escrita mais monitorada de outra) acaba por marcá-lo em duas posições.

No que se refere à segurança e à insegurança linguística, Débora Silva (2013, 4) esclarece que “a segurança linguística ocorre quando os falantes consideram a sua variante linguística como sendo a variante prestigiada. Já a insegurança linguística é resultado do valor que os falantes atribuem à própria fala”. O que costumamos observar, até o momento, é o fato

de pessoas comuns considerarem seu modo de falar como desprestigiado, enquanto outras – que têm certo acesso aos estudos e dão um valor exacerbado a este, principalmente, a Gramática Tradicional – acham que estão usando a língua “correta” (que na verdade é uma das variedades da língua). Ilusão é pensar assim, tanto de um lado quanto do outro. A própria Gramática Tradicional não foi feita para a língua e sim feita por conta da língua. Considerada dinâmica, entende-se que a gramática normativa é uma sombra do que realmente se fala, por isso, de vez em quando ela passa por atualizações, contudo, não acompanha a dinâmica natural da fala do povo; às pessoas, no geral, usam a gramática internalizada.

1.2.1.3 Fala x escrita

Como mencionado anteriormente, a presente pesquisa privilegiou a análise de textos de autoria de indígenas Marúbo, escritos em Português. Nesse caso, a dicotomia **fala x escrita** coloca-se como um imperativo a ser considerado, pois é sabido que a escrita não reflete fidedignamente a fala. Portanto, apresentamos algumas considerações sobre a questão nesta subseção.

A primeira questão a ser observada é que nem toda língua escrita está embasada na norma padrão ou na norma culta. Outra diferença importante é que a língua falada é natural, pois todo falante de uma língua que a tenha adquirido até aos sete anos de idade tem total domínio da língua oral. Mattoso Câmara (1992) esclarece que há uma diversidade e um certo distanciamento entre fala e escrita. Assim, podemos observar o que:

Uma diversidade, muito sutil e falaz, é a que existe entre a fala e a escrita. É a escrita que as gramáticas normativas escolares focalizam explicita ou implicitamente. O estudante já vem para a escola falando satisfatoriamente, embora seja em regra deficiente no registro formal do uso culto; o que ele domina plenamente é a linguagem familiar, na maioria dos casos. Como quer que seja, a técnica da língua escrita ele tem de aprender na escola. Os professores partem da ilusão de que, ensinando-a, estão ao mesmo tempo ensinando uma fala satisfatória. Daí a definição de gramática normativa [...] «a arte de falar e de escrever corretamente».

Há com isso uma tremenda ilusão. A língua escrita se manifesta em condições muito diversas da língua oral. Por isso, tantos estudantes psiquicamente normais, que falam bem e até com exuberância e eloquência, no intercâmbio de todos os dias, são desoladores quando se lhes põe um lápis ou uma caneta na mão. A fala se desdobra numa situação concreta, sob o estímulo de um falante ou vários falantes outros, bem individualizados. Uma e outra coisa desaparecem da língua escrita. Já aí se tem uma primeira e profunda diferença entre os dois tipos de comunicação linguística (*Op. Cit.*, 19-20).

O ensino da Gramática Tradicional se estendeu ao longo dos anos aqui no Brasil. Chegando na escola éramos corrigidos a duras advertências e chegando em casa corrigíamos

nossos pais alegando que eles “não sabiam falar”. Era tudo mesmo uma ilusão. Não dávamos conta da diferença entre língua escrita e língua falada. Lyons (1987) explica que, a língua falada é mais básica do que a língua escrita. O mesmo autor (*Op. Cit.* 1987, 24) explica que há uma confusão criada pela Gramática Tradicional sobre a relação entre escrita e fala:

Em primeiro lugar, os linguistas sentem-se na obrigação de corrigir os vícios da gramática tradicional e do ensino tradicional da língua. Até pouco tempo os gramáticos vinham-se preocupando quase exclusivamente com a língua literária, ocupando-se muito pouco da língua coloquial cotidiana. Inúmeras são as vezes em que trataram as normas do padrão literário como normas de correção da própria língua, condenando o uso coloquial, na medida em que deferia do uso literário, classificando-o de agramatical, desleixado ou menos ilógico.

O autor explica as mudanças das línguas com o tempo e que o “padrão” de hoje é uma variedade que passou a ter prestígio em um dado momento histórico. Importante notar que o autor iguala as variedades literária e coloquial para o estudo linguístico. Em suas palavras (LYONS, 1987, 24-25) declara que:

Todas as grandes línguas literárias do mundo derivam, em última instância, da língua falada de certas comunidades. Além do mais, é uma questão de acidente histórico se o uso de uma região ou uma classe social específica serviu de base para o desenvolvimento de uma língua literária padrão em determinadas comunidades e se, conseqüentemente, o dialeto de outras regiões e de outras classes sociais hoje são tidos, como muitas vezes acontece, como inferiores, variedades-subpadrão da língua.

A força do preconceito tradicional em favor da língua-padrão em sua forma escrita é tanta, que é muito difícil para os linguistas convencer os leigos de que os dialetos-não padrão em geral têm a mesma regularidade ou sistematicidade que as línguas literárias-padrão, tendo suas próprias normas de correção, imanentes no uso de seus falantes nativos.

O Brasil é um exemplo forte do preconceito contra o falar diferente das pessoas que se distanciam da norma culta ou cujo registro é muito diferente da norma padrão. Esse preconceito relaciona-se ainda com variáveis sociais (o significado social das variantes). Como sabemos, as pessoas, principalmente, de periferia, do campo e as de comunidades ribeirinhas do Norte do nosso país são as que mais sofrem com a estigmatização de seus falares. Como carecem de meios, aceitam a imposição da padronização da modalidade escrita da língua e o prestígio da norma culta falada? estabelecida muito distante de suas realidades. Eles acabam, dessa forma, por esforçar-se a todo custo para, de alguma forma, imitar na fala o que acreditam ser o que se apresenta na escrita (a mais monitorada).

Essa pretensa “imitação” das regras da escrita é ilusória, pois nem mesmo a escrita é sempre formal, há muito escrita coloquial também. Com a ascensão das novas mídias está

claro que muito do que se escreve no dia a dia é uma forma coloquial de escrita e ainda que mesmo pessoas ditas cultas (com Nível Superior, etc.) têm dificuldades em se ajustar às normas provenientes da norma culta em sua escrita cotidiana. Em outros suportes e gêneros discursivos podemos encontrar também uma escrita menos formal (menos monitorada): cartas pessoais (dependendo de quem é o interlocutor), algumas peças de teatro, etc. Há realidades nas línguas e não uma única realidade, pois é impossível as pessoas se prenderem a uma única forma, até mesmo porque a língua é como um rio corrente, não uma água parada, está sempre se movimentando (cf. BAGNO, 1999).

Lyons (1987, 24) observa que “um dos princípios fundamentais da linguística moderna é o de que a língua falada é mais básica que a língua escrita”, pois a realidade das línguas humanas sempre foi oral, havendo muitas que não contavam com sistema de escrita até recentemente. Até mesmo as comunidades que deram origem a chamada “Civilização Ocidental” eram ágrafas em seus primórdios, ou seja, não contam com sistema de escrita. Essa observação corrobora para o fato de a linguística tomar a língua falada como seu objeto principal.

mesmo hoje, nas sociedades modernas mais letradas do mundo industrial e burocrático, a língua falada é utilizada em uma gama mais ampla de situações, servindo a escrita como substituta da fala apenas nas ocasiões em que a comunicação vocal-auditiva é impossível, inafiançável ou ineficiente. E a invenção do telefone e do gravador possibilitou o emprego da língua em situações onde no passado seria usada a língua escrita. Foi para fins de confiabilidade na comunicação à distância e de prevenção de importantes documentos legais, religiosos e comerciais que se inventou originalmente a escrita. O fato de os textos terem sido utilizados para fins tão importantes ao longo da história, e de serem mais confiáveis e duráveis do que os enunciados falados (ou pelo menos assim foram até que se desenvolveram os métodos de gravação de sons) contribuiu para que a língua escrita gozasse de mais prestígio e formalidade em muitas culturas (*Op. Cit.*, 26).

Por outro lado, não se pode desprezar o testemunho da língua escrita, pois essa, mesmo sendo uma espécie de “cópia imperfeita” da fala, ainda reflete propriedades estruturais e características das línguas específicas. É nesse sentido que tomamos, no presente trabalho os textos escritos como forma de entender o Português Marúbo, ou seja, entendemos que a análise da língua escrita permite reconhecer padrões e estruturas da fala dos indígenas, embora reconheçamos as limitações de não termos acesso direto a mostras de fala.

1.2.1.4 Preconceito Linguístico

O preconceito linguístico – preconceito contra as diferentes maneiras de se falar uma língua – ainda é forte aqui no Brasil. Há mitos quanto a quem sabe e a quem não sabe falar ou

escrever o português brasileiro (BAGNO, 1999). Ultimamente, vimos exemplos num *reality show* de uma rede de televisão brasileira em que os “*brothers*” confinados se cobravam pelo modo de falar algumas palavras e nas suas dúvidas perguntavam uns aos outros sobre como deveriam falar, dizendo: “*é assim que se fala?*”, “*eu acho que é assim...*” “*eu aprendi assim...*”. A base para as correções denotava à gramática normativa do PB. Calvet (2002 [1993], 67) manifesta esclarecimento sobre o preconceito linguístico, conforme podemos notar,

A história está repleta de provérbios ou de formas pré-fabricadas que expressam de cada época contra as línguas. Conta-se que Calos V falava com os homens em francês, em alemão a seus cavalos e em espanhol a Deus. [...] “Estamos aqui claramente em que os estereótipos linguísticos e nacionalistas se confundem”.

Esses estereótipos não se referem a línguas diferentes apenas, mas também as variantes geográficas das línguas, frequentemente classificadas pelo senso comum ao longo de uma escala de valores. Desse modo, a divisão das formas linguísticas em línguas, dialetos e patoás é considerada, de maneira pejorativa, como isomorfa a divisões sociais que por sua vez também se fundam em uma visão pejorativa. À língua responde a uma comunidade “civilizada”, aos dialetos, e aos patoás comunidades de “selvagens”, os primeiros agrupados a povos ou em nações, os segundos, em tribos. E se utiliza todo um leque de qualificativos, dialeto, jargão, algaravia, patoás, para significar em que baixa conta se tem certo modo de falar.

Essas questões são tão sérias que as pessoas que “falam bem” se é que se pode dizer isso exercem certa influência ou manipulação naquelas desprovidas de argumentos eloquentes ou de uma oratória considerada mais próxima do português considerado culto. Recordo-me que quando decidi cursar Letras, eu pensei que iria aprender a “falar melhor”. Logo no primeiro período, um professor perguntou à minha turma qual o Estado Brasileiro que falava melhor o português, muitos de nós respondemos, na ignorância, que era esse ou aquele que falava melhor e argumentamos os porquês. Na sequência, o professor explicou que estávamos equivocados e esclareceu à turma sobre os vários tipos de falar o Português no Brasil e sobre a variação linguística.

Não é saudável atacar alguém ou diminuí-lo pelo seu modo de falar ou escrever. Afirmções como: “ele/ela não sabe falar” ou “ele/ela fala feio”, “só as pessoas das cidades grandes sabem falar”, “o português (carioca, paulista, mineiro) é mais bonito”, “o português do norte e nordeste do país é inferior”, “os ribeirinhos do Amazonas falam caboquês”, etc, além de ser dizeres desnecessários, acabam por inferiorizar e ferir a pessoa a quem se dirige. Na escola, devemos trabalhar essas questões desde o Ensino Fundamental, para que os estudantes passem a entender melhor esses assuntos, os quais julgamos delicados. Ademais,

toda manifestação linguística acaba por manifestar características específicas de uma comunidade de fala (o significado social das formas em variação).

Lyons (1987, 68) observa que “outros estereótipos se referem “ao bem falar”. Ouvimos dizer em todos os países que há um lugar onde a língua nacional é “pura” [...], que no caso do Brasil seria São Luís do Maranhão (cf. BAGNO, 1999), que existem sotaques desagradáveis e outros harmoniosos etc. Na verdade, o que se esconde por traz desses estereótipos é o que se denomina “uso certo”. Porém, não existe modo “certo” ou “errado” de falar uma língua. Calvet (2002 [1993], 68-69) relata que,

Se os usos variam geograficamente, socialmente e historicamente, a norma espontânea varia da mesma maneira: não se tem as mesmas atitudes linguísticas na burguesia e na classe operária, em Londres ou na Escócia, hoje e cem anos atrás. Aqui o que interessa à Sociolinguística é o comportamento social que essa norma pode provocar. De fato, ela pode desenvolver dois tipos de consequência sobre os comportamentos linguísticos: uns se referem ao modo como os falantes encaram sua própria fala, outros se referem às reações dos falantes ao falar dos outros.

No caso da presente pesquisa, muitos dos dados apresentados podem ser interpretados pelo leitor como mostra de “mau uso da língua”. No entanto, os dados são tomados apenas como mostras de escrita, de uma variedade específica, sem haver qualquer juízo de valor. Ademais, o nosso trabalho não explora a situação do preconceito linguístico, apenas tenta caracterizar uma variedade do PB como L2.

Citamos o Preconceito Linguístico somente para lembrar que é um assunto muito relevante, delicado e que deve ser combatido. No entanto, nosso objetivo é evidenciar possíveis características da fala Marúbo a partir de mostras da escrita de professores indígenas em formação. Cabe aqui, também, explicar que se tornou impossível, nesse momento pandêmico, trabalhar com falantes da Língua Marúbo diretamente. Na próxima seção, serão discutidos os trabalhos que levantamos sobre o Português no Amazonas e, mais especificamente, no Alto Solimões.

1.3 Trabalhos variacionistas sobre o Português falado/escrito no Amazonas

Como mencionado em subseções anteriores, listamos, nesta seção, os trabalhos científicos, de cunho Sociolinguístico Variacionista, que se dedicaram a estudar características do português falado no Amazonas. Apesar de não ser um levantamento exaustivo, consideramos importante para se entender o panorama das pesquisas sobre o Português local e sobre algumas limitações da presente pesquisa, uma vez que não há

descrições sobre o Português da cidade onde residem parte dos Marúbo e demais que têm acesso direto e indireto com a população local.

Corrêa (1980), Cruz (2004) e Maia (2012, 2018) são trabalhos de referência sobre o Português do Amazonas. Sobre as pesquisas de mais proximidade à sede do município de Atalaia do Norte registramos as de Martins (2010, 2013, 2017, 2020) e Santos (2020). Sobre variedades do Português Indígena falado por grupos no estado do Amazonas, registramos o trabalho de Bonifácio (2019) e de Simas e Lucchesi (2020).

Em nossa revisão, encontramos achados importantes das pesquisas já realizadas no Amazonas. Julgamos o trabalho de Corrêa (1980) e o de Cruz (2004) relevantes por se tratarem de serem as pioneiras em pesquisar traços do português falado no Estado. O primeiro é um trabalho dialetológico apresentado ao departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica – PUC do Rio de Janeiro como dissertação de mestrado e aborda a questão do falar do caboclo amazonense a partir de aspectos fonéticos-fonológicos e semânticos-lexicais, envolvendo os municípios de Itacoatiara e Silves – região do Médio Amazonas. O segundo consiste em uma tese de doutorado apresentada ao departamento de Letras Vernácula da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A pesquisadora utilizou como método base da sua pesquisa a Geografia Linguística, mas também usou o aporte da metodologia da Sociolinguística. No que se refere ao título, a pesquisadora delimitou-o como: “Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM”, envolvendo estrategicamente, a coleta de dados de fala em nove municípios de nove microrregiões do Amazonas: Barcelos, Tefé, Benjamin Constant, Eirunepé, Lábrea, Humaitá, Manacapuru, Itacoatiara e Parintins. Quanto ao objetivo principal, Cruz (2004, 21) buscou,

[...] em termos gerais, (a) contribuir para o conhecimento das variantes populares do Português do Brasil e para a delimitação das áreas dialetais brasileiras; (b) fornecer subsídios para o Atlas Linguístico do Brasil – AliB; (c) oferecer dados para que a população, especialmente a do Amazonas, tenha, um melhor conhecimento não só do falar característico da região, mas também dos aspectos históricos-socio-político-culturais dos municípios pesquisados.

O trabalho caracterizou-se por ser o primeiro dessa natureza no Estado do Amazonas. De fato, é o trabalho mais abrangente sobre o Português do Estado até o presente momento. Constitui-se como uma referência por ter delimitado as regiões dentro do estado que são utilizadas até o presente para o estudo da variação do Português do Amazonas.

As pesquisas de Maia (2012, 2018) são também de bastante fôlego. A pesquisa de 2012 resultou em uma dissertação de mestrado, a qual leva o título de “A realização fonética

do /S/ pós-vocálico nos municípios de Boca do Acre, Lábrea e Tapauá”. Sua pesquisa toma a perspectiva da Dialetologia Pluridimensional e considerou as variáveis gênero e faixa etária, priorizando dezoito informantes: seis de cada município que, segundo Maia (2012, 10), foram “um homem e uma mulher em cada uma das três faixas etárias (18 a 35 anos, 36 a 55 e 56 anos em diante)”. Em seu segundo trabalho, de 2018, o autor desenvolveu uma tese de doutorado intitulada, “Atlas Linguístico do Sul Amazonense – ALSAM”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina. Nela, o autor objetivou investigar, o falar dos moradores de seis municípios da mesorregião do Sul do Amazonas – Boca do Acre, Lábrea, Tapauá, Humaitá, Manicoré e Borba representados por 48 informantes estratificados de acordo com as variáveis, faixa etária, idade e escolaridade (MAIA, 2018). Quanto às amostras, Maia (2018, 9) destaca alguns achados:

A realização fechada das vogais médias pretônicas;
 A pronúncia alveolar do /S/ em coda silábica;
 A ocorrência entre o apagamento e a presença do /R/ em coda final;
 A pronúncia alveolar da lateral antes da vogal;
 A semivocalização e o apagamento da vogal palatal, além de outras características no campo fonético.

Em relação às pesquisas realizadas no Alto Solimões, as primeiras publicações que conseguimos são de 2010, dessa data temos o artigo intitulado, “Uma abordagem sociolinguística da concordância nominal de número no falar dos habitantes do município amazonense de Benjamin Constant”, de autoria de Flávia Santos Martins. O trabalho teve como objetivo investigar a concordância nominal de número no falar dos moradores desse município. Benjamin Constant é um município da Tríplice-Fronteira: Brasil, Colômbia e Peru, e fica a 26km de Atalaia do Norte, via Br 319, havendo intensa movimentação dos habitantes entre as 2 cidades. Segundo Martins (2010, 45),

Para realização desta pesquisa foram controlados de forma sistemática os seguintes grupos de fatores independentes: extralinguísticos - a idade, o sexo, a escolaridade e o nível de formalidade, na busca de um melhor conhecimento sócio-cultural da área pesquisada, e linguísticos - a saliência fônica, a posição, a classe gramatical e o contexto seguinte.

Seu resultado geral aponta que 57% dos falantes entrevistados utilizam a marcação não formal de plural – “variante considerada não padrão e inovadora”, e segundo a

pesquisadora, “o tipo de sintagma nominal utilizado como dado de análise foi o com dois ou três elementos: “dois bairroØ”, “os dois boiØ”, etc”.

Por ser nascida e criada na região, posso registrar que o apagamento da concordância é também comum em Atalaia do Norte entre falantes de diferentes grupos sociais, econômicos e com diferentes graus de instrução. É muito comum registrar o sintagma nominal sem a marcação formal de plural no substantivo como em “as canoaØ”, por exemplo. Tanto para quem emite a frase quanto para quem a ouve entende que se tratam de duas canoas, não somente de uma, porque o primeiro elemento, o artigo feminino plural “as” dá conta de pluralizar o substantivo feminino “canoa”. As hipóteses levantadas por de Martins (2010, 47) antes das análises dos dados foram:

- a) O que se observa na fala espontânea é a eliminação das marcas de plural, ocorrendo apenas no determinante ou em elementos mais à esquerda do sintagma nominal, na primeira casa, geralmente (SCHERRE 1978; 1988). Ex.: “As meninaØ”;
- b) Elementos mais salientes favorecem as marcas de plural explícitas (SCHERRE 1978; 1988). Ex.: “os meses”;
- c) Observa-se que quanto maior o grau de escolaridade do falante mais ele se aproxima das formas de prestígio (padrão), pois a escola é um dos ambientes que privilegia a norma linguística utilizada na escrita;
- d) No que se refere ao contexto seguinte, a presença da vogal é um fator para que haja as marcas explícitas de plural;
- e) Quanto à idade, espera-se que os mais jovens utilizem a forma considerada inovadora, ou seja, o uso não-padrão da concordância nominal, o que pode caracterizar uma mudança em tempo aparente;
- f) Quanto ao sexo, as mulheres devem apresentar mais a concordância nominal padrão. Isso pode ser explicado pela inserção delas no mercado de trabalho e ao mesmo tempo pelo papel fundamental que exercem na família (essas situações acabam “exigindo” delas o uso da variante considerada padrão).

Das hipóteses acima apresentadas todas se confirmaram, exceto a hipótese da letra “e”, porque, segundo a pesquisadora, era esperado que os mais jovens utilizassem, predominantemente, a variante inovadora, mas foi a segunda faixa-etária (36 a 55 anos) que mais utilizou essa forma; as mulheres são as que conservam a pluralização, considerando a posição ocupada no mercado de trabalho.

Um trabalho realizado por Martins (2013) foi o de sua pesquisa de doutorado, cujo título é: “Variação na concordância nominal de número na fala dos habitantes do Alto-Solimões (Amazonas)”. Em sua tese, ela realizou pesquisa envolvendo os municípios de São Paulo de Olivença, Santo Antônio do Içá, Tonantins, Jutai e Fonte Boa, ou seja, sua pesquisa privilegiou cinco dos nove municípios da microrregião do Alto Solimões, à qual pertence também o município de Atalaia do Norte. Seu principal objetivo foi,

investigar o fenômeno da concordância nominal de número no falar dos habitantes do alto Solimões a fim de contribuir para o conhecimento das áreas dialetais brasileiras através de um registro sistemático do falar amazonense, à luz da Teoria da Variação e Mudança e da Dialectologia Pluridimensional (*Op. Cit.*, 6).

Segundo Martins (2013, 5), na sua pesquisa, foram controladas variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas. Da primeira se controlou: “*posição em relação ao núcleo/núcleo, posição linear, classe gramatical, processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais, marcas precedentes, contexto fonético-fonológico subsequente e características dos itens lexicais*”, da segunda se controlou a “*idade, escolaridade, sexo/gênero, diatopia, ocupação, mobilidade e localismo*”. As amostras são de 57 informantes dentre os cinco municípios escolhidos. Quanto ao resultado, Martins (2013, 5) conclui que:

Foram transcritos das entrevistas um total de 4.458 SNs plurais dos cinco municípios investigados, resultando, após a devida categorização de cada elemento do SN, em um total de 7.270 dados submetidos ao programa estatístico Goldvarb 2001. Desses dados, 4.264 foram da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, correspondendo a 58% dos dados, e 3.006 foram da variante “ausência de marcas formais/informais de plural”, correspondendo a 42% dos dados. Quanto às variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas controladas, considerando a rodada estatística sem a variável classe gramatical, todas se mostraram significativas na regra de funcionamento da concordância nominal de número na microrregião do alto Solimões. Também foram realizadas rodadas estatísticas para cada cidade investigada, mostrando que a maioria delas, de maneira geral, apresentam os mesmos efeitos restritivos, principalmente no que diz respeito às variáveis independentes linguísticas. Elas se diferenciam mais quanto à hierarquia de atuação dos fatores de cada variável.

Esse trabalho da pesquisadora mostra como ocorre a realização da concordância nominal de número na fala dos amazonenses do Alto Solimões envolvidos nas entrevistas, evidenciando também, dentre as variáveis, quais que condicionam ou não as marcas formais/informais de plural.

Outro trabalho de Martins, publicado em 2017, foi o artigo denominado: “Uma reflexão sobre a variação na concordância nominal de número na fala dos habitantes do alto Solimões (Amazonas/Brasil)”. Nesse texto, a autora, traz uma reflexão sobre os resultados gerais da sua tese mencionada acima, como podemos observar a linguista diz que:

À luz da Teoria da Variação e Mudança e da Dialectologia Pluridimensional, vários estudos no Brasil têm mostrado a variabilidade sistemática da concordância nominal de número, já existe mais de uma forma de se referir a sintagmas nominais que denotam pluralidade: com “presença de marcas formais” em todos os itens lexicais flexionáveis (“As casas bonitas”) ou “com a ausência de marcas formais” em alguns itens lexicais flexionáveis (“As casas bonitaØ”; “As casaØ bonitaØ”). Além disso,

evidenciam que essa variação não é aleatória, pois existem grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que a condicionam (*Op. Cit.*, 500).

A autora observa que até o ano de 2010, havia apenas um trabalho sobre a variação da concordância nominal no Amazonas (Martins, 2017). Pelo que pude observar em uma lista de trabalhos fornecidas a mim por Martins, nos dias atuais não contamos com uma dúzia de trabalhos sobre o tema nas cidades do interior do Estado do Amazonas. Ressalto que a região do Alto Solimões é um terreno fértil para os estudos linguísticos, pois é possível observar marcas deixadas como herança dos nordestinos, como por exemplo, o “Enfraquecimento do ‘S’ em coda silábica (cf. MAIA, 2015); das populações indígenas, bem como dos povos hispanos: peruanos e colombianos da região de Atalaia do Norte, Benjamin Constant e Tabatinga.

Quanto à concordância nominal de número na microrregião do Alto Solimões, Martins (2017, 524) conclui que, “os resultados mostram que a regra de funcionamento dessa variável não difere muito da de outros *corpora* do PB⁴, principalmente no que diz respeito às variáveis independentes linguísticas”.

Em 2019, Martins publicou, em colaboração com Coelho, o trabalho intitulado “Uma abordagem sociolinguística da concordância nominal de número no falar dos moradores do município de Fonte Boa (Amazonas)”. Esse trabalho trata da análise da variável concordância nominal de número na fala de dez moradores de Fonte Boa (AM) e é um desdobramento da tese de Martins (2013). Nesse estudo, especificamente, segundo Martins e Coelho, (2019, 4097):

[...] foram descritos e analisados 1.356 dados, submetidos ao programa estatístico Goldvarb2001. Desses dados, 754 foram da variante “presença de marcas de plural” (55% dos dados) e 602 foram da variante “ausência de marcas de plural” (45% dos dados). Apesar desse baixo índice de concordância nominal, os resultados mostram que a marcação na concordância é favorecida em Fonte Boa pelas mesmas restrições linguísticas de outras regiões brasileiras. Quanto às variáveis sociais, ‘escolaridade’ segue o padrão de comportamento geral, e ‘sexo’ revela o homem como favorecedor de marcação, um comportamento particularizado (semelhante ao de zonas menos urbanas), de uma localidade em que os papéis de mulheres e homens ainda são conservadores, sendo a mulher menos sensível à variável ‘mercado de trabalho’.

Como vimos, na citação acima, em Fonte Boa (AM), a variável social sexo mostra que o homem é quem mais usa a marca formal de plural, um comportamento particular e que contrasta com o resultado geral da pesquisa apresentada na tese de Martins (2013) que englobou outros municípios da região do Alto Solimões, mencionados anteriormente. O

⁴ Português do Brasil.

resultado dessa pesquisa feita em Fonte Boa mostra que 55% dos dados coletados apresentam a marca formal de plural, enquanto 45% não apresentam. Cabe aqui mencionar que, o município de fonte Boa está localizado a 680 km, em linha reta, da capital do Estado do Amazonas. Os outros municípios da microrregião do Alto Solimões considerados na pesquisa de 2013 estão mais distantes, no entanto, importante observar que Tabatinga e Benjamin Constant acabam por ter maior conexão com a capital, haja vista a existência de aeroporto e o fato de Tabatinga ser o Polo da microrregião. Ainda dos resultados, Martins e Coelho (2019, 4113-4114) relatam que,

Essa distribuição revela que a variação na concordância nominal está diretamente relacionada à oposição entre mais urbano e menos urbano, ou entre urbano e rural. A oposição entre mais urbano e menos urbano parece revelar resultados interessantes, mostrando que os informantes de Fonte Boa, de zonas menos urbanas, reforçam os valores locais e linguísticos, tendendo ao uso da variante sem marcação de concordância [...]. Através da análise da variável ‘localismo’ é possível dizer que os informantes de Fonte Boa podem ser considerados bem-integrados à sua localidade, mantendo, portanto, os valores daquela localidade.

Falando, ainda, dos trabalhos realizados no Alto Solimões, temos uma dissertação de mestrado concluída em 2020, do pesquisador, Camilo Jaílton Martins dos Santos. O local de realização da sua pesquisa foi a zona rural do município de São Paulo de Olivença, município amazonense relativamente próximo dos municípios da Tríplice-Fronteira: Brasil, Colômbia e Peru. Sua temática foi a “Realização da vogal /o/ em posição tônica no falar paulivense – zona rural (Amazonas). Seu principal objetivo foi “investigar a realização da vogal /o/, em posição tônica, no falar dos moradores da zona rural do município de São Paulo de Olivença (AM), a fim de contribuir para o conhecimento das áreas dialetais brasileiras”. Quanto ao resultado geral dessa pesquisa, o autor explica que,

Mediante a proposta de investigação desta pesquisa, após o registro e codificação dos dados coletados em Monte Santo e Santa Rita do Weill, comunidades ribeirinhas do município de São Paulo de Olivença (AM), realizou-se a descrição das variantes encontradas da vogal /o/ em posição tônica no falar dos 28 informantes entrevistados, sendo elas [o], [u], e [a], [e]. Ao retirar as variantes [a] e [e] das análises, em dados gerais, identificou-se o [o] como a variante mais frequente, alcançando 75,5% das ocorrências, contra 24,5% de realização da variante [u].

Tendo em vista o fenômeno do alteamento, nossa aplicação da regra, verificou-se que, de maneira geral, tanto os grupos de fatores linguísticos quanto os extralinguísticos o favorecem, já que o programa de GoldVarbX selecionou, na seguinte ordem, classes de palavras, faixa etária, escolaridade, ditongo, localidade e posição na palavra. Diante disso, percebeu-se que o grupo de fatores mais relevante para aplicação da regra foi o linguístico: classes de palavras, mais especificamente, preposição, conjunção, pronome e verbo.

Ainda no que refere aos grupos de fatores independentes linguísticos, identificou-se que a ausência do ditongo favoreceu a aplicação da regra, assim como a posição

medial e final, no grupo posição na palavra, o favoreceram, sendo esse último fator muito recorrente nas classes gramaticais substantivo e verbo [...] (*Op. Cit.*, 81).

Na subseção seguinte se apresentam notas de algumas pesquisas sobre o Português Indígenas realizadas no Amazonas.

1.3.1 Trabalhos sobre o Português Indígena no Amazonas

No que se refere ao Português Indígena consideramos alguns resultados e características estruturais encontradas nos trabalhos de Bonifácio (2019), de Simas e Lucchesi (2020), cujas pesquisas foram realizadas com grupos indígenas do Amazonas. Bonifácio (2019) apresenta uma tese de doutorado com título: “Contato linguístico Tikuna – Português no Alto Solimões – Amazonas: um estudo sobre a variedade de Português falada por professores Tikuna”. Segundo a autora (*Op. Cit.*, 8) seu principal objetivo foi “registrar, analisar e caracterizar a variedade de português de contato falada por professores da educação básica, pertencentes à etnia Tikuna, moradores de comunidades do município de São Paulo de Olivença, na mesorregião do Alto Solimões, no Amazonas”. Seus objetivos específicos delimitados foram:

[...] identificar, na variedade do português Tikuna, fenômenos não (ou pouco) previstos na variedade de prestígio do PB (considerada padrão), tanto no nível fonético-fonológico quanto no morfossintático; verificar se fenômenos dessa variedade do português apresentam traços particulares relacionados a mecanismos de transferência da L1; investigar se o português de contato falado pelos Tikuna apresenta traços identificados no português brasileiro falado por indivíduos que o adquiriram como L1 ou por outras variedades de português indígena; investigar fatores socioculturais relacionados com o processo de contato linguístico, de aquisição e de usos dessa variedade do português falada pelos Tikuna, levando em consideração a identidade do grupo investigado, para determinar a repercussão desses elementos no grau de fluência bilíngue e na variação do português de contato (*Op. Cit.*, 2019, 22-23).

A autora apresenta perspectivas sobre o português de contato a partir de alguns questionamentos que dão norte ao desenvolvimento do seu trabalho, consideramos necessário relacioná-los aqui:

Que traços fonético-fonológicos e morfossintáticos caracterizam a variedade do português de contato falada pelos professores Tikuna participantes da pesquisa? Quais seriam motivados por mecanismos internos à língua nativa e quais estariam relacionados à replicação de condicionamentos conforme os falantes de outras variedades do PB? Há traços que tornam essa variedade particular em relação a outras variedades do PB, inclusive do entorno com o qual os professores Tikuna e a pesquisadora convivem? Se sim, estariam no âmbito fonético-fonológico e/ou morfossintático? Em que estágios ou graus de fluência se encontra o processo

aquisitivo dos professores participantes de nosso estudo? Em que medida fatores socioculturais motivados pelo contato interferem nos usos linguísticos, na identidade e na variedade de português falada pelos professores Tikuna? (*Op. Cit.*, 21-22).

As questões que motivaram o trabalho de Bonifácio (*Op. Cit.*) dão uma boa ideia sobre alguns fatores a serem considerados para a caracterização estrutural do Português Indígena de uma etnia. Por outro lado, é importante enfatizar a ideia de “estágios ou grau de fluência”, pois sabemos que a L2 não é adquirida de uma única vez, mas em um processo contínuo. Bonifácio (2019, 242) reconhece que suas questões envolvem aspectos linguísticos e não linguísticos e afirma que “as primeiras quatro hipóteses de trabalho relacionam-se a fenômenos linguísticos no âmbito fonético-fonológico e morfossintático. A quinta e a sexta hipóteses referem-se a aspectos socioculturais e linguísticos do contato Tikuna-Português”.

O resultado da sua pesquisa mostra que o Português Tikuna apresenta traços da L1, evidenciando fenômenos típicos de L2. A partir das marcas estruturais observadas, a autora (*Op. Cit.*, 243) conclui pelas seguintes características do Português Tikuna:

i) tendência à inexistência de contraste fonológico no âmbito das consoantes contínuas coronais; ii) palatalização de fonemas africados; iii) supressão de segmento (travamento de sílaba); iv) aférese; v) rotacismo; vi) lambdacismo; vii) epêntese; viii) africacão; iv) flutuação quanto à altura das vogais; x) fricativização de oclusivas (bilabial e velar); xi) redução de ditongo (monotongação); xii) ditongação (ou iotização); xiii) variação na concordância de número que apresenta marcas de flexão na posição à direita do nome determinado, diferentemente do padrão do PB, mas semelhante ao padrão Tikuna; xiv) flutuação com ausência da marcação da flexão de gênero no sintagma nominal; xv) variação na concordância verbal; xvi) não marcação/distinção de tempo na forma verbal; xvii) omissão ou uso inadequado de preposições; xviii) ordem sintática – SVO e variações; xix) criação de flexão com acréscimo de – s; xx) não uso do verbo.

Segundo Bonifácio (2019, 243), no que se refere à influência do Português regional encontrou-se traços que ela chama de “particulares” identificáveis do PB falado na região dos quais os seus colaboradores manifestaram em sua coleta de dados, esses traços foram postos em contraste com outros trabalhos já feitos para validar sua hipótese de número 2: “fricativização de oclusivas (bilabial e velar)” (*Op. Cit.*, 243).

Sobre os “estágios ou grau de fluência”, como seria esperado, a autora observa que o grau de contato com a LP determina a aproximação ou distanciamento do idioleto do falante de Português Tikuna com relação ao “padrão da língua alvo”. Ademais, a autora observa que aspectos variacionistas devem ser considerados, como lemos no trecho abaixo:

Como resultado, por meio do continuum que se estabeleceu em nosso estudo, conseguimos identificar que, em estágios que se encontram na base desse

continuum, os falantes manifestam uma variedade mais distante do padrão da língua-alvo. Esse fato se reverte, porém, à medida que o falante tem mais contato com falantes de português e usa mais a língua portuguesa em diferentes domínios sociais. Nesse caso, os usos linguísticos tornam-se mais próximos da variedade padrão do PB, o que confirma nossa quinta hipótese.

A sexta hipótese, intimamente relacionada à quinta, leva em consideração a análise variacionista, defendendo que os fatores linguísticos e socioculturais, relacionados à dinâmica do contato linguístico, à identidade e aos usos linguísticos repercutem na variedade de português falada pelo grupo investigado (*Op. Cit*, 243, 246).

O trabalho de Simas e Lucchesi (2020), por sua vez, é um artigo intitulado: “O português indígena sateré-maué: um projeto de pesquisa sociolinguística”. Abaixo, observamos uma breve descrição da pesquisa, o seu objetivo e alguns detalhes sobre os seus procedimentos:

Este artigo descreve a implementação de um projeto de pesquisa sociolinguística de uma variedade do português indígena da região amazônica, bem como seus primeiros achados empíricos. Trata-se do português sateré-mawé, falado no município de Parintins, no Baixo Amazonas. A grande maioria dos sateré-mawé são bilíngues em sua língua nativa e português, sendo que os mais jovens estão adquirindo o português cada vez mais cedo. Como seu objetivo central, o projeto visa a realizar análises variacionistas de aspectos relevantes da morfossintaxe dessa variedade do português supostamente afetados pela situação de bilinguismo. Para tanto, foi coletada uma amostra de fala vernácula, seguindo os princípios metodológicos da Sociolinguística variacionista (LABOV, 2008), com a gravação de 16 entrevistas informais com membros da comunidade, divididos em quatro faixas etárias e pelos dois sexos (*Op. Cit*, 1078).

Dos resultados revelados pela pesquisa dos autores (*Op. Cit*, 1092) pode-se dizer que, no contexto do português sateré-mawé, existem particularidades, ou seja, “características estruturais e tipológicas da língua [...] quando ocorre a falta de convergência entre essa língua e o português”, tais características não se encontram no PB. Nesse sentido, os resultados da pesquisa de Simas e Lucchesi (2020) são convergentes com os resultados de Bonifácio (2019). Os autores encontraram algumas características no português falado pelos sateré-mawé. Uma das características observadas é a não pluralização do Sintagma Nominal – SN e Sintagma Verbal – SV, característica do PB também embora não se saiba ao certo se ocorre pelo resultado do contato com línguas indígenas ou outras línguas (cf. BAXTER e LUCHESE, 2009). Ressalta-se que essas variações são também apontadas pelas pesquisas de Martins (2010, 2013, 2017 e 2019) realizadas no Alto Solimões – Amazonas, consideramos que esses resultados não evidenciam características particulares do português sateré-mawé, mas devem ser consideradas como características da variedade do Português falada no Norte do Brasil ou até mesmo como uma característica bastante comum no Português do Brasil como um todo.

Assim como Bonifácio (2019), Simas e Lucchesi (2020) consideram que algumas características dos seus resultados se dão pelo processo de aquisição de L2 e que isso é muito comum. Para explicar as interferências de L1 em L2, os autores apresentam dados como: “*Foi o tempo que minha irmã, né, é levado pra Manaus pra estudá*”. (*era*); “*Ás vez, eu fico falando com minha esposa...*” (*ficava*) (*Op. Cit*, 1092). No primeiro caso, observa-se o uso incomum do presente para expressar uma ação realizada no passado; no segundo caso, usa-se o perfeito pelo imperfeito. Para os autores:

Tais características específicas podem ser o reflexo de características estruturais e tipológicas da língua sateré-mawé, particularmente quando ocorre a falta de convergência entre essa língua e o português. Por outro lado, algumas dessas características são típicas de línguas crioulas e/ou de estágios iniciais de ASL⁵.

Portanto, os estudos do português indígena podem ampliar o conhecimento acerca das situações de contato linguístico massivo, bem como da ASL; e, com isso, reunir elementos para uma melhor compreensão de nossa história sociolinguística, marcada pelo contato massivo da língua portuguesa com povos indígenas e africanos. Esses serão objetivos colimados em futuras análises variacionistas, com suporte quantitativo, dos fenômenos morfossintáticos que individualizam o português indígena sateré-mawé (*Op. Cit*, 1092-1093).

Embora não tenhamos feito um levantamento exaustivo, apresentamos os trabalhos acima como forma de ilustrar as discussões sobre a caracterização estrutural do Português Indígena a partir de trabalhos realizados no Amazonas. Em certo sentido, o Português Indígena é parte das variedades linguísticas do Português observadas no Estado. Por outro lado, observa-se que os estudos de dialetologia apresentados na seção 1.2 não consideram as variedades indígenas do português no controle de suas variáveis.

Uma vez discutidas as características do Português Indígena e das Variedades Regionais do Português, passamos agora a apresentação de algumas características da LM a partir dos trabalhos descritivos realizados por Kennel Jr. (1978) e por Costa (1992 e 2000).

1.4 Trabalhos Descritivos sobre a Língua Marúbo

Até os dias atuais são muito poucos os trabalhos descritivos sobre a Língua do povo Marúbo. Encontramos pouco mais de meia dúzia e destacamos o único esboço gramatical dessa língua, elaborado a partir de dados de primeira mão por Gerald Raymond Kennel Jr., no ano de 1978. Embora seja usado por linguistas de línguas Páno, esse trabalho não se encontra publicado e nem conseguimos encontrá-lo em qualquer acervo público. Além desse esboço gramatical, há dois trabalhos de pesquisa realizados por Raquel Guimarães Roman

⁵ Aquisição de Segunda Língua – ASL.

Kevecius Costa, um resultante de sua pesquisa de mestrado e o outro resultante de sua pesquisa de doutorado. Essa autora publicou ainda alguns artigos relativos às suas pesquisas e que se encontram dispersos em diversas revistas. Os trabalhos de Costa tratam de temas específicos dentro de abordagens teóricas delimitadas e não apresentam uma descrição geral da gramática da língua. Os trabalhos sobre a Língua Marúbo serão apresentados mais detalhadamente no Capítulo 4 dessa dissertação, no qual tratamos de aspectos estruturais dessa língua.

1.5 Contato Linguístico

Quando mencionamos o termo “Contato Linguístico”, pensamos no trânsito de pessoas nas fronteiras entre países, suas interações e situações sociais, seja por comércio, religião, turismo para os quais se usam os mais variados modos de fala e é possível também se utilizar da escrita. No caso das fronteiras do Brasil com alguns países de fala espanhola, o “portunhol” inclusive se popularizou como um termo para descrever um fenômeno linguístico específico desses contextos. Apresentaremos, de forma breve, algumas questões envolvidas no contato linguístico, mais especificamente sobre o Bilinguismo, o Multilinguismo, a Alternância, o Pidgin e o Crioulo para contextualizar esses fenômenos.

Sobre o **Bilinguismo**, não podemos deixar de lado as razões pelas quais uma pessoa passa a ser bilíngue ou caminha para isso. Sabe-se, por meio da literatura linguística, que há casos de aquisição de L2 forçada, seja pelo mercado de trabalho, por imposição política, econômica ou violenta da língua majoritária. Essas situações podem levar ao apagamento da L1, como registrado historicamente no Brasil e nas Américas, em geral. Por outro lado, as situações podem levar o falante ao desprezo pela sua língua nativa e conseqüente o abandono, o que faz a língua perder sua vitalidade. Esses apagamentos levam consigo aspectos culturais, socioeconômicos e religiosos entre outros. Por outro lado, é de amplo conhecimento algumas condicionantes que podem levar um falante a buscar uma L2 que não lhe seja imposta. Maher (2010, 32) se pergunta sobre “o que leva um grupo étnico a abandonar o uso da língua tradicional em suas práticas cotidianas?”. À sua pergunta, a própria autora apresenta a resposta de uma falante remanescente de Poyanawa cuja explicação é:

Quem catequizou os índios foi o coronel de barranco - como chama o povo aqui do Norte. Foi o proprietário fazendeiro, o veio Mâncio, que botava os outros no cativeiro... Amarrava e açoitava... E pegou os Poyanawa, catequizou os índios Poyanawa e amedrontou eles prá não falarem mais a língua... Prá desmoralizar, ele chamou a língua de "gíria". Gíria é uma coisa que não vale nada, né? E o povo todo se habituou a chamar a língua poyanawa só de "gíria". [...] A minha mãe foi a única

pessoa que nunca desistiu da língua... A minha mãe foi a única pessoa que nunca temeu o véio Mâncio... Ela falava NA FRENTE DELE... Ela dizia que ele falava "Cumadre, deixa dessa cunversa... cunversa feia!"... "Cunversa feia, coisa nenhuma, eu num 'tou conversando porcaria! Cunversa feia é conversar uma palavra pesada..." ela falava. "Fia de uma égua, filha da puta, isso aí é que é palavra feia." Ele levava na risada. E ela nunca apanhou dele, não! [...] Meu tio foi que me contou que minha mãe era uma índia muito bonita... Ele sempre dizia que se ela fosse índia veia, feia, ah... ela não ia poder me ensinar, não, porque ele arrancava o couro dela, acabava com a raça dela... E foi assim como eu aprendi [a falar poyanawa], a única filha... (*Op. Cit.*, 2010, 33).

É lamentável o relato acima, que é representativo de outros muitos casos que aconteceram aqui no Brasil de apagamento de uma língua nativa em substituição de outra com maior força política e bélica, dita de “prestígio”, mostrada aos povos autóctones como única dentro da comunidade brasileira. O quadro atual das línguas brasileiras é explicado, por um lado pela imposição da Língua Portuguesa por meio da força, do poder e do autoritarismo; por outro lado houve pela depreciação das línguas nativas (cf. MAHER, 2010). Apesar de ventos contrários para fazer morrer uma língua em detrimento de outra dita “melhor” há comunidades que resistiram/resistem às investidas dos coronéis, porque uma comunidade não perde a sua língua sem que haja manifestações de poder exteriores como podemos observar o que apresenta Maher (2010, 34):

Assim, foi principalmente devido ao açoite, à ameaça, à intimidação e à depreciação, atos de violência, ora mais, ora menos explícitos, que várias comunidades indígenas brasileiras “optaram por abandonar” suas línguas tradicionais. É, portanto, imperioso, que esse “abandono” seja sempre colocado entre aspas porque uma comunidade de fala não desiste de sua língua livremente.

Mas a nossa discussão aqui não se dá em torno somente desse aspecto. Maher estabelece tipos diversos de bilinguismo e nos concentraremos aqui, no bilinguismo em contexto escolar, contexto este em que ocorreu a pesquisa ora apresentada. Segundo a regulamentação da educação no Brasil, o aluno pode escolher qual a segunda língua quer aprender, isso se dá nas Leis e Diretrizes da Educação. No entanto, na realidade, nem toda escola oferta duas ou mais línguas para os estudantes optarem por qual queira. A realidade é outra, no geral, há apenas uma língua estrangeira e os aprendizes aceitam-na porque é aquela que a escola disponibiliza, como é o caso das escolas da tríplice-fronteira que oferecem, como língua estrangeira, o Espanhol. Ademais, o Ensino de Línguas é tão deficitário que dificilmente forma pessoas efetivamente bilíngues.

No caso dos estudantes das comunidades indígenas, a legislação prevê o direito ao uso das suas línguas tradicionais na educação escolar. Dessa forma, muitos grupos indígenas

estudam a sua língua nas escolas das suas aldeias. Por outro lado, é bastante comum que também estudem a Língua Portuguesa, por ser a língua oficial do seu país. Cavalcante *et. al* (2007, 68) observam que:

A análise dos processos de educação formal de falantes de línguas majoritárias no país, exige de antemão, atenção para um dado: enquanto que a maioria dos alunos, indígenas, surdos e de comunidades de imigrantes, o bilinguismo é compulsório. A esse alunado não é dada a opção: ele é obrigado a aprender a língua majoritária do país e a se tornar bilíngue.

A desigualdade no Ensino de Línguas é notada nas escolas públicas do país, principalmente, na oferta de línguas estrangeiras aos brasileiros. Se a língua de prestígio é trabalhada como “a mais bonita” o bilinguismo será sempre visto positivamente do lado de dentro e de fora da escola. Cabe as políticas públicas que envolvem as línguas de contato e as línguas estrangeiras juntamente com a escola e a comunidade envolvente darem o devido valor às línguas minoritárias (cf. MAHER, 2010), pois o que se vê é o “[...] bilinguismo português-inglês [...] os valores atribuídos as variedades dialetais também contam” (*Op. Cit*, 2010, 69).

Ainda sobre o bilinguismo consideramos também as reflexões de Peixoto (2020) que considera a oposição entre bilinguismo social e bilinguismo individual e que observa que o bilinguismo pode ser próprio de situações sociais e culturais dos povos autóctones brasileiros:

O próprio bilinguismo muitas vezes decorre de uma situação de multilinguismo, devido à proximidade geográfica ou social entre diferentes povos indígenas. A situação de multilinguismo está presente, por exemplo, no Parque Nacional do Xingu (MT) e na região do Alto Rio Negro (AM).

Apesar dos seus aspectos sociais, o bilinguismo costuma ser tratado como um fenômeno individual. O bilinguismo individual corresponde ao domínio correto de uma língua estrangeira ao lado da língua materna. No bilinguismo, o falante bilíngue ideal é concebido como aquele que possui domínio nativo igual da gramática de duas línguas (Bloomfield 1933). Essa concepção de bilinguismo exclui a grande maioria dos falantes bilíngues adultos, cujo domínio da segunda língua, da qual não são falantes nativos, costuma sofrer interferência da primeira língua, da qual são falantes nativos. A interferência de uma gramática na outra mostra que, no bilinguismo adulto, o falante bilíngue ideal é, na verdade, uma ficção. A proficiência na língua estrangeira, ou seja, a capacidade de falar outra língua, dos indivíduos bilíngues adultos está sujeita a interferências de condições de diferentes naturezas (*Op. Cit*, 40).

Para fins desta pesquisa, adotou-se o conceito de bilinguismo apresentado em Cavalcante *et. al* (2007, 79), considerando que

O bilinguismo é um fenômeno multidimensional – somente uma definição suficientemente ampla poderá abarcar todos os tipos existentes. E, talvez, essa fosse suficiente: o bilinguismo, uma condição humana muito comum, refere-se à capacidade de fazer uso de mais de uma língua.

No que diz respeito ao **multilinguismo** podemos evidenciar o cenário multilíngue que é o Brasil: lugar de muitas gentes, identidades, bandeiras, comunidades sociais distintas e muitas línguas. Aqui se falam mais de 180 Línguas Indígenas, Português, Espanhol, Portunhol, Línguas de Imigração, LIBRAS, Inglês, Francês, dentre muitas outras, seja como L1 seja como L2. Embora apenas o Português seja considerado língua oficial do país, algumas línguas indígenas têm recebido o *status* de cooficial nos municípios em que são faladas.

A simples presença de línguas uma ao lado da outra, não caracteriza o multilinguismo para alguns autores como *Fries* (2019, 514), quem considera que, “o multilinguismo não pode mais ser interpretado como a simples coexistência de um conjunto de línguas num espaço estático, harmonioso e homogêneo”. Assim, o multilinguismo vai além da coexistência das línguas e passa a ser interpretado a partir da interação entre línguas e entre seus falantes. Entre as mais variadas línguas distintas em um ambiente ou contexto social há crenças, saberes tradicionais, opiniões distintas, culturas, costumes – regras de vida diferentes que não só através da língua existem, mas nos mais variados gestos e ações humanas.

Nesse sentido, o multilinguismo no Brasil está presente em contextos muito diversos. Como mencionado acima, não só no Parque Nacional do Xingu (MT) e na região do Alto Rio Negro, mas também, na região de tríplice fronteira, Brasil-Colômbia e Peru, localidade onde se usam o português como língua oficial brasileira, o espanhol de contato e umas dez línguas indígenas. Há situações muito diversas nesse contexto, por exemplo, há indígenas que falam sua língua tradicional e têm certa fluência em outras línguas indígenas das proximidades e que usam também a variedade do português falada na região. Há indígenas que falam sua língua tradicional, o espanhol e o português. Há outras situações, inclusive de indígenas que perderam sua língua tradicional.

O cenário multilíngue brasileiro precisa de mais pesquisas, que englobe, não somente as línguas em si, mas, principalmente, um ensino de língua com enfrentamento das imposições advindas de cima para baixo, de um olhar acolhedor para os efeitos da linguagem – dos mais variados – e para os valores humanos. As ciências da linguagem têm avançado nos últimos anos, mas ainda há muito para se conhecer. A minha aspiração é que haja entendimento e respeito entre as pessoas, independentemente, de suas opiniões distintas, de suas crenças e seus saberes tradicionais e científicos, que um não despreze o outro e,

principalmente, que as línguas minoritárias sejam contempladas com o mesmo valor que as majoritárias.

Em um contexto bilíngue e/ou multilíngue, é comum que o falante possa usar mais de uma língua em contextos distintos. A essa mudança do código, chama-se comumente de “**alternância de código/interferência**”. Na presente pesquisa, tomou-se como base Sampaio *et. al.*, (2012) para compreendermos alguns aspectos de alternância de código, as autoras adotaram “a abordagem interdisciplinar, fundamentada na linguística teórica e descritiva, na linguística aplicada, nos estudos de aquisição/aprendizagem de uma L2 e interferências da L1 na L2” para compreender a ordem das palavras no que se refere a sintaxe.

Entende-se por alternância de código/interferência vestígios da L1 na L2 ou vice-versa, expressões linguísticas usadas por aprendentes de L2 como estratégia de melhor entendimento daquilo que se fala ou se escreve (cf. SAMPAIO *et al.*, 2012). Zucarello (2009 *apud* Sampaio *et al.*, 2012, 8) afirma que a transferência é o “processo que ocorre quando o aprendiz de uma L2, na hora de produzir e processar mensagens utiliza conhecimentos e habilidades comunicativas da L1 ou de outra língua previamente adquirida”. Quando ocorre muita interferência da L1 na L2, no processo de aquisição do aprendente, se nomeia de interlíngua, que só será abandonada quando a pessoa passar a ter certa fluência na L2 (cf. SAMPAIO, 2012). Nesse processo de aquisição de uma segunda língua manifesta-se aspectos de ordem fonética, fonológica, semântica, sintática e da morfossintaxe, de modo natural. Isso ocorre com brasileiros não indígenas que estão aprendendo uma língua estrangeira, com indígenas que estão no processo de aprendizagem do português de contato, do espanhol ou de outro idioma e com qualquer pessoa que busque por razões diversas aprender uma segunda língua.

Outra situação bastante comum em situações de contato linguístico é a formação de **pidgin**, que é o primeiro contato entre duas línguas e diferencia-se de língua crioula (cf. CASTRO *et. al.*, 2001). O pidgin encaminha-se para o crioulo – que já não é mais a L1 do aprendente de uma L2, nem uma língua comum, mas uma língua que nasce do contato de L1 com L2 apagando ou fazendo morrer a língua da comunidade falada antes do crioulo. A exemplo disso, Castro *et al.* (2001, 19) afirmam que “em consequência, a língua de substrato pouco a pouco é substituída até ser extinta por completo, a exemplo do que ocorreu com a língua indígena pataxó no Brasil”.

No caso dos indígenas Marúbo, há parcelas do grupo que estão em constante contato com o Português falado na região da bacia do Javari, mas há ainda parcelas que têm pouco contato com o Português, principalmente, os que vivem nas aldeias. Eles aprenderam e veem

aprendendo ao longo dos anos, desde o primeiro contato com os brasileiros não indígenas, mas nota-se a manutenção da sua língua tradicional. Embora não se possa falar em Pidgin, é importante observar que há graus muito diversos de fluência em Língua Portuguesa, por parte dos Marúbo. Há desde Marúbo que falam apenas palavras e pequenas frases, até outros que são considerados como bons oradores em Língua Portuguesa, como o Marúbo, Manoel Churimpa (vereador por dois mandatos), por exemplo. Na subseção abaixo trataremos da aquisição e aprendizagem de uma segunda língua.

1.5.1 Aquisição/Aprendizagem de L2

A Língua Oficial do Brasil é a Língua Portuguesa e, com as escolas implantadas nas regiões de fronteira e nas comunidades indígenas, essa língua passa a ser ensinada aos indígenas. Por necessidade, essas comunidades têm de aprendê-la, tornando-se para elas a sua segunda língua. No que se refere ao processo de aquisição de L1/L2, Sampaio *et al.* (2012, 8) relatam que:

O processo de aquisição-aprendizagem da L1e L2 é muito complexo, pois envolve um fator imprescindível, o social, porque crianças (baseiam-se no modelo linguístico dos adultos para construir o seu), jovens e adultos devem interagir para uma aquisição bem sucedida, pois, para aprender uma língua, deve ocorrer interação com outros falantes; por isso a aquisição de L1 é um processo mais natural, pois a segunda língua ocorre mais em ambientes formais e nem sempre tem um falante de L2 em tempo integral para compartilhar experiências. Portanto, todo aprendiz de uma L2, por mais que a adquira antes da puberdade, não a assimila da mesma maneira que adquiriu sua língua materna.

Dependendo do grau de aquisição de L2 vão se manifestar na fala/escrita do aprendente algumas interferências ou a mescla. Essas manifestações são de natureza verbal, sintática, fonológica, morfológica etc, pois, no processo de aquisição de uma L2, ocorre os desvios de norma de uso culto ou vernacular. É comum ouvir entre falantes de L2, sons diferentes da L1 e, até mesmo, diferentes também da L2. Há quem classifique a produção do falante de L2 como “errada”, por desviar das regras gramaticais inerentes à linguagem formal em aprendizagem ou por apresentar-se como as variantes menos formais. Os que consideram esses desvios “errados” tendem a considerar como “correta as mais formalizadas” - regras variáveis que também são inerentes às línguas - (cf. FERNÁNDEZ, 2011).

Na consolidação de uma segunda língua escrita é comum ocorrer alternâncias de letras e ausência de categorias gramaticais adequadas⁶. Fernández (201) aponta, na página 3, que “a aquisição acontece de forma intuitiva, inconsciente ou subconsciente, em contexto informal, sem prestar atenção às regras, ou seja, o aprendiz não percebe quando utiliza a língua para se comunicar [...]”.

E o que é L2? Fernández (2011, 3) afirma que “a L2 se refere à língua ensinada e aprendida em ambiente natural, de imersão, seja em sala de aula ou fora desta, pois é de domínio do povo [...]” como é o caso do português como L2 - falado/escrito - por indígenas e pelos povos hispano-hablantes que chegam nas escolas e nas regiões de Atalaia do Norte (AM). A autora concentra sua atenção em ambientes escolares, mas temos que mencionar que uma L2 também pode ser aprendida no cotidiano, fora de ambientes escolares.

Embora a autora (*Op. Cit.*) relate que a aquisição de L2 se dá de forma natural, não podemos romantizar que, antes, o Português foi levado aos povos indígenas com imposição por meio do poder político, econômico e bélico. Como é o caso dos Marúbo que, desde o primeiro contato, acharam importante aprender a variedade do português falada na região para, em alguns casos, deixarem de serem simples empregados para serem patrões (cf. MELATTI, 2018); mas esse contato inicial, como será visto no Capítulo 2, se deu de forma violenta, através do engajamento dos indígenas no sistema de exploração típico do ciclo da borracha.

Independente da forma como se dá o processo de aquisição – formal, informal, voluntário ou imposto – após um período de exposição à L2, considerando-se que o processo de aquisição linguístico nunca é concluído, o falante se tornará bilíngue, ou seja, terá algum grau de fluência em outra língua além de sua L1 (cf. BONIFÁCIO, 2019)⁷.

Para averiguar se existe influência da L1 sobre a L2, muitos linguistas têm estudado o fenômeno conhecido como interferência ou transferência linguística. De forma geral, os termos interferência e transferência são usados sem carga valorativa, embora haja o que se convém chamar de “interferência negativa” (BONIFÁCIO, 2019). Outra coisa são as estratégias tomadas pelos aprendentes de L2. Segundo a mesma autora (*Op. Cit.*, 49)⁸,

Um dos pioneiros a levantar essa questão foi Weinreich, no livro de sua autoria *Línguas em Contato* (1953). Neste livro, o autor afirma que quanto maiores forem as

⁶ A troca de letras manifesta-se apenas na escrita, mas a ausência de categorias pode ocorrer tanto na língua escrita quanto na língua falada.

⁷ Em caso de aprendizagem de mais de uma L2, ocorre o fenômeno conhecido como multilinguismo.

⁸ Deixamos aqui os agradecimentos à pesquisadora e doutora, Ligiane Pessoa dos Santos Bonifácio por ter cedido a sua tese de doutorado, a qual nos permitiu melhor compreensão sobre a aquisição de L2 e afins.

diferenças entre os sistemas, ou seja, quanto mais numerosas e mutuamente exclusivas forem as formas e os padrões em cada língua, maior será o problema de aprendizado e da área potencial de interferência. Uma sugestão feita por Weinreich (1953) é a de que a primeira língua influencia a aquisição da segunda. Conforme Matras (2009), já é um senso comum a noção de que aprendizes de segunda língua usam elementos ou estruturas de sua língua nativa ao falarem.

Bonifácio (2019, 49) trata da influência da L1/L2 como algo de extrema importância “em relação a situações de contato linguístico prolongado e sistemático”. Weinreich (1953 *apud* BONIFÁCIO, 2019, 49) classifica os tipos de influência da L1 na L2 segundo alguns critérios. Segundo o autor são

dois tipos de influência: dificuldades causadas pelas diferenças entre a língua fonte e a língua-alvo e interferência. Esta última definida como sendo o uso de elementos, estruturas e regras da língua fonte na produção da língua-alvo, um fenômeno que também é frequentemente chamado de “transferência negativa”. Dito de outro modo, essa transferência se manifesta por meio da introdução de elementos estrangeiros nos domínios altamente estruturados da língua, como a maior parte do sistema fonêmico, grande parte da morfologia e sintaxe e algumas áreas do vocabulário.

A dificuldade menor encontrada pelo aprendiz resultará “em uma transferência positiva”, e as de maior grau de dificuldade, com diferenças significativas da língua-mãe são consideradas complexas (cf. BONIFÁCIO, 2019, 49-50). Quanto a essas questões de transferência e interferência Weinreich (1953 *apud* BONIFÁCIO, 2019, 50) e Lado (1957 *apud* BONIFÁCIO, 2019, 50) “não foram muito claros nas distinções [...] estes termos passaram a ser considerados como erros, desvio, portanto, vistos de forma negativa”.

Analisar as marcas estruturais na L2 se faz necessário para determinados fins, mas desde que seja considerado o processo da aquisição de uma L2 e a estrutura da L1. Assim, compreenderíamos os porquês das características da L2 e atenuaríamos o preconceito linguístico atribuído, na sua maioria por leigos, quanto às implicações da Linguística de Contato e da Sociolinguística no geral.

Bonifácio (2019, 51) afirma que [...] “recentemente, os termos interferência e transferência têm sido entendidos não como uma transferência negativa, mas como um processo natural e inerente à aquisição de uma segunda língua”. O distanciamento entre as duas línguas envolvidas num processo de aquisição parece ser a causa dos “desvios” (*APPEL e MUYSKEN, 2005 apud* BONIFÁCIO, 2019).

Em termos de historicização dos conceitos, cabe lembrar o percurso que nos leva até a ideia de “interferência e transferência”. *Corder (1975, 203)*⁹ chegou à conclusão de que a Análise de “Erros” provinda da Análise Contrastiva “tornou-se relevante para estudar o desempenho linguístico de um aluno em detalhe, a fim de inferir a partir dele a natureza desse conhecimento e dos processos pelos quais foi adquirido”. O autor explica que a Análise Contrastiva (AC) foi desenvolvida entre a linguística e a psicologia, porque pode ter característica estrutural e comportamental:

Contrastive analysis developed in a climate in linguistics and psychology which can be broadly characterised as 'structural' and 'behaviourist'. 'Structuralism' in linguistics took the view that the structure of every language was *sui generis* and therefore to be described in its own terms. Consequently it followed logically that languages could not be compared. It was therefore somewhat paradoxical to attempt to account for learners' difficulties, which were clearly related to features of their mother tongue and explained psychologically as the transfer of their mother tongue habits by undertaking a theoretically impossible task (*Op. Cit, 203*).

Para *Corder (1975)*, o ponto central para as investigações da AC foram os “erros” cometidos pelos alunos, e dos *insights* que teve percebido que, através do seu conhecimento da linguagem, poderia chegar a aspectos da L1 observados na L2. Segundo Durão (2004, 83 *apud* ATANAKA 2017, 36):

Identificar ou classificar erros não são coisas simples. Todo analista de erros se depara, invariavelmente, com a dificuldade de especificar o que é erro, além de ter a necessidade de estabelecer critérios de classificação ajustados à abordagem de ensino que utilize e aos propósitos de ensino-aprendizagem que tenha como docente.

Corder (1967) trouxe novo olhar para a análise de erros. Antes, como mencionado acima, o “erro” era visto de modo negativo, devendo ser combatido, corrigido, evitado, extinto (cf. FERNÁNDEZ, 2011). *Corder (1967 apud FERNÁNDEZ, 2011, 6)* converteu essa questão dizendo que, “vivemos num mundo imperfeito e, portanto, os erros sempre ocorrerão apesar dos nossos melhores esforços. O nosso engenho deve se concentrar em achar técnicas para lidar com eles (tradução nossa)”. Nessa perspectiva, Figueiredo (2002, 50) afirma que:

O erro passa a ser visto como algo positivo, como “resultado da inteligência e não da estupidez” (SCOVEL, 1988, p. 177), uma vez que a maioria deles é resultado da tentativa, consciente ou inconsciente, de os indivíduos usarem o que já aprenderam para aprender ainda mais.

⁹ Estendemos nossos agradecimentos, também, ao professor doutor, Sergio Augusto Freire, pela literatura cedida e os relevantes apontamentos feitos na efetivação do VII Seminário de Metodologia da Pesquisa – PPGL/UFAM-2021.

Quanto à justificativa da metodologia da Análise de Erros (AE), *Crystal* (1988, 165 *apud* CORDEIRO, 2008, 805) afirma que se justifica por ser uma “técnica para identificar, classificar e interpretar sistematicamente as formas produzidas por alguém que aprende uma língua, usando os princípios e procedimentos dados pelos linguistas.”

Um estudo dessa natureza é pertinente para conhecer os fatores linguísticos e extralinguísticos envolvidos no processo da aquisição da L2, que aparecem na fala e na escrita do aprendente, também, pela procura considerável pela aquisição do Português por estrangeiros (cf. Cordeiro, 2008), e pela procura dos indígenas do Brasil em falar e escrever em Português. Segundo relatos de um estudante indígena, da fronteira Brasil-Colômbia e Peru, se aprende português por necessidade (cf. JAQUES, 2013).

E para que serve a AC? Tomo (2000, 610 *apud* ATANAKA, 2017, 39) considera que:

através da análise de erros, o professor pode entender as dificuldades que os aprendizes estão enfrentando, pode perceber como os alunos estão aprendendo e também como ele mesmo, o professor, está ensinando. Adicionalmente, a AE pode evidenciar o tipo de dificuldade dos aprendizes, até que ponto os erros interferem na comunicação e com que frequência são cometidos.

O autor é considerado até hoje como um precursor dos estudos sobre L1 e L2, mas sua ideia de erro foi abandonada em detrimento do estudo das marcas estruturais, foco da presente pesquisa ou do estudo da interferência e da transferência, como visto acima.

Quanto à nossa pesquisa, o que pretendemos não é fazer uma investigação exaustiva para achar e mostrar os “erros”, mas um rastreamento nos textos escritos dos graduandos Marúbo da turma PARFOR/UEA/Atalaia do Norte (AM) com respeito às ocorrências nos níveis fonológico, morfológico, morfossintático, sintático, bem como a estrutura textual para fins específicos. Essas análises devem gerar uma primeira caracterização do Português Marúbo e subsídios para criação de material específico.

1.5.2 Linguística Contrastiva/Análise Contrastiva

Como mencionado na subseção anterior, as ideias de “interferência e transferência” foram desenvolvidas dentro da Linguística Contrastiva (LC), cabendo então entender a que se refere esta área. A LC é um ramo da Linguística que estuda, descreve e compara línguas relacionadas. Segundo Santos (2011, 2), o objetivo da LC é chegar a uma gramática contrastiva que descreva as línguas relacionadas para tentar antever na estrutura dificuldades que se apresentarão aos estudantes, revelando a natureza de tais dificuldades no processo de

aprendizagem. Alguns modelos de análise foram desenvolvidos e apresentados pela LC nas últimas décadas, uma delas foi a AC (cf. SANTOS, 2011).

A AC surge no centro do behaviorismo, foi proposta por Fries (1945 *apud* FERNANDES, 2011) e Lado (1957 *apud* CORDEIRO, 2008) em meados do século XX (cf. FERNÁNDEZ, 2011; CORDEIRO, 2008). Cordeiro (2008, 810) relata que no início, a “Análise Contrastiva utilizava um modelo estrutural no qual fazia inferências de quais erros seriam mais frequentes, a partir das diferenças entre as duas línguas e o professor poderia auxiliar seus alunos para evitá-los”, vistos unicamente como defeitos. Objetivava unicamente encontrar os erros, corrigir os alunos e combater sua prática. Segundo *Merinero* (2006, 432):

El análisis contrastivo (AC) nace a comienzos de los años cincuenta a partir de las teorías conductistas y su metodología de trabajo se apoya en la convicción de que «la primera causa, e incluso la única, de las dificultades y de los errores en el aprendizaje de una lengua extranjera es la interferencia de la lengua materna del aprendiz» (Lee 1968, en Fernández, 1997: 15) Así pues, en su versión más fuerte, todos los errores podían pronosticarse identificando las diferencias entre la LM y la L2: no se tomaba en consideración el análisis de la producción del no nativo, dejando de lado la posibilidad de observarla como un sistema. Tal como señala Baralo (1999: 36) «este tipo de análisis consideraba que el aprendizaje se produce por una transferencia de hábitos de la LM a la L2 y que esta transferencia será positiva en los casos en que coincidan las estructuras de ambas lenguas y negativa si hay diferencias entre los dos sistemas». Posteriormente, Wardhaugh 1970 propuso abandonar la idea de prever los errores y comenzar a explicarlos.

Cordeiro (2008, 805) observa que a AC “considera os “erros” da língua estrangeira são consequências de transferência de fatores da língua materna para a língua alvo”, e entra em conformidade com *Merinero* (2006). Fernández (2011, 4) explica, por sua vez, que a AC

é uma metodologia que compara duas línguas, geralmente a língua materna (LM) do aprendiz e a língua-alvo que se põe aprender, seja L2 ou LE. Esta metodologia, oriunda dos anos 1940, procura determinar as diferenças entre as duas e, assim, prever as possíveis áreas nas quais os estudantes terão dificuldades no processo de aprendizagem [...].

A autora trata desse modelo a partir de duas hipóteses, que são geradas da distância interlinguística: maior e fraca. Caso a distância entre as línguas seja maior, maior será também a dificuldade para aprender a nova língua, pelo fato da interferência da L1 na L2¹⁰, como é o caso do Português para o Marúbo; se a distância for fraca, como é o exemplo da proximidade entre o Português e o Espanhol, é necessário averiguar a dificuldade (9transferência/interferência) e, a partir daí, dispor da AC para explicar os desvios da norma de

¹⁰ Embora vários autores utilizem o termo Língua Materna (LM), sempre o substituímos por L1, por considerar um termo mais neutro. Mantivemos o uso de LM apenas nos textos citados conforme o original.

uso da língua-alvo, assim o aprendente concebe as diferenças, e nas situações cotidianas as utilizam conforme sua necessidade.

Em suma, a Análise Contrastiva deixa de ocupar-se apenas com a AE de L1 e L2 evidenciando-os e passa a uma análise explicativa, porque os investigadores dos “desvios” dos aprendentes passaram a explicar uma parte deles considerando as semelhanças e diferenças entre as línguas envolvidas (cf. MERINERO, 2006). Sobre essa área de pesquisa, Santos (2011, 3) ressalta:

O modelo de AC [...] postula que uma contrastação linguística pode levar à determinação das diferenças e similaridades entre duas ou mais línguas (...) [sic] usando os resultados para corrigir e preparar a programação, assim como a produção de material didático e para a melhoria dos técnicos de ensino.

[...]uma análise contrastiva que se queira eficaz, pressupõe um professor eficientemente bilíngue, pois o contraste requer conhecimento da estrutura linguística de ambas as línguas, para constatar os pontos diferentes e/ou semelhantes verdadeiramente importante no processo de ensino/aprendizagem. Não se trata de comparações aleatórias, não é esse o objetivo da AC, pelo contrário, o processo exige capacidade linguística, análise de corpus e objetivos prévios.

Sobre a aplicação da AC empregada ao contexto indígena, Monserrat (1994) faz apontamentos e ilustrações em seu artigo “O que é ensino bilíngue: a metodologia contrastiva” e trata da formação de professores indígenas e o importante e efetivo papel do linguista frente ao ensino da L2. A autora (*Op. Cit.*, 15) afirma ainda que essa metodologia,

[...] na formação de professores indígenas permitiria que se fossem processando e sistematizando – ao mesmo tempo em que se aprendem as estruturas gramaticais do português – as estruturas, muitas vezes ainda não abordadas em nenhum estudo linguístico, de suas línguas maternas

Os estudantes poderiam por exemplo, analisar contrastivamente certos campos léxicos na sua língua e na estrangeira (língua indígena e português, no nosso caso), comprovando como esses campos refletem estruturas de pensamento e comportamento, como os termos emprestados de outras línguas se ajustam a necessidades culturais, etc. o grupo poderia ser conduzido também de como os conceitos elementares de estado, tempo, processo e causalidade são codificados de maneira diferente segundo a sintaxe da língua; ou como diferentes relações sociais se codificam em termos de direções em diferentes línguas e como estas são utilizadas para expressar valores de poder e solidariedade.

Nessa perspectiva, o aluno trabalha a linguística contrastiva envolvendo a sua experiência com a L1 e agora passa a conhecer a segunda língua observando as diferenças e/ou semelhanças “da sua língua e da língua do outro”, como também “da sua cultura e da cultura do outro”. Isso torna a metodologia contrastiva interessante. Importante ainda ressaltar

que, como vemos nos trechos citados, a AC é fortemente relacionada ao Ensino de Línguas e, por isso, é recorrente a menção ao trabalho com alunos em sala de aula.

A autora fala ainda que o linguista tem um papel fundamental nesse processo, principalmente em apoio, como um assessor, ao aluno e ao professor indígena. Ela apresenta o papel do linguista e um pouco do seu trabalho como assessora. Podemos explicar que um dos papéis do linguista é coordenar e ministrar cursos linguísticos, distribuir e explicar tarefas aos aprendentes, como por exemplo, distribuir tarefas de modo que se debrucem sobre as estruturas linguísticas da L1 e da L2, para que depois apresentem os resultados em grupos formados por indivíduos da mesma etnia. Eles podem apresentar a sua etnia a todos, mostrando em mapas, a localização, a demografia, a língua, a família linguística a que pertencem etc. ao final, o linguista faria uma discussão de todas as apresentações na língua indígena dos grupos ou com apoio de intérprete (cf. MONSERRAT, 1994).

Os indígenas participantes de palestras/cursos/seminários poderão realizar tarefas escritas sob a coordenação do linguista. A esse respeito, Monserrat (1994, 15) considera que o linguista poderá ajudá-los a contrastar a escrita da língua materna com a língua portuguesa, no que se refere a “alguns aspectos gramaticais (morfológicos e sintáticos) e fonológicos da língua, como o paradigma possessivo nominal, o sintagma número/pessoa no verbo, a pluralidade nos nomes, os modos verbais, entre outros”. Dessa ideia poderá surgir materiais ilustrados, que podem se tornar livros de leitura e ajudar na alfabetização das crianças das duas localidades. Em outras ocasiões, os professores indígenas, juntamente com seus alunos, podem confeccionar dicionário da própria língua materna e/ou um dicionário contemplando as duas línguas (cf. MONSERRAT, 1994), esse material, também, ajudaria no ensino-aprendizado das línguas envolvidas na comunidade. Considera ainda que:

O trabalho com a sistematização gramatical da língua indígena – sempre numa abordagem contrastiva com o português – quer “matar dois coelhos em uma só cajadada”: por um lado, visa à feitura de gramáticas descritivas e pedagógicas das línguas em foco; por outro, através da compreensão e paulatino domínio das estruturas gramaticais do português, pretende contribuir para que os índios na escola atinjam mais rapidamente aquele “sentimento da língua” portuguesa que lhes permitirá não apenas “entender a cabeça do branco”, mas também moverem-se como cidadãos no terreno da língua oficial e das múltiplas culturas do país comum de índios e não-índios, o Brasil (*Op. Cit*, 1994, 17).

Trabalhando isso na sala de aula, o objetivo se resume em os próprios alunos levarem às suas malocas/casas e distribuam tal conhecimento a toda comunidade. Mas, segundo Monserrat (1994, 16) “é imprescindível que os professores indígenas se tornem, além de tudo o que necessitam saber e fazer, também pesquisadores de suas próprias línguas”. Se isso for

feito, “aí sim, a Educação Escolar Indígena, pelo menos no que se refere a linguagem, poderá ser chamada, com propriedade, de intercultural e bilíngue” (*Op. Cit*, 17).

1.5.3 Português Indígena

O Português Indígena, segundo Peixoto (2020, 48), é um nome dado ao “uso feito do Português do Brasil por indivíduos de diferentes grupos étnicos, [...] surge do contato do PB com as línguas dos primeiros povos do Brasil”. Resultados de pesquisas dos últimos anos sobre o Português Indígena evidenciam presença forte de traços de L1 sobre a L2 tanto na fala quanto na escrita (cf. AMADO, 2015). Peixoto (2020, 46) esclarece que as características da aquisição de L2 se dão “por meio da presença dos mecanismos de transferência linguística, supergeração linguística e geração de novos elementos sonoros e gramaticais que podem surgir da situação de contato do português brasileiro com as línguas dos primeiros povos”.

O Português Indígena é uma temática que tem despertado interesse de pesquisadores nos últimos anos, e têm poucos trabalhos desenvolvidos sobre este assunto (cf. PEIXOTO, 2020; BONIFÁCIO, 2019; CHRISTINO, 2020; PICANÇO e LUCHESI, 2020). A esse respeito explica Bonifácio (2019) que, apesar do tempo de contato do PB com as línguas dos indígenas ainda são poucos os trabalhos específicos, como por exemplo, o português falado por povos indígenas e seus respectivos efeitos. Mas os trabalhos já realizados são relevantes, e ela apresenta um panorama de alguns destes. Bonifácio (2019, 67) especifica os trabalhos feitos da região norte do Brasil dizendo que:

Na região norte do país, temos alguns trabalhos representativos, como o de Ferreira (2005), que analisa os efeitos do contato linguístico entre o português e a língua indígena Parkatêjê (Timbira); o de Christino (2015), que apresenta aspectos relacionados à concordância de gênero no interior do sintagma nominal do Português Huni-Kuin e o de Ribeiro (2018), que analisa a variedade do português brasileiro falada em Oiapoque/AP pelos oiapoqueenses, falantes monolíngues de português; pelos franceses, bilíngues francês-português, bem como pelos não-bilíngues, usuários de francês L1 e português L2; e pelos indígenas, bilíngues kheuól-português, bem como pelos não-bilíngues, usuários de kheuól L1 e português L2. A análise de Ribeiro (2018) focaliza o processo de concordância de número nos itens do sintagma nominal.

O trabalho de Bonifácio (2019) intitulado “Contato linguístico Tikuna-Português no Alto Solimões-Amazonas: um estudo sobre a variedade de português falada por professores Tikuna” foi apresentado, no primeiro capítulo desta dissertação, na subseção 1.3.1, e nesse, especificamente, ela conclui que:

[...] o português Tikuna “não é a formação de uma nova língua, mas é uma variedade que surgiu a partir do contato e que tem maior proximidade, no nível morfosintático, da variedade falada pelos nativos do PB, no entanto, guarda íntima relação com a L1 dos falantes (Tikuna) no nível fonético-fonológico, caracterizando assim, uma variedade particular, a que intitulamos Português Tikuna (PT) e que também é marca de identidade~indexical desse grupo étnico (*Op. Cit*, 248).

O uso do português de contato por povos indígenas se dá de modo alternado, ou seja, no seu dia a dia eles usam a sua língua materna e numa ocasião de necessidade de uso do português, usam o português. Observei nos anos em que trabalhei nas escolas públicas em Atalaia do Norte que os estudantes, tanto do Ensino Fundamental quanto do Ensino Médio se comunicavam na sua língua nativa entre si, e mediante ao outro contexto (presença de brasileiro não indígena) faziam uso do Português Regional.

Observando outros trabalhos, como os de Braggio (2015), Sampaio (2012), Amado (2012), Souza e Amado (2011), Castro *et al.* (2001) etc., que desenvolveram pesquisas sobre o Português Indígena, ou melhor, português como segunda língua, notamos em suas conclusões que, a L1 manifesta-se na L2 naturalmente, principalmente se a L2 foi adquirida na fase adulta da pessoa, e é nessa perspectiva que esperamos encontrar, na nossa análise, com base na LC e na metodologia da AC, os casos de interferência da Língua Marúbo na variedade do Português falada pelos Marúbo. No capítulo seguinte apresentamos dados da vida do povo Marúbo de antes, durante e depois do contato com a população envolvente, como também, informações da região onde os Marúbo se localizam.

CAPÍTULO 2 - O POVO MARÚBO

No presente capítulo, apresentamos um panorama geral sobre o povo Marúbo, contextualizando desde sua classificação linguística até os aspectos da sua história de contato e da sua vida tradicional e contemporânea, passando por aspectos políticos e educacionais. Ao considerar que, em certo sentido, aprender uma língua implica questões socioculturais, o presente capítulo visa situar o leitor com relação a esses aspectos que são relevantes para compreender como se chega ao Português Marúbo, objeto deste estudo. Nesse sentido, importante é mencionar Cordeiro (2018, 804) o qual explica que, para quem

Aprender uma língua estrangeira, ou seja, a língua do outro, não se limita a questões linguísticas. Ao aceitar essa nova língua, o indivíduo aceitará também a cultura do povo falante do idioma. É, portanto, um processo de enriquecimento sociocultural no qual o aprendiz não só terá contato com a língua, mas também com os modos de viver de outra cultura. Língua e cultura são indissociáveis, não se pode trabalhar com um prescindindo o outro.

2.1 A família linguística Páno

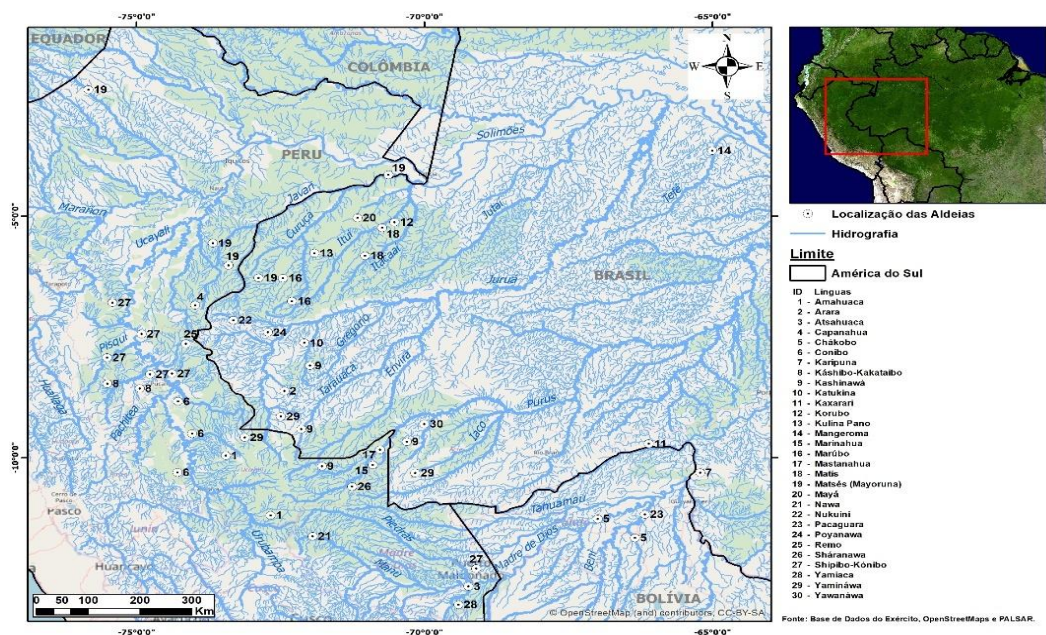
A família linguística Páno pertence ao tronco linguístico denominado Páno-Takana com falantes no Brasil, Peru e Bolívia (cf. COSTA, 1992; OLIVEIRA, 2014). Segundo Ferreira (2000, 21), “no Brasil, os falantes de línguas Pano estão concentrados nos estados do Amazonas, Acre e Rondônia”. A família linguística Páno é constituída por aproximadamente trinta línguas (cf. VALENZUELA e GUILLAUMME 2017; FLECK, 2013; ERIKSON, 1992), sendo uma parte delas considerada extinta. Segundo Oliveira (2009, 28) “a família Páno foi referida na literatura, pelo menos, desde 1888, e de *la Grasserie* teria sido o primeiro autor a considerar o Páno como uma família linguística”. No Vale do Javari, a família Páno conta com cinco línguas: Matís, Kulina do rio Curuçá, Matsés (Mayorúna), Marúbo e Kórubo, além de referências a indígenas isolados que podem ser falantes de línguas desta família.

Durante todo o século XX, a família Páno foi objeto de estudo de antropólogos e de linguistas, os quais classificaram e subdividiram as línguas da família de forma distinta. Um estudo crítico e bastante amplo sobre as propostas de classificação da família pode ser encontrado em Oliveira (2014). Mais recentemente, Valenzuela e Guillaume (2017), dedicaram um artigo apontando as relações entre a família Páno e a família Takána, fazendo um breve apanhado sobre o estado da arte das pesquisas em cada família e sobre as pesquisas que consideram a relação entre os 2 agrupamentos. *Valenzuela e Guillaume* (2017, 3) afirmam que:

El nombre Pano designa a una de las familias lingüísticas más conocidas de la Amazonia occidental compuesta por una treintena de lenguas del oriente del Perú (departamentos de Loreto, Ucayali, Huánuco, Madre de Dios y Cuzco), occidente de Brasil (estados de Acre, Amazonas y Rondônia) y norte de Bolivia (departamentos de Beni y Pando). El término pano significaría ‘armadillo gigante’ (*Prodonotomys maximus*) (Tessmann 1999: 58). Se calcula que dieciocho idiomas pertenecientes a esta familia continúan siendo hablados hoy en día, siendo apenas doce de ellos utilizados en la vida cotidiana (Fleck 2013: 9).

Welper (2009, 27) considera que as línguas Páno pertencem a [...] “um conjunto cultural e histórico mais homogêneo, constituído por povos dos interflúvios que compartilharam territórios e foram submetidos, ao menos nos dois últimos séculos, a experiências similares de contato e integração à economia envolvente”.

Figura 1 - Povos Páno



Fonte: Mapa elaborado por Heitor Paulo de Lima para artigo de Valenzuela e Oliveira (em preparação)

Valenzuela e Guillaume (2017, 18) classificam a Língua Marúbo em seu subgrupo 4, denominado Marubo-Katukina e que tem como membros apenas as 2 línguas que dão nome ao subgrupo. Este subgrupo relaciona-se com outros 5 subgrupos dentro do que os autores denominam como “Rama Centro-Sureña”. Abaixo, apresentamos a classificação dos autores:

I. RAMA NORTEÑA

matsés/mayoruna

kulina

korubo

matis

II. RAMA CENTRO-SUREÑA

Subgrupo 1: Pano Ucayalino

shipibo-konibo

kapanawa

Subgrupo 2: Pano de las Cabeceras

amawaka

kashinawa

complejo dialectal **yaminawa**(yaminawa, murunawa, chitonawa, parkenawa, shanenawa, sharanawa, marinawa, mastanawa, chan[d]inawa, shawannawa (arara), yawanawa

Subgrupo 3: Pano Sureño

chakobo/pakawara

Subgrupo 4: Marubo-katukina

marubo

katukina

Subgrupo 5

poyanawa

iskonawa²³

nukini

nawa (del río Môa)

Subgrupo 6: Pano Sudoriental

kashararí

III. RAMA OCCIDENTAL O PREANDINA

kashibo-kakataibo

2.2 História do povo Marúbo (pré contato)

Nesta seção, desenvolvemos subseções que tratam da denominação e autodenominação Marúbo, dos primeiros contatos com a população envolvente, união dos povos remanescentes e origem Marúbo, aspectos da vida tradicional desse povo com relatos do seu modo de vida, que apesar do tempo de contato com a população não indígena tem preservado sua cultura, língua e religião.

2.2.1 Denominação e Autodenominação

Embora o povo Marúbo seja tido como uma unidade, há uma longa discussão sobre sua origem e os antropólogos que se dedicaram à questão trabalham com a hipótese de que a formação do povo Marúbo se deu entre 1940 e 1960. Welper (2009, 63) concluiu, em sua tese, que “a organização social Marúbo é resultado de uma dinâmica histórica caracterizada pelas fissões e uniões de segmentos sociais linguisticamente e territorialmente diferenciados, que teve como base lógica de funcionamento o sistema de parentesco das seções matrimoniais.”

Marúbo não é um termo autodenominado. Durante a história, houve diferentes formas de se referir ao povo. Melatti e Melatti (2005 [1975]) chamam atenção para o fato de que o termo Mayoruna utilizado no mapa etno-histórico dos índios do Brasil de Curt Nimuendajú (1944) possa também se referir a outros povos “de aparência semelhante”. Por outro lado, segundo os autores, na década de 1970, vários grupos indígenas da região, alguns ainda em processo de atração, foram denominados como Marúbo. O termo mais próximo de uma autodenominação é *yora*, mas Melatti e Melatti (*Op. Cit.*) esclarecem que o termo é utilizado para se referir “aos indígenas de forma geral”.

Foi a partir do relatório de Melatti e Melatti (*Op. Cit.*) sobre os índios Marúbo em 1975 que se distinguiu com precisão por parte da população não índia os Marúbo das demais etnias da bacia do Javari. Segundo Welper (2009, 23), antigamente, a palavra Marúbo possuía variantes registradas historicamente em diversas fontes, como se pode ler no quadro abaixo adaptado da tese da autora:

Quadro 1 - Denominações históricas do povo Marúbo

Denominações	
Moruas	Acuña (1641, p. 25)
Marovas	Castelnwu (1851, p. 40)
Marobas	Raimondi (1862 <i>apud</i> Steward e Metraux, 1948, p. 552)

Marugos	Cunha Gomes (1897 <i>apud</i> Pessoa, 1985)
Maropas, Marubas, Marobos, Marahuas	Tessman (1930, p. 582)

Fonte: Welper (2009)

Sobre o significado do termo Marúbo, Welper (2009, 23) cita Erikson (1999), para quem o termo seria uma palavra dos povos Pános do ramo Setentrional utilizada para fazer referência aos seus vizinhos e cujo significado seria “os calvos”.

2.2.2 Os primeiros contatos dos Marúbo com a população não indígena

A origem do povo Marúbo é também tema de amplo debate entre pesquisadores e pode apresentar versões não convergentes. Em conversa informal com Yura Marúbo¹¹ (neto de Santiago Marubo), este me relatou que os indígenas hoje conhecidos por Marúbo desceram a serra peruana e passaram a conviver e descobrir os afluentes do Javari em tempos remotos. Esse relato pode refletir aspectos da visão Marúbo, mas não há registro histórico dessa migração, embora a memória coletiva Marúbo ainda faça referência aos Inca ou à Língua Inca (WELPER, 2009; MELATTI e MELATTI, 2005 [1975]).

Pelas fontes consultadas (cf. MELATTI e MELATTI, 1975 [1975]; CESARINO, 2008; WELPER, 2009), em linhas gerais, pode-se dizer que o povo hoje conhecido como Marúbo passa de um período de intensa mobilidade na região do Vale do Javari para um período de maior estabilidade em suas localizações atuais. Sua trajetória é ainda marcada pela inserção de indivíduos ou grupos no sistema mercantil dos não indígenas, a partir da exploração do caucho, da seringa e da madeira, e da sua participação no “sistema de aviamento”¹². No caso dos indígenas Marúbo, há evidências de que a primeira inserção nesse sistema se deu com os peruanos que exploravam o caucho na região¹³, depois com brasileiros na coleta do leite de seringueira, ainda no que costumamos denominar como primeiro ciclo da borracha (1870-1910). Os Marúbo se incorporaram no sistema de exploração gomeira, alguns foram empregados, outros patrões, como: Lauro Brasil, Sebastião Francisco, Raimundo Dionízio dentre outros. Serviram seringalistas/comerciantes regatões e foram servidos na troca da borracha e do caucho por mercadorias do mundo ‘não indígena’ (cf. MELATTI, 2018).

¹¹ O indígena que se apresenta como Yura Niwauani Ní-Nawavo Marubo é conhecido no Estado do Amazonas e no movimento indígena por esse nome. Recentemente conseguiu na justiça trocar o nome recebido pelo pai de Hitler para Ni-Nawaro Marubo Comapa Franco.

¹² Sistema de exploração trabalhista e econômica que se constitui na troca da produção do trabalhador explorado por ferramentas, munições, armas, tecidos, comida, etc.

¹³ Melatti e Melatti (1975) explicam a divisão na exploração do caucho e da seringa que ocorreu na região, sendo os peruanos os explorados do primeiro e os brasileiros da segunda.

A intenção de alguns Marúbo, nessa época, era serem patrões, ocupar o mesmo lugar dos “civilizados” na chefia do movimento da borracha. Essa ideia veio surgir, possivelmente nos anos 1930 a 1940, pois o maior preço da borracha caiu em 1945. Assim explica o advogado Eliezio Marubo ao jornalista Matheus Leitão (2020, 2),

que, na época em que os seringalistas dominavam a região, vindos de grandes famílias, ‘a ideia dos caciques era tomar o lugar dos patrões, que eram as pessoas que gerenciavam as estradas de seringa, mas eles não sabiam português e não conheciam dinheiro’[...] ‘Então o meu avô mandou as pessoas para a cidade’.

Segundo Gaudeda (1991 *apud* WELPER, 2009, 83), em 1920 os Marúbo habitavam um barracão chamado Lontananza e “falavam Inca”, enquanto nas cabeceiras dos igarapés Gregório e Preto, viviam os Kaxinawá e os Kanamari. Essa informação localizaria os Marúbo na região do Jaquirana (nome dado ao alto curso do Rio Javari) no início do século XX. Por outro lado, os autores apresentam longa narrativa para mostrar que os Marúbo migraram da região do afluente do rio Jaquirana denominado como Batã até as proximidades do rio Maronal e do rio Arrojo, este último próximo ao rio Ituí. Welper (2009, 83) informa que os “Marubo que trabalhavam na boca do Batã e tinham como – patrão - o peruano José Encarnación teriam migrado daí para o Arrojo e, em seguida, para o Maronal, onde morava o seu “padrinho”, Nestor Cárdena, que vendia produtos industrializados.

Ainda nesses primeiros contatos, os Marúbo tiveram seus primeiros patrões, provavelmente “peruanos”¹⁴. Segundo Melatti e Melatti (2005 [1975], 16), “um dos primeiros missionários a entrar em contacto com os Marúbo, em 1952, ainda encontrou entre eles talões comerciais em *castellano* datados de 1906 a 1912”. Nessa época, há registros de que praticavam comércio com não indígenas na exploração do caucho, como mencionado anteriormente, mas também há registros de exploração da borracha e da madeireira (cf. MELATTI e MELATTI, *Op. Cit.*; MELATTI, 2018). Importante notar que estes contatos históricos fazem parte da memória coletiva da sociedade Marúbo, aparecendo em relatos colhidos por Welper (2009, 87), segundo que:

No que tange à história do contato, a memória social marubo destaca três qualidades de eventos, que podem ser cronologicamente sobrepostos: as trocas por ferramentas de metal com os “Inca”, **a chegada dos caucheiros “Txamikoro” e a entrada dos civilizados (peruanos e brasileiros, caucheiros e seringueiros)**. (grifo nosso)

¹⁴ Na região é comum o uso do termo peruano para designar genericamente falantes de língua espanhola, principalmente quando se refere a questões históricas.

Após esse período de contatos entre o fim do século XIX e início do século XX, aparentemente, há um recuo do povo Marúbo, retornando a um modo de vida mais semelhante ao período anterior a sua inserção no sistema de exploração da borracha. Depois da queda da borracha, voltaram à selva bruta, a viver dos frutos coletados, de plantios do milho, mandioca, banana, da caça e da pesca. Após esse período sem contato, há o reestabelecimento das relações dos Marúbo com a sociedade envolvente a partir do contato oficial com a Missão Novas Tribos do Brasil, no ano de 1952, (cf. MELATTI, 2005 [1975]; WELPER, 2009).

Ainda que se identifique o início das relações com a Missão Novas Tribos do Brasil (MNTB) como o contato oficial, é inegável que os Marúbo têm uma história de mais de 100 anos de contato com a sociedade envolvente, considerando-se também as relações de conflitos e guerras. Quanto à chegada dos missionários na bacia do Javari, especificamente aos Marúbo, esta se deu em 1952, quando Robert Allen¹⁵ e José Moreno foram em busca dos Marúbo nas cabeceiras do rio Curuçá¹⁶ (MELATTI e MELATTI, 2005 [1975]; WELPER, 2009). Welper (*Op. Cit.*) registra que não teve uma versão dos missionários, mas obteve apenas uma carta de Ruth Allen (esposa de Robert Allen) sobre a sua primeira viagem aos Marúbo, em 1953.

Em resumo, segundo o ISA (2008) o histórico do povo Marúbo com a população envolvente se divide em três fases:

- 1) Final do século XIX - marcada pela presença de peruanos que descem os rios em busca do caucho (vegetal de terra firme, diferente da seringa);
- 2) Décadas de 1930 e 1940 - quando se retiram para as regiões mais altas e distantes dos cursos maiores dos rios da bacia do Javari e quando ocorre a reorganização social promovida por João Tuxaua;
- 3) 1952 - início do contato oficial com a Missão Novas Tribos do Brasil e, posteriormente com a FUNAI ocorrido pela transição dos Marúbo entre o povo não indígena dos rios Juruá e Ipixuna - pela falta de instrumentos de metal os Marúbo voltam a procurar os brancos.

Melatti e Melatti (2005 [1975], 16) reforçam a ideia da periodização apresentada acima, ressaltando o fato de os Marúbo terem passado por intenso contato com não indígenas e terem voltado à condição de isolados antes do contato oficial:

¹⁵ Conhecido como Roberto Americano.

¹⁶ Há versões divergentes sobre o local onde foram feitos os primeiros contatos.

O mais curioso da história das relações dos Marubo com os brancos é que, depois de umas quatro dezenas de anos de contacto com peruanos e brasileiros, produzindo sobretudo o caucho para trocar com estes por produtos industrializados, os Marubo voltaram novamente à condição de índios isolados. Devem ter ficado assim cerca de duas décadas. Júlio e Raimundo nos contaram que nesse período faltavam espingardas, munição, machados. Voltaram a fazer flechas; tornaram a comer sem sal. Até que resolveram procurar novamente os civilizados.

Sobre os contatos, ainda que não se trate de contato com não indígenas, é importante mencionar os conflitos entre Marúbo e Mayoruna, pois, segundo Melatti e Melatti (2005 [1975]) e Welper (2009), foi a partir de um conflito com os Mayoruna que a sociedade Marúbo passou a se dividir entre o Curuçá e o Ituí, como vivem atualmente. Conforme Melatti e Melatti (*Op. Cit.*, 11):

Por volta de 1960, bem antes de sua atração, que é recente, um grupo desses índios, navegando o Curuçá em cochos de paxiúba, encontrou alguns Marubo (do grupo que visitamos) que procuravam ovos de tartaruga. Convidados pelos Marubo a participarem de sua refeição, os Mayoruna de repente matam um dos Marubo e na confusão estabelecida raptam três mulheres, roubam as canoas, a farinha e outros alimentos. Um dos Marubo viu os Mayoruna descerem o Curuçá e enveredarem pelo igarapé Amburus. Os Marubo compraram, então, armas e munições num seringal da boca do Ipixuna, no Juruá, e atacaram os Mayoruna, matando quatorze deles. Com medo de uma revanche, parte dos Marubo passa do Curuçá para o Ituí.

Os autores se referem aos Mayoruna ao dizerem “um grupo desses índios”. Como é possível notar, foi a partir desse conflito que alguns Marúbo se deslocaram e ocuparam permanentemente as margens do rio Ituí, embora seja possível que já conhecessem esta área, pois há informações de que ocupavam a região do rio Arrojo, cujas cabeceiras se aproximam do rio Ituí. Portanto, a configuração espacial e social do que hoje denominamos Marúbo é, segundo os relatos colhidos por etnógrafos, uma formação bastante recente, resultante de fatores de desintegração e de integração. Segundo Cesarino (2008, 135):

A formação da sociedade hoje conhecida como “marubo” (e de tantas outras ameríndias) esconde uma configuração relacional característica da Amazônia ocidental, marcada por uma complexa rede de trânsitos e circulações que, desde os tempos pré-colombianos, parece determinar os modos de se atuar e refletir sobre a alteridade, os impactos da presença dos brancos e da urbanização. Em outros termos, “marubo”, um nome dado para um determinado coletivo pela história da relação com os invasores brancos e peruanos, é algo distinto das hordas de caçadores e coletores perdidos na selva, ou de sociedades atômicas isoladas, fechadas em si próprias.

Na presente dissertação, utiliza-se a palavra “Marúbo” para referir-se ao povo indígena que ocupa as cabeceiras dos rios Ituí e Curuçá e aos indígenas provenientes das comunidades

localizadas nessa região, que residem no município de Atalaia do Norte ou em outras áreas urbanas. O uso do termo não ignora sua história, mas serve como uma ferramenta útil para situar uma unidade social, cultural e política contemporânea, ainda que proveniente de origens diversas e da fragmentação e reunião de outros grupos. Com isso em mente, na seguinte seção, aprofundaremos um pouco mais nas questões que levaram à unificação do povo Marúbo.

2.2.3 Dos remanescentes à origem do povo Marúbo

Segundo as histórias relatadas pelo povo Marúbo e registradas por Melatti e Melatti (2005 [1975]), por Cesarino (2008) e por Welper (2009), o povo Marúbo se originou da união de vários povos. Esse fato é interessante também para as questões linguísticas, pois os indígenas Marúbo relatam frequentemente que não falam a sua língua original, mas outra língua modificada.

As dinâmicas estabelecidas na segunda metade do século XIX (desagregação) e na primeira metade do século XX (reunião) explicam a atual configuração dos povos Marúbo na cabeceira do rio Curuçá (cf. MELATTI e MELATTI, 2005 [1975]; CESARINO, 2008; WELPER, 2009) e por volta de 1960 algumas famílias passaram a habitar o rio Ituí, após desentendimento com um grupo de Mayoruna (cf. CESARINO, 2008). De acordo com Melatti e Melatti (2005 [1975]), Cesarino (2008) e Welper (2009), a reorganização do povo Marúbo se fortaleceu com o comando de João Tuxáua, um poderoso xamã (líder espiritual a quem a comunidade credita poderes sobrenaturais) que reuniu remanescentes de povos diversos (falantes de línguas da família Páno) fortemente afetados por conflitos internos e pela pressão das explorações econômicas na região. A denominação desses remanescentes se valia da representação comum Páno. Segundo Cesarino (2008, 135):

Os nomes provenientes de antigos grupos tribais transformam-se então em segmentos de uma nova morfologia social [...], tais como Povo-Azulão (Shanenawavo), Povo-Sol (Varinawavo), Povo-Jaguar (Inonawavo), Povo-Japó (Rovonawavo), Povo-Arara (Shawānawavo), entre outros. É assim que o sistema social acaba guardando de maneira particular os vestígios da diversidade anterior. Tal diversidade se faz notável, por exemplo, no papel central que a oratória e a diplomacia possuem na vida social, bem como nas próprias comparações com os brancos: “somos como vocês, que se dividem em portugueses, brasileiros, peruanos, americanos...”. A diversidade característica da formação da sociedade marubo faz dela um intrigante exemplo das redes que constituem a paisagem ameríndia e, em nosso caso, a Amazônia ocidental.

[...] No final do século XIX e começo do XX, João Tuxáua passa a reunir os povos dispersos sob a perspectiva do parentesco e do xamanismo: faz com que as pessoas deixem de guerrear entre si e as estimula a adotar um *modus vivendi* baseado no

trabalho em grandes roçados, na elaboração de grandes festivais (saiki) e no aprendizado de um vasto conhecimento mitológico e xamanístico.

É bastante provável que até a intervenção do João Tuxáua deva ter ocorrido uma grande redução dos povos que deram origem ao que hoje denominamos como Marúbo. Esta redução pode ter ocorrido devido a conflitos com outros povos, a conflitos internos e a disputas por mulheres, como no caso do conflito com os Mayorúna mencionado anteriormente. Embora a motivação das mortes não tenha sido somente por conflitos entre indígenas, na perspectiva Marúbo são esses conflitos os principais fatores que concorrem para sua redução, como pode ser observado em Welper (2009, 19):

As narrativas marubo sobre o tempo do caucho, ao contrário do discurso político-indigenista contemporâneo, amenizam o papel dos brancos em seu extermínio. Embora descrevam correrias e massacres, a ênfase dessas narrativas recai sobre o fato de que os próprios povos “se acabaram” (arise keyoai) por brigarem entre si (vatxi nanãin) e matarem-se por mulheres e vingança (kopi), definindo-se nesta perspectiva muito mais como agentes de sua própria destruição do que como vítimas do processo de dominação.

É nesse contexto que os etnógrafos que trabalharam com os Marúbo (cf. WELPER, 2009; CESARINO, 2008; MELATTI e MELATTI, 2005 [1975]) são unânimes em enfatizar o papel de João Tuxáua, que teria “criado-transformado” o povo Marúbo por meio de “intervenção xamânica” e utilizando o “poder de sua ‘fala boa’”, colocando fim às guerras que havia naquela época. Para Welper (2009, 21),

o “movimento” de João Tuxaua representou um processo de reforma social, revelador, por sua vez, de uma noção particular de história (que não se reduz aos fatos experimentados no mundo dos homens), de agência (que não se reduz à capacidade e à ação humanas) e de transformação (que implica uma atualização-replicação cosmológica). São estas idéias [*sic*] que conferem sentido ao processo que faz de João Tuxaua o protagonista de qualquer discurso sobre a formação do povo marubo. Não obstante a atuação de outros eminentes chefes, é a ele, e somente a ele, que se atribui o título de “criador do povo marubo” (yora shovimaya).

2.2.4 Alguns aspectos da vida tradicional Marúbo

Os Marúbo tradicionalmente usam adereços no corpo que são feitos pelas suas mulheres, além de usarem tatuagens no rosto e pinturas corporais. Esses traços são comuns aos povos da Área Etnográfica denominada por Melatti (2009, 42) como Javari e Alto Juruá. Apesar de ser um traço comum, os Marúbo acreditam que o uso de adereços, principalmente

os feitos de Caramujo (conhecido na região como Aruá), os distingue dos demais povos da bacia do Javari, como pode ser lido em texto da UNIVAJA (2020, 1):

O povo Marubo se distingue das etnias pelos adereços que utiliza. Os homens e as mulheres utilizam um cordão, de várias voltas, o qual é feito de caramujo (Aruá), uma cinta larga confeccionada por pequenas placas de caramujo e/ou por placas minúsculas de palmeiras da região, que variam entre o cocão, jarina ou pupunha. Homens e mulheres utilizam, também, um cordão atravessado de um lado a outro do nariz (septo nasal), confeccionado com placas minúsculas de caramujo (Aruá). O formato é outro diferencial em relação às demais etnias.

Figura 2 - Adereços masculinos Marúbo



Fonte: @indiosmarubo (Instagram)

Figura 3 - Adereços femininos Marúbo



Fonte: @indiosmarubo (Instagram)

Segundo Melatti (2019), os Marúbo costumam morar em malocas (*shovo*), sendo que cada maloca representava uma aldeia. Para o autor, a maloca é a casa principal, e é o lugar de abrigar as famílias, principalmente em dias de festas. Sobre o material utilizado, o antropólogo comenta que são cobertas de palhas de jarina da cumeeira ao chão. Após o contato, os Marúbo modificaram sua forma de habitar e Melatti e Melatti (1986; 2005 [1975]) já registravam a presença de “jiraus”, casas erguidas sobre conjunto de colunas sustentáveis, cujas paredes são construídas com paxiúba, teto de palha (mas hoje também há com teto de zinco). Essas casas serviam mais como depósito, no tempo em que os antropólogos fizeram seu trabalho de campo. Melatti e Melatti (1986, 42) explicam que,

as amalocas variam em suas dimensões: aquelas medidas por nós tinham desde 9 até 31 metros de comprimento e de 7 até 17 metros de largura. O número de seus moradores também é variável: há malocas com menos de 10 e outras com mais de 40, mas a maioria delas têm um número que fica entre 20 e 30. Convém notar que alguns grupos domésticos Marúbo não vivem em malocas, mas em casas sobre pilotis, chamadas de “jiraus” no português regional e de *tapo* na língua Marúbo. [...] A maloca se constrói geralmente no alto de uma colina. A alguns metros da maloca, em torno do cimo da colina, se levantam jiraus (*tapo*) [...].

Um aspecto interessante registrado por Melatti e Melatti (2005 [1975]) é que em todas as aldeias as malocas são feitas sempre da mesma maneira, com as mesmas técnicas e materiais. Ao descrever a organização das aldeias, os autores esclarecem que a maloca central fica sob os cuidados do líder da aldeia (*Kakaya*), e há vários jiraus menores ao redor dela, na organização que se estabeleceu após o contato. Na descrição dos antropólogos acima mencionados, cada maloca tem seu dono e um trocano, que serve para avisar outras aldeias sobre as festas, responsabilidade do chefe da aldeia. Cesarino (2008, 136) afirma que atualmente “[...] o uso de malocas se alia à manutenção de um xamanismo ativo, cujas características muito têm a ver com as multiplicidades e diplomacias que constituem as redes ameríndias desde tempos imemoriais.”

Figura 4 - Ilustração de Maloca Tradicional Marúbo



Fonte: <http://www.jruedas.net/>

Sobre a união amorosa, Melatti (2018) e Melatti e Melatti (2005 [1975]) observam que geralmente o homem Marúbo possui mais de uma esposa, preferindo irmã/s da própria esposa ou mulher/es do mesmo grau de parentesco, ou seja, a poligamia sororal é culturalmente aceita. Mas a primeira esposa “é a que tem maiores obrigações sociais (fazer a comida, receber e atender a visita do marido) e com quem o marido permanece mais tempo. Em trabalhos coletivos, parece que as outras esposas têm maiores encargos do que ela.” (cf. Melatti e Melatti 2005 [1975]).

Segundo Melatti e Melatti (2005) [1975], o namoro,

se resume em um ficar olhando para o outro, de longe. Se a mulher for casada, brigam e o marido dá a esposa ao interessado. Mas sempre há um homem que interfere na separação do casal, alegando algum motivo. Os homens sentem-se envergonhados quando as mulheres olham para eles.

O esposo é o responsável por abrir o roçado e por dividir em partes às suas esposas, de modo que cada uma cuida do seu pedaço. Homem solteiro e homem viúvo não têm roça, mas observa-se que os jovens ajudam no plantio (cf. Melatti e Melatti, 2005 [1975], 30). A partir dos textos consultados, pode-se inferir que cada esposa, dentro da maloca, ocupa um *Chanã* com seus filhos e, na hora das refeições, elas se unem para prepararem a comida. Abaixo, apresentamos as considerações de Melatti e Melatti (2005 [1975], 47) sobre a questão:

É certo que os homens trabalham na derrubada e sementeira de certos vegetais. Mas as mulheres é que as frequentam quase todos os dias para colher macaxeira e bananas. Além disso, a roça é dividida em partes, cada uma atribuída a uma mulher. Geralmente as partes das filhas ficam junto da parte da mãe e são vizinhas as roças das esposas de um mesmo marido.

Há que se observar ainda que as mulheres não se sentam no centro da maloca, onde fica um banco chamado *Kenã*, espaço reservado aos homens, principalmente nas refeições (cf. MELATTI e MELATTI, 2005 [1975]).

Há diferenças nas atividades laborais entre os homens e as mulheres. Como atividades tipicamente femininas cabem os cuidados com a casa, a fabricação de cerâmica entre outros. Conforme Melatti e Melatti (1986; 2005 [1975] *et al.*),

às mulheres cabem o cuidado das roças, a colheita da banana e da macaxeira, a confecção de cerâmica, das maqueiras (redes de dormir de malhas largas) de tucum, das saias justas de algodão. Também a cozinha, notável pela variedade e elaboração dos pratos, bem como a ordem e ocasião apropriada de sua apresentação. Elas dedicam uma boa parte de seu tempo à confecção de contas de caramujo aruá, de quem fazem os colares, pendentes, talabartes, indispensáveis ao modo de bem se apresentar dos Marúbo. A pintura corporal, tanto a de caráter estético como a de finalidade mágica, é feita pelas mulheres.

Segundo os autores, elas também são responsáveis pelas pinturas corporais (*Kene*) feitas em formas geométricas. Pintam a cabeça e as partes do corpo (braços, pernas, peitoral, costas, etc). A imagem abaixo, na Figura 6 mostra uma pintura tradicional Marubo feita recentemente por Altina Marubo, dona de casa que aprendeu a arte da pintura com sua mãe.

Figura 5 - Pintura corporal Marúbo com uso do jenipapo



Fonte: Heene Maya Marubo e Yura Marubo

De acordo com as fontes consultadas (cf. MELATTI e MELATTI (2005 [1975]; CESARINO, 2008 e WELPER, 2019) já há algum tempo que não se vê mulher sendo ou

exercendo chefia nem nos ritos religiosos, nem na liderança de qualquer outra função nas aldeias, os cargos de liderar na sociedade Marúbo é dado ao homem somente, até o momento. Mas antigamente, não era assim. Segundo Welper (2019, 182):

as mulheres, anteriormente também detentoras e veiculadoras de conhecimentos e poderes xamânicos, no tempo do Kapi vana wai foram segregadas desse universo prático, suas funções restringindo-se às atividades domésticas e reprodutivas. O xamanismo marubo é hoje exclusivamente masculino, mas esta característica é explicada por razões que não se atrelam à fisiologia feminina (menstruação, gravidez). Se hoje não existem mulheres pajés, eles dizem, é porque elas não aprendem, porque têm preguiça, porque não “aguentam” a iniciação. Os yovevo não gostam dessas mulheres.

As mulheres pajé não eram muitas. Eram poucas, mas muitos eram os homens pajés. Poucas mulheres foram pajés. Eu escutei sobre Vo Romeya, Kana romeya [mesma pessoa]. Só dessas duas. Peko Peko Romeya [personagem mítica] não é desse tempo de agora. Kana romeya é dita ser “criança pega” [vake via]. Usaram ayahuasca soprocantada, fizeram fala [vanavaiki] e, assim feito, sua mãe engravidou [vake merai, lit.: “criança encontrada”]. Naquele tempo, lá, os espíritos viam-se/namoravam-se uns aos outros [oinsinanã]. Naquele tempo, Mishõ namorava [“olhava”: oinkikiichna] as mulheres porque elas tinham pensamento sábio, fala sábia [chinã yosika, vana yosika]. Usavam resina cheirosa [sempa], urucum [mashe] e também assistiam às festas [saiti]. Os espíritos Mishon [mishõrasin] namoravam todas as mulheres na floresta. Mas agora não podem fazer assim. As mulheres que os espíritos namoravam eram cheirosas [ininka], sua carne [nami] tinha perfume de resina cheirosa, por isso eles as namoravam. As mulheres eram sonhadoras de espíritos [ainvo yove namaya], mas agora, não podem fazer assim (Robson Venãpa, 2005, tradução minha).

A mesma autora, na página 183, afirma que: “o reposicionamento da mulher na organização social do grupo foi parte constitutiva do processo de transformação social que pretendeu romper com o ânimo belicoso dos antigos chefes e instaurar uma nova ordem social”. No entanto, muito do sistema tradicional, em que a mulher não tinha protagonismo, ainda se mantém. Segundo as fontes consultadas, os homens Marúbo não permitem que suas mulheres ou filhas toquem seus instrumentos de pesca ou caça. Se uma mulher ou menina pegar nos utensílios do homem, este toma injeção de sapo por três dias consecutivos, para tirar a panema (meyo). Mulher menstruada não participa da preparação de bebida forte como “Wãni waca e atsá waca porque a bebida faz mal aos homens, deixando-os panema na caça”. Só os anciãos podem assistir parto porque não mais caçam nem pescam e curadores podem cantar ao lado da parturiente porque estes não ficam panema (cf. MELATTI e MELATTI, 2005 [1975], 74-75).

Ao narrar sua experiência pessoal como estudante indígena, Nelly Duarte Marubo (2017) fala do preconceito que sofreu por ser mulher e observa que, para algumas etnias, mulher não deveria estudar. Em seu artigo, ela mostra que as que se arriscam sofrem rejeição e diversos ataques, principalmente da sua própria etnia (cf. Bull e Teixeira, 2017). A autora

relata sua trajetória nos estudos e dos murmúrios negativos que ouvia por decidir estudar por conta própria, sem apoio dos pais, dos familiares e das lideranças indígenas de Atalaia do Norte. Veio a Manaus, ingressou em um curso de antropologia, mas a ONG que a inscreveu decidiu não mais pagar o curso; voltou para Atalaia a fim de esperar o próximo vestibular da UFAM para Antropologia. Nelly Duarte Marubo narra a Bull e Teixeira (2017, 53) que:

[...] o ano era 2008, e, tanto no dia da inscrição no exame como nos dias de prova, eu ouvia vozes dizendo: “Ela é mulher, para que deixá-la estudar tanto?”; “Mulher não é igual aos homens”; “Não podemos contar com o retorno dela, se ela conhecer um homem vai ser o fim da linha”; “O pai dela acredita que ela vai ser algo no futuro”; frases acompanhadas de risos ao fundo. Minha convicção só aumentava: eu seria vitoriosa.

Nelly teve que cursar toda a sua graduação no INC-BC/UFAM sob a desconfiança dos seus pais, mas encontrou um meio de mostrar a importância de estudar antropologia, mostrando para eles os assuntos tratados nas suas aulas e que a mulher indígena também poderia estudar (cf. BULL e TEIXEIRA, 52-53):

Quando eu chegava em casa e contava para meus pais, com quem então eu tinha me entendido, eles diziam para eu não ligar, mas que estavam preocupados com outra coisa, já que meus primos lhes diziam que eu já tinha estudado demais, que ninguém sabia o que eu queria e que eu queria ficar só estudando porque eu tinha medo de trabalhar. Por conta disso, durante toda a minha graduação em Antropologia, tive que compartilhar o que aprendia com meus pais para que eles acreditassem que o curso não era um modo de enganá-los. Tudo que eu aprendia eu passava para meus pais, narrando as aulas e apresentando os textos dos autores estudados para que pudessem acompanhar. Contudo, não era uma questão de mostrar se eu pessoalmente tinha ou não entendido as aulas, mas de mostrar, antes de tudo, que mulheres também podem aprender, já que, para algumas etnias, uma mulher estudando seria o mesmo que nada

A trajetória de Nelly Duarte Marubo reflete um pouco das diferenças de gênero que ainda são fortes entre os Marúbo. Na verdade, há um número representativo de homens Marúbo estudando, alguns formados em nível superior, apesar de poucos chegarem às universidades. No entanto, o número de mulheres estudando é muito baixo se comparado ao de homens, tanto no ensino básico quanto no ensino superior. Percebi isso durante os anos em que lecionei nas escolas do município e nas escolas do estado de Atalaia do Norte. Para se ter uma ideia, dos 18 alunos Marúbo do curso de Pedagogia Intercultural em Atalaia do Norte não há nenhuma mulher. Aquelas que já vivem na cidade são as que têm mais acesso aos estudos e a continuação deles, como é o caso de Nelly. Ela concluiu a graduação em 2014, o

mestrado pouco depois da graduação, e está cursando o doutorado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional – UFRJ.

No que se refere às atividades nas aldeias, os homens se dedicam em ir em busca da caça, da pesca, dos frutos selvagens, a abertura dos roçados, a limpeza dos aceiros e a abertura de covas para as sementes; eles são ainda responsáveis por fazerem rituais de cura na casa do doente ou ao seu redor, sob a direção de pajé/s, com cânticos a fim de invocar espíritos do mundo invisível para entrar no corpo do pajé (*romeya*) (cf. MELATTI e MELATTI (1986; 2005 [1975] *et al.*).

Para Melatti (1998, 182) o pajé é o “indivíduo cuja alma pode retirar-se do corpo para ir visitar malocas de povos espirituais acima da superfície da terra, enquanto espíritos (*yové*) provenientes dessas malocas se encarnam sucessivamente em seu corpo na tentativa de expelir doenças”. Para isso, o pajé toma ayahuasca para seu corpo ficar preparado para receber os espíritos; os Marúbo acreditam que esses espíritos revelam coisas ocultas, preveem o futuro etc.

Na magia Marúbo há dois tipos de agentes, Melatti e Melatti (2005 [1975] explicam que:

Um deles, que entra em transe e recebe em seu corpo espíritos de outras camadas do universo enquanto sua própria alma visita essas camadas, exerce mais do que atividades de cura, uma vez o simples contato com esses seres já é razão suficiente para procurar comunicação com eles. O outro tipo é constituído por aqueles que entoam cânticos de cura sobre os doentes. Ambos os tipos fazem uso da ayahuasca e do rapé de tabaco.

De acordo com Cesarino (2008), os Marúbo creem em pessoa múltipla: interior e exterior. Ainda segundo esse autor (2008, 24): “Há ao menos quatro variantes destas pessoas que o habitam [...]: pessoas humanas (os Marubo) [...], hiper-humanas (os espíritos *yove*), infra-humanas (os espíritos *yochi*) e extra-humanas (as pessoas-animais).”

Para efetivarem esperadas curas, praticam o canto, tomam ayashuasca (*caapi*), usam o tabaco para o rapé, tomam a chicha entre outros de modo tradicional. Cesarino (2008,16) explica que:

O xamanismo Marubo ver-se-á, não corresponde ao “xamanismo de ayahuasca” descrito com perspectiva por Gow (1994), para uma região territorialmente próxima à ocupada pelos Marubo. O caso deste povo corresponde aos sistemas xamânicos preexistentes às configurações populacionais e culturais originárias das primeiras cidades amazônicas e das missões cristãs.

[...] na realidade, o xamanismo dual Marubo é também um hibridismo, não das situações ayahuasqueiras desenvolvidas nas cidades e posteriormente introduzidas

na floresta, mas de remanescentes dos tais “sistemas” referidos pelo autor. É como se, ao reunir as populações Pano dispersas, João Tuxáua tivesse sistematizado um xamanismo híbrido pano e arcaico.

Quanto à agricultura, os Marúbo cultivavam e selecionavam variedades de espécie de banana, pupunha, milho, batata doce, abacaxi dentre outros. A agricultura era relacionada diretamente à prática de troca de sementes, como se pode ler em Melatti e Melatti (2005 [1975], 30-31):

[...] As sementes e mudas normalmente são trazidas de outras aldeias, com a condição de lhes fornecerem sementes no próximo plantio. Fazem estas trocas, alegando que suas sementes não são tão boas como aquelas que foram buscar. O plantio das onze variedades de banana (mani), das oito de macaxeira (atsa) e das sete de milho (srequi) é feito pelos homens, coletivamente, por roças individuais. Os meninos auxiliam no plantio. As mulheres plantam sete variedades de batata doce (cari), cará (poa), taioba (yobĩ), tali-tali (mayoní), sete variedades de pupunha (wanĩ), duas de abacaxi (câcá), quatro de inhame (poa), sete de pimenta (yotxi). Plantam duas variedades de cana. [...] ambos os sexos plantam duas variedades de mamão (chõpa) [...]. O milho, a macaxeira e a banana são seus principais alimentos.

Melatti e Melatti (2005 [1975]) selecionam duas formas de organização social dos Marúbo. A primeira eles chamaram de grupo doméstico, a segunda de grupo local. Para eles há malocas tão próximas, onde os índios convivem quase que diariamente entre si, que chegaram a chamar de grupo doméstico. Dando a entender que grupo doméstico são os que vivem um pouco afastados, porém se conhecem e tem boa relação, já os de grupo local são os índios que residem em malocas próximas que convivem e compartilham de tudo.

2.2.5 Os Marúbo e a cidade

Como mencionado anteriormente, os Marúbo vivem nos altos cursos dos rios Ituí e Curuçá e em alguns de seus afluentes, compartilhando a Terra Indígena (TI) com povos de outras etnias, em sua maioria falantes de línguas da família Páno. Para chegarem às cidades e comprarem combustíveis, confecções e alimentos industrializados usam pequenas embarcações, de modo que, atualmente, o principal meio de locomoção desses indígenas são as canoas de madeira conduzidas por motores “rabetas”¹⁷. Com essas embarcações, descem os rios para chegarem ao porto de Atalaia do Norte, onde fica a administração regional da FUNAI, os comércios, as agências bancárias etc. Visitam as cidades brasileiras próximas: Benjamin Constant e Tabatinga, Letícia (Colômbia) e Santa Rosa (Peru). Cruzam também, por terra (a pé) ou de avião o sentido oposto para chegarem à Cruzeiro do Sul (Acre).

¹⁷ Rabeta: motor de popa comumente usados pelos ribeirinhos da Amazônia.

Em 1980 veio da aldeia, a fim de estudar na cidade, o primeiro Marúbo: Darcy Comapa Marubo, o qual estudou, sofreu preconceitos, mas tornou-se tão logo o primeiro professor indígena da região. Marubo e Reis (2019) relatam que Darcy era o

único Marubo nas cidades de Atalaia do Norte e Benjamin Constant nesse período, o estudante indígena Darcy Comapa teve que aprender a viver distante da família e a superar os casos de discriminação nas escolas e em outros espaços da cidade – sendo assim compreensível, os constantes abandonos da escola e os retornos à aldeia.

Mas foi na década de 1990 que os Marúbo se estabeleceram na cidade de Atalaia do Norte (AM). Marubo e Reis (2019) explicam que:

Ao final da I Assembleia dos Povos Indígenas do Vale do Javari, realizada em 1992 na antiga sede do Posto Indígena de Atração (PIA) Curuçá, onde então também se localizava a aldeia nominada pelo povo Marubo como “Aldeia São Sebastião” [...] João Tuxaua entregou a dois jovens líderes Marubo uma garrafa com Ayahuasca e disse-lhes que não se preocupassem, pois, o espírito do Mawa, o pássaro falante, estaria com eles e tudo o que falassem seria escutado e compreendido.

Segundo Marubo e Reis (2019,6) os dois jovens entregues por João Tuxáua à Diocese do Alto Solimões foram, Darcy Marubo e Clóvis Rufino os quais se tornaram protagonistas no município no “I Encontro dos Povos Indígenas do Vale do Javari, com apoio da Pastoral Indigenista da Diocese do Alto Solimões, da OPAN e do CIMI, e assessorados por Silvio Cavuscens e pelo Padre Joseney Lyra”. Tão logo, contribuíram para a fundação do Movimento Indígena, que hoje é representado pela União dos Povos Indígenas do Vale do Javari – UNIVAJA. Essa organização funciona como uma confederação, articulando outras organizações que são independentes e que representam as etnias ou grupos locais como, por exemplo, os Marúbo do Ituí, que têm uma organização própria. Além dos indígenas que trabalham no movimento indígena, há outros moradores na cidade que estão dentro de instituições do governo ou que se deslocaram para a cidade por outros motivos.

2.3 Localização Marúbo (pós-contato)

Como apresentado na seção 2, os Marúbo passaram por uma longa trajetória até chegar às localidades em que se encontram atualmente, nas cabeceiras dos afluentes do Javari: Curuçá e Ituí. No presente capítulo, busca-se contextualizar ao leitor essa localização em várias perspectivas, de forma a reforçar o entendimento do lugar onde os Marúbo se encontram no contexto geográfico e político-administrativo nacional.

Os Marúbo habitam partes da Terra Indígena Vale do Javari, que leva esse nome por estar na bacia do rio Javari e de seus divisores de água com afluentes dos rios Juruá e Purus. O rio Javari (do qual os rios Curuçá e Ituí são afluentes) é a fronteira natural entre o Brasil e o Peru, sendo sua margem esquerda Peruana e sua margem direita brasileira. O rio Curuçá é afluente direto do rio Javari, mas o rio Ituí é afluente do rio Itaquá que, este sim, deságua no rio Javari. Pertencem ao Rio Curucá, os dois principais igarapés que se tem referência Marúbo: Arrojo e Maronal, local onde Melatti e Melatti (2005 [1975]) dizem ter se concentrado os primeiros Marúbo.

Figura 6 - Localização Marúbo



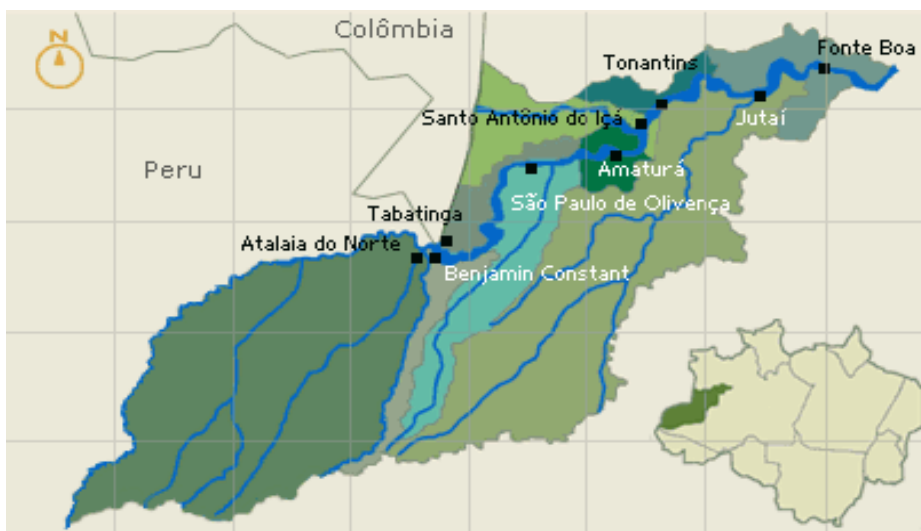
Fonte: Mapa do dsei.jpg (600×425) (webnode.com.br)

Todas as localidades hoje ocupadas pelos Marúbo, no Vale do Javari, pertencem ao município de Atalaia do Norte, na região da tríplice-fronteira: Brasil-Colômbia e Peru. Nas proximidades, há outros municípios brasileiros, sendo Tabatinga o principal, por ser o polo regional. Historicamente, boa parte dessas terras pertenciam ao Peru, até que se concluiu a definição da linha de limite entre Peru e Brasil, iniciada após a independência do Brasil (1822) e do Peru (1824), finalizada em 1927 após várias conferências. Porém, cabe aqui mencionar que há famílias Marúbo residindo no município de Guajará (AM), em Cruzeiro do Sul (AC), em Manaus (AM) entre outros lugares do Brasil.

2.3.1 Alto Solimões

Considerando a divisão administrativa brasileira e, mais especificamente, do Estado do Amazonas, a Terra Indígena Vale do Javari, segundo o IBGE (1990) está situada na Mesorregião Sudoeste do Amazonas, mais especificamente na Microrregião Alto Solimões, composta por nove municípios, localizados às margens dos rios Solimões e Javari. Os municípios são: Fonte Boa, Tonantins, Jutai, Santo do Içá, Amaturá, São Paulo de Olivença, Tabatinga, Benjamin Constant e Atalaia do Norte. Segundo a estatística do cidade-brasil (2021) o Alto Solimões contém 251.867 habitantes, uma área de 213.278 km², densidade populacional de 1,2 hab./km² e altitude de 69m.

Figura 7 - Mapa da Microrregião Alto Solimões



Fonte: <http://sit.mda.gov.br>

2.3.2 O Município de Atalaia do Norte¹⁸

Atalaia do Norte é um município brasileiro, localizado no interior do Amazonas, na região norte do país, é o oitavo e o mais novo município da microrregião do Alto Solimões, com apenas 62 anos de idade, com distância de 1.136,73 km da capital em linha reta (cf. IBGE, 2017). Originou-se a partir de Remate de Males¹⁹, localidade acima da boca do rio Itaquai, que nos dias de hoje já não mais existe. É no município de Atalaia do Norte que se encontra a maior porção de Terra Indígena – TI, denominado Terra Indígena Vale Javari (cf.

¹⁸ Nesta parte, algumas observações, não referenciadas, são da vivência da autora como munícipe da cidade de Atalaia do Norte.

¹⁹ A localização não é exatamente a mesma, mas é possível pensar em uma continuidade dos fluxos populacionais. A antiga cidade de Remate de Males foi imortalizada por Mário de Andrade, quem decidiu usar o nome da cidade como o título de seu livro de poesias inspiradas por suas viagens na região norte do país.

Coutinho Jr., 1998), conhecida mundialmente por sua grande concentração de indígenas isolados. Sobre a sua história, o IBGE (2017) informa que:

Habitavam primeiramente o território do atual município de Atalaia do Norte os índios Mangeronas, Ticunas, Marubas e Maias. Dos dois últimos vivem ainda remanescentes no referido território [...].

A região do Javari foi das últimas a ser exploradas, devido aos ferozes selvagens seus habitantes e às doenças endêmicas que ali se alastraram. Entre os anos de 1864 e 1874, ocorreram confrontos na região entre os silvícolas e o pessoal das comissões mistas brasileiro-peruanas encarregadas das demarcações de fronteira. O mais antigo núcleo de povoamento é Remate de Males, que, aliás, foi durante vários anos, de 1898 a 1901 e de 1904 a 1928, sede do município de Benjamin Constant. Não se sabem precisamente a data de sua fundação.

Entretanto, Anízio Jobim, em panoramas Amazônicos, informa que o povoado se originou de uma cabana à margem de Itacoaí, onde habitava o filho de um oficial superior brasileiro, e que a denominação de Remate de males foi dada em 1890, pelo maranhense Alfredo Raimundo de Oliveira Bastos, que encontrou neste local relativo bem-estar, resolvendo fixar-se como um remate aos seus males. Colocou, então na fachada de seu barracão o letreiro: Remate de Males, cuja designação se estendeu a todo lugar.

A denominação de Atalaia justifica-se por ser a localidade o mais extremo núcleo do oeste, a guarita da marcha para o Oeste, no dizer do Álvaro Maia, em discurso preferido em Remate de Males em 1943.

O Distrito de Remate de Males era o principal núcleo populacional da região durante o século XIX, não sendo clara a data da sua fundação (cf. IBGE, 2017). Na mesma publicação é possível entender que Remate de Males foi inicialmente a sede do município de Benjamin Constant, mas foi recriada por meio da lei nº 176, de 01 de dezembro de 1938, dessa vez como distrito, com a mesma localização da atual cidade de Atalaia do Norte. A localidade permanece como distrito até 19 de dezembro de 1955, quando é elevada à categoria de município, com seu nome atual.

Segundo Nascimento (1992, 3),

[...] a Vila de Remate de Males, localizada na foz do rio Itacoaí, que era o maior centro comercial de toda a região do Alto Solimões e servia como base e suporte para todo o sistema extrativista da borracha no Vale do Javari. Remate de Males era abastecida pelos navios ingleses provenientes de LÍverpool.

Convém aqui explicar que Remate de Males foi abandonada devido ao fenômeno conhecido como terras caídas, sendo sua localização uma área inundável, na desembocadura do rio Itaquaí. Ainda hoje, é possível encontrar indícios da antiga cidade, como garrafas, cerâmicas etc.

Figura 8 - Barranco onde antigamente se localizava a cidade de Remate de Males



Fonte: Foto feita pelo pesquisador Benedito do Espírito Santo Pena Maciel

Figura 9 - Garrafa encontrada no barranco no local onde se encontrava a cidade de Remate de Males



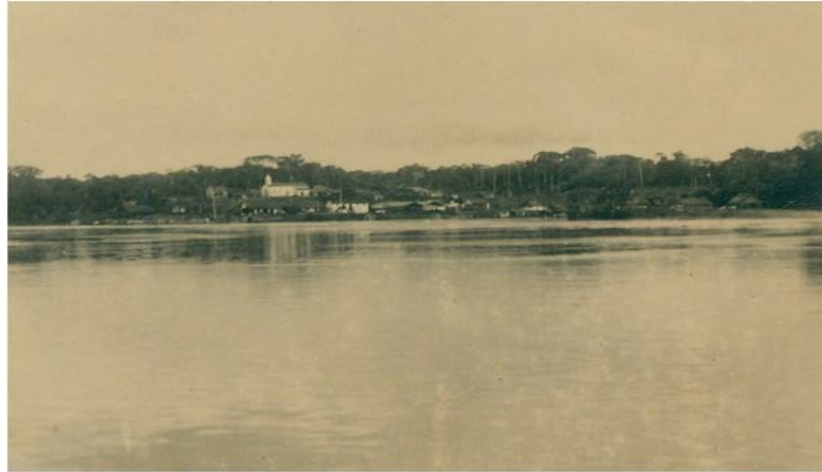
Fonte: Benedito do Espírito Santo Pena Maciel

Observe na Figura 9 a parte mais escura, onde se encontram os vestígios. Cabe ressaltar que as fotos foram feitas pelo pesquisador, Benedito do Espírito Santo Pena Maciel, no âmbito do projeto História Social dos Povos e das Línguas do Vale do Javari – 1866 a 1990.

A atual cidade de Atalaia do Norte fica um pouco mais abaixo da desembocadura do rio Itaquai, no curso do rio Javari, com distância de aproximadamente 1 km da antiga cidade

de Remate de Males. Os antigos moradores de Remate de Males se mudaram para as cidades e povoações próximas que deram origem a Tabatinga, Benjamin Constant e Atalaia do Norte.

Figura 10 - [Rio Javari], vista panorâmica do município de Atalaia do Norte (AM) – 1955



Fonte: IBGE | Biblioteca | Detalhes | [Rio Javari]

Conforme o censo do IBGE (2016), Atalaia do Norte continha uma população de 15.153 habitantes com densidade demográfica de 0,20 hab/km², mas o IBGE estimava que em 2020 a população chegaria a 20.398 habitantes. Parte substancial dessa população é indígena, mas não há referência à composição da população por raça/cor/etnia na fonte que consultamos, porém como moradora da localidade posso afirmar que a população que sedia o município é composta, principalmente, de nordestinos (filhos e netos de nordestinos), acreanos (filhos e netos de acreanos), pessoas do médio e baixo Amazonas que subiram os rios seduzidos pelo ouro branco (borracha), peruanos, colombianos e muitos indígenas da região.

Figura 11 - A sede do município de Atalaia do Norte visto de cima, ano de 2017



Fonte: Amazonas atual, <https://amazonasatual.com.br/>

Quanto à educação, o IBGE mostra que a taxa de escolarização dos alunos de 6 a 14 anos de idade da Rede Pública do Ensino Fundamental em 2018 era de 65,5%. O número de alunos matriculados em 2018 era de 559 no pré-escolar, 3.530 no Ensino Fundamental e 604 no Ensino Médio. A nota do IDEB dos alunos da rede municipal do 5º ano do Ensino Fundamental foi de 4,4, em 2017, observando-se uma queda com relação a 2015, quando a nota foi 4,8. Apesar da queda, há uma melhora substancial nos indicadores, quando se observa a série histórica. Infelizmente, o município não conta com registros das notas no portal do IDEB, o que impossibilita saber como estão os outros níveis do ensino. A rede estadual, para o mesmo nível obteve a mesma nota da rede municipal, mas nota-se que seu desempenho vem melhorando a cada avaliação.

Quadro 2 - Série Histórica das notas do 5º ano do Ensino fundamental ao 3º ano do Ensino Médio no IDEB para o Município de Atalaia do Norte

	2005	2007	2009	2011	2013	2015	2017
<i>Rede Municipal</i>	--	--	3,0	2,6	3,6	4,8	4,4
5º ano	--	--	--	--	--	--	--
<i>Rede Estadual</i>	3,1	2,6	3,3	3,6	3,9	4,1	4,4
5º ano	2,3	3,0	3,2	3,0	3,0	3,5	--
9º ano	--	--	--	--	--	--	--
3º ano/Ensino Médio	--	--	--	--	--	--	--

Fonte: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultado.seam?cid=4586491>

O IBGE (2020) não tem dados do 9º ano do Ensino Fundamental da Rede Municipal nem tão pouco para o 3º ano do Ensino Médio da Rede Estadual, porque o número de participantes no SAEB “é insuficiente”. A explicação de sem média em 2017, conforme o IBGE (2020), pode ser pelo fato de que não houve participação das escolas ou por não terem atendido os “requisitos necessários para ter o desempenho calculado”.

A cidade já figurou entre os piores resultados do IDEB no Brasil²⁰ e apresenta problemas estruturais no desenvolvimento da sua educação. Essa dificuldade também se reflete na Educação Escolar Indígena, como pode ser observado no Relatório do Ministério Público escrito pelo Analista Pericial Walter Coutinho Júnior (2011). Entre os problemas elencados, podemos destacar a ausência de oferta de ensino nas aldeias, a inexistência quase total de oferta do 2º ciclo do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, a demora de 14 anos para a conclusão do primeiro curso de Formação de Professores Indígenas do Vale do Javari (cf. PPC Atalaia do Norte).

²⁰ <https://radaramazonico.com.br/amazonas-possui-nove-municipios-entre-as-50-piores-cidades-do-pais-revela-indicadores-da-onu/>

Dados do IBGE (2020) apontam que o Ensino Fundamental do município contava com 272 professores cadastrados e 69 escolas. O número de alunos matriculados no Ensino médio em 2018 era de 604, seus docentes somavam um total de 54. O número de escolas (incluindo as escolas do campo e dos Pelotões do Exército) era de 69. Para o Ensino Médio, em 2018, o município disponibilizava somente duas escolas²¹.

Outro sério problema enfrentado na região é a questão de saúde. A taxa de mortalidade infantil em 2017, segundo o IBGE (2020), era de “31,41 óbitos por mil nascidos vivos”. As internações diárias, em 2016, eram de 1,6 internações por mil habitantes e o município oferecia apenas três estabelecimentos de Saúde (SUS) em 2009. Dada a forma de organização da saúde no Brasil, o município não conta com atendimento de média e alta complexidade, embora haja um pequeno hospital na cidade. Comparado a outros municípios Atalaia do Norte é o 4º colocado em mortalidade infantil no Estado do Amazonas e o 378º no Brasil. A qualidade da água até o segundo semestre de 2019 era péssima. A população fez denúncia ao Ministério público e hoje tem água potável. Segundo CTI (2010) a qualidade da água causava diarreia e vômito em seus moradores, principalmente nas crianças. No caso da população indígena, esta sofre, principalmente, com desnutrição, malária e hepatites virais. Os três problemas se tornaram endêmicos na região e não se vê solução para eles. A situação é agravada pela falta de estrutura da saúde indígena.

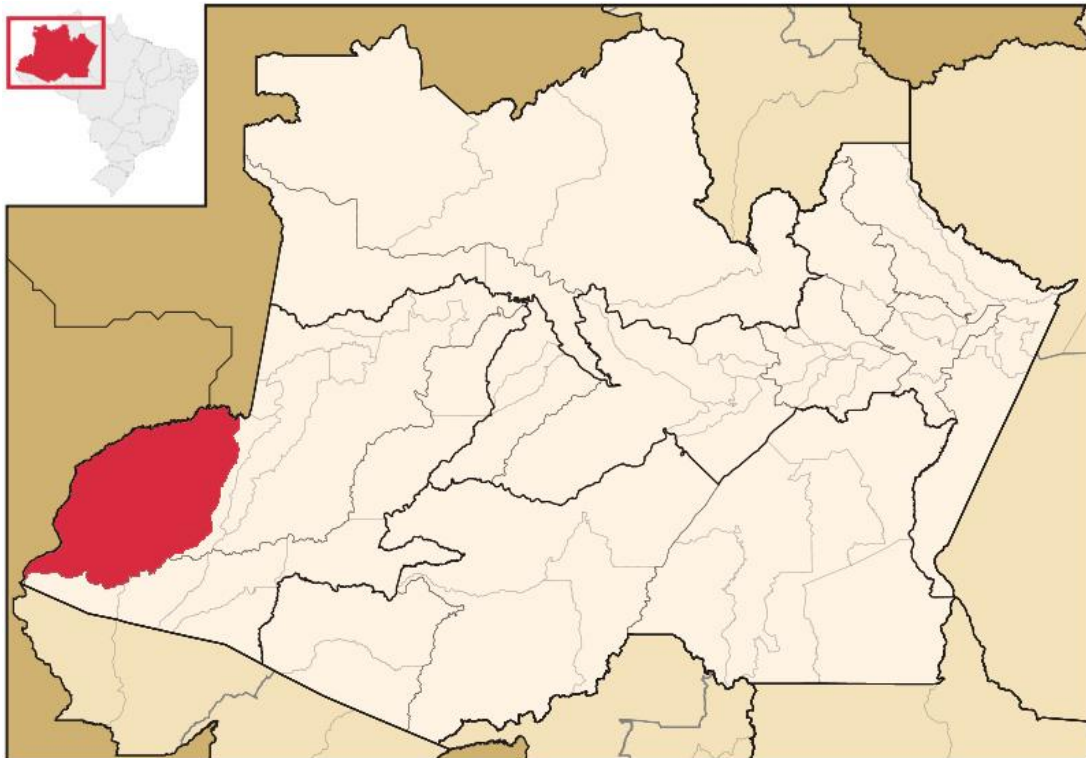
O IBGE (2020) diz que Atalaia do Norte “apresenta 0.8% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, 52.7% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 0% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada”. O problema da urbanização tem causado danos a população, principalmente na época das chuvas. As crianças, jovens e adultos sofrem no trajeto das suas casas às escolas porque muitas ruas, ainda não são pavimentadas e as que são pavimentadas estão em situação precária. A cidade cresceu, e junto, também os seus problemas. As consequências causadas pela falta de políticas públicas são claras para os moradores do município.

Na sede do município de Atalaia do Norte residem muitos indígenas de todas as etnias contatadas do Vale do Javari, exceto Korúbo. Em geral, o que se observa é que os indígenas relatam que se mudam para a cidade para continuarem seus estudos, havendo um grande contingente de estudantes indígenas na cidade. Além disso, fazem constantes deslocamentos para cuidarem da saúde e para receberem os auxílios sociais do governo, como o Bolsa Família. Recentemente o Núcleo de Estudos Socioambientais da Universidade do Estado do

²¹ O IBGE aponta apenas duas escolas, mas tenho conhecimento de três (uma na sede do município e uma em cada pelotão do Exército Brasileiro presentes no município Estirão do Equador e Palmeiras do Javari).

Amazonas coordenou um censo da população indígena de Atalaia do Norte que levantou um total de 780 indígenas vivendo na cidade, dos quais 299 eram da etnia Marúbo. Outro estudo, realizado por Íris Rodrigues Neves, durante a Pandemia da COVID-19 em 2020, apontou que 306 indígenas Marúbo vivem na sede do município. A pesquisa do Núcleo de Estudos Socioambientais da Universidade do Estado do Amazonas identificou ainda 136 domicílios de indígenas, sendo que 48 eram de pessoas da etnia Marúbo. Geralmente na casa de Marúbo moram muitas pessoas: pais, filhos, tios, primos.

Figura 12 - Imagem topográfica do Município de Atalaia do Norte (AM)



Fonte: Atalaia do Norte – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org)

2.3.3 O Vale do Javari

O Vale do Javari é um nome dado à terra indígena localizada majoritariamente no município de Atalaia do Norte e que se estende por partes dos municípios de Benjamin Constant, Fonte Boa, Jutaí e São Paulo de Olivença. A Terra Indígena (TI) está localizada no extremo oeste do Estado do Amazonas no Brasil, mais especificamente em sua porção sudoeste. Essa terra foi demarcada por decreto do então presidente Fernando Henrique Cardoso, datado de 2 de maio de 2001.

Nascimento (1992, 5) registra que:

Em 1985 o governo criou a Área Indígena do Vale do Javari, delimitando uma área equivalente a 85% do Município de Atalaia do Norte, no entanto, nenhuma medida foi tomada para protegê-la e a invasão desta área continuou sendo feita pelas empresas madeireiras de Atalaia do Norte e B. Constant, na maioria das vezes em convivência com o órgão indigenista oficial.

Vale ressaltar que até 1992 não havia nenhuma medida tomada pelo governo ou FUNAI para o Vale do Javari conforme citação acima, mas Nascimento (1992, 5) mostra que “medidas concretas para cumprir o prazo constitucional, demarcando todas as áreas indígenas até 1993, estão sendo tomadas a partir de novembro de 1991”.

No Vale do Javari, residem diferentes povos indígenas contatados, são eles: Kanamarý, Kulína Páno, Marúbo, Matsés (Mayorúna), Tsohóm Djapá e Korúbo (recém-contatados). Segundo o jornalista do Centro de Trabalho Indigenista, Rafael Nakamura (2015, 1), “o Vale do Javari, [...] abriga a maior concentração de povos indígenas isolados em todo mundo: atualmente, a Funai trabalha com 16 registros em seu banco de dados, sendo 11 referências confirmadas, outras 3 ainda não confirmadas e 2 “informações”. Fazendo uma soma, dos 28 grupos isolados confirmados no país pela Funai, onze estão no Javari. Ao todo, os habitantes, na época da demarcação somavam 3.961 indivíduos, hoje esse número é maior.

Nakamura (2015, 1) relata que o Vale do Javari,

[...] concentra uma extensa área de floresta amazônica, quebrada apenas por um roçado ou outro [sic.] das aldeias, ou pelas poucas – e relativamente pequenas – cidades do entorno. São mais de 8,5 milhões de hectares, distantes muitos quilômetros dos grandes centros urbanos. O acesso restrito, apenas via fluvial ou aéreo, sem eixo rodoviário ou ferroviário próximos, passa a falsa ideia de que o Javari é uma área extremamente isolada, sem ligação com as iniciativas de desenvolvimento econômico nacional.

Quando se pensa em isolamento, cabe nesse contexto, o imaginário social, mas para os indígenas serve como escape à própria sobrevivência e resistência ao modo de vida dos não indígenas. Embora o Vale do Javari seja rico em minerais, fauna e flora, por outro lado, falta assistência na educação, na segurança e principalmente na saúde.

A taxa de mortalidade de indígenas no Vale do Javari ainda é alta, principalmente de crianças e jovens. O Centro de Trabalho Indigenista - CTI divulgou um relatório em 2010, em que apresenta dados,

[...] que tenta sensibilizar as autoridades e a população para as mortes que ocorrem na Terra Indígena do Vale do Javari, no Amazonas, causadas pelo descaso do poder público. [...] de 2000 a 2010 – foram registrados pelo menos 325 óbitos, o equivalente a 8% da população total da terra indígena, por problemas de saúde e suicídio. A média é de uma morte a cada 12 dias. [...] Os casos mais graves são dos

índios Kanamary, do rio Itaquai, que possuem altas taxas de mortalidade infantil, filária e suicídios, e dos Mayoruna, com altas taxas de portadores crônicos de hepatite B.

As mortes por epidemias vêm causando preocupação às lideranças indígenas. Há lugares em que se precisa de dias de viagem para prestar socorro, nem sempre o meio de locomoção aérea está à disposição, de modo que a logística é exaustiva pelo fato de as aldeias serem distantes de centros hospitalares, capacitados em atendimento especializados.

Nakamura (2015) afirma que:

Há anos o Vale do Javari acumula estatísticas alarmantes no quadro de saúde dos povos indígenas da região. Segundo dados oficiais, de 2000 a 2010 foram registrados pelo menos 325 óbitos, o equivalente a 8% da população do Vale do Javari. Até hoje, a região sofre com a alta prevalência de hepatites virais (A, B, C e D), além de filariose, malária e tuberculose. “Embora alguns levantamentos tenham sido feitos na década de 2010, esse problema nunca foi atacado pela política pública de saúde, pelo contrário, sistematicamente tem sido omitido”, relata Conrado Octávio.

Os problemas atuais do Vale do Javari, segundo Nossa e Milanez (2015) não se resumem apenas à precariedade no atendimento à saúde, à educação e à segurança, há também a alta taxa de suicídio, com cerca de 142 para cada 100 mil habitantes, número maior do que qualquer lugar do país. A segurança dos povos indígenas do Vale do Javari é outra vulnerabilidade, devido à falta de agentes (IBAMA e FUNAI, principalmente) para garantir a segurança dos povos indígenas da região e a integridade do meio ambiente. As pressões predatórias de madeireiros, traficantes, caçadores e pescadores são constantes, já se tornou habitual as ameaças aos povos originários dessa região bem como às pessoas que se dedicam a eles. A invasão da Terra Indígena leva a perda dos instrumentos de pesca e caça dos ribeirinhos e de suas produções por apreensão por parte da Polícia Federal e/ou dos agentes do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos recursos naturais renováveis – IBAMA.

O Vale do Javari é uma região rica em biodiversidade e em crédito de carbono, um lugar pouco explorado e de constante conflitos. Tem um terceiro problema que é velho e novo ao mesmo tempo, que é o interesse de empresas petrolíferas. Há registros de prospecção e exploração por parte da Petrobrás na atual Terra Indígena Vale do Javari (cf. COUTINHO Jr., 1998). Houve desmatamento, doenças e mortes, gerando mais medo e insegurança aos povos nativos, além de intensificar a animosidade da população local com relação aos indígenas. Coutinho Jr. (1998) relata que as atividades da estatal brasileira pararam quando os Korúbo mataram a golpes de borduna (arma indígena) dois dos funcionários da empresa, nas terras do

rio Itaquai. Ainda hoje, mesmo sabendo que as terras são demarcadas, há quem se aventure em explorar as riquezas da região. Os beneficiados não são os pequenos funcionários, são os patrões²².

As riquezas dessas terras têm levantado interesses de muitos garimpeiros, grileiros, caçadores, narcotraficantes, inclusive estrangeiros, gerando massacres, insegurança e medo aos povos que habitam o Vale do Javari. As mortes provocadas aos indígenas, o pavor deixado desde os tempos mais antigos só interessa aos exploradores que sempre voltam a essa região e a FUNAI parece ter perdido o controle.

Beto Marubo, nascido em aldeia, ativista indígena do Vale do Javari, numa entrevista à Folha de São Paulo no ano de 2020 em Brasília, disse:

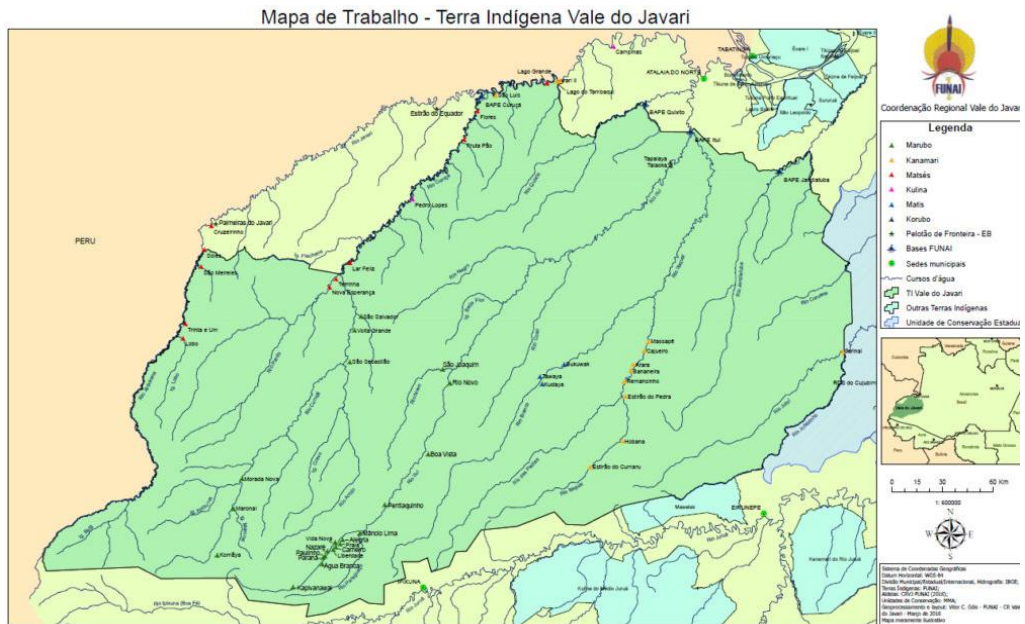
às vésperas do governo apresentar uma proposta de mineração em terras indígenas, o ativista “[...] para o impacto do garimpo em mais de uma centena de aldeias na Amazônia”, sua atenção é sobre a questão de anticorpos que os indígenas não têm para resistirem a gripes nem possuem armas de fogo para possíveis confronto com os garimpeiros. A demora de três dias num simples atendimento médico pode exterminar uma aldeia inteira.

No ano de 2020 houve seis ataques de possíveis garimpeiros e/ou outros exploradores às bases de proteção na área do Vale do Javari. Mesmo com as proibições há quem desafie as leis e os nativos da região.

O atendimento médico na região é um problema, conforme alertou Beto, algumas comunidades são longínquas, levando dias de viagem para prestação de socorro. Essas comunidades sofrem pela falta de assistência clínica e ações de proteção do governo federal. As doenças endêmicas como malária e hepatites e a desnutrição têm levado muitos desses indígenas à morte e, em 2020 e início de 2021, a epidemia da COVID-19 também alcançou esses povos causando preocupação e morte.

²² O sistema de aviamento subsiste até o presente, apesar de ter ganhado características diferentes do sistema original.

Figura 13 - Mapa da Terra Indígena Vale do Javari



Fonte: <https://cimi.org.br/wp-content/uploads/2018/04/MAPA-TI-VALE-DO-JAVARI-FUNAI-1024x609.jpg>

2.3.3.1 As primeiras visitas e a exploração do Javari

A exploração da bacia do Javari, segundo Castello Branco (1950, 200 *apud* Welper, 2009, 47) “foi lenta e tardia fazendo com que o rio permanecesse “esquecido pelos geógrafos até as primeiras décadas do século XVIII”. As investidas dos exploradores foram, por vezes impedidas pelos ataques dos índios conhecidos por Mayorúna, na época. Essa denominação era utilizada para fazer referência a todos os indígenas da região na ocasião.

Havia uma disputa pela calha do Javari entre espanhóis e portugueses. Os portugueses se diziam donos do Javari a partir da construção do Forte de Tabatinga, em 1747, na margem direita do Marañon onde desemboca o Javari. Mas a visita de todo o curso do rio Javari só ocorreu, por parte dos portugueses, segundo Welper (2009, 69) “[...] quando se iniciaram os trabalhos das Comissões de Limites, organizadas com o intuito de determinar as fronteiras entre as colônias portuguesa e espanhola”. Nesse mesmo sentido, Nascimento (1992, 3) afirma que:

A partir de 1870 o interior da área do Vale do Javari começou a ser definitivamente ocupado. Em 1874, segundo informações de Branco, o rio Javari (além de outros rios) estava recebendo migrantes provenientes do rio Jari, antigo produtor de borracha do Baixo Amazonas (Branco, 1950, p. 206).

Na expedição realizada no rio Javari em 1897, o Capitão Tenente Cunha Gomes relata que o caucho do Alto Rio Javari já se havia acabado, pois para extrair o látex a árvore era derrubada, e os caucheiros peruanos que trabalhavam inicialmente nos

afluentes da margem direita do Ucayali, penetravam cada vez mais em território brasileiro, explorando o caucho até os rios Jutai e Juruá.

Segundo Melatti e Melatti (2005 [1975]), a divisão da exploração no Vale do Javari seguia uma lógica que considerava as nacionalidades ali presentes, os peruanos se preocupavam em derrubar a árvore do caucho e os brasileiros se dedicavam a trabalhar a seringa. Todavia, segundo Nascimento (1992), com a queda da borracha e o fracasso de muitos patrões a população ribeirinha (não indígena) começa a abandonar as terras – terras que os patrões se apossaram - e aos frequentes ataques das populações indígenas. Ainda segundo o mesmo autor (*Op. Cit.*, 4),

Os rios mais explorados eram o Javari e Itacoai. Devido à procura desses produtos naturais nos altos rios, houve reações violentas por parte dos índios que, principalmente na década de 50, provocaram a fuga de muitos madeireiros de seus locais de trabalho. Quando seu território era invadido pelas frentes extrativistas, os índios realizavam incursões e atacavam as turmas de madeireiros, roubando inclusive mulheres e crianças.

O clima de tensão se tornou tal que em algumas ocasiões a própria população de B. Constant e Atalaia do Norte se sentiam ameaçadas por possíveis ataques de índios.

Os patrões, aproveitando a situação de temor da população, solicitaram o auxílio do Exército a fim de "limpar a área" para poder prosseguir suas atividades de extração com tranquilidade, nas áreas ricas em madeira de lei, situadas em pleno território indígena.

A intervenção do Exército se deu mais especificamente nos rios Curuçá e Jaquirana. Infelizmente não se sabe sobre a dimensão dos massacres realizados nas aldeias indígenas. Apenas sabemos que, conforme informações da própria população regional, depois dessa 'intervenção', nunca mais os índios voltaram a atacar.

Após a queda da borracha e a escassez do caucho, os exploradores começaram a trabalhar a madeira, com a derrubada de grande variedade de madeira de lei, como cedro, mogno, andiroba, loro e de outras toras de madeira de valor inferior para venderem aos patrões. Estes, por sua vez, vendiam a madeira na cidade de Manaus, chegando até a exportação para a Europa. A exploração da madeira começou a partir de 1945, sua alta se deu por volta de 1960 expandindo, assim, o comércio local e regional (cf. NASCIMENTO, 1992, 3-4).

2.3.3.2 Os índios do Javari nos dias atuais

As comunidades indígenas do Vale do Javari vivem em conformidade com as suas culturas, com diferentes graus de contato e de influência por parte da sociedade. Dentre esses povos, existem etnias que ainda vivem mais isoladas que outras, como os flecheiros, que

ainda se encontram em situação de isolamento. Nossa (2015, 11) resume sua percepção sobre a vivência contemporânea dos indígenas nas calhas do Javari, principalmente dos Matis:

Quando amanhece, a vida volta a se repetir. Os mais velhos reclamam que os jovens vivem sem sossego, reclamando pelos cantos. [...] . Esses índios estão diante do segundo desafio em sua história recente. Depois de sobreviverem às epidemias do pós-contato nos anos 1970, enfrentam agora o êxodo e a vontade dos mais novos em buscar uma vida diferente.

Quanto aos Marúbo, apesar de algumas mudanças e dificuldades, esses indígenas mantêm sua cultura, ainda vivem majoritariamente na Terra Indígena no Vale do Javari. É notável o aumento da sua população e de suas respectivas habitações, desde os primeiros contatos. Alguns deles já chegaram às universidades, outros estão cursando o ensino fundamental nas próprias aldeias, outros dão preferência ao estudo na cidade, nos municípios de Atalaia do Norte, Benjamim Constant, Tabatinga. Há professores capacitados, nas formações de magistério, outros Marúbo que se dedicam à formação na área da saúde, por outro lado, há aqueles que preferem a formação técnica na área da computação e afins.

O que explica também o êxodo de jovens e famílias inteiras de Marúbo das suas aldeias para a cidade é o próprio medo da morte, pela precariedade da assistência médica. Conforme o relatório da CTI (2010, 31),

O fluxo de famílias migrando para as cidades buscando atendimento de saúde ou mesmo fugindo da morte se intensifica. Jovens indígenas são cada vez mais expostos nas cidades da região a situações que levam ao envolvimento com alcoolismo, prostituição, violência, uso de drogas e narcotráfico em uma das principais portas de entrada de cocaína na Amazônia brasileira.

Pela tentativa de uma melhor “qualidade de vida” e melhoria para as suas comunidades, certificamos que os Marúbo do século 21 são interessados pela política, pela tecnologia, pela militância indígena, outros buscam o conhecimento científico etc. Embora estejamos na era digital, contudo, há aqueles que se destacam nos saberes tradicionais, se esforçam em passar tais conhecimentos às novas gerações, refletindo, de certa maneira, a importância da história do seu povo.

Há ainda os indígenas que entraram na política, sendo importante mencionar que a Câmara Municipal de Atalaia do Norte contou, até a última eleição, com seis vereadores indígenas, sendo dois deles da etnia Marúbo.

2.3.3.3 A vida Marúbo nos dias atuais

Os Marúbo são criativos, procuram sobreviver baseados no que aprenderam com seus antepassados, mas também com os conhecimentos que adquiriram e vêm adquirindo desde o contato. Nos dias contemporâneos o cenário é um tanto diferente. Os Marúbo não vivem somente nas cabeceiras dos rios. Têm os aldeados e os que moram nas cidades. Atalaia do Norte é onde há a maior concentração dos que vivem ou passam um tempo mais longo fora das aldeias. Os aldeados sobrevivem da caça, da pesca, dos frutos regionais, do plantio da macaxeira, da batata doce, da banana, da produção de artesanatos e de vasilhas de cerâmica. Mas também há renda complementar para muitas famílias Marúbo, como por exemplo, o Programa do Governo Federal, “Bolsa Família”. Nessa Pandemia muitos deles também estão sendo alcançados pelo “Auxílio Emergencial” do governo federal, apesar da internet funcionar mal na região.

Além desses recursos, alguns Marúbo sobrevivem com rendas oriundas de empregos direto na Fundação Nacional de Saúde – FUNASA, na União dos Povos Indígenas do Vale do Javari – UNIVAJA, na Secretaria Especial de Saúde Indígena – SESAI e no órgão federal, Fundação Nacional do Índio – FUNAI. Há também índios professores na Secretaria de Estado de Educação e Qualidade de Ensino – SEDUC, na Secretaria Municipal de Educação - SEMED e ainda em outros órgãos empregatícios municipais, tais como: Câmara Municipal e Prefeitura Municipal de Atalaia do Norte com suas respectivas secretarias.

Uma outra fonte de renda importante é a produção de artesanato. Aqueles que possuem pouca renda trabalham a sua arte e utilizam o valor arrecadado das vendas dos produtos como complemento de renda familiar. Na loja de vendas de artesanato em Atalaia do Norte, é possível encontrar: flechas, arcos, colares, pulseiras, cocares, panelas de cerâmica, remos, cestos de vários tamanhos, zarabatanas, redes, cuias, caricaturas entre outros. Os artesanatos Marúbo também podem ser encontrados na cidade de Letícia, que tem intenso turismo e que serve como ponto de escoamento de artesanatos.

Além dos que moram em Atalaia do Norte, posso afirmar a partir da minha vivência de 34 anos na região que, hoje, muitos Marúbo já se encontram também em cidades como Manaus (AM), Guajará (AM), Benjamin Constant (AM), Tabatinga (AM), Brasília (DF), Rio de Janeiro (RJ), Cruzeiro do Sul (AC) e em outros lugares, em busca da continuação dos estudos, a trabalho, em tratamento de saúde ou ainda como ativistas. Outros entraram na política e conseguiram eleger-se. Até o presente, a união indígena elegeu três vereadores Marúbo, três deles por dois mandatos, com eleição de votos expressivos no município de

Atalaia do Norte: Marubo - Panã, ou Darcy Duarth Comapa (2001-2004), Ricardo Ramos Marubo (2005-2008) e Manoel Chorimpa (2013-2016 e 2017-2020). Esses índios buscam conquistar seus direitos por meio de representantes no meio político, lutam por suas causas, principalmente nas áreas de educação e saúde. Além desses três indígenas Marúbo eleitos em Atalaia do Norte, há outros vereadores das etnias Mayorúna, Matis e Kanamary, que ocuparam cadeira no mandato, 2017-2020. Eles se organizam a ponto de aspirarem cargo de mais expressividade no município.

Há poucos anos, o povo Marúbo passou a contar com um advogado, bacharel em direito pela Universidade do Estado do Amazonas que tem tido protagonismo nas demandas indígenas do Vale do Javari. No dia 03 de setembro de 2020, o Procurador Geral do município e Procurador do Legislativo, Eliesio Marubo, assumiu, conforme lista de substituição, o cargo de prefeito do município, tornando-se o primeiro prefeito indígena do município de Atalaia do Norte. Eliesio é um dos Marúbo que saiu da sua aldeia em busca de estudos na cidade e se formou, notabilizando-se por ser o primeiro indígena do Estado a realizar tal feito. Ele vem ganhando causas consecutivas na justiça, o que tem aumentado sua visibilidade, inclusive nacionalmente.

Dos indígenas que saem das suas aldeias com propósito de estudar ou de trabalhar na sede do município, percebe-se que não são todos os que voltam e/ou que querem voltar para as aldeias novamente, há os que voltam para trabalhar como professores, outros na área da saúde, porém alguns permanecem nas cidades, a maioria no município de Atalaia do Norte. Eles vivem aparentemente uma vida normal, dividindo o tempo em estudo e trabalho; há dentre eles, os que somente trabalham, ocupando cargos expressivos em órgãos como: Secretaria de Assuntos Indígenas - SEMAI, União dos Povos Indígenas do Vale do Javari - DSEI Javari, União das Organizações Indígenas do Vale do Javari – UNIVAJA, outros se dedicam somente à agricultura, etc. Em contrapartida, é notória a pobreza de muitas famílias Marúbo residentes dos municípios de Atalaia do Norte e Guajará (AM).

Muitos Marúbo se casam com mulheres brancas, permanecem na sede do município e passam a socializar a sua cultura com a cultura das esposas. Como munícipe de Atalaia do Norte, posso afirmar também que a sede do município de Atalaia do Norte, como há 30 anos, não é somente residência de nordestinos, de filhos e netos de nordestinos nascidos no Amazonas na época do ouro branco e depois dele, mas também, agora, de hispano-americanos vindos do Peru e da Colômbia e de indígenas, principalmente do Vale do Javari. Dos povos indígenas do Vale do Javari, segundo Costa (1992, 13), os Marúbo são os que têm maior tempo de contato com os “brancos”:

[...] os Marubo são os que têm maior tempo de contato com a sociedade envolvente cerca de um século [...]. Internamente o povo Marubo se divide em várias nações relacionadas a grupos familiares. Entre elas citam-se iskonawa (nação do japó), ka'menawa (nação da onça); ꞑenawawa (nação chapim (ave)); ꞑe'wenawa (nação da arara); ninawa (nação da mata); 'varinawa (nação do sol); 'ꞑenunawa (nação azul); 'renunawa (nação do enfeite/adorno) e 'kenanawa (?).

Apesar de muitos Marúbo viverem na cidade e também serem os que têm o maior tempo de contato com os “civilizados”, a sua maioria, ainda vive em suas respectivas aldeias e terras demarcadas. Dizem, sobretudo, menos aculturados. Ainda praticam sua cultura, lutam por seus direitos, são os que têm maior força política na região.

2.3.3.4 A semelhança entre os Marúbo e os Katukina

Welper (2009) defende que os Katukina mantêm contatos frequentes com os Marúbo desde os finais da década de 1990. Esta aproximação teria gerado nos Katukina uma reflexão sobre tempos remotos, levando-os a acreditar que eles e os Marúbo eram somente um grupo, e que se separaram bem antes de terem contato com os não-indígenas. Da mesma forma e em sentido inverso, os Marúbo também pensam nos Katukina como um grupo próximo e que estaria unido a eles em tempo não tão distante. Welper (2009, 37) advoga que:

Desde os finais da década de 90, os Katukina têm mantido contatos regulares com os Marubo, grupo com o qual mais se identificam (Cofacci, 1999:35). Essa aproximação fez com que os Katukina passassem a refletir sobre as semelhanças culturais e linguísticas em relação aos Marubo e explicá-las por uma origem comum: antigamente, eles (os Marubo e os Katukina) formariam um mesmo grupo, mas teriam se separado “muito antes ainda de conhecerem os brancos”. Os Katukina concordariam que a “forma como os Marúbo vivem atualmente representa o modo de vida deles no passado, e os Marúbo são vistos por eles, então, como uma sociedade proto-katukina” (Cofacci, 1999: verbete) As reflexões dos Marubo acerca de suas semelhanças com os Katukina seguem o mesmo raciocínio: estes últimos corresponderiam aos descendentes de antepassados marubo que teriam, em algum momento da história remota, se separado de “seu povo” e se misturado aos civilizados, “perdendo” assim a sua “cultura”.

O primeiro contato dos Marúbo com os Katukina, após o contato oficial, ocorreu em 1980 por ocasião dos trabalhos dos missionários da Missão Novas Tribos do Brasil. A partir de então começaram a ter mais aproximação e observação de semelhança cultural. Cofacci (1999 *apud* WELPER, 2009, 37) explica a visitação dos Katukina à Cruzeiro do Sul, em 1992, data em que ocorreu uma aproximação afetiva, e em um dos dias

[...] os Katukina estavam andando pelo porto, quando ouviram algumas pessoas falando uma língua parecida com a deles e resolveram se aproximar. Apresentaram-

se, trocaram algumas palavras e logo descobriram que, além da língua, eles tinham outras características em comum. A principal delas seria a de que, entre os Marúbo, algumas pessoas também se identificavam como Satanawa, Varinawa, Kamanawa, Waninawa e Numanawa. Naquela ocasião eles trocaram alguns presentes e combinaram novos encontros.

2.4 Demografia Marúbo

Apresentamos um breve levantamento da população Marúbo, buscando uma série histórica que evidencie a evolução da população. Alguns dados foram retirados do Instituto Socioambiental – ISA. O próprio ISA referencia a SESAI como fonte primária, mas não conseguimos acesso a esta fonte. Os dados de 2020 adquirimos através do antropólogo, Assistente Técnico da União dos Povos Indígenas do Vale do Javari – UNIVAJA, Írison Rodrigues Neves o qual fez um levantamento de dados durante a Pandemia/2020.

Quadro 3 - Demografia Marúbo

Rios	Setores	Anos									
		1975	1978	1980	1985	1995	1998	2006	2010	2013	2020
Rio Ituí	Foz do rio Novo de cima.	--	21	26	65	114	88	--	--	--	1.155
Rio Curuçá	Acima da foz do Paraguaçu.	227	253	254	289	344	380	--	--	--	675
	Entre fozes Pardo e Arrojo.	91	66	53	86	133	182	--	--	--	--
	Igarapé Maronal.	141	110	116	149	204	231	--	--	--	--
	Outros	10	12	05	--	23	37	--	--	--	--
Atalaia do Norte	Sede do município	--	--	--	--	--	--	--	--	--	306
Total		397	462	460	594	818	918	1252	1705	1300	2.136

Fontes: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Marubo> / Aryon Rodrigues (2013) / Povos Indígenas Brasileiros: Marubo (indigenasbrasileiros.blogspot.com) / <https://univaja.com/marubo> / Irison Rodrigues Neves (2020).

Adaptação da própria autora.

Como mencionado anteriormente, é fato que há famílias Marúbo residindo em Cruzeiro do Sul (AC) e Guajará (AM). Neves (2017) elaborou um relatório sobre os Marúbo que vivem em Cruzeiro do Sul e em Guajará, na divisa do Estado do Amazonas com o Acre. Para elaborar seu relatório, o autor fez reunião com os Marúbo estudantes que estão em Cruzeiro do Sul e os que estão em Guajará. Da reunião em Cruzeiro do Sul, Neves conseguiu reunir 44 indígenas Marúbo com faixa-etária entre 11 e 35 anos. Segundo o relatório, Neves questionou aos presentes sobre a quantidade de Marúbo que habitam na cidade, mas não

souberam responder, e lhe informaram apenas que em 2014 foram levantados 60 indígenas residentes em Cruzeiro do Sul. No entanto, hoje eles não têm conhecimento do número exato. Nesse sentido, Neves (2017, 14) relata que “[...] atualmente não é possível obter esta informação, pois não há um controle ou uma pessoa que possa realizar registro desse fluxo, pois muitos estão há bastante tempo naquela região, e residindo uns distantes do outro.”

Dos 40 Marúbo registrados em 2014 como residentes de Guajará e mencionados em Neves (2017), “20 são alunos”, ou seja, vivem na cidade para estudar. Segundo notícia vinculada on-line (cf. JURUÁ ONLINE, 2018), eles vivem na periferia, num terreno doado pelo então governador Eduardo Braga. Nesse local, eles improvisaram uma mini maloca e vivem em 3 casinhas construídas pela prefeitura local. Tentam viver a sua cultura em meio às influências do mundo não indígena. Ainda segundo a notícia, quando é época de suas festividades, convidam seus parentes que vivem nas aldeias da calha do Javari e, para isso, eles caminham cerca de 7 horas pela selva, depois passam um dia viajando de barco até Guajará. Nessa nova moradia em Guajará, fazem suas festas com os rituais aprendidos com os seus pais, atraindo os parentes que ficaram nas aldeias para estas festividades, os mais velhos sempre dão instrução aos mais novos, são respeitados. É possível ver na notícia que, agora, os seus cânticos e danças são acompanhados por um tecladista, filho de Gerônimo, que aprendeu as notas musicais num teclado. Aqui se vê uma mistura da sua expressão cultural com as dos povos não indígenas da região. Segundo a fala do patriarca e representante deste grupo na notícia mencionada, Manoel Gerônimo, eles se mudaram para buscar estudos para os filhos e aprender melhor o Português, afim de que seus filhos se preparem para voltar às suas aldeias e prestarem serviços, principalmente nas áreas da educação e saúde (cf. Juruá Online, 2018)²³.

Ressaltamos que estes Marúbo que vivem em Cruzeiro do Sul (AC) e em Guajará (AM) e em outros lugares do Brasil etc não foram adicionados no Quadro 3. No referido quadro, constam somente os que vivem nas aldeias das calhas dos rios Ituí e Curuçá, assim como os que vivem na sede do município de Atalaia do Norte (AM).

²³ <https://www.youtube.com/watch?v=ujALl6xl6-E>

CAPÍTULO 3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como apresentado anteriormente, realmente há poucos estudos sobre a Língua Marúbo, o que se deve a inúmeras razões. Um dos fatores que pode contribuir para isso é a distância entre a localidade dos Marúbo e os grandes centros urbanos, outro também é o grande volume de trabalho necessário para descrever uma língua. Dada essa necessidade, pensou-se inicialmente em um trabalho de descrição de aspectos da gramática da LM. No entanto, essa abordagem não foi possível, devido a inúmeros fatores.

Ainda com as dificuldades e necessidades de adaptação, escolheu-se privilegiar aspectos estruturais da língua neste trabalho, optando por uma abordagem descritiva (Cf. Markoni, Lakatos, 2017), mas não mais da LM, agora de aspectos do Português escrito por eles. Portanto, a pesquisa é do tipo descritiva, que segundo Oliveira (2012, 68):

[...] vai além do experimento: procura analisar fatos e/ou fenômenos, fazendo uma descrição detalhada da forma como se apresentam esses fatos ou fenômenos, ou mais precisamente, é uma análise em profundidade da realidade da pesquisa.

A pesquisa descritiva é abrangente, permitindo uma análise do problema em relação aos aspectos sociais, econômicos, políticos, percepções de diferentes grupos, comunidades entre outros aspectos.

Este trabalho apresenta uma análise de textos escritos por 18 indígenas Marúbo em um curso de Formação de Professores Indígenas em 5 módulos distintos. Estes textos constituem a fonte principal da análise feita neste trabalho, os quais foram examinados com a finalidade de encontrar dados linguísticos considerados na literatura específica como “erros” (cf. CORDEIRO, 2018; FERNÁNDEZ, 2011; MIRANDA, 2013; FIGUEIREDO, 2007; FORTES, 1996; TORRE, 1985). Estes erros, de fato, são marcas da influência da L1 sobre a L2. Dadas as limitações da pesquisa, realizou-se apenas com a interação indireta com os sujeitos colaboradores. Apresentamos, a seguir, os caminhos traçados para se chegar aos resultados desta pesquisa.

O desenvolvimento deste trabalho passou por várias fases, entre as quais a escolha de um tema, a busca exaustiva de materiais, a identificação de textos analisáveis, a análise dos textos e dos possíveis gêneros textuais, a compilação das construções que podem apresentar traços de transferência de L1, por fim, a classificação dessa compilação.

Ingressei no Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL da UFAM com um projeto que propunha analisar o preconceito linguístico em relação aos falantes de Língua Portuguesa como L2. Desde o princípio, eu ansiava trabalhar com o contexto linguístico da

região onde morei por longos anos, projeto bastante abrangente e audacioso, pois incluiria analisar questões relacionadas a falantes das línguas indígenas Kanamary, Marúbo, Matís, Matsés (Mayorúna) e da Língua Espanhola. Com o ingresso no mestrado, o meu orientador solicitou a readequação do projeto, pois considerava amplo demais para uma pesquisa de 2 anos. Entre outras coisas, solicitou-me que me concentrasse em apenas uma língua. Diante da minha afinidade com o povo Marúbo, tomei minha primeira decisão de reformulação da minha pesquisa.

Com o avanço dos meus estudos no PPGL e com minha participação no Grupo de Pesquisa sobre Línguas e Culturas Amazônicas - LCA, fui sendo provocada a pensar mais sobre aspectos estruturais das línguas. Dessa forma, começamos a conversar, eu e meu orientador, sobre a possibilidade de fazer uma descrição de aspectos da Língua Marúbo. De fato, comecei a voltar o meu trabalho para esse objetivo, chegando a ensaiar um esboço de aspectos fonológicos da Língua Marúbo na disciplina de Tópicos de Linguística 10, que se voltava para o estudo de fonética e fonologia. Para esse trabalho, contei com a ajuda dos indígenas Yura Marubo e do meu orientador, o qual me forneceu áudios Marúbo coletados em 2010.

Comecei a me preparar para realizar o trabalho de campo em 2020, retornar a Atalaia do Norte e conseguir dados de primeira mão para analisar. Como parte do meu preparo para o trabalho de campo, eu vinha estudando trabalhos anteriores sobre a língua (COSTA, 1992, 2000; KENNEL Jr., 1978) e cheguei a apresentar seminário, no grupo de pesquisa LCA, com aspectos descritivos da Língua Marúbo. Realizei todas as minhas disciplinas em 2019 e reservei o ano de 2020 para o campo e para a escrita da dissertação. No entanto, a Pandemia da COVID-19, a qual ainda enfrentamos, me impediu de fazer a viagem pretendida até o município de Atalaia do Norte, para coletar os dados de fala oral de falantes de Língua Marúbo como L1 como planejado.

Em todo caso, como é comum nos estudos sobre povos e línguas indígenas, realizei revisão bibliográfica sobre o povo Marúbo, sua história e sua cultura. Essa revisão serviu para que eu tivesse uma melhor compreensão sobre o povo e pudesse sistematizar informações que eu conhecia por minha experiência como moradora da região. Os resultados da revisão bibliográfica sobre o povo são apresentados em uma narrativa que compõem os capítulos 2, 3 e 4.

Além da revisão sobre o povo e sobre sua história, foi também realizado um levantamento sobre os trabalhos linguísticos anteriormente realizados. Infelizmente, a produção sobre a Língua Marúbo não é extensa e não há como se ter uma ideia de toda sua

gramática por esses trabalhos. Dos trabalhos analisados, o mais completo em termos de abrangência dos aspectos da gramática é o de Kennel Jr. (1978), trabalho não publicado e realizado dentro de um formato muito específico, sem muitos exemplos. Os trabalhos de Costa (1992, 2000), embora sejam muito aprofundados no tocante à fonologia segmental, dedicam-se a aspectos específicos e não possibilitam entender a gramática Marúbo como um todo.

Diante do impasse de não haver muitos dados publicados da Língua Marúbo que possibilitassem um trabalho de base bibliográfica e da inviabilidade de um trabalho de campo que possibilitasse novos dados, tivemos que mudar completamente os objetivos da pesquisa. Em conversa com meu orientador, ele apontou a possibilidade de trabalho com o que vem se chamando de “Português Indígena” (Ferreira *et al.*, 2014). Apontou ainda que contava com textos escritos produzidos pelos indígenas Marúbo no curso de Pedagogia Intercultural da Universidade do Estado do Amazonas, que funciona na sede do município de Atalaia do Norte, no qual ele ministra algumas disciplinas(cf. subseção 3.2) e foi quem coletou os textos. Os gêneros discursivos foram: biografia, texto informativo, redação. Os tipos de textos apresentados foram o Dissertativo-Argumentativo, Descritivo e o Narrativo. Esses textos foram produzidos durante as aulas ocorridas na Escola Estadual Pio Veiga em Atalaia do Norte (AM).

Com essa nova possibilidade em mente, começamos então a trabalhar para viabilizar essa nova possibilidade de pesquisa. A primeira medida foi solicitar autorização à coordenação do curso de Pedagogia Intercultural/PARFOR/UEA para utilizar os materiais produzidos no curso. Toda a interlocução foi feita por e-mail e a autorização foi imediata, o que nos permitiu começar a traçar uma nova metodologia para a pesquisa que se iniciava.

3.1 Perfil dos colaboradores²⁴

Como os textos não foram produzidos no âmbito da pesquisa, não foram aplicados questionários ou qualquer instrumento que nos permitisse traçar o perfil individual de cada estudante Marúbo. Na falta desses dados, faremos uma caracterização geral do perfil dos colaboradores, mas observando que há muita diversidade entre eles.

Podemos afirmar que todos são Marúbo, escrevem e falam em Português, mas com distintos graus de fluência. Se considerássemos a fluência em L2 como um contínuo, indo do mais próximo a L1 até o mais próximo a L2, poderíamos dizer que há alunos que ainda se

²⁴ As informações apresentadas nesta seção baseiam-se em conversas com o meu orientador.

encontram muito próximos da L1 e que se comunicam muito pouco em Língua Portuguesa, inclusive solicitando tradução das falas do professor aos colegas ou dirigindo-se ao professor em LM, levando o professor a solicitar tradução. No outro extremo do contínuo teríamos falantes de Língua Portuguesa que se expressam muito semelhantemente aos falantes de Língua Portuguesa como L1 da região. Entre esses dois extremos, há vários graus observáveis entre os alunos, levando-nos a considerar a turma como extremamente heterogênea quanto a sua fluência.

Apesar de não termos selecionado alguns textos para análises desta dissertação, cabe mencionar casos de alternância de código em que os alunos escreveram as perguntas em Português e as respostas em Marúbo. No entanto, cabe observar que se tratavam de atividades referentes à morfologia da sua Língua Materna e, como se destinavam à análise da língua indígena, é normal que apresentem o registro em ambas as línguas, refletindo o contexto bilíngue de atuação do professor em cursos interculturais²⁵.

Todos os alunos falam fluentemente sua L1, relatando que passaram por aquisição natural dessa língua, ou seja, aprenderam no convívio em comunidade desde a mais tenra idade. Além de dominarem a língua falada, é importante mencionar que todos escrevem em Língua Marúbo, embora seja difícil dimensionar os seus hábitos de escrita. Em todo caso, é também importante mencionar que a língua escrita possui baixo grau de padronização, havendo pouco material de apoio para o seu estudo.

Sobre o contato dos alunos com o português, pode-se afirmar que ocorreu há mais de 20 anos, uma vez que todos os graduandos atuam no magistério em suas aldeias e todos participaram das formações ofertadas pelas Secretarias de Educação estadual e municipal. Em especial, cabe mencionar o Projeto Pirayawara da SEDUC, que foi ofertado para os indígenas do Vale do Javari de 2001 a 2014. Outra questão a ser considerada é que um dos critérios da SEMED do município de Atalaia do Norte para a contratação de professor(a) indígena é que ele(a) fale e escreva em Português²⁶.

Apesar de não podermos afirmar com segurança, é bastante possível que os 18 graduandos tenham sido alfabetizados primeiramente em Marúbo, uma vez que é recorrente informarem que a alfabetização na aldeia é feita em Língua Indígena. Segundo seus relatos, desde o estabelecimento das Missão Novas Tribos do Brasil, foi criado material pedagógico para alfabetização em Marúbo e que é utilizado até o presente.

²⁵ Esses trabalhos foram realizados em grupo, porém, não pegamos para serem analisados aqui, optamos somente por cinco; demos preferência somente àqueles que eles realizaram individualmente.

²⁶ Essa informação me foi passada pela então secretária de educação em reunião realizada em 2013.

3.2 Os dados

Os textos que foram utilizados para a geração dos dados desta pesquisa são resultantes de disciplinas ministradas pelo meu orientador, Dr. Sanderson Soares Castro de Oliveira, no curso de Pedagogia Intercultural do PARFOR/UEA/Atalaia do Norte (AM). Somam 73 textos escritos diversos, ou seja, de diferentes gêneros e tipos textuais, os quais foram produzidos à mão pelos seus alunos. Esses textos foram produzidos entre 2016 e 2020. Em relação à tipologia textual dominante observada, há descrição, dissertação e narração. Quanto ao gênero textual existe dentre eles, apresentação pessoal (biografia), redação e questionário.

A maioria dos textos solicitados foram produzidos como forma de avaliar as disciplinas ministradas e um dos textos era a apresentação pessoal de cada aluno. Mesmo com orientações dadas pelo professor, nota-se que havia estratégias distintas na produção dos textos, uma vez que alguns respondiam as orientações, produzindo questionários enquanto outros produziam textos narrativos ou dissertativos. A maioria dos alunos não estruturou o texto de acordo com o tipo textual solicitado. Um exemplo de desvio com relação ao tipo textual solicitado podemos citar ainda o caso da solicitação de um texto dissertativo-argumentativo, mas o aluno produziu um texto em formato de poema. A explicação com detalhamento será apresentada no Capítulo 5, o qual será realizada a análise dos dados.

Importante mencionar que foi solicitada a autorização institucional à coordenação do curso de Pedagogia Intercultural para o uso dos textos como fonte para produção de dados nesta dissertação. Ademais, por questões éticas, não são identificados os graduandos e não são apresentadas quaisquer informações que possam levar a identificar individualmente a pessoa que produziu qualquer um dos dados.

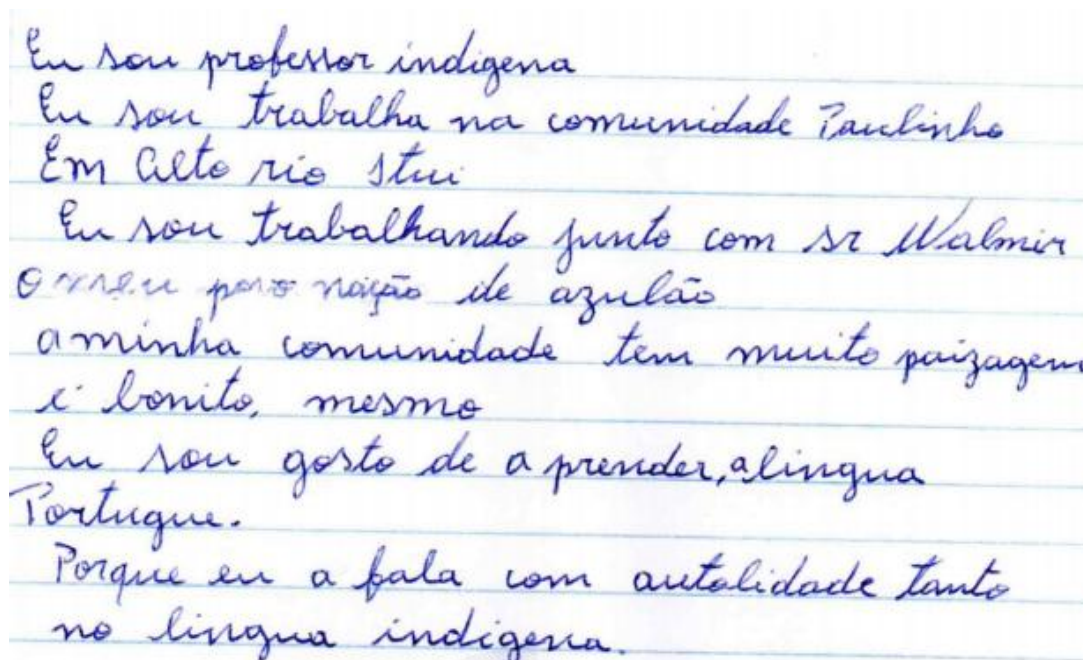
3.3 O tratamento dos dados e a transcrição

A partir da autorização, o meu orientador me repassou todos os, aproximadamente, 150 textos de todos os graduandos que ele tinha arquivados, incluindo textos produzidos por indígenas Matis, Kanamary, Mayoruna e pelo não-indígena. Como o objetivo era trabalhar apenas com o Português Marúbo, separei os 73 textos escritos pelos alunos dessa etnia. Para realizar essa seleção foi me dado acesso à lista de frequência da turma, a qual apresenta o nome e a etnia de cada um. Todos os 150 textos, aproximadamente, estão identificados com o nome próprio, mas o que facilitou a separação dentre todos os dos Marúbo foi o primeiro texto, pois se trata de uma biografia básica onde eles se apresentam, dizem a sua etnia etc.

Ao realizar a triagem dos textos, pude perceber, pela folha de frequência, que a maior quantidade de estudantes do curso era Marúbo, um total de 18, frente a 9 Mayorúna, 6 Kanamarý, 1 Matís e 1 não indígena. Como foi mencionado no capítulo anterior, este é um exemplo do protagonismo Marúbo frente aos outros povos do Javari. Outra questão importante que pude notar é que todos os 18 Marúbo são homens, não havendo nenhuma mulher Marúbo nessa turma²⁷.

Após a seleção inicial dos textos, comecei a organizar os 73 textos pela atividade que lhe deu origem. Os textos haviam sido produzidos em 5 ocasiões diferentes. Em 4 ocasiões, eles produziram avaliações sobre a disciplina. Apenas o texto 1 (T1) trata de uma apresentação pessoal em que cada aluno deveria descrever-se e falar da sua vida cotidiana como mencionado acima. Separei os textos por aluno, ou seja, agrupando todos os textos produzidos por um mesmo aluno. Na sequência, criei uma tabela em *word* em que registrava o aluno e os textos que ele havia escrito. Nessa etapa, pude observar que nem todos os alunos produziram todos os gêneros discursivos e as tipologias textuais. Dos solicitados nas 5 ocasiões diferentes, a maioria produziu 4. Podemos observar logo abaixo, 4 exemplares da composição de 73 textos escritos:

Figura 14 - Texto A5T5



Eu sou professor indígena
 Eu sou trabalha na comunidade Paulinho
 Em Alto rio Stui
 Eu sou trabalhando junto com sr Walmir
 O meu povo nação de azulão
 a minha comunidade tem muito paisagem
 e bonito, mesmo
 Eu sou gosto de aprender, a lingua
 Portuguesa.
 Porque eu a fala com autalidade tanto
 no lingua indígena.

Fonte: Graduando Marúbo A5T1

²⁷ No Capítulo 2, mencionamos a questão na fala de Nelly Duarte Marubo retirada das entrevistas de Bonilla e Franchetto (2015) e Bull e Teixeira (2015), que relata suas dificuldades como mulher Marúbo em busca de formação no contexto não indígena.

Figura 15 - Texto A15T5

A 13
T 3

Avaliação
do Professor

Sanderson contra Soares de Oliveira
foi muito Bom aula dele e nós
professores valio mas ele costuma
Trabalho o português e defeso
para nós mas simesmo na entrega
Euvo a preder mais o Din que eu
o preder Eu vou para para meus
alunos português em português
para nos professa
e professor no priga ele é com
ma ele explica muito bom Em pre-
nti tempo presente, passado, e
Futuro, o verbo,
no outros Eu ven a prenti

Fonte: Graduando Marúbo A13T3

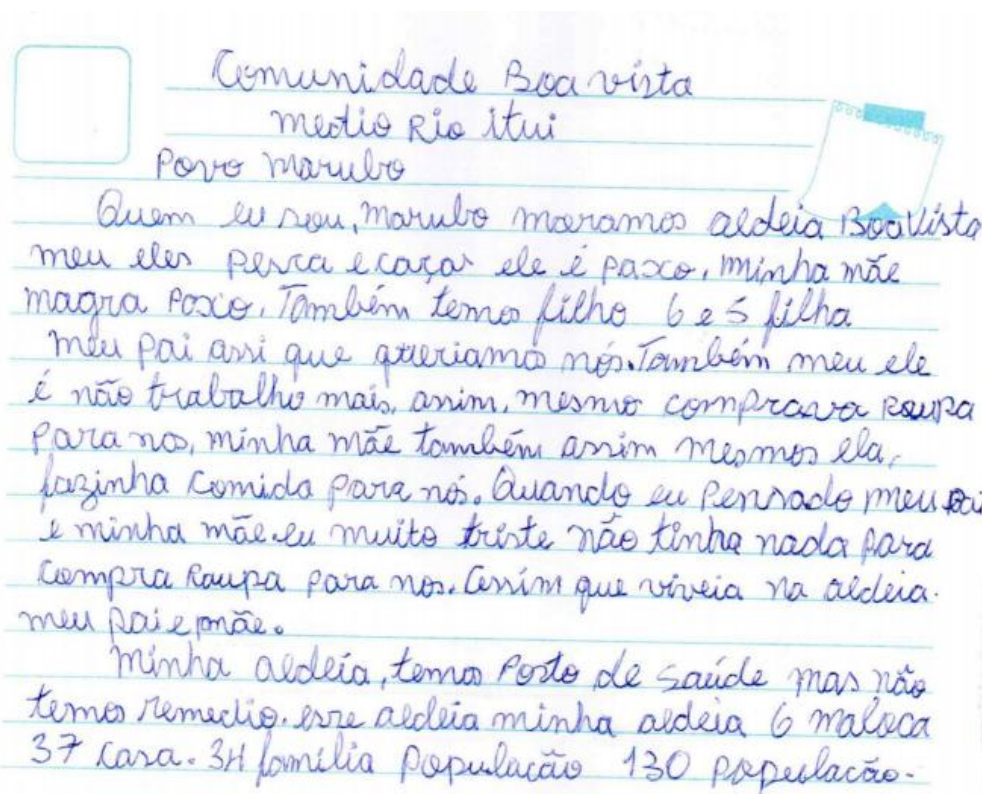
Figura 16 - Texto A14T5

1. O que foi bom e o que pode melhorar
na disciplina.

Nos estudamos Normalização
ortografica da lingua indigenas,
estudamos: texto, esprecações do
professor, orientação, como usa
letra, como organização, cada letra
bem orientação mais poucas Horas
Professor que ensino bem ainda,
estudamos composta, sufixo e posposições.
no já aprendemos ainda conhecemos
Dorso lingua materna cada um onde
vamos Responsabilidade de nosso trabalho
de em nosso dicionário vai sai ainda

Fonte: Graduando Marúbo A15T5

Figura 17 - A15T1



Fonte: Graduando Marúbo A15T1

De forma a garantir a confidencialidade dos alunos, de seus dados e de não os expor, criei um sistema de identificação para os alunos e para os textos, de forma que cada um é identificado apenas por uma letra e por um número. A representação ficou da seguinte maneira: os alunos estão representados pela letra A e por números sequenciais: A1, A2, A3 etc; os textos estão representados pela letra T e por números sequenciais: T1, T2, T3, etc. Nesse caso, um texto identificado como A1T1 foi escrito pelo Aluno 1 e refere-se ao Texto 1 que é o seu primeiro texto, sua apresentação pessoal.

Desse modo, o texto 1 refere-se a uma apresentação pessoal realizada na disciplina; o texto 2 é uma redação do tipo dissertativa-argumentativa; o texto 3 trata-se de outra redação do tipo dissertativa-argumentativa, o texto 4 e o 5 corresponderiam a tipologia de texto informativo, porém se confundiram e apresentaram as informações não com a estrutura esperada, mas no modelo de questionário²⁸. Podemos observar o quantitativo de alunos e seus respectivos textos representados por letras e números conforme explicação no Quadro 4 a seguir.

²⁸ Como não foi possível recuperar com segurança a disciplina e o ano que cada texto foi escrito, resolvemos por não mencionar esses dados para todos.

Quadro 4 - Sequência de textos

	T1	T2	T3	T4	T5
A1	1	1	1	1	1
A2	1	1	1	-	1
A3	1	1	1	-	-
A4	1	1	1	-	1
A5	1	1	1	-	1
A6	1	1	1	1	-
A7	1	1	1	1	1
A8	1	1	1	-	-
A9	1	1	1	1	1
A10	1	1	1	1	-
A11	1	1	1	-	1
A12	1	1	1	-	-
A13	1	1	1	-	1
A14	1	1	1	1	1
A15	1	1	1	-	1
A16	1	1	1	-	1
A17	1	1	1	1	-
A18	1	1	1	-	1
TOTAL	73 textos				

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira

Criadas as identificações, fiz cópia e digitalizei todos os textos para poder trabalhar sem alterar os originais e para garantir que não fossem danificados durante o manuseio para a pesquisa. Nas cópias, fiz ainda a numeração de cada linha para facilitar a referência aos dados que seriam analisados.

Com os textos devidamente identificados, comecei a fazer o primeiro levantamento dos aspectos estruturais observados que poderiam ser considerados como influências da L1. Esse levantamento consistia em um trabalho subjetivo de ler os textos e identificar dados de interesse²⁹. Para essa análise, criamos uma tipologia descritiva básica para os dados obtidos, classificando-os em: textual, fonológico, morfológico, morfossintático e sintático. Durante o processo, foi observada a necessidade de uma subclassificação dos dados, por exemplo, há fenômenos consistentes relacionados a não distinção entre consoantes surdas e sonoras, esses dados constituem uma subclasse das características fonológicas. Todos os dados obtidos estão registrados nos apêndices desta dissertação.

As categorias que criamos são meramente descritivas e buscam dar conta dos aspectos observados. Não tomamos nenhuma categoria aprioristicamente nem nos baseamos em qualquer autor prévio. No que se refere à categoria textual, buscamos elencar somente aquilo que concerne às características gerais de um texto como: a estrutura de texto, a paragrafação, o tamanho do texto, o espaçamento adequado entre parágrafos, o uso adequado de maiúsculas

²⁹ As análises dos textos não foram feitas de modo exaustivo, mas obtivemos muito material, os quais servirão até mesmo para trabalhos futuros.

e minúsculas, a pontuação e, em alguns casos, a acentuação gráfica³⁰. Na categoria fonológica procuramos registrar todas as alterações que claramente estão relacionadas ao plano da fonologia como: alternância entre surdas e sonoras, alternância entre vogais altas e médias, deslocamento de acento, supressão de elementos, etc. Na categoria morfológica procuramos evidenciar os dados que mostram a alteração na constituição da palavra, mas sem implicação óbvia para a sintaxe. Na categoria morfossintática, buscamos dados do plano morfológico que trouxessem implicações para a sintaxe, como a concordância nominal e a concordância verbal. Na categoria sintática investigamos os dados que estão no plano da sintaxe como a ausência de preposição e de cópula ou ainda uso diverso da ordem de elementos.

Apesar do trabalho priorizar os casos de interferência/transferência que são característicos da influência da L1 na L2, há casos que selecionamos inicialmente e que, em uma segunda análise, consideramos, a partir de trabalhos relacionados a temática aqui abordada, que são desvios da norma culta ou padrão e que são típicos também de falantes de Português como L1, além de casos em que não é tão fácil fazer a distinção. Considerando isso, realizamos a separação do que é “desvios” de falante de primeira língua (L1) e casos de interferência/transferência de falante de segunda língua (L2). Para chegarmos aos dados de falantes de L2, consideramos a variação regional e local da Língua Portuguesa, por ser esta a variedade com a qual o indígena está em contato. Não obstante, há que se registrar a dificuldade em encontrar material descritivo sobre o Português falado em Atalaia do Norte ou mesmo na região do Alto Solimões, local da tríplice fronteira: Brasil, Colômbia e Peru, como mencionado no Capítulo 2.

Durante o amadurecimento da pesquisa, observamos a necessidade do contraste dos dados observados com a gramática da LM. Como mencionado anteriormente, a língua não conta com uma descrição completa. Nesse caso, decidi tomar o texto de Kennel Jr. (1978) como base para as análises. Trata-se de um trabalho não publicado e que se encontrava em PDF, mas que havia sido inicialmente encontrado impresso pelo meu orientador³¹. Infelizmente, o trabalho estava em condições precárias, sendo difícil enxergar vários detalhes, que ora estavam claros, ora tínhamos que deduzir o que estava escrito, além de algumas poucas partes ilegíveis, as quais ficaram impossíveis de interpretar. O trabalho original foi escrito em máquina datilográfica e está datado de 1978, portanto, anterior à era da

³⁰ Embora este não seja um aspecto textual, resolvemos por incluí-lo nesta categoria, uma vez que nem sempre o uso inadequado da acentuação gerava consequências para os planos estruturais.

³¹ O trabalho foi encontrado pelo orientador durante suas pesquisas de doutorado, mas ele não se recorda exatamente em qual dos acervos pesquisados, podendo ser o da Frente de Proteção Etnoambiental do Vale do Javari, o do Centro de Trabalho Indigenista ou ainda o Centro de Documentação de Línguas Indígenas do Museu Nacional.

computação. O texto completo possui 46 páginas, mas está numerado como se o trabalho contasse com 52 páginas. De fato, há páginas faltando, mas observamos que a numeração não seguia a organização do trabalho e tivemos que reorganizar algumas páginas. É bastante provável que a numeração das folhas tenha sido feita não com base no trabalho original, mas no acervo em que estava depositado e que a pessoa que fez a numeração não tenha observado a sequência correta do trabalho. Após reorganizarmos o material, realizei a digitação de todo o trabalho em *word*, havendo diferenças na paginação do texto digitado e do texto original, o que é relativamente comum devido a diferenças entre computador e a máquina de escrever. Em todo caso, como se trata de trabalho relevante, haja vista a falta de materiais sobre a Língua Marúbo, apresentamos como anexo desta dissertação.

Percorrido todo esse caminho, foi realizada a análise dos dados encontrados na perspectiva da “análise de erros”, que nesta dissertação optamos por denominar de ‘análise de casos de transferência’ (cf. CORDEIRO, 2018; FERNÁNDEZ, 2011; MIRANDA, 2013; FIGUEIREDO, 2007; FORTES, 1996; TORRE, 1985). Em se tratando de dados escritos, não é difícil percebê-los em falantes de L2. De fato, alguns desvios observados na escrita são comuns até mesmo em textos de falantes de Língua Portuguesa como L1. Portanto, os “desvios” existem e podem ser identificados e examinados.

Diferentemente de outros trabalhos (MARTINS, 2015; BARRETA, 2001), nosso objetivo não é fazer uma análise estatística ou amostral, identificando desvios ou influências e apresentando-os em gráficos. Nossa ideia é analisar aspectos estruturais que evidenciam a influência da L1 na L2. Importante lembrar que são evidências indiretas, uma vez que contamos apenas com textos escritos e não tivemos oportunidade de trabalhar com dados da oralidade. Segundo Gonçalves e Siopa (2005 *apud* MIRANDA, 2013, 9), “o domínio da LP exige eficácia na abordagem sobre o oral e a escrita por parte dos ensinantes dos processos inerentes à escrita e do conhecimento sobre o domínio da língua pelos aprendentes”.

CAPÍTULO 4 - A LÍNGUA MARÚBO

O primeiro trabalho descritivo, conforme apontado no capítulo 1, sobre a Língua Marúbo foi realizado por Kennel Jr. (1978) e se trata de uma gramática preliminar da língua. O trabalho foi encontrado no formato de cópia datilografada, apresentando invisibilidade em alguns trechos do texto. Apesar da dificuldade em visualizar o material, todo ele foi redigitado em *Word* e está apresentado como anexo desta dissertação. Embora seja um manuscrito, é considerado como um trabalho relevante, por ser, até o presente, a descrição mais abrangente sobre essa língua.

4.1 Kennel Jr. (1978)

No trabalho de Kennel Jr. (1978), as informações fonéticas e fonológicas são apresentadas a partir da ortografia pensada para a língua. O autor, na página 1, estabelece que “As letras do alfabeto marubo são: p, t, n, k, r, s, a, e, i, o, v, m, ts, w, y, ch, sh, tx e '. A maior parte delas têm o mesmo valor que em português, com a exceção das seguintes:”

Quadro 5 - Letras do alfabeto Marúbo³² com pronúncia divergente do Português

o - equivale ao <u>o</u> fechado em português, mas há uma flutuação em certos ambientes ao w, mas não como em português mesmo;
a - equivale sempre ao <u>a</u> da palavra <u>pato</u> ;
e - é o vocóide alto aberto central não arredondado sonoro (i). Não existe vogal semelhante em português;
s - equivale sempre a ss em português;
r - equivale ao <u>r</u> intervocálico do português;
v - fricativa bilabial sonora. É semelhante ao <u>v</u> do português, mas é pronunciado com os dois lábios;
u - semi-vogal labial sonora. Equivale ao <u>u</u> do português nas palavras ou expressões como <u>guarda</u> , <u>uáu</u> , e <u>ué</u> , mas funciona como consoante; ³³
y - semi-vogal velar sonora. Corresponde ao <u>i</u> em português nas palavras como <u>iniô</u> , e <u>ieiê</u> , mas funciona como consoante;
sh - fricativa alveo-palatal para trás (s ³⁴). É semelhante ao <u>ch</u> em português, mas com a língua um pouco para trás da posição normal usada quando fala-se o <u>ch</u> ;
tx - africada alveo-palatal surda. Equivale a <u>tch</u> em português nas palavras <u>tcheco</u> e <u>tchau</u> ;
' - oclusiva glotal surda.

Fonte: Kennel Jr. (1978)

Sobre o acento, o autor afirma que “a sílaba tônica é normalmente a primeira sílaba, ou a sílaba com uma vogal nasal, marcada com o til (ˇ). Exceções indicam-se pelo acento agudo (´)”. Apesar de não haver clareza sobre o que o autor chama de “primeira sílaba”, entendemos que se refere à sílaba mais à esquerda. Importante notar que o padrão geral do

³² O alfabeto utilizado pelos Marúbo atualmente diverge em apenas poucos detalhes com relação ao apresentado por Kennel Jr (1978). Atualmente, não registram a oclusiva glotal na ortografia e utilizam o w para a semivogal labial sonora.

³³ Na escrita atual da língua, os Marúbo têm utilizado o <w> para grafar este fonema.

³⁴ Kennel Jr. utiliza o símbolo š, mas optamos por usar os símbolos do IPA.

acentos lexical seria na sílaba mais à esquerda, no entanto, haveria também acentos divergentes. Infelizmente, o autor não apresenta informações sobre acento e o número de sílabas na palavra.

Em um segundo momento, o autor apresenta o detalhamento fonético das representações grafemáticas propostas. Aqui, propomos também a representação fonológica associada às realizações fonéticas apresentadas em Kennel Jr. (1978), conforme Quadro 6:

Quadro 6 - Consoantes da Língua Marúbo

Ortografia	Fonema	Alofone	Descrição/Ocorrência/Exemplos
<v>	/β/	[β]	Fricativa bilabial sonora. Nunca precede o vocóide alto aberto central não arredondado sonoro [i]. /vana/ [βana] ‘fala’, /aβo/ [aβo] ‘sabão’.
		[β ^w]	Fricativa bilabial sonora labializada. Sempre precede o vocóide alto central aberto não arredondado contínuo [i]. /βini/ [β ^w ini] ‘macho’.
<k>	/k/	[k]	Oclusiva velar surda. Ocorre sem restrição /karo/ [karo] ‘lenha’, /kipo/ [kipo] ‘fechar’.
<m>	/m/	[m]	Nasal bilabial sonora. Ocorre sem restrição. /mapo/ [mapo] ‘cabeça’.
<n>	/n/	[n]	Nasal alveolar sonora. Ocorre sem restrição. /pino/ [pino] ‘beija-flor’.
<p>	/p/	[p]	Oclusiva bilabial surda. Nunca precede o vocóide alto aberto central não arredondado sonoro contíguo [i]. /pano/ [pano] ‘cunhada’.
		[p ^w]	Oclusiva bilabial surda labializada. Sempre precede o vocóide alto aberto central não arredondado sonoro contíguo [i]. /pino/ [p ^w ino] ‘telhado’.
<r>	/r/	[r]	Desfraldada alveolar sonora. Ocorre sem limitação. /rama/ [rama] ‘agora’.
<s>	/s/	[s]	Fricativa alveolar surda. Ocorre sem restrição. /pasa/ [pasa] ‘sopa’.
<ch>	/ʃ/	[ʃ]	Fricativa álveo-palatal surda. Ocorre limitadamente precedendo o vocóide alto aberto central não arredondado sonoro contíguo. Fora disto ocorre sem restrição. /jai/ [ʃai] ‘pássaro’.
<sh>	/ʂ/	[ʂ]	Fricativa álveo-palatal surda para trás. Não precede o vocóide alto fechado anterior não arredondado sonoro /i/, mas fora disto ocorre sem restrição. /ʂai/ [ʂai] ‘envira’.
<t>	/t/	[t]	Oclusiva alveolar surda. Ocorre sem restrição. /tapo/ [tapo] ‘assoalho, jirau’.
<ts>	/ts/	[ts]	Africada alveolar surda. Ocorre sem restrição. /tsano/ [tsano] ‘colher’.
<tx>	/tʃ/	[tʃ]	Africada álveo-palatal surda. Ocorre sem restrição. /tʃano/ [tʃano] ‘nome de menino’.
<w>	/w/	[w]	Semi-vogal bilabial sonora. Nunca precede o vocóide médio fechado posterior arredondado sonoro /o/. /wapa/ [wapa].
<y>	/y/	[y]	Semi-vogal velar sonora. Nunca precede o vocóide alto fechado anterior não arredondado sonoro [i]. [yapa] [yapa] ‘peixe’.
	/ʔ/	[ʔ]	Oclusiva glotal surda. Ocorre limitadamente no meio de algumas palavras. /ʂaβáʔma/ [ʂaβaʔma] ‘ontem, amanhã’.

Fonte: Kennel Jr. (1978)

Da mesma forma, apresentamos as representações grafemáticas das vogais da língua Marúbo, acompanhadas das representações fonológicas.

Quadro 7 - As vogais da Língua Marúbo

Ortografia	Fonema	Alofones	Descrição/Ocorrência/Exemplos
<a>	/a/	[a]	Vocóide baixo aberto central não arredondado sonoro. Ocorre sem restrição. /kapa/ [ˈkapa] ‘quatipuru’
		[a̰]	Vocóide baixo aberto central não arredondado surdo. Ocorre raramente entre /k/ e /t/. Quando a palavra é enunciada bem devagar o vocóide transforma-se na forma sonora /m̄irakatsa/ [ˈm̄irakatsa] ~ [m̄irakatsa] ‘achará’.
<ã>	/ã/	[ã]	Vocóide baixo aberto central não arredondado sonoro nasal. Ocorre sem restrição. /tjãpo/ [ˈtjãpo] ‘gafanhoto’.
<e>	/i/	[i]	Vocóide alto aberto central não arredondado sonoro. Ocorre sem restrição. /iri/ [ˈiri] ‘correr’.
<ẽ>	/ĩ/	[ĩ]	Vocóide alto aberto central não arredondado sonoro nasal. Ocorre sem restrição. /kavĩ/ [kaβ˞ĩ] ‘escolher’.
<i>	/i/	[i]	Vocóide alto fechado anterior não arredondado sonoro. Ocorre sem limitação. /tipi/ [ˈtipi] ‘espingarda’.
		[e^]	Vocóide médio fechado anterior não arredondado sonoro elevado. Ocorre raramente na última sílaba, quando esta não é a sílaba tônica. /iwĩβãiai/ [ˈiwĩβãiae^] ‘levou (uma pesca) consigo’.
		[ḭ]	Vocóide alto fechado anterior não arredondado surdo. Ocorre em raras palavras entre duas oclusivas surdas, quando a palavra é enunciada rapidamente. /nasikiti/ [ˈnasikiti] ‘viga transversal de uma casa’.
<ĩ>	/ĩ/	[ĩ]	Vocóide alto fechado anterior não arredondado nasal. Ocorre sem limitação. /natĩ/ [ˈnatĩ] ‘esteio’
<o>	/o/	[o]	Vocóide médio fechado posterior arredondado sonoro. Ocorre sem limitação. /poto/ [ˈpoto] ‘pó’.
		[o^]	Vocóide médio fechado posterior arredondado sonoro elevado. Às vezes já uma flutuação do [o] até esta posição. Ocorre com mais frequência, mas nem sempre, quando o [o] segue a fricativa alveopalatal surda /ʃ/, e a semivogal velar sonora /y/. /kaʃo/ [ˈkaʃo^] ‘graveto’, /yoa/ [ˈyo^a] ‘mentir’.
<ô>	/õ/	[õ]	Vocóide médio fechado posterior arredondado sonoro nasal. Ocorre sem restrição. /nõti/ [ˈnõti] ‘canao’.
		[õ^]	Vocóide médio fechado posterior arredondado sonoro nasal elevado. Às vezes o [õ] flutua a esta posição quando segue contiguamente a africada álveo-palatal surda /ʃ/. /ʃõ^mo/ [ʃõ^mõ] ‘pote’.

Fonte: Kennel Jr. (1978)

No que diz respeito aos fonemas suprasegmentais em Marúbo, Kennel Jr. (1978) apresenta as seguintes informações que pusemos, também, em quadro. Apesar de não estar indicado claramente, entende-se que o autor está informando sobre o acento na língua. Assim como informado anteriormente, é possível observar que o autor considera que o acento mais comum na língua é o que recai na sílaba mais à esquerda.

Quadro 8 - Fonemas suprasegmentais na Língua Marúbo

/θ ³⁵ /, /V/ Ênfase:	Ênfase: Ocorre com mais frequência na primeira sílaba da palavra, ou na sílaba que tem uma vogal nasal /Ṽ/. Se ocorre uma palavra bissilábica, e as vogais de ambas as sílabas são nasais /C̃ṼC̃Ṽ/, a sílaba tônica é a segunda. Nestes casos, a ênfase não é indicada. As exceções indicam-se pelo acento agudo /V/. /pakiai/ [ˈpakiai] ‘deixar cair’ /pakiai/ [pakiai] ‘cair’, /kamã/ [kaˈmã] ‘onça’, /kamãni/ [kamãni] ‘da onça’, /jĩnã/ [jĩnã] ‘pensar, respirar’, /nõti/ [nõti] ‘canoas’, /nõti/ [nõti] ‘de canoa’.
---------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Kennel Jr. (1978)

Sobre os aspectos fonológicos, o autor apresenta ainda informações sobre a distribuição dos fonemas no interior das palavras e da sílaba. Para mais detalhes, remetemos o leitor ao anexo desta dissertação.

No nível morfossintático e oracional, o autor apresenta uma descrição dentro de uma perspectiva tagmêmica, trabalhando com níveis hierárquicos. Segundo o próprio autor “a abordagem tagmêmica foi empregada tanto na análise como na descrição da gramática do Marúbo. No apêndice há uma lista de todas as abreviaturas usadas nas fórmulas tagmêmicas e nas definições das palavras e afixos, dispostas em ordem alfabética”.

Infelizmente, a opção da apresentação dos resultados dentro de fórmulas tagmêmicas dificulta bastante ao leitor o entendimento das análises e do funcionamento da língua. Em todo caso, há um levantamento bastante amplo da morfologia da língua e apresentamos algumas informações que serão de interesse para a análise dos dados do Português Marúbo.

A partir da leitura de Kennel Jr. (1978), é possível observar que a flexão verbal da LM é bastante divergente da flexão verbal da LP. O tempo na língua é marcado, principalmente no passado, por uma série de graus de distanciamento temporal inexistentes no Português:

Quadro 9 - Morfemas de Tempo Declarativos em Marúbo

2301 -ai ~ -a ~ -ãĩ ~ i ∞ #	‘tempo presente e passado do mesmo dia, aspecto completo
2012 -ka	‘tempo passado imediato (mesmo dia), aspecto completo’. Ocorre somente no verbo de uma sílaba.
2022 -ki	‘tempo passado imediato (mesmo dia), aspecto completo’. Ocorre somente no v.a.i.
2302 -vai	‘tempo passado recente (de 1 – 7+ dias atrás), aspecto completo.
2303 -chna ~-chĩa	‘tempo passado intermediário (de 8-10 dias atrás até mais ou menos um ano atrás), aspecto completo.
2304 -mta ~ -kĩ	‘tempo passado remoto (de um ano atrás até tempo indefinido no passado), aspecto completo.
2001 -pawa	‘tempo passado contínuo remoto’. Aparece raramente em algumas narrações históricas
2305 -ki ~ -kĩ	‘tempo passado narrativo, aspecto completo’ nunca ocorre com o plural.

Fonte: Kennel Jr. (1978)

³⁵ No original está escrito “zero”, mas optamos por representar com o símbolo do IPA.

No Quadro 9, estão apresentados apenas os morfemas que indicam distanciamento temporal, no entanto, observamos a inexistência de morfemas para o tempo futuro. Como trata-se de uma língua pouco estudada, não podemos afirmar que não há morfemas de marcação de tempo futuro, mas apenas entender que na análise de Kennel Jr. (1978), estes não aparecem como morfemas.

Na descrição de Kennel Jr. (1978), há uma distinção entre a marcação dos tempos no modo declarativo e no modo interrogativo, de forma que apresentamos os morfemas de tempo no modo interrogativo:

Quadro 10 - Morfemas de Tempo Interrogativo em Marúbo

2321 -rei	‘interrogativo tempo passado inespecífico, aspecto completo’
2322 -chni ~ chí	‘tempo passado intermediário interrogativo’
2324 -katsi	‘tempo futuro interrogativo’
2325 -katsia	‘2ª e 3ª pessoa plural futuro interrogativo’

Fonte: Kennel Jr. (1978)

Diferentemente da LP, cujos morfemas carregam as informações de Tempo, Aspecto e Modo, a LM apresenta morfemas distintos para informações aspectuais e temporais. Abaixo, apresentam-se alguns morfemas aspectuais observados em Kennel Jr. (1978):

Quadro 11 - Morfemas aspectuais em Língua Marúbo

2011 -ká ∞ -á	‘aspecto incompleto’. Ocorre somente no verbo auxiliar transitivo, e em alguns verbos de uma sílaba.
2021 -kí ∞ -á	‘aspecto incompleto’. Ocorre no verbo auxiliar intransitivo e em alguns verbos de uma sílaba.
2102 -‘ya	‘perfeito’
2103 -misi	‘perigativo’
2104 -miska	‘habitual’
2105 -katsi	‘desiderativo’. Sempre ocorre em combinação com o v.a.i.
2106 -típá	‘futilidade, impossibilidade’
2107 -msāwa	‘costumeiro’
2108 -tiská	‘dever’
2109 -ti	‘potencial, possível’
2110 -iná	‘desejo pessoal (?)’
2111 -nō	‘intenção’
2112 -kāiko	‘profissional’
2113 -as	‘aspecto contínuo, tempo presente e futuro’
2114 -snō	‘intenção incerta, incerteza’
2115 -rivi	‘apenas’
2118 kēa ~ -kēkā	‘ação condicional’
2351 -vo	‘3ª pessoa plural’
2402 -riví	‘sempre (?)’
2404 -taise	‘probabilidade indefinida’
2405 -tī	‘o seu significado e a sua função não estão completamente entendidos. Mostra declarações de um fato já realizado.’
2406 -tivetsóka	‘probabilidade iminente’
2407 – veré	‘especificação e declaração enfática’
201 -kō-	‘aspecto durativo’

Fonte: Kennel Jr. (1978)

Os modos da LM também são distintos dos da LP e são marcados por morfemas específicos. Além de termos visto os morfemas temporais relacionados ao modo interrogativo, apresentamos abaixo alguns morfemas específicos da codificação de modo em Língua Marúbo:

Quadro 12 - Morfemas marcadores do modo imperativo

3001 -rí	‘modo imperativo vindo, também cede permissão’
3002 -roa	‘modo imperativo negativo’ ³⁶
3003 -ta ~ -tã	‘modo imperativo’
3011wẽ	‘modo imperativo’

Fonte: Kennel Jr. (1978)

Quadro 13 - Morfema marcadores de modo interrogativo

2501 -ra	‘enclítico da interrogação’
2502 -rõ	‘enclítico de interrogação indefinida’

Fonte: Kennel Jr. (1978)

A língua parece apresentar ainda um sistema de concordância pessoal, mas que merece mais descrição, por ser bastante intrincado, pelo pouco que se pode observar. Pela descrição apresentada, as marcas de concordância não ocorrem para todas as pessoas e estão condicionadas também pelo modo verbal. As relações paradigmáticas entre os morfemas, e elas existem, mas não estão claras.

Quadro 14 - Alguns Sufixos de Encerramento Verbal Declarativos e Interrogativos

2351 -vo	‘3ª pessoa plural’
2323 -ía ~ -a	‘3ª pessoa plural interrogativo’. Ocorre no verbo vo- e v.a.i.
2325 -katsia	‘2ª e 3ª pessoa plural futuro interrogativo’
3101 -na	‘2ª pessoa plural (ocorre com -rí) ³⁷ ’
3102 -ma	‘2ª pessoa plural (ocorre com -tso) ³⁸ ’

Fonte: Kennel Jr. (1978)

Mais do que dar conta da descrição da língua Marúbo, os morfemas apresentados acima buscam apenas evidenciar como a língua codifica informações temporais, aspectuais, modais e as pessoas do discurso de forma muito distinta da Língua Portuguesa. Esse afastamento entre as estruturas linguísticas levam a hipótese de que haverá marcas estruturais da L1 na marcação verbal da L2.

Para se ter uma ideia da diferença entre a estrutura do verbo da Língua Portuguesa e a estrutura do verbo da Língua Marúbo, apresentamos um quadro síntese de Kennel Jr. (1978), que busca apresentar os morfemas que ocorrem no verbo declarativo nessa última língua:

³⁶ Pode ser interpretado como modo proibitivo.

³⁷ Aparentemente, esta marcação está condicionada ao modo interrogativo.

³⁸ Aparentemente, esta marcação está condicionada ao modo interrogativo.

Quadro 15 - Sufixos de Encerramento Verbal Declarativos

<u>2000-2020</u>	<u>2100</u>	<u>2200</u>	<u>2100²</u>	<u>2300</u>	<u>2350</u>	<u>2400</u>
<u>2000</u>	2101 -ya ~ -a	2201 -ma - áma	2113 -as	2301 -ai ~ -a ~ -ãi ~ i ~#	2351 -vo	2401 -katá
2001 -pawa	2102 -'ya		2114 -snō			2402 riví
<u>2010</u> <u>transitivo¹</u>	2103 -misi		2115 -rivi	2302 -vai		2403 -seví
2011 -ká	2104 -miska		2116 -se	2303 -chna ~chĩa		2404 -taiso
2012 -ka	2105 -katsi		2117 -sho	2304 -mta ~ -yáta		2405 -tĩ
<u>2020</u> <u>intransitivo</u>	2106 - tĩpá		2018 -kēa ~ -kēkēa	2305 -ki ~ -kĩ		2406 -tivetsóko
2020 -kí	2107 msāwā			2306 -katsa ~ -katsai		2407 -veré
2022 -ki	2108 -tiská					
	2109 -ti					
	2110 -iná					
	2111 -nō					
	2112 -kãiko					

Fonte: Kennel Jr. (1978)

Há muitos outros aspectos do verbo Marúbo apresentados em Kennel Jr. (1978) que poderiam ser considerados aqui, mas que não serão abordados devido ao foco do trabalho. No caso, o que pretendemos, mais que apresentar uma descrição da Língua Marúbo é evidenciar a diferença nos sistemas que serão analisados nos dados do português Marúbo no Capítulo 5.

Quanto aos substantivos, que também são objeto de nossa análise, o Marúbo apresenta a possibilidade de codificação de informações muito diversas do que observamos em Português. Segundo Kennel Jr. (1978), há um grande número de enclíticos que contribuem com informações diversas para o sintagma nominal. Abaixo, apresentamos o Quadro 16 em que o autor estabelece a estrutura da periferia direita do substantivo em Marúbo:

Quadro 16 - Periferia Substantiva

<u>1</u>	<u>2</u>	<u>3</u>	<u>4</u>	<u>5</u>
1.1 Vf > v̄f	2.1 -na	3.1 -ma	4.1 -sho	5.1 -ra
1.2 -vakĩ	2.2 -shō		4.2 -se	5.2 -ramē
1.3 -vo	2.3 -ka		4.3 -riví	5.3. -rō
1.4 -vo	2.4 -chta		4.4 -rivi	
1.5 -mē			4.5 -veré	
1.6 -ki			4.6 -taise	
1.7 -ná			4.7 -seví	
1.8 -nĩ			4.8 -keská	
1.9 -tĩ			4.9 -parí	
1.10 -tío				
1.11 -tiá				
1.12 -kirí				

1.13 -koĩ				
1.14 -namã				
1.15 -txinĩ				

Fonte: Kennel Jr. (1978)

Embora representados como sufixos, é importante notar que o autor faz referências a enclíticos e não propriamente a sufixos. Abaixo, apresenta-se os sufixos da periferia esquerda com seus significados.

Quadro 17 - Lista dos enclíticos periféricos

1.1 Vf > v̄f	‘vocativo e ênfase’
1.2 -vakĩ	‘dual’
1.3 -vo	‘genérico’
1.4 -vo	‘plural’
1.5 -mẽ	‘em benefício de (?), sobre, dentro de (pessoas)’
1.6 -ki	‘algo falado em detrimento de’
1.7 -ná	‘posse’
1.8 -nĩ	‘associativo (com)’
1.9 -tí	‘quantia’
1.10 -tfo	‘tamanho’
1.11 -tiá	‘altura’
1.12 -kirí	‘direção’
1.13 -koĩ	‘bom’
1.14 -namã	‘lugar de’
1.15 -txinĩ	‘época de’
2.1 -na	‘demonstrativo’
2.2 -sho	‘de (procedimento)’
2.3 -ka	‘augmentativo’
2.4 -chta	‘diminutivo’
3.1 -ma	‘negativo’
4.1 -sho	‘declarativo narrativo’
4.2 -se	‘declaração simples’
4.3 -riví	‘sempre’
4.4 -rivi	‘somente, apenas’
4.5 -veré	‘enfático’
4.6 -taise	‘probabilidade’
4.7 -seví	‘também’
4.8 -keská	‘igual a, como’
4.9 -parí	‘antes’
5.1 -ra	‘interrogativo’
5.2 -ramẽ	‘não é bem entendido. É um tipo de adivinhação.’
5.3 -rõ	‘interrogativo indefinido’

Fonte: Kennel Jr. (1978)

O autor dá especial atenção aos marcadores casuais de “sujeito”, de “posse” e de “local”. Não entraremos em discussões mais detalhadas, mas cabe dizer que o Marúbo apresenta algum nível de ergatividade, com veremos nos trabalhos de Costa (1992 e 2000) e também casos locativos e genitivo. Abaixo, apresentamos exemplos de palavras em suas formas básicas e acrescidos de morfologia casual:

Quadro 18 - Exemplos de palavras com sufixo casuais

wapa	‘cachorro’ >	wapã nachau	‘o cachorro morde’
nōti	‘canoa’ >	nōtĩ voavo	‘foram de canoa’
vene	‘homem’ >	venē tipĩ	‘a espingarda do homem’
shovo	‘maloca’ >	shovõ	‘na maloca’

Fonte: Kennel Jr. (1978)

Segundo o autor, há regras morfofonológicas que condicionam os alomorfes destes sufixos e que são como se segue, mas como observado pelo autor, com algumas exceções:

A forma mais comum é Vf > ṼF, e ocorre em todos os radicais de duas sílabas ou mais, cuja sílaba tônica é a primeira.

A forma VṼ > ṽṼ é bem limitada a palavras que consistem de apenas duas vogais, e cuja última vogal é nasal.

Se a palavra é composta de duas sílabas, e a última tem uma vogal nasal, o acento muda para a primeira sílaba e o enclítico -nē é acrescentado. Também, se o radical é composto de mais de uma sílaba, e a primeira não é a sílaba tônica, o enclítico -nē é usado. As palavras emprestadas do português geralmente usam este sufixo.

Se a palavra termina com “ĩ” o enclítico -ni é usado. Algumas palavras que normalmente ocorreriam com o enclítico -nē, mas terminam com a vogal “i,” também ocorrem com o enclítico -ni.

Todos os radicais cuja última sílaba é a sílaba tônica, mudam a ênfase e tomam o enclítico -pa (Op. Cit. 1978, 48-49).

Os exemplos abaixo são apresentados por Kennel Jr. (1978) para ilustrar a aplicação das regras acima:

Quadro 19 - Exemplos ilustrativos das regras de inserção dos sufixos casuais

1	yora	‘pessoa’	yorã	‘da pessoa, etc’
2	iã	‘lago’	ĩã	‘no lago’
3	kamã	‘onça’	kamanē	‘onça (sj de Ort, etc.)’
4	yorarasĩ	‘todo mundo’		
5	teté	‘gavião’	tetepa	‘gavião (sj de ort, etc.)’

Fonte: Kennel Jr. (1978)

Para Kennel Jr. (1978), em Marúbo, há a diferenciação entre substantivos e adjetivos por um lado e entre substantivos e verbos por outro. Esta diferenciação pode ser estabelecida a partir de critérios morfológicos, uma vez que, para o autor, os morfemas que se combinam

com uma classe não são os mesmo que se combinam com a outra. Para o autor, a periferia direita do adjetivo pode ser caracterizada da seguinte forma:

Quadro 20 - Periferia Adjetiva

<u>1</u>	<u>2</u>	<u>3</u>	<u>4</u>	<u>5</u>
1.1 -a	2.1 -ma	3.1 -chta	4.1 -se	5.1 -ra
1.2 -ka		3.2 -tõ	4.2 -sho	5.2 -rõ
1.3 -pa			4.3 -rivi	
1.4 -ki			4.4 -riví	
			4.5 -seví	
			4.6 -taise	
			4.7 -veré	

Fonte: Kennel Jr. (1978)

Da mesma forma que para outras classes, o autor representa os morfemas como sufixos, mas faz referência apenas a enclíticos. Abaixo, apresentamos a lista de significados dos morfemas que ocorrem com os adjetivos, segundo Kennel Jr. (1978).

Quadro 21 - Lista dos enclíticos adjetivos

1.1 -a	‘declarativo’ simples’
1.2 -ka	‘aumentativo, declarativo’
1.3 -pa	‘comparativo’
1.4 -ki	‘aspecto incompleto’
2.1 -ma	‘negativo’
3.1 -chta	‘especificador’
4.1 -chta	‘diminutivo’
4.2 -sho	‘declarativo narrativo’
4.3 -rivi	‘apenas’
4.4 -riví	‘sempre’
4.5 -seví	‘também’
4.6 -taise	‘probabilidade’
4.7 -veré	‘(especificador) enfático’
5.1 -ra	‘interrogativo’
5.2 -rõ	‘interrogativo indefinido’

Fonte: Kennel Jr. (1978)

Sobre os pronomes, Kennel Jr. (1978) observa que há, pelo menos, três formas para cada pessoa do discurso. A forma descrita pelo autor como sujeito é correspondente a formas descritas como ergativas em outras línguas da família Páno. Observa-se ainda a existência de um paradigma enfático na língua.

Quadro 22 - Lista dos pronomes com seu significado e função

1.1 ã	‘1ª pessoa singular possessivo e sujeito’
1.1 ea	‘1ª pessoa singular objeto, sujeito de oração de estado ou oração negativo’
1.3 eã	‘1ª pessoa singular sujeito enfático’

2.1 mĩ	‘2ª pessoa singular sujeito e possessivo’
2.2 mia	‘2ª pessoa singular objeto e sj de OrEs e OrNeg’
2.3 miã (mĩ)	‘2ª pessoa singular sujeito enfático’
3.1 ãwã’	‘3ª pessoa singular sujeito e possessivo’
3.2 aa	‘3ª pessoa singular objeto e sj de OrEs e OrNeg’
3.3 ãtõ	‘3ª pessoa singular sujeito e possessivo enfático’
4.1 nõ	‘1ª pessoa plural sujeito’
4.2 noke	‘1ª pessoa plural objeto e sj de OrEs e OrNeg’
4.3 nokẽ	‘1ª pessoa plural possessivo’
4.4 nokẽ nõ	‘1ª pessoa plural sujeito enfático’
5.1 mã	‘2ª pessoa plural sujeito’
5.2 mato	‘2ª pessoa plural objeto e sj de OrEs e orNeg’
5.3 matõ	‘2ª pessoa plural possessivo’
5.4 matõ mã	‘2ª pessoa plural sujeito enfático’
6.1 atõ	‘3ª pessoa plural sujeito e possessivo’
6.2 ato	‘3ª pessoa plural objeto e sj de OrEs e OrNeg’

Fonte: Kennel Jr. (1978)

Segundo o autor, as formas objetivas dos pronomes combinam-se com uma série de enclíticos, o que não ocorreria no caso das formas de sujeito e de posse. Abaixo, apresentamos a periferia direita dos pronomes objetivos segundo Kennel Jr. (1978):

Quadro 23 - Periferia Pronominal

<u>1</u>	<u>2</u>	<u>3</u>	<u>4</u>	<u>5</u>
1.1 -vé	2.1 -ka	3.1 -ma	4.1 -se	5.1 -ra
1.2 -nĩ	2.2 -chta		4.2 -rivi	5.2 -rõ
1.3 -no			4.3 -rivi	
1.4 -mẽ			4.4 -veré	
1.5 -ki			4.5 -taise	
1.6 -ná			4.6 -seví	
1.7 -rí				
1.8 -kirí				
1.9 -pa				
1.10 – parí				
1.11 -namã				
1.12 – keská				
1.13 -vo				

Fonte: Kennel Jr. (1978)

Assim como para as demais classes de palavras, o autor apresenta uma lista com os significados de cada um dos morfemas:

Quadro 24 - Lista dos enclíticos pronominais

1.1 -vé ¹	‘associativo (singular e dual)’
1.2 -ní	‘associativo plural’
1.3 -no ²	‘em benefício de, sobre, dentro (de pessoas): plural’
1.4 -mẽ	‘em benefício de, sobre, dentro (de pessoas): singular’
1.5 -ki ²	‘em detrimento de (algo falado)’
1.6 -ná ²	‘posse’

1.7 -r ¹	‘reflexivo’
1.8 -kirí	‘direção, via’
1.9 -pa	‘nacionalidade, parentesco’
1.10 -parí	‘antes’
1.11 -namã	‘lugar de’
1.12 -keská	‘como, igual a’
1.13 -vo	‘plural’
2.1 -ka	‘aumentativo’
2.2 -chta	‘diminutivo’
3.1 -ma	‘negativo’
4.1 -se	‘declaração’
4.2 -riví	‘sempre’
4.3 -rivi	‘somente, apenas’
4.4 -veré	‘enfático’
4.5 -taise	‘probabilidade’
4.6 -seví	‘também’
5.1 -ra	‘interrogativo’
5.2. -rõ	‘interrogativo indefinido’

Fonte: Kennel Jr. (1978)

O autor apresenta ainda uma classe de demonstrativos para a qual descreve *naa* ‘esse’ e *aa* ‘aquele’. Não adentraremos em detalhe, mas cabe dizer que a distinção é bastante parecida com as variedades populares do Português do Brasil que distinguem apenas dois graus de proximidade/distanciamento do falante. Por outro lado, é importante mencionar que estes demonstrativos se combinam com vários morfemas para expressar outras noções, muitas delas não coincidentes com o sistema do Português. Como é uma questão de interesse, cabe ainda mencionar que a Língua Marúbo não apresenta artigos ou outros determinantes, como é o caso da Língua Portuguesa.

Sobre a estrutura do período³⁹, Kennel Jr. (1978) classificou-as em Marúbo em cinco tipos, denominados como “períodos”: período declarativo, período interrogativo, período imperativo, período composto e período fragmentário. Para cada período, o autor apresenta uma descrição estrutural dentro da perspectiva tagmêmica adotada.

Quanto às orações, ele as classifica em “oração intransitiva, oração transitiva, oração bi-transitiva, e oração de estado”, que, por sua vez, seriam subclassificadas “em quatro subtipos: declarativo, interrogativo, imperativo e subordinado”. Sobre a ordem no interior das orações, o autor não estabelece uma preferencial ou canônica, sugerindo que o Marúbo seria uma língua de ordem livre:

³⁹Assim como nas gramáticas tradicionais, o autor adota a distinção entre oração e período.

As orações não têm posições fixas. Isto quer dizer que há mudança da ordem de ocorrência das posições facultativas. O predicado, a única posição obrigatória, ocorre quase sempre na última posição, e às vezes na penúltima posição. Quando uma posição ocorre após a posição de predicado é para dar ênfase ou por razões estruturais. Quando a posição do sujeito e a posição do objeto são preenchidas por pronomes tendem a ocorrer antes da posição do predicado. Fora disto não há normas para a ordem de ocorrência das posições facultativas oracionais (*Op. Cit.* 1978, 16).

A breve descrição acima, embora não seja detalhada e não busque descrever, de fato, a língua, dá uma ideia de aspectos estruturais que serão de interesse para a discussão dos dados apresentados no Capítulo 5 sobre as características estruturais do Português Marúbo.

4.2 Costa (1992 e 2000)⁴⁰

Raquel Guimarães Romankevicius Costa desenvolveu pesquisas sobre a LM em seu mestrado e em seu doutorado, ambos realizados no Museu Nacional sob orientação da Profa. Dra. Marília Lopes da Costa Facó Soares. Sua dissertação de mestrado intitulada *Padrões rítmicos e marcação de caso em Marubo (Pano)*, foi defendida em 1992. Sua tese de doutorado, intitulada *Aspectos da Fonologia Marubo (Pano): uma visão não linear*, foi defendida em 2000. As versões digitais de ambos os trabalhos estão disponíveis no *Pantheon Repositório Institucional da UFRJ*. Nesta seção, discutiremos alguns aspectos apresentados nesses trabalhos e em alguns artigos produzidos pela autora como resultados de suas pesquisas em nível de Pós-Graduação.

A dissertação de mestrado de Costa é um trabalho que objetivou, “a análise e a descrição de aspectos fonológicos, morfológicos da Língua Marúbo, visando a uma compreensão integrada dos produtos que envolvem a estruturação de cada nível linguístico, bem como dos tipos de interação que certos níveis linguísticos mantêm entre si”. (*Op. Cit* 1992, 11) Mas essa pesquisa da autora, em particular visou também realizar uma documentação da Língua Marúbo, principalmente, para ofertar às comunidades Marúbo do Vale do Javari. Segundo a autora, (*Op. Cit.*11), sua pesquisa se justifica “por ser a família Pano considerada como família isolada no contexto das línguas indígenas brasileiras, isto é, sem comprovação científica de parentesco linguístico, e porque sobre ela poucos estudos foram realizados”. Da relevância do seu trabalho, Costa (1992, 14) defende que,

A relevância do estudo da língua Marubo se acentua, não só pela escassa documentação da mesma. O reduzido número de falante a partir de uma determinada faixa etária (cerca de 80% têm menos de 30 anos) permite considerar como

⁴⁰ Há outros artigos de Costa que resumem os resultados da dissertação e da tese ou apresentam os resultados parciais da pesquisa.

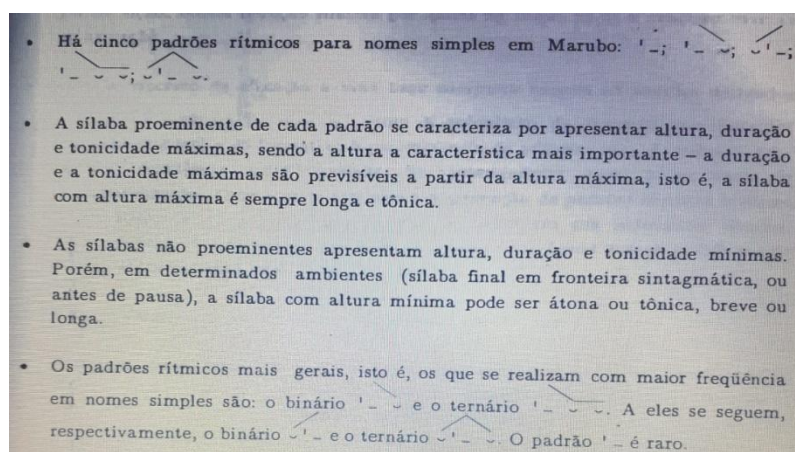
prioritária a pesquisa linguística junto a esse grupo. Apesar de não se estar lidando com uma realidade em que se tenha, na totalidade do grupo indígena focalizado, um número de falantes fisicamente reduzido, estão criadas situações de uso linguístico diferenciado, tendo por base uma distinção marcadamente geracional. Com o passar do tempo, essa distinção corre o risco de não mais poder ser capturada, devido ao número fisicamente reduzido de um relevante grupo de falantes e devido às pressões exercidas pela sociedade envolvente.

Além disso, a possibilidade aberta pelo estudo dessa língua, tendo em vista a maneira como ela é falada pelos mais velhos, em confronto com o falar dos mais novos, abrirá caminho para a posterior distinção entre mudanças linguísticas que operam sobre um eixo temporal mais longo e outros tipos de mudança.

Para se chegar aos resultados dessa pesquisa, em particular, Costa (1992, 250) apresenta no Capítulo 2, uma análise apurada das características melódicas e duracionais de nomes e verbos em Marúbo e das possíveis variações rítmicas decorrentes de processos de formação de palavras. Foram consideradas formas simples e complexas, registradas isoladamente ou em contexto. A partir dessa análise chegou-se a algumas generalizações iniciais, e estabeleceu-se uma regra geral para os padrões rítmicos da LM.

No Capítulo 3 (*Op. Cit*, 250) a autora apresenta uma explicação exhaustiva “do sistema de marcação de caso em Marúbo, tanto do ponto de vista semântico-proposicional como do ponto de vista discursivo-pragmático”. Costa (1992, 250) afirma que apresenta, no Capítulo 4, “outros fatores que poderiam causar oscilações de ordem rítmica, quais sejam os fatores semânticos, fatores morfo-sintáticos ou fatores discursivo-pragmáticos”. Assim, podemos aqui apresentar, resumidamente, o que diz Costa (1992, 250) quanto aos “padrões rítmicos em nomes morfológicamente simples [...] são constituídos por raízes monossilábicas, dissilábicas ou trissilábicas, que sempre apresentam estabilidade rítmica, tanto em realizações isoladas como em contexto”. Como o trabalho de Costa utiliza uma notação específica para caracterizar os padrões rítmicos dos nomes, reproduzimos em imagens as suas conclusões.

Figura 18 - Nomes simples em Marúbo



Fonte: Costa (1992, 251)

Para a autora, os nomes complexos, ou seja, resultantes de afixação, apresentam padrões divergentes dos nomes simples. Uma questão a ser observada é que os nomes complexos apresentam maior número de sílabas e, conseqüentemente, padrões não possíveis em nomes simples.

Figura 19 - Nomes complexos em Marúbo

- Nomes complexos apresentam padrões ternários, padrões derivados e combinações de padrões rítmicos.
- Os padrões rítmicos mais gerais, isto é, os que constituem a maioria dos nomes complexos – formados a partir de uma raiz dissilábica e um formativo, são: o ternário ' - - - , seguido pelo - ' - - .
- A partir de nomes polissilábicos – formados pela afixação de mais de um formativo a uma raiz dissilábica, surgem os padrões derivados ' - - - - e - ' - - - .
- Combinações de padrões rítmicos binários e ternários surgem em nomes complexos polissilábicos, quando a penúltima sílaba/formativo adquire proeminência, com o acréscimo de mais um formativo.
- Em formações compostas por duas raízes, ocorre submissão das sílabas da segunda raiz à sílaba proeminente da primeira raiz, que, de um modo geral, apresenta estabilidade rítmica. O resultado são padrões rítmicos derivados ' - - - - e - ' - - - . Esses padrões se recompõem aos padrões ternários quando, em justaposição, ocorre redução silábica por queda de vogal; ou se o processo envolve aglutinação.

Com o processo de afixação a uma base composta surgem os padrões derivados ' - - - - ou - ' - - - , com a submissão da segunda raiz (auxiliar intransitivizador) e do formativo à proeminência da primeira raiz. A primeira raiz, se for dissilábica sofre inversão de proeminência com o processo de intransitivização. Pode ocorrer também a combinação de padrões rítmicos binários e ternários, caso em que ambas as raízes preservam sua autonomia rítmica. Finalmente, à medida em que aumenta a complexidade desses nomes, podem surgir combinações variadas de padrões rítmicos.

Fonte: Costa (1992, 251-252)

Além desses 2 padrões rítmicos, a autora ainda estabelece os padrões rítmicos de nomes com marcação de caso, de verbos simples, de verbos complexos e, finalmente, estabelece suas generalizações sobre os padrões rítmicos.

Sobre a marcação de caso, a autora (*Op. Cit.*, 95) analisa a LM como uma língua de “tipo Ergativo-absolutivo”. Sobre o padrão mais geral, Costa (1992, 97) estabelece que:

Há, então, na Língua Marúbo, marcadores de caso para sujeitos da oração transitiva (agentes/dativo) – caso ergativo; para sujeitos de orações intransitivas (agentes/dativos/pacientes) e para objetos diretos de orações transitivas (dativos/pacientes) – caso absoluto. Da mesma maneira, há também marcadores de caso para argumentos com outras funções gramaticais, como a de objeto indireto, ou

outros papéis semânticos (como locativo, associativo, dativo-benefactivo, instrumento, meios, etc.).

Como é comum em línguas da família Páno, Costa (1992) descreve um suprasegmento nasal como marcador de ergativo e interações desse marcador com o padrão acentual. O suprasegmento nasal marca tanto nomes quanto pronomes na língua. Além do marcador de caso ergativo, são também descritos e analisados marcadores de caso locativo, instrumental, meio, associativo, dativo-benefactivo e possessivo. Além da marcação de caso, que ocupa boa parte da dissertação, são analisadas as interações rítmicas com fatores morfo-sintáticos, semânticos e discursivo-pragmáticos. Nos fatores morfo-sintáticos privilegia-se a análise de marcadores de fronteira, a velocidade da fala, a constituição da palavra quanto ao número de sílabas e os processos de formação de palavras. Nos fatores semânticos, analisa-se a mudança de valência verbal e a mudança de classe por meio de alterações nos padrões rítmicos. Nos fatores discursivo-pragmáticos, analisa-se as orações declarativas, negativas, interrogativas, imperativas, as causativas (tomadas como um tipo de sentença pela autora), as construções genitivo-possessivas e o foco.

No trabalho de doutorado de Costa (2000), seu objetivo geral tratou de buscar “maior compreensão de alguns aspectos da fonologia Marúbo [...] referente a documentar uma língua indígena de família isolada, apoiado, sobretudo, na necessidade de desenvolvimento de estudos que, até hoje, se revelam como pouco numerosos”. A linguista defende que no seu primeiro trabalho não houve uma preocupação em explicar o que cabe aos aspectos fonológicos e que nesse ela pretendeu investigar os processos da fonologia “sob a perspectiva da Fonologia Não-Linear” (*Op. Cit*, 16). Quanto a sua justificativa teórica, Costa (2000, 17) declara que:

[...] a escolha de uma linha teórica de investigação recente, a Fonologia Não-Linear, se justifica pelo fato de que os desenvolvimentos nessa nova linha forneceram a chave para a solução de problemas apresentados pelo modelo linear da teoria gerativa clássica, estabelecido em Chomsky e Halle, 1968, em *The Sound Pattern of English* (SPE), principalmente no que diz respeito à questão da localidade em regras fonológicas.

No desenvolvimento de seu trabalho, Costa (2000) analisa 3 aspectos distintos da fonologia Marúbo, a partir de teorias não-lineares distintas. A sílaba é analisada a partir da teoria da Mora, os segmentos são analisados dentro da visão da Geometria de Traços e o acento dentro de modelos paramétricos e, por fim, a autora analisa a interação entre acento e sílaba a partir da teoria da otimalidade. Embora o trabalho de Costa (2000) seja de alta

relevância para o entendimento da LM, considerando os objetivos dessa tese e a natureza do trabalho teoricamente guiado, não apresentaremos maiores detalhes de seus resultados.

No capítulo seguinte, apresentamos a análise dos dados, com foco nos casos de transferência de código da L1 sobre L2 encontrados em nossos dados. Ressaltamos que não consideramos todos os dados de nosso *corpus*, mas uma amostra suficiente para uma caracterização inicial do Português Marúbo.

CAPÍTULO 5 - ANÁLISE DE DADOS

Como mencionado em capítulos anteriores, o estudo que ora realizamos parte de uma noção estrutural da L1 (Marúbo) para entender influências dessa em uma L2 (o português). No caso, entende-se como passo importante entender os aspectos gerais da L1 para podermos mapear suas influências na L2. Os trabalhos considerados para essa análise foram os de Kennel Jr. (1978), Costa (1992) e Costa (2000). Por tratar-se do trabalho mais abrangente sobre a Língua Marúbo, privilegiamos Kennel Jr. (*Op. Cit.*) para realizarmos o contraste entre os dados analisados do Português Marúbo e os aspectos estruturais da LM que podem dar origem aos fenômenos observados de transferência de uma língua para outra. Como informado anteriormente, apresentamos a íntegra do trabalho de Kennel Jr. (*Op. Cit.*) no anexo da dissertação e apenas citamos os trechos relevantes para a análise no presente capítulo.

Nas subseções, a seguir, são apresentadas as análises específicas dos dados agrupados de acordo com os níveis linguísticos utilizados em trabalhos descritivos: fonológico, morfológico, morfossintático e sintático. No texto, são apresentados apenas exemplos ilustrativos dos fenômenos, uma vez que o leitor interessado poderá encontrar todos os exemplos no Apêndice A. É importante lembrar que os dados são analisados descritivamente e que cada fenômeno observado, portanto, é apresentado separadamente, sem tentativas de generalizações teóricas e mais abrangentes.

5.1 Casos de Transferências Fonológicas

Apresentamos aqui alguns casos de transferência fonológica encontrados nos textos dos graduandos Marúbo. Ressaltamos que não estão sendo mostrados todos os casos, mas o suficiente para a compreensão do leitor. Todos os dados são apresentados em duas linhas, na primeira linha está a produção em Português Marúbo retirado dos textos dos graduandos com uma escrita fiel a deles, na segunda linha está a uma proposta de reescritura do texto na norma culta do português, no final das orações há o número da linha onde consta os dados no texto original, há ainda uma coluna para indicar a fonte do dado.

Embora haja pesquisas consistentes sobre variação da Língua Portuguesa, com especificação de ambientes fonológicos, não consideramos esses ambientes, na medida em que os fenômenos observados ocorrem de forma mais generalizada, ou seja, sem a observância de ambientes específicos. A referência aos fenômenos é sempre realizada com a

representação do grafema e não fonema, uma vez que os dados são extraídos de textos escritos e não houve um trabalho específico com dados de fala, como observado anteriormente.

5.1.1 Segmentos vocálicos

Nesta subseção, são apresentados os dados referentes aos fenômenos que envolvem segmentos vocálicos. É importante lembrar que partimos de uma interpretação de grafemas, mas que consideramos que estes representam realidades sonoras (fonéticas ou fonológicas) dos falantes de Português Marúbo. Para maior facilidade para o leitor, apresentamos novamente as vogais da Língua Marúbo, que são consideradas nas análises apresentadas.

Quadro 25 - As vogais da Língua Marúbo

Ortografia	Fonema	Alofones	Descrição/Ocorrência/Exemplos
<a>	/a/	[a]	Vocóide baixo aberto central não arredondado sonoro. Ocorre sem restrição. /kapa/ [ˈkapa] ‘quatipuru’
		[a̰]	Vocóide baixo aberto central não arredondado surdo. Ocorre raramente entre /k/ e /t/. Quando a palavra é enunciada bem devagar o vocóide transforma-se na forma sonora /m̄rakatsa/ [ˈm̄rakatsa] ~ [m̄rakatsa] ‘achará’.
<ã>	/ã/	[ã]	Vocóide baixo aberto central não arredondado sonoro nasal. Ocorre sem restrição. /tjãpo/ [ˈtjãpo] ‘gafanhoto’.
<e>	/i/	[i]	Vocóide alto aberto central não arredondado sonoro. Ocorre sem restrição. /iri/ [ˈiri] ‘correr’.
<ẽ>	/ĩ/	[ĩ]	Vocóide alto aberto central não arredondado sonoro nasal. Ocorre sem restrição. /kavĩ/ [kaβ˞ĩ] ‘escolher’.
<i>	/i/	[i]	Vocóide alto fechado anterior não arredondado sonoro. Ocorre sem limitação. /tipi/ [ˈtipi] ‘espingarda’.
		[e^]	Vocóide médio fechado anterior não arredondado sonoro elevado. Ocorre raramente na última sílaba, quando esta não é a sílaba tônica. /iwiβãiai/ [iwiβãiae^] ‘levou (uma pesca) consigo’.
		[ḭ]	Vocóide alto fechado anterior não arredondado surdo. Ocorre em raras palavras entre duas oclusivas surdas, quando a palavra é enunciada rapidamente. /nasikiti/ [ˈnasik̄iti] ‘viga transversal de uma casa’.
<ĩ>	/ĩ/	[ĩ]	Vocóide alto fechado anterior não arredondado nasal. Ocorre sem limitação. /natĩ/ [ˈnatĩ] ‘esteio’
<o>	/o/	[o]	Vocóide médio fechado posterior arredondado sonoro. Ocorre sem limitação. /poto/ [ˈpoto] ‘pó’.
		[o^]	Vocóide médio fechado posterior arredondado sonoro elevado. Às vezes já uma flutuação do [o] até esta posição. Ocorre com mais frequência, mas nem sempre, quando o [o] segue a fricativa alveopalatal surda /ʃ/, e a semivogal velar sonora /y/. /kaʃo/ [ˈkaʃo^] ‘graveto’, /yoa/ [ˈyo^a] ‘mentir’.
<ô>	/õ/	[õ]	Vocóide médio fechado posterior arredondado sonoro nasal. Ocorre sem restrição. /nõti/ [ˈnõti] ‘canoa’.
		[õ^]	Vocóide médio fechado posterior arredondado sonoro nasal elevado. Às vezes o [õ] flutua a esta posição quando segue contiguamente a africada álveo-palatal surda /ʃ/. /ʃõ^mo/ [ʃõ^mõ] ‘pote’.

Fonte: Kennel Jr. (1978)

5.1.1.1 Alternâncias envolvendo <e> e <i>

Nesta subseção são considerados os casos de alternância <e> ~ <i>, sendo observados casos de ocorrência de <e> em lugar de <i> assim como ocorrências de <i> no lugar de <e>. Como mencionado no Capítulo 4, a Língua Marúbo não apresenta a oposição /e/ : /i/ e, portanto, o fenômeno está claramente vinculado à estrutura fonológica da L1. Há que se observar, entretanto, que a substituição específica de <i> por <e> é reforçada por fenômenos de variação em Língua Portuguesa.

Na Tabela 1 observam-se exemplos de ocorrência de <e> no lugar de <i> tanto em sílabas átonas quanto em sílabas tônicas. Não foram observados casos em sílabas pós-tônicas, mas dadas as restrições do trabalho, não podemos afirmar que o fenômeno está restrito ao contexto pretônico. Ademais, não é possível distinguir entre possíveis ocorrências de /e/ e possíveis ocorrências de /ɛ/, uma vez que o grafema <e> representa ambos os fonemas. A ortografia da Língua Marúbo utiliza o grafema <e> para representar uma vogal central alta, mas não parece haver confusão entre este som [i] e os sons [e] e [ɛ] da Língua Portuguesa.

Tabela 1 - Alternância de <e> ~ <i>

Transferência	Texto
‘ Discrimino alguns os conteúdos abaixo’. (L. 4)	A1T3
Discrimino alguns dos conteúdos abaixo.	
‘Isso que as lideranças indígenas preorisam ’. (L. 16)	A3T1
Isso que as lideranças indígenas priorizam.	
‘o português e difecio ’. (L. 3)	A12T3
O português é difício.	
‘Sobre a presedência da Funai’. (L. 1)	A4T2
Sobre a presidência da FUNAI.	
‘Eles não aversaram ’. (L. 25)	A9T2
Eles não avisaram.	
‘Atualmente o presedente da Fundação nacional do índio indicado nós não gostamos’. (L. 2)	A4T2
Nós não gostamos da indicação do atual presidente da FUNAI.	
‘Para conhecer nossos língua sentaxe ’. (L. 5)	A4T5
Para conhecer a sintaxe da nossa língua.	
‘Apresentamos assim cada partir ’. (L. 16)	A5T3
Apresentamos assim cada parte.	
‘Quando nós terminamos o nosso semenário , apresentamos cada entividual’. (L. 14-15)	A5T3
Cada um fez a sua apresentação individualmente no seminário.	
‘apresentamos cada entividual’. (L. 13)	A5T3
Apresentamos fala individual.	
‘Não tevemos interesse em apoio-los’. (L. 17)	A6T2
Não tivemos interesse em apoiá-los.	
‘O general peternelli assumiria presedência ’. (L. 1)	A7T2
O general Peternelli assumiria a presidência.	
‘Eu tenha muito dificuldades’. (L. 1)	A7T3
Eu tinha muitas dificuldades.	
‘Na aldeia muitos crianças muitos jovens muitas as mininas ’. (L. 15)	A9T1
Na aldeia tem muitas crianças, jovens e meninas.	
‘Esses políticos do estão querendo o cargo de presidente do FUNAI. Tem enteresse nessa	A9T2

pasta'. (L. 9)	
Esses políticos estão querendo o cargo de presidente da FUNAI. Eles têm interesse nessa pasta.	
'a língua taé '. (L. 6)	A10T1
A língua está aí.	
'partido social cristão (PSC) e o pastor Everaldo Pereira estão interessados na presidência da Funai'. (L. 3-4)	A11T2
O partido Social Cristão (PSC) e o pastor Everaldo Pereira estão interessados na presidência da FUNAI.	
'Pois eles não querem demarcar as terras indígenas para tirar meniração '. (L. 12)	A10T2
Pois eles não querem demarcar as terras Indígenas para tirarem mineração.	
'[...] a minha deveculdade fala em língua portuguesa'. (L. 5)	A11T3
[...] a minha dificuldade é de falar a Língua Portuguesa.	
'pelo nosso trabalho vezemos juntos em grupo'. (L. 10)	A11T3
'pelo nosso trabalho vezemos juntos em grupo'. (L. 10)	
'O indicado nas foi presédente ele era presidente interino'. (L. 6)	A12T2
O indicado não foi presidente, ele era presidente interino.	
'[...] nós indígenas dificuldade em muito ainda. Saber porque nos mesmos fazer carta, documento para autulidade como. Funai, sesai, prefeito, governo e presendente '. (L. 11)	A14T3
[...] nós indígenas temos muitas dificuldades ainda. Nós mesmos queremos aprender para fazer carta, documento para, FUNAI, SESAI, e às autoridades como, prefeito, governo e presidente.	
' esprecação do professor [...]'. (L. 3)	A14T5
A explicação do professor [...].	
'[...] ele é formado com a línquestica ' L. 13	A16T5
[...] ele é formado em Linguística	
'Melhoria da informes da A língua indígenas. Nós professores conhecir cada etnia aprendendos'. (L. 10)	17T4
Nós professores conhecemos cada etnia e aprendemos sobre a estrutura das suas línguas.	
'a minha preocupação é com o nosso território e as requizas '. (L. 19)	A16T2
A minha preocupação é com o nosso território e com as riquezas.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Os casos ilustrados na Tabela 1 não são considerados como influenciados pela variação do Português Regional, uma vez que não há registros de ocorrência de [e] ou [ɛ] como alofones de /i/ em qualquer variedade do Português de que temos conhecimento. A exceção é a ocorrência em 'mininas', em que há o alteamento de <e> para <i> por influência do Português Regional, comum no PB e que pode ser analisado como um caso de harmonização entre as vogais das sílabas pretônica e tônica.

5.1.1.2 Alternância envolvendo <i> e <e>

Na Tabela 2, são apresentados exemplos de ocorrência de <i> no lugar de <e> em ambiente átono,ônico, oral e nasal. Assim como nos exemplos no Quadro 25, os dados da Tabela 1 não ocorrem em ambiente pós-tônico, mas, da mesma forma, não generalizamos como uma restrição ou condição de ocorrência, dadas as limitações da pesquisa.

Nas variedades locais do Português, é possível observar a ocorrência do grafema <i> no lugar de <e>, o que reflete a pronúncia [i] ou [ɪ] em ambientes átonos. Nesse caso,

interpreta-se que a variação pode estar sendo reforçada por fenômenos internos à LP, como é o caso de “milhoria”⁴¹. Por outro lado, a ocorrência de casos como “problima” e “itapa” mostram que a variação apresentada nos dados do Português Marúbo não se restringe às ocorrências da variante do português regional falada por não indígenas.

Tabela 2 - Alternância <i> ~ <e>

Transferência	Texto
‘[...] continua na mesma situação, no maior problima ’. (L. 22)	A3T2
‘[...] continua na mesma situação, no maior problema.	
‘Está licionando Fundamental’. (L. 2)	A7T1
Está lecionando no Ensino Fundamental.	
‘na próxima Itapa volta professor ensinar mais em Português’. (L. 7)	A18T3
Na próxima etapa o professor volta a ensinar mais português.	
‘Pouco mas foi milhoria ’. (L. 26)	A17T3
Tive pouca melhoria.	
‘Eles contribuin para indígenas’. (L. 47)	A17T2
Eles contribuem para com os indígenas.	
‘As pessoas sovia e logem da aldeia Assim que apindir sonora’. (L. 26)	A17T 3
As pessoas assobiando de longe da aldeia, assim foi que aprendi as sonoras.	
‘[...] eles não querem demarcar as terras indígenas para tirar meniração ’. (L. 12)	A10T2
‘[...] eles não querem demarcar as Terras Indígenas para tirarem mineração.	
‘Pouco mas foi milhoria ’. (L. 26)	A17T3
Tive pouca melhoria.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

5.1.1.3 Alternâncias envolvendo <o> e <u>

Nesta subseção são tratados os casos de ocorrência que envolvem os grafemas <o> e <u>. Dadas as limitações do trabalho, não são consideradas as diferenças possíveis entre as ocorrências de [o] e as ocorrências de [ɔ], uma vez que não há como distingui-las a partir de dados escritos.

Nos dados da Tabela 3, tem-se a ocorrência de exemplos em que <o> ocorre em dados em que o grafema esperado seria <u>, em ambientes átonos, tônicos, orais e nasais. Nesse caso, temos o registro de, pelo menos, um exemplo em ambiente pós-tônico. Observa-se ainda alguns outros fenômenos em associação com a alternância, como o apagamento da nasalidade⁴² em “focionamentos”.

Tabela 3 - Alternância <o> ~ <u>

‘algumas assuntos que e aprendei, nesta curso vou continuar aproxim modolo ’. (L. 10)	A4T5
‘Alguns assuntos que eu aprendi neste curso vou continuar no próximo módulo.	

⁴¹ Embora não haja estudo sistemático, posso atestar como falante e moradora da região que essa pronúncia é bem comum na cidade de Atalaia do Norte (AM).

⁴² Segmentos vocálicos nasalizados tendem a serem mais altos ou fechados e chama a atenção que o aluno Marúbo produza um segmento vocálico mais baixo em ambiente nasal.

‘eu morava na comunidade paulinho depois eu modei pra outro aldeia’. L. 3	A8T1
Eu morava na comunidade Paulinho, depois eu mudei-me para outra aldeia.	
‘Sou de rio curoca ’ L. 5	A10T1
Sou do Rio Curuçá	
‘Quando mato uma csa granti chamo todo mondo ’. (L. 8-9)	A12T1
Quando mato uma caça grande chamo todo mundo.	
‘Outras també padrão comunidade Dono da língua. focionamentos ’. (L. 14)	A18T4
A comunidade tem o padrão de funcionamento da sua língua.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Nesse caso, considera-se que a alternância seja resultante da influência da estrutura de L1, uma vez que a LM não apresenta a oposição /o/ : /u/ ou /ɔ/ : /u/. De fato, os dados não são comuns a falantes de Português como L1 e não se conhece trabalhos descritivos com falantes nativos de Português que apresentem esse tipo de fenômeno.

Nos exemplos da Tabela 4, a seguir, ocorre, nas palavras em destaque, alteamento da vogal [o], como por exemplo, em vez de ‘autoridade’ o estudante escreveu ‘autulidade’. Embora o alteamento da vogal seja um fenômeno típico das variedades do português brasileiro falado, alguns dados chamam atenção por soarem incomuns mesmo para essas variedades, como é o caso do exemplo “refeiturio”, que envolveria a vogal /ɔ/ em posição tônica. Ademais, o registro de “fui” por “foi” mostra que a alternância desconsidera também características morfossintáticas do Português, o que reforça a hipótese de uma influência de L1. Quanto aos ambientes de ocorrência, observa-se o fenômeno em posição pretônica e tônica em palavras polissilábicas e em monossílabos átonos e tônicos.

Por outro lado, o alteamento de /o/ em sílabas átonas é comum em todo o PB, especialmente em sílabas pós-tônicas. Alguns casos explicam-se pela harmonização vocálica do traço de altura entre a pretônica e a tônica, como por exemplo [bu.'ni.ta] ‘bonita’. No Amazonas, é comum ocorrer esse fenômeno, mas observa-se ainda o alteamento de vogais médias em sílabas tônicas. Segundo Camilo Santos (2020), o maior número de ocorrência se dá nas comunidades ribeirinhas, zona rural, porém esse dado pode não abranger todas as comunidades ribeirinhas do Amazonas, já que sua pesquisa foi realizada somente no município de São Paulo de Olivença (AM). O trabalho pioneiro de Hydelvidia Cavalcante de Oliveira Corrêa ajudou a estabelecer o alteamento de vogais médias em sílaba tônica como uma característica do “falar caboclo amazonense” (CORRÊA, 1980). Alguns exemplos registrados por essa última autora são ['buy] ‘boi’, [a.'vu] ‘avô’, [pef.ka.'du] ‘pescador’, [vex.'gu.ña] ‘vergonha’.

Tabela 4 - Alternância <u> ~ <o>

‘O professor Sanderson fui muito legal para mim’. (L. 2)	A3T2
O professor Sanderson foi muito legal para mim.	
‘Abordando as considerações atuais sobre os saberes nu sentido concreto como conjunto de valores’. (L. 38)	A5T3
Abordando as considerações atuais sobre os saberes no sentido concreto como conjunto de valores.	
‘Outros na nossa refeiturio também vão voltando’. (L. 15)	A9T4
Outros que estavam no nosso refeitório foram voltando à sala de aula.	
‘[...] nós indígenas dificuldade em muito ainda. Saber porque nos mesmos fazer carta, documento para autulidade como. Funai, sesai, prefeito, governo e presendente’. (L. 11)	A14T3
[...] nós indígenas temos dificuldades ainda, queremos aprender mais para nós mesmos fazermos carta, documento para a FUNAI, SESAI e para as autoridades como, prefeito governo e presidente.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

5.1.1.4 Alternância envolvendo <o> e <a>

Na Tabela 5, a seguir, estão apresentados quatro exemplos de troca da vogal <o> pela vogal <a>. Diferentemente dos casos apresentados anteriormente, não há uma relação direta com o sistema da Língua Marúbo, uma vez que não há fenômenos de alternância entre /o/ e /a/ e ambos são fonemas na L1 dos graduandos. No caso do uso de “da” no lugar de “do”, considera-se que esse fenômeno ocorre porque nas línguas Páno não há artigos, então, o falante de Português como segunda língua acaba fazendo a troca do gênero. No entanto, essa explicação só se aplica a este exemplo e mostra motivação morfossintática para o fenômeno. No caso de “valta” e “bardo”, o fenômeno parece ser motivado pelos graus de fluência, ou seja, o falante de L2 registra uma forma inexistente na língua alvo, mas não é necessariamente motivada pela estrutura da L1.

Tabela 5 - Alternância <a> ~ <o>

Transferência	Texto
‘Não quero a valta dos missionários’. (L. 20)	A9T2
Não quero a volta dos missionários.	
‘la no rio bardo eu regramei’. (L. 11)	A3T3
Lá no rio, a bordo, eu reclamei.	
Os povos indígenas da Amazonas não querem que ele administro como presidente da Funai’. (L. 22)	A18T2
Os povos indígenas do Amazonas não querem que ele administre como presidente da FUNAI.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Apresentam nesses três exemplos casos de usos da vogal /o/ no lugar da vogal /a/. Aparentemente, não há uma motivação única para os exemplos na Tabela 6. No caso de “esquerdo”, há uma clara motivação gramatical, a troca de gênero, que será considerada mais adiante. A ocorrência de “oprendi” parece não motivada, embora pudesse também ser

explicada pelo ambiente de ocorrência, uma vez que a consoante seguinte é bilabial. No caso de “oldeia”, a ocorrência de <o> pode ser explicada pela influência de <l>, pronunciado foneticamente [w]. Embora não tenhamos o registro da forma “oldeia”, na variante do Português de ATN, há o caso de alvenaria, pronunciado foneticamente [ow.ve.na.'Ria] ou [o.ve.na.'Ria]. Ambos os casos em que há possível motivação fonética para a ocorrência de <o>, este realiza-se em ambiente pretônico, mas esse não parece ser um fator relevante.

Tabela 6 - Alternância <a> ~ <o>

Transferência	Texto
‘Assim que oprendi e falar na frente de pessoa’. (L. 16)	A16T3
Assim que aprendi a falar na frente de pessoas.	
‘O meu pai que vive na oldeia rio novo’. (L. 4)	A16t1
O meu pai vive na aldeia Rio Novo.	
‘minha aldeia fica na imagem esquerdo e fica no barranco alto’. (L. 10)	A8T1
A minha aldeia fica na margem esquerda, num barranco alto.	
‘A minha oldeia e rio novo’. (L. 5)	A17T1
A minha aldeia é Rio Novo.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

5.1.1.5 Alternância envolvendo <o> e <ó>

Nos exemplos na Tabela 7, nota-se o uso sistemático de <nos> onde seria esperado <nós>. O fenômeno é tratado como fonético-fonológico, por não haver a oposição /o/ : /ɔ/ em Marúbo, o que impossibilita a percepção da distinção existente em Língua Portuguesa. Nota-se, entretanto, que essa alternância entre as formas é registrada mesmo em textos de falantes nativos de Português, o que seria decorrente da falta de domínio das regras de acentuação.

Tabela 7 - Alternância de <o> e <ó>

‘Eu quero que na outra etapa ele tem que dar aula para nos também’. (L. 6)	A8T3
Eu gostaria que na outra etapa ele dê aula para nós novamente.	
‘todas as aula que ele passou pra nos [...]’. (L. 3)	A8T3
Todas as aulas que ele passou para nós [...]	
‘ensinava para nos muitas maneiras’. (L. 16)	A9T3
Ensinava para nós de muitas maneiras.	
‘ nos temos pouco tempo para estudar’. (L. 14)	A11T5
Nós temos pouco tempo para estudar.	
‘ Nos , principalmente indígenas do Vale do Javari não aceitamos e não reconhecemos o presidente [...]’ L. 12	A16T2
Nós, principalmente, indígenas do Vale do Javari não aceitamos e não reconhecemos o presidente [...].	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Os exemplos apresentados na Tabela 8 reforçam a ideia da interferência de L1 na escrita do Português Marúbo. Nos casos abaixo, os graduandos registram <ou> no lugar de <ó> e <ó> no lugar de <ou>. Há que se lembrar que <ou> tende a ser pronunciado como [o]

na maioria das ocorrências. Portanto, é possível verificar uma indistinção entre [o] e [ɔ] refletida na grafia, que tanto registra com <ou> o que seria [ɔ] quanto registra com <ó> o que seria [o]. Reflexo também da monotongação no PB falado, na escrita, talvez um caso de hipercorreção.

Tabela 8 - <ou> em vez de <ó>

‘Eu sou gosto de estudo de português’. (L. 13)	A17T1
Eu só gosto do estudo de português.	
‘Eu só fulano de tal’. (L. 1)	A9T1
Eu sou fulano de tal.	
‘Sou de rio curucasó professor’. (L. 5)	A10T1
Sou do Rio Curuçá, sou professor.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

5.1.1.6 Inserção de vogais

No caso dos dados em que se observou a inserção de vogais, todos envolvem uma vogal anterior e não parecem motivada pelo sistema da LM. Os dados apresentados na Tabela 9 não parecem ser pronúncias usuais entre os indígenas Marúbo e podem ser decorrentes de falta de domínio do código escrito. Entretanto, chama a atenção que a inserção de <e> ocorre uma vez em um verbo no pretérito perfeito e duas vezes no pretérito imperfeito, o que sugere que os graduandos podem ter tratado a inserção do <e> como uma marca do tempo. Há que se considerar ainda que a LP apresenta distinções no passado que não ocorrem em Marúbo.

Tabela 9 - Inserção indevida de <e>

Transferência	Texto
‘Eu aprenteir e uma coisas’. (L. 2)	A9T3
Eu aprendi umas coisas.	
‘Assim que viveia na aldeia meu pai e mãe’. (L. 9)	A14T1
Assim que vivia na aldeia meu pai e minha mãe.	
‘A nossa organização não sabeia ’. (L. 26)	A9T2
A nossa organização não sabia.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Na Tabela 10, a inserção de <i> pode ser decorrente da pronúncia dos falantes Marúbo. Diferentemente dos dados anteriores, a pronúncia com o ditongo não resulta em pronúncia tão diferente com relação ao Português.

Tabela 10 - Inserção indevida de <i>

Transferência	Texto
‘Esprecação do professor. orinetação usa leitra ’. (L. 8)	A1T5
A explicação do professor, orientação para usar letras.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Na Tabela 11, apesar de haver a inserção de um grafema consonantal <ɫ>, consideramos como uma ditongação de /o/, uma vez que foneticamente resultaria em [ɔw]. Não há qualquer explicação clara para este fenômeno baseado no que se conhece da LM, sendo a “aprendizagem imperfeita” a única explicação possível, uma vez que não há tampouco explicação baseada na LP.

Tabela 11 - Inserção de <ɫ>

Transferência	Texto
‘a sua explicação foi muito óltimos para aminha vida cotidiano’. (L. 12)	A5T5
A sua explicação foi muito ótima para a minha vida cotidiana.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

5.1.1.7 Uso de <e> por <é>

Nesse caso, é interessante notar que não há a oposição /e/ : /i/ e nem /e/ : /ɛ/, que poderia ser representada pelas diferenças gráficas observadas. Isso leva a crer que a ocorrência de <e>, no exemplo da Tabela 12, é influenciado pela estrutura da Língua Marúbo. No entanto, em nossa experiência como professores de falantes nativos de Língua Portuguesa, temos observado o uso frequente de <e> para representar o <é>, exatamente como ocorre no exemplo da Tabela 1. Esta ocorrência poderia ainda ser justificada pela falta de familiaridade com as regras de acentuação gráfica da LP.

Tabela 12 - Alternância <e> ~ <é>

Transferência	Texto
‘Eu percebi que você e uma Pessoa Profissional e muito Capacitado para isso’. (L.11)	A6T4
Eu percebi que você é uma pessoa profissional e muito capacitada para isso.	A1T1
‘A minha aldeia localizada na margem esquerda do rio curuçá da T. I Vale do javari. Ela e grande, 180 habitantes [...]’. (L. 16)	
A minha aldeia está localizada na margem esquerda do Rio Curuçá da T. I Vale do Javari, ela é grande, tem 180 habitantes [...].	
‘disciplina que ele deu e português’. (L. 2)	A8T3
A disciplina que ele deu foi português.	
‘ e difícil estabelecer seu significado, artigo, preposição, conjunção’. (L.9)	A10T4
É difícil estabelecer o significado do artigo, da preposição, da conjunção.	
‘ e por isso que estou morando sem sair do comunidade’. (L. 10)	A13T1
É por isso que estou morando sem sair da comunidade.	
‘nome do meu pai e meu pai Domingo marubo’. (L. 3)	A7T1
O nome do meu pai é Domingo Marúbo.	
‘A minha família e 5 pessoas’. (L. 8)	A16T1
A minha família é de 5 pessoas.	
‘a minha aldeia e rio novo é longe para chegar lá e 6 dias’. (L. 6)	A16T1
A minha aldeia é Rio Novo, é longe, para chegar lá são seis dias.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

5.1.1.8 Uso de <e> no lugar de <o>

Embora haja poucos casos de ocorrência, é importante registrar os dados na Tabela 13. No caso de “exenerado” é possível que a ocorrência das vogais nas sílabas vizinhas influencie a percepção do falante indígena, o que levaria a um caso de harmonização vocálica em sua produção, quando uma vogal assimila traços de outras. No caso de “de” é claramente um fenômeno motivado pela falta de domínio das estratégias de determinação e indeterminação em Língua Portuguesa, não tendo, portanto, motivação fonológica.

Tabela 13 - Alternância <e> ~ <o>

‘Quando foi 03 de junho ele foi exenerado ’. (L. 10)	A12T2
Quando foi 03 de junho ele foi exonerado.	
‘Eu sou gosto de estudo de português’. (L. 13)	A17T1
Eu só gosto do estudo de português.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

5.1.1.9 Casos de Monotongação

Com exceção da ocorrência de “traxe”⁴³, os dados na Tabela 14 são motivados pela pronúncia corrente do Português, que tende a monotongação de palavras como “poucas”, “poucos” e “roupa”. No caso de “traxe” por “trouxe” não encontramos uma motivação aparente, mas é importante notar que não se trata unicamente da monotongação, mas da substituição de uma vogal esperada <o> por <a>.

Tabela 14 - Monotongação pela supressão de <u>

Transferência	Texto
‘O curso e aprendei, um pocos ’. (L. 7)	A4T5
No curso eu aprendi um pouco.	
‘Fiz projetos de hidrelétricas em terras Indígenas e traxe muitos problemas para as comunidades’. (L. 7)	A2T2
Fiz projetos de hidrelétricas em Terras Indígenas e trouxe muitos problemas.	
‘[...] bom orientação mais pocas horas’. (L. 6)	A14T5
‘[...] boa orientação, mas poucas horas.	
‘Eu vo passa para meus a lunos português em portante’. (L. 5)	A12T3
Eu vou passar para os meus alunos o português, é importante.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Na Tabela 15, a seguir, registra-se a substituição de <eo> por <e>. Trata-se de monotongação, mas não é motivada pela pronúncia corrente da LP e não temos notícias de

⁴³ Para Flávia Santos Martins (c. p.) é possível pensar também que, em “traxe”, há alomorfa no radical ainda não perceptível e talvez para o falante/escrevente Marúbo, ao “flexionar” o referido verbo, ainda traga traços do radical da sua forma primitiva: trazer.

pronúncia semelhante na cidade de ATN falantes nativos de Português. Como a fonotática da LM é pouco conhecida, também não é possível afirmar se há alguma restrição de co-ocorrência de vogais na mesma sílaba que pudesse motivar a realização. Há a possibilidade de os falantes/escreventes Marúbo estarem estendendo a regra de monotongação para outros ditongos, pois talvez não esteja claro para eles a restrição linguística que há no PB falado de que nem todos os ditongos monotongam⁴⁴.

Tabela 15 - Supressão de <o> na sequência <eo>

Transferência	Texto
‘Eu me precupo com o meu povo do vale do Javari’. (L. 9)	A2T2
Eu me preocupo com o meu povo do Vale do Javari.	

Fonte: Maria e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

No dado da Tabela 16, que segue, observa-se a não ocorrência do ditongo <ei>, sendo realizado como <i>. A monotongação pode ser decorrente de pronúncias da LP, uma vez que alguns falantes tendem a pronúncia [aw.'dea]. No entanto, a escrita com <i> é influência do sistema da LM que não apresenta a oposição /e/ : /i/.

Tabela 16 - Supressão de <e> em margem direita de ditongo

Transferência	Texto
‘Na aldia rio novo. O meu família vica na aldeia’. (L. 11)	A2T1
A minha família fica na aldeia Rio Novo.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

O último caso observado de monotongação parece ser decorrente unicamente de falhas no registro, não parecendo haver qualquer motivação decorrente nem do sistema falado da LP e nem da LM.

Tabela 17 - Supressão de <i> em margem direita de ditongo

Transferência	Texto
‘nós lideranças tradicionas , nas aldeias ou nos povos indígenas. Não sabemos que o presidente da sai funai’. (L. 1-2)	A14T2
Nós, lideranças tradicionais das aldeias ou nós povos indígenas, não sabemos quando um presidente sai da FUNAI.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

5.1.1.10 Supressão da vogal <a>

Nos casos de supressão de <a> é de especial interesse os casos em início de palavra, como é possível observar na Tabela 18. Em ambos os casos, considera-se que estão calcados

⁴⁴ Por essa possibilidade de análise, agradecemos a observação da Professora Flávia Santos Martins durante a banca de defesa.

na pronúncia das palavras realizada pelos próprios indígenas. No caso de “postilha”, seria possível pensar na reanálise da palavra a partir de uma segmentação do <a> inicial como um artigo. No entanto, no caso de “prenti”, esta análise não é possível, haja vista tratar-se de um verbo.

Se nós voltamos à estrutura da Língua Marúbo, vamos observar que a maior parte das palavras monomorfêmicas dessa língua são monossilábicas ou dissilábicas, o que poderia sugerir que a L1 esteja influenciando a L2 desses escreventes e eles estejam transferindo uma regra referente ao número de sílabas das palavras⁴⁵. Essa hipótese mereceria mais investigação, inclusive para verificar se há mesmo uma regra sincrônica de redução de palavras em Marúbo, se ela opera em à esquerda ou à direita da palavra e sobre que elementos ela operaria.

Tabela 18 - Supressão de <a>

‘Eu prenti um poco’. (L.11)	A4T5
Eu aprendi um pouco.	
‘eu tenho postilha ’. (L. 12)	A9T3
Eu tenho apostila.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Há outros casos de supressão de <a>, mas que não parecem motivados por qualquer aspecto linguístico e que devem ser considerados unicamente como equívocos gráficos.

Tabela 19 - Supressão de <a> por equívocos gráficos

‘Quando mato uma csa Granti chamo todo mondo para comer junto unido’. (L. 9)	A12T1
Quando mato uma caça grande chamo todo mundo para comer junto, unido.	
‘Quando fica perto da queixda nós Fazer o qesto [...]’. (L. 11)	A17T3
Quando ficamos perto da queixada nós fazemos o gesto.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

5.1.2 Acento gráfico

Diferentemente de outros casos motivados por oposições segmentais dos sistemas e que foram apresentados acima, há casos em que o tratamento do acento parece ser motivado por outros fatores. Nos casos abaixo, considera-se que as diferenças no uso da acentuação se devem à falta de domínio das regras de acentuação ortográfica (fluência: o pouco contato com o sistema escrito do PB). É importante observar que, mesmo para falantes de Português como L1, noções como acento, sílaba tônica e, principalmente, as convenções de uso gráfico de acento não são claras (especialmente, para os que praticam pouco a escrita ou para os que

⁴⁵ Mais uma vez, agradecemos a Profa. Flávia Santos Martins por nos chamar atenção para a questão.

estão começando a conhecer o sistema escrito do PB). A falta de clareza sobre o que é acento e sobre os critérios para o seu registro na escrita podem levar o falante a utilizá-lo inadvertidamente ou formular hipóteses próprias de uso ou ainda basear-se no sistema fonológico de sua L1. Cabe lembrar que, conforme visto anteriormente, o sistema acentual Marúbo é distinto do sistema da LP e a sílaba acentuada costuma ser a mais à esquerda (cf. seções 4.1 e 4.2).

Os dados da Tabela 20, a seguir, sugerem uma questão gráfica e não motivada pelo sistema da LM. Cabe notar que a Língua Portuguesa utiliza os acentos agudo e circunflexo para – além de marcar sílabas tônicas – diferenciar vogais abertas e fechadas em sílaba acentuada. Por outro lado, a ocorrência de sílabas abertas pretônicas, como é o caso de “étnia” podem ser influenciadas pela possibilidade da pronúncia aberta da vogal média anterior [ɛ], em ambientes pretônicos a exemplo de [mɛ.dʒi.'si.na] (cf. CRUZ, 2004; MAIA, 2018).

Tabela 20 - Acento gráfico

Transferência	Texto
‘O conteúdo da disciplina de Sintaxe, explicou bém ’. (L. 5)	A18T5
O conteúdo da disciplina de sintaxe explicou bem.	
‘Ele explicou muito bém ’. (L. 8)	A7T3
Ele explicou muito bem.	
‘Em 1992, ele éra segurança. De José Sarney’. (L. 4)	A7T2
Em 1992 ele era segurança de José Sarney.	
‘ eú moro no aldeia liberdade’. (L. 2)	A8T1
Eu moro na aldeia Liberdade.	
‘meu povo étnia marubo’. (L. 4)	A7T1
Meu povo é da etnia marúbo	
‘nome do meu pai é artémio ’. (L. 6)	A8T1
O nome do meu pai é Artêmio.	
‘meu povo habitam na aldeia Maronal alto rio curuça ’. (L. 6)	A11T1
Meu povo habita na aldeia Maronal, Alto Rio Curuçá.	
‘O professor Sanderson ensiná bem’. (L. 25)	A18T5
O professor Sanderson ensina bem.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

5.1.3 Segmentos consonantais

Nesta seção são apresentados os fenômenos que envolvem os segmentos consonantais. Assim como na seção anterior, pressupõe-se que a representação grafemática está relacionada a uma pronúncia da palavra. Novamente, colocamos aqui, o quadro das consoantes da Língua Marúbo segundo Kennel Jr. (1978), para recordar o leitor e facilitar que acompanhe as análises das consoantes.

Quadro 26 - Consoantes da Língua Marúbo

Ortografia	Fonema	Alofone	Descrição/Ocorrência/Exemplos
<v>	/β/	[β]	Fricativa bilabial sonora. Nunca precede o vocóide alto aberto central não arredondado sonoro [i]. /vana/ [βana] ‘fala’, /aβo/ [aβo] ‘sabão’.
		[β ^w]	Fricativa bilabial sonora labializada. Sempre precede o vocóide alto central aberto não arredondado contínuo [i]. /βini/ [β ^w ini] ‘macho’.
<k>	/k/	[k]	Oclusiva velar surda. Ocorre sem restrição /karo/ [karo] ‘lenha’, [kipo] [kipo] ‘fechar’.
<m>	/m/	[m]	Nasal bilabial sonora. Ocorre sem restrição. /mapo/ [mapo] ‘cabeça’.
<n>	/n/	[n]	Nasal alveolar sonora. Ocorre sem restrição. /pino/ [pino] ‘beija-flor’.
<p>	/p/	[p]	Oclusiva bilabial surda. Nunca precede o vocóide alto aberto central não arredondado sonoro contíguo [i]. /pano/ [pano] ‘cunhada’.
		[p ^w]	Oclusiva bilabial surda labializada. Sempre precede o vocóide alto aberto central não arredondado sonoro contíguo [i]. /pino/ [p ^w ino] ‘telhado’.
<r>	/r/	[r]	Desfraldada alveolar sonora. Ocorre sem limitação. /rama/ [rama] ‘agora’.
<s>	/s/	[s]	Fricativa alveolar surda. Ocorre sem restrição. /pasa/ [pasa] ‘sopa’.
<ch>	/ʃ/	[ʃ]	Fricativa álveo-palatal surda. Ocorre limitadamente precedendo o vocóide alto aberto central não arredondado sonoro contíguo. Fora disto ocorre sem restrição. /jai/ [ʃai] ‘pássaro’.
<sh>	/ʂ/	[ʂ]	Fricativa álveo-palatal surda para trás. Não precede o vocóide alto fechado anterior não arredondado sonoro /i/, mas fora disto ocorre sem restrição. /ʂai/ [ʂai] ‘envira’.
<t>	/t/	[t]	Oclusiva alveolar surda. Ocorre sem restrição. /tapo/ [tapo] ‘assoalho, jirau’.
<ts>	/ts/	[ts]	Africada alveolar surda. Ocorre sem restrição. /tsano/ [tsano] ‘colher’.
<tx>	/tʃ/	[tʃ]	Africada álveo-palatal surda. Ocorre sem restrição. /tʃano/ [tʃano] ‘nome de menino’.
<w>	/w/	[w]	Semi-vogal bilabial sonora. Nunca precede o vocóide médio fechado posterior arredondado sonoro /o/. /wapa/ [wapa].
<y>	/y/	[y]	Semi-vogal velar sonora. Nunca precede o vocóide alto fechado anterior não arredondado sonoro [i]. [yapa] [yapa] ‘peixe’.
	/ʔ/	[ʔ]	Oclusiva glotal surda. Ocorre limitadamente no meio de algumas palavras. /ʂaβáʔma/ [ʂaβaʔma] ‘ontem, amanhã’.

Fonte: Kennel Jr. (1978)

5.1.3.1 Lambdacismo e Rotacismo

O lambdacismo é a troca do /l/ pelo /R/, o inverso do rotacismo (cf. APARECIDA e MASSINI-CAGLIARI, 2020). Nas amostras da Tabela 21, a seguir, nota-se que ambos os fenômenos são recorrentes no Português Marúbo. Ambos os fenômenos são claramente consequência da transferência de padrões da língua materna para a língua em aquisição. Como apresentado no Capítulo 4, a LM não apresenta qualquer oposição entre róticos e

laterais, havendo em seu inventário fonológico apenas o flepe alveolar /r/⁴⁶. Por sua vez, na LP é comum em sua variedade falada (de alguns vernáculos) e escrita (pouca escolaridade) o uso intercambiável do /l/ e do /R/ porque são muito próximos foneticamente (só se diferenciam quanto ao modo de articulação).

Nos dados da Tabela 21, tem-se apenas lambdacismo em “autolidade”, “conglesso” e “Bluno”. No entanto, em “contralhou”, além de ocorrer o lambdacismo, ocorre também uma palatalização de <l>, resultando em <lh>. Essa palatalização pode ser motivada pela ocorrência de <i> na sílaba, sendo a palatalização de /l/ diante de [i] um fenômeno bastante comum e bem atestado nas variedades linguísticas do Amazonas (cf. PINTO, 2017).

Tabela 21 - <l> por <r>

Transferência	Texto
‘Eu sou gosto de a prender, a língua Portugue. Porque eu a fala com autolidade ’. (L. 8)	A5T1
Eu só gosto de aprender a Língua Portuguesa porque eu uso para falar com autoridade.	
‘Foi para Brasília em Gonglesso Nacional de Brasília’. (L. 11)	A17T2
Foi à Brasília para o Congresso Nacional de Brasília.	
‘El Bluno Ele é tinha chegaram na Frente’. (L. 12)	A17T2
O Bruno, ele foi quem chegou na frente.	
‘Não existiu uma falha ao contra-lhou observado’. (L. 10)	A6T3
Não existiu uma falha em tudo que foi observado, pelo contrário.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Na Tabela 22, estão registrados os casos de rotacismo. A maioria dos casos em nosso corpus ocorrem com a segunda consoante em margem esquerda de sílaba, posição em que a Língua Portuguesa também tende a ter rotacismo (cf. APARECIDA e MASSINI-CAGLIARI, 2020). O único exemplo em que o rotacismo não ocorreria em dados de falantes de LP como língua nativa seria “era” no lugar de “ela”.

Tabela 22 - <r> por <l>

Transferência	Texto
‘Alimentação para mim foi muito legal, por isso que eu não regramei na alimentação, la no rio bardo eu regramam aqui eu alimentamo bem (<i>mĩ tamai</i>)’. (L. 11-12)	A3T2
Alimentação para mim foi muito legal, por isso que eu não reclamei da alimentação, lá no rio, a bordo, eu reclamo, mas aqui nós nos alimentamos bem (<i>mĩ tamai</i>)..	
‘ainda, ele não Regramação com alunos [...]’. (L. 5)	A14T4
Ele não ouviu reclamação dos alunos.	
‘ esprecação do professor. Orientação, como usa letra’. (L.3)	A14T5
A explicação do professor foi orientação de como se usam as letras.	
‘la no rio bardo eu regramam aqui eu alimentamo bem (<i>mĩ tamai</i>)’. (L. 12)	A3T2
Lá no rio, a bordo, eu reclamo, mas aqui nós nos alimentamos bem (<i>mĩ tamai</i>).	
‘Comunidade alegria era tem muito grande’. (L. 13)	A9T1
A comunidade alegria ela é muito grande.	

⁴⁶ Kennel Jr. (1978) o descreve como “desfraldada”.

‘[...] ponto de esgramação nós confirmado de é foi Explicados’. (L. 17)	A18T4
O ponto de exclamação foi explicado para nós.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

5.1.3.2 Surdas e sonoras

Como visto no Capítulo 4, a LM não apresenta nenhum caso de oposição privativa de sonoridade. Costa (2000, 100-1) registra casos de sonorização de /s/ e /ʃ/ em contextos de nasalidade. Embora a LM seja descrita com um som consonantal fricativo bilabial sonoro /β/, não há oposição entre este som e sua contraparte surda. Os outros elementos consonantais descritos como fonologicamente sonoros ou são nasais ou são glides, o que atesta que o traço de sonoridade não é relevante para o sistema consonantal da língua. Diferentemente do sistema da LM, o traço de sonoridade é relevante para o sistema da LP, havendo oposição pelo traço de sonoridade tanto na série de oclusivas quanto na série de fricativas da Língua Portuguesa.

Dessa forma, como a L1 não apresenta oposição de sonoridade enquanto a L2 apresenta, é esperado que ocorram casos de alternância que envolvam o traço de sonoridade. De fato, há muitos exemplos em nosso *corpus* que demonstram que a alternância no registro do traço de sonoridade na escrita é influenciada pela L1.

Nos dados da Tabela 23, tem-se o uso de <v> por <f>. Nesse caso, é interessante notar que os graduandos optam pela forma mais próxima do som de sua língua e pelo grafema existente no sistema de escrita da L1.

Tabela 23 - Uso de <v> por <f>

Transferência	Texto
‘o meu família vica na aldeia’. (L. 12)	A2T1
A minha família fica na aldeia.	
‘isso que vaiz embom para nós’. (L. 11)	A14T3
Isso que se faz é bom para nós.	
‘a minha deveculdade e apresentação de trabalho seminário’. (L.5)	A10T3
A minha dificuldade é apresentar seminário.	
‘O professor Sanderson vez aula para nos’. (L. 1)	A2T3
O professor Sanderson fez aula para nós.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

No caso da alternância envolvendo e <p>, foi possível verificar tanto o uso do grafema existente na língua dos graduandos quanto o uso do grafema inexistente no sistema de escrita da L1, como é possível ver nas Tabelas 24 e 25.

Tabela 24 - Uso de por <p>

Transferência	Texto
'7 casa de baxiuba '. (L.6)	A7T1
7 casas de paxiúba	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Tabela 25 - Uso de <p> por

Transferência	Texto
'Meu eles pesca e caçar ele é paxo , minha mãe magra poxo'. (L. 2-3)	A14T1
Meu pai pesca e caça, ele é baixo, minha mãe é magra e é baixa também.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

As alternâncias envolvendo os grafemas <d> e <t>, observados na Tabela 26, são abundantes e ocorrem em ambas as direções, ou seja, <d> no lugar de <t> e <t> no lugar de <d>. No entanto, é possível observar que os casos em que há o uso de <t> no lugar de <d>, conforme exemplos da Tabela 27, são mais numerosos. No caso do uso de <d> é importante notar que há vários contextos que envolvem ambientes nasais, que são mais propícios à sonoridade.

Tabela 26 - Uso de <d> por <t>

Transferência	Texto
'ele respeidoso para os aulos'. (L. 3)	A2T3
Ele é respeitoso para com os alunos	
'meu clã e londra '. (L. 3)	A12T1
Meu clã é lontra.	
' enquando isso muito se enteresaram em ser Presidente da (FUNAI)'. (L. 11)	A12T2
Enquanto isso muitos se interessaram em ser presidente da FUNAI.	
'os pontos positivo do curso é muito curdo '. (L. 16)	A15T5
Um dos pontos negativos do curso é porque é muito curto.	
'o melhor é consultar os povos indígenas redirar o presidente novato'. (L. 14)	A16T2
O melhor é consultar os povos indígenas para retirar o presidente novato.	
'Com você muitas coisas oriendados Aulas'. (L. 21)	A17T4
Com você muitas coisas foram orientadas.	
' Eu gostaríamosde orientação para nós'. (L. 12)	A9T5
Eu gostaria que tivesse mais orientação para nós.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

No caso de “oriendandos” na Tabela 26, acima e de “estutei”, “estuteimos” e “funtamental” na Tabela 27, a seguir, seria possível pensar em harmonização do traço de sonoridade, uma vez que as consoantes registradas nas palavras são ou todas surdas ou todas sonoras.

Tabela 27 - Uso de <t> por <d>

Transferência	Texto
'Quando mato uma csa granti chamo todo mundo'. (L. 8-9)	A12T1
Quando mato uma caça grande chamo todo mundo.	

‘Eu prenti um poco’. (L.10)	A12T3
Eu aprendi um pouco.	
‘nós Apresentamos cada entivudial . Apresentamos assim cada partir’. (L. 13)	A5T3
Nós apresentamos de modo indiviaual.	
‘Professor, Santerson Oliveira, Professor Doutor’. (L. 1)	A6T4
Professor Sanderson Oliveira, professor doutor.	
‘Meu nome é fulano... Etnia marubo minha comunidade, alto curuça, e Esta lecionando Funtamental ’. (L. 2)	A7T1
Meu nome ..., sou da etnia Marúbo, minha comunidade vive no Alto Rio Curuçá, estou lecionando no Ensino Fundamental	
‘eu estutei muitas coisas, eu estuteimos mais’. (L. 3)	A9T4
Estudei muitas coisas, eu estudei mais.	
‘eu apretendo e algumas palavras’. (L. 5)	A9T2
Vou aprendendo algumas palavras.	
‘Eu aprenteir e uma coisas’. (L. 2)	A9T3
Eu aprendi umas coisas.	
‘Eu sou que aprentei muitas coisas’. (L. 8)	A9T3
Eu sou quem aprendeu muitas coisas.	
‘Eu aprepter o partidas coisas’. (L. 15)	A9T3
Eu aprendi coisas dos partidos.	
‘eu apretendo em algumas palavras’. (L. 5)	A9T3
Vou aprendendo algumas palavras.	
‘Eu gostati estudar para ensina meu parente da aldeia’. (L. 4)	A12T1
Eu gosto de estudar para ensinar meus parentes da aldeia.	
‘foi muito bens de sai a nossa alimentos, também é mesma coisas de hospitage ’. (L. 17)	A9T4
Foi muito bom sair a nossa alimentação e a hospedagem também.	
‘Quando mato uma csa granti chama todo mundo para comer junto unidos’. (L. 9)	A12T1
Quando mato uma caça grande chamo todo mundo para comer junto, unido.	
‘Tudos conteúdos Foi dato de gesto pra nós’. (L. 8)	A17T3
Todos os conteúdos foram dados com gestos para nós.	
‘Tudos assuntos que teu más Foi melhora o próximo’. (L. 12)	A17T3
Dos conteúdos que deu irão ser melhorados no próximo encontro.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

No caso dos grafemas que representam sons oclusivos velares em LP, também é possível verificar a alternância entre grafemas surdos e sonoros na escrita do Português Marúbo. A motivação é claramente fonético-fonológica, podendo haver alternâncias entre todos os grafemas que representam sons oclusivos velares. Nas duas primeiras Tabelas, 28 e 29, a seguir, estão apresentadas as ocorrências do grafema sonoro no lugar do surdo.

Tabela 28 - Uso de <g> por <c>

Transferência	Texto
‘ainda, ele não Regramação com alunos’. (L. 5)	A14T4
Ele ainda não fez reclamação dos alunos.	
‘Alimentação pra mim foi muito legal, por isso que eu não regramei na alimentação’. (L. 11)	A3T2
A alimentação para mim foi muito legal, por isso que eu não reclamei.	
‘la no rio bardo eu regramam ’. (L. 12)	A3T2
Lá no rio, a bordo, eu reclamo.	
‘Nós professores Aprendi conteúdo foi muito expligardo ’. (L. 16)	A17T3

Nós professores aprendemos os conteúdos que foram bem explicados.	
‘ponto de esgramação nós corfirmado de é foi explicado’. (L. 17)	A17T4
O ponto de exclamação foi explicado.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Tabela 29 - Uso de <gu> por <qu>

Transferência	Texto
‘Não houvi informação das lideranças se entre eles mesmos gueriam indicar outras pessoas’. (L. 5)	A14T2
Não houve informação às lideranças, para averiguar se eles mesmos queriam indicar outras pessoas.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Nas três tabelas abaixo, 30, 31 e 32, estão apresentados os grafemas surdos usados no lugar dos grafemas sonoros.

Tabela 30 - Uso de <c> por <g>

Transferência	Texto
‘Fazemos Documento Para Mandara Para Covernos ’. (L. 42)	A17T2
Fazemos documentos para mandar aos governos.	
‘ Coverno Brasileiro Faz com quem nossos direitos Fossem Legislativo das na Constituição’. (L. 3)	A17T2
O governo brasileiro faz com que nossos direitos [...].	
‘e lucar do Bruno Para Povos Pensando’. (L. 22)	A17T2
Pensaram em colocar o Bruno para ocupar a pasta dos povos indígenas em Brasília.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Tabela 31 - Uso de <qu> por <gu>

Transferência	Texto
‘Os meus povos e o marubo, eles são querreiros e os colandeiros’. (L. 6)	A4T1
Os meus povos são os Marúbo, são guerreiros e curandeiros.	
‘Avisaram para consequem em Problema é povos indígenas’. (L. 7)	A17T2
Avisaram para conseguirem resolver os problemas dos povos indígenas.	
‘a língua portuque nós corvessa Com Parente importante’. (L. 17)	A17T2
Na Língua Portuguesa nós conversamos com parentes importantes.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Tabela 32 - Uso de <q> por <g>

Transferência	Texto
‘Quando Fica Perto da queixda nós Fazer o qesto ’. (L. 12)	A17T3
Quando ficamos perto da queixada nós fazemos o gesto.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

No primeiro caso da Tabela 33, a seguir, há a supressão da vogal <a> no enunciado ‘azulão’, além do ensurdecimento da consoante <z>, resultando em uma palavra que seria pronunciada com uma consoante surda inicial, pelas regras ortográficas. No segundo caso, há a consoante <s> em vez de <z> no enunciado ‘vez’, mas a troca não resultaria em uma

alteração do fonema, uma vez que há a neutralização de /s/ e /z/ em coda silábica, em Língua Portuguesa (cf. CAGLIARI, 2002). O primeiro caso pode ser motivado por processos de aquisição de L2, porque nenhum falante nativo do Português usaria esse enunciado em sua fala. No segundo caso, a questão é meramente ortográfica e é comum, na escrita, o uso de <s> por <z> pelo falante nativo de PB.

Tabela 33 - Uso de <s> por <z>

Transferência	Texto
‘A minha família, clã de solão ’. (L. 7)	A7T1
A minha família é do clã Azulão.	
‘A nossa preocupação esta cada ves a nossa esperança’. (L. 17)	A12T2
Apesar da preocupação temos esperança.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Os exemplos na Tabela 34 evidenciam uma possível pronúncia surda do fonema /z/, esperado nessas palavras. No entanto, são exemplos em que mesmo o falante nativo do PB poderia utilizar <ss> devido à falta de conhecimento das regras de uso do <s> e do <ss> em Português (para os que utilizam pouco a escrita ou estão na fase inicial da aprendizagem desse sistema). A troca, nesse caso, ocorre mais em falantes de PB que ainda estão começando a dominar o sistema ortográfico.

Tabela 34 - Uso de <ss> por <s>

Transferência	Texto
‘eu precisso ’ e próxima etapa o você mesmo que voltamos para é outros etapa o professor Sanderson’. (L. 11)	A9T4
Preciso que na próxima etapa seja você mesmo, professor Sanderson!	
‘eu precissa é outras modelos’. (L. 13)	A9T5
Eu preciso dos outros módulos.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Na Tabela 35, a seguir, ocorre um caso bastante atípico, uma vez que além da troca da surda pela sonora, ocorre ainda a supressão da vogal. A troca de <s> no lugar de <ç> evidencia uma possível dificuldade com a distinção de sonoridade, mas é reforçada pela complexidade do sistema ortográfico da LP.

Tabela 35 - Uso de <s> por <ç>

Transferência	Texto
‘Quando mato uma csa Granti chamo todo mondo para comer junto unido’. (L. 9)	A12T1
Quando mato uma caça grande chamo todo mundo para comer junto, unido.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

5.1.3.3 Nasalidade em coda

Nos casos da Tabela 36, a seguir, ocorrem a supressão da nasalidade em coda silábica. Os dois primeiros casos são de omissão da nasal <m> e o último caso é de omissão da nasal <n>. Ambos os grafemas representam o mesmo som e há discussão sobre a interpretação fonológica da nasalidade em LP nesses casos, podendo ser interpretada tanto como uma consoante não especificada para ponto de articulação quanto como uma vogal intrinsecamente nasal (cf. TELLES, 2019; BISOL, 2016; BATTISTI, 2014). Do ponto de vista do sistema da LM, há vogais nasais, que são representadas ortograficamente com o uso do diacrítico <~> sobre a vogal. Nesses casos, não há uma clara transferência da LM à LP.

Tabela 36 - Supressão de nasal

Transferência	Texto
‘meu eles pesca e caçar ele é paxo, minha mãe mãe magra paxo, Também. Meu pai assi [...]’. (L. 4)	A14T1
Meu pai pesca e caça, ele é baixo, minha mãe é magra e baixa também. Meu pai vive assim.	
‘outras també padrão comunidade Dono da língua’. (L. 19)	A17T4
Outra coisa também é que a comunidade é dona da sua língua.	
‘Você oriedados ’Pra nós’. (L 21)	A17T4
Você foi um orientador para nós.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

5.1.3.4 Supressão de <s>

No exemplo apresentado na Tabela 37, acontece a supressão de <s>em coda silábica interna. Segundo Costa (2000, 45), a estrutura silábica CVCC não é observada em Marúbo, o que seria um fator para explicar essa supressão. Ademais, a ocorrência de dois sons fricativos, /h/ e /s/ na posição de coda deve dificultar a percepção dos elementos, ou seja, o falante Marúbo pode perceber apenas um segmento nessa posição. Há que se lembrar ainda que o arquifonema /S/ em posição de coda silábica pode ser pronunciado em LP como [h], havendo a possibilidade de haver a pronúncia de apenas um segmento nesse caso específico.

Tabela 37 - Supressão de <s>

Transferência	Texto
‘Na perspectivo dos povos indígenas do Vale do Javari [...]’. (L. 2)	A3T2
Na perspectiva dos povos indígenas do Vale do Javari [...].	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

5.1.3.5 Assimilação da consoante <n>

No caso apresentado na Tabela 38, não se observa a ocorrência de <t>, no entanto, o graduando registrou outro <n>. Não há fenômenos conhecidos em LM que possam explicar

essa assimilação da consoante, mas o fenômeno também não pode ser explicado por qualquer pronúncia possível em LP. Chama a atenção o fato de não ocorrer a simples supressão de <t>, o que poderia ser considerado um lapso ou um erro de escrita. O registro duplo de <n> leva a consideração que o graduando percebe uma consoante inicial na sílaba <tão>.

Tabela 38 - Supressão de <t>

Transferência	Texto
‘Em eles pensando, o povo Indígena A juntar Mas ennão Porque nen quem no podem A chou da nada em três dias Eles. Foi para Brasília’. (L. 7)	A18T2
Eles pensaram em o povo indígena se juntar... então porque se juntaram em três dias chegaram em Brasília.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

5.1.3.6 Palatalização em contexto de <i>

No dado apresentado na Tabela 39, ocorre a palatalização de <l>, resultando em <lh>. Essa palatalização é, muito provavelmente, devida à ocorrência de <i> na sílaba precedente e pode ser motivada pela pronúncia palatal de laterais em LP, fenômeno comum em dialetos do Amazonas (cf. PINTO, 2017; CRUZ, 2004).

Tabela 39 - Inserção de <h>

Transferência	Texto
‘eu tenho postilha depois eu apreter mais a leitura’. (L. 12)	A5T5
Eu tenho apostila, depois eu aprendo mais a leitura.	

Fonte: Maria e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Na Tabela 40, ocorre o dígrafo <nh> como uma consoante de transição no hiato <ia>. Nesse caso, a consoante /ɲ/ tem sua qualidade palatal explicada pela ocorrência de <i>, mas não é possível justificar a ocorrência da nasalidade, tendo que considerá-la espontânea⁴⁷.

Tabela 40 - Inserção de nasal

Transferência	Texto
‘minha mãe também assim mesmos ela, fazinha comida para nós’. (L. 7-8)	A14T1
Minha mãe também é assim mesmo, ela fazia comida para nós.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

5.1.3.7 Supressão de sílaba

Há um registro interessante de supressão da sílaba, no exemplo da Tabela 41, a seguir. Nesse caso, o uso de <pa> no lugar de <para> pode ser motivado pela pronúncia da

⁴⁷ Flávia Santos Martins sugeriu, na defesa da dissertação, que há muitas outras nasais nas palavras da sentença e que poderia estar ocorrendo uma assimilação do traço de nasalidade.

preposição em LP⁴⁸. Esse registro, embora não seja o mais comum e nem possa ser generalizado a todos os contextos de ocorrência, chega a ser observado em músicas como “Eu vou falar pa tu”, do cantor Tiririca, que foi amplamente difundida no Brasil ainda na década de 1990.

Tabela 41 - Eliminação de <ra>

Transferência	Texto
‘O professor soube entender o sentido do verbo pa classificar a língua marubo’. (L. 14)	A1T5
O professor soube entender o sentido do verbo para classificar a Língua Marúbo.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

5.1.3.8 Nasalização em final de palavra

Registramos, na Tabela 42, a seguir, dois casos de nasalização em final de palavras, provavelmente, motivadas pela ocorrência de uma consoante nasal na mesma sílaba. A nasalidade, nesse caso, é representada pelo grafema <m>.

Tabela 42 - Nasalização em final de palavra

Transferência	Texto
‘Ele também não tem o poder de sozinham Porque em povos indígenas para Funçam.’ (L. 23)	A17T2
Ele também não tem o poder de decidir sozinho porque os povos indígenas podem escolher alguém para a função.	
‘A pensamento deles, e deei assumim a presidência da Funai’. (L. 6)	A9T2

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

5.2 Casos de Transferências Morfológicas

Na presente seção, são discutidos os casos em que há implicações para a formação da palavra, mas não há implicações para a sintaxe, ou seja, não implicam na morfologia flexional ou na construção da sentença. Assim como na seção anterior, entende-se que os registros escritos podem ter reflexos ou ter origem na fala dos graduandos que produziram os textos.

5.2.1 Troca de itens lexicais

O fenômeno morfológico mais comum observado – como pode ser observado na Tabela 43 – é a troca de um item lexical por outro existente em LP. Nesses casos, os graduandos usavam um item lexical que tivesse semelhança fonológica e/ou semântica com o item que pretendiam usar. Apenas em “assidue”, o item utilizado não resulta em uma palavra da LP,

⁴⁸ Flávia Santos Martins (c. p.) sugere ainda a possibilidade de o uso de “pa” ser influenciado pelo padrão silábico predominante em Língua Portuguesa CV.

mas é nítido que o graduando foi influenciado pela palavra “assiduidade”. Nos casos em que os graduandos registram “mas” e “a”, é possível perceber que essas trocas são também comuns em Língua Portuguesa e são influenciadas pelas pronúncias homófonas dos itens pretendidos.

Tabela 43 - Troca de itens lexicais

Transferência	Texto
‘mas aproxíma ’ período vai continuar a mesma assunto que ensinou para nós’. (L. 3)	A4T3
Mas no próximo período vai continuar o mesmo assunto que ensinou para nós.	
‘nesta curso vai continuar aproximo modulo’. (L. 10)	A4T5
Este curso vai continuar no próximo módulo.	
‘ eu aprende muitas coisas’. (L. 8)	A10T4
Eu aprendi muitas coisas.	
‘ Preciso melhor ’. (L. 14)	A11T5
Preciso melhorar.	
‘Fazemos Documento Para Mandara Para Governos’. (L. 42)	A17T3
Fazemos documentos para mandar aos governos.	
‘Agora eu não quero mais muda para Outro Cantor’. (L. 8)	A18T1
Agora eu não quero mais mudar para outro canto.	
‘[...] eu sou quem aprendei mas omenos ’. (L. 11)	A9T3
[...] eu sou quem aprendeu mais ou menos.	
‘minha aldeia fica na imagem esquerdo e fica no barranco alto’. (L. 10)	A8T1
Minha aldeia fica na margem esquerda, num barranco alto.	
‘Foi caminhados ’ a nosso direito indígenas’. (L. 33)	A17T2
Foram encaminhados os nossos direitos indígenas.	
‘Agora eu não quero mais mudapara Outro Cantor ’. (L. 8)	A18T1
Agora eu não quero mais mudar para outro canto.	
‘mas iniciar de estudo, professor Sanderson orientou muito otimo’. (L. 6)	A14T4
mas no início do estudo o professor Sanderson orientou muito bem.	
‘Hoje em dia, a 169 Existe isso na Lei [...]’. (L. 28)	A18T2
Hoje em dia há a Convenção 169. Existe isso na Lei.	
‘foi muito bens de sai a nossa alimentos ’. (L. 15)	A9T4
Foi muito bom ter saído a nossa alimentação.	
‘tenho pai e mãe que trabalham como agricultura ’. (L. 23)	A1T1
Tenho pai e mãe que trabalham como agricultores.	
‘Esse orientador, foi assidue de ensinar para nós professores indígenas do Vale do javari.’ (L. 1-2)	A4T3
Esse orientador foi assíduo em ensinar para nós professores indígenas do Vale do Javari.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

5.2.2 Segmentação da palavra

Nos casos registrados na Tabela 44, ocorre a segmentação sistemática dos prefixos “en-” e “in-”. Os dados sugerem que os graduandos reanalisaram esses prefixos como a preposição “em”, que apresenta pronúncia homófona.

Tabela 44 - Segmentação de “en-” e de “in-”

Transferência	Texto
‘O professor você o próximo etapa você trazer outra em formação para nós’. (L. 19)	A2T3
Professor, na próxima etapa traga outra informação para nós.	
‘Por causa disso nós pensamos que a Funai em fraqueceu a sua força [...]’. (L. 7)	A6T2
Por causa disso nós pensamos que a FUNAI enfraqueceu a sua força.	
‘ em portante para fala cons alluridade’. (L. 6)	A12T1
É importante para falar com as autoridades.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Na Tabela 45, a seguir, observa-se outra segmentação sistemática, no caso, do sufixo de Tempo-Aspecto-Modo (TAM) -sse, que é reanalisado como o pronome reflexivo “se”. Assim como nos dados da Tabela 42, acima, a segmentação coincide com um elemento funcional da língua, ou seja, é feita respeitando a segmentação morfológica, embora não pareça ser uma escolha consciente. Nesses casos, pode-se observar uma dificuldade de distinguir o vocábulo formal do vocábulo fonológico (cf. MATTOSO CÂMARA, 1992). Segundo Martins (2010), essas ocorrências se dão no PB escrito também no início do processo de alfabetização (ou quando se pratica pouco a escrita).

Tabela 45 - Segmentação de “-ss”

Transferência	Texto
‘Eu quero que volta-se na outra Etapa continuar mais língua materna’. (L. 4)	A7T4
Eu queria que voltasse na outra etapa para continuar mais os estudos sobre a língua materna.	
‘Eu quero quer almenta-se os dias’. (L. 4)	A7T4
Eu queria que aumentasse os dias.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Nos dados da Tabela 46, a seguir, há a segmentação sistemática do “a” da sílaba inicial da palavra. Os dados sugerem que os graduandos reanalisaram esta vogal como a preposição “a” da LP, mas as formas resultantes não coincidem com qualquer palavra ou construção produzida por falantes nativos de LP⁴⁹.

Tabela 46 - Segmentação de “a” na sílaba inicial da palavra

Transferência	Texto
‘O meu avaliação o professor não a conteceu nada’. (L. 17)	A2T3
O professor disse que a minha avaliação estava boa.	
‘eu vou a prender mais assim’. (L. 13)	A12T3
Eu vou aprender mais assim.	
‘na outra ves eu vou a Prenti ’. (L. 13)	A12T3
Na outra vez eu vou aprender.	
‘Sonora você me deu conteúdo A premdir Pouco’. (L. 22)	A17T3
Você me deu conteúdo das sonoras, aprendi pouco.	

⁴⁹ Cabe mais uma vez mencionar a questão da ocorrência de fenômenos semelhantes no início do processo de alfabetização ou quando se pratica pouco a escrita.

‘a quim na Atalaia do norte Amazonas’. (L. 35-36)	A17T2
Aqui em Atalaia do Norte, Amazonas.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Por fim, nos dados da Tabela 47, são apresentados dois casos de segmentação assistemática, em que não parece haver uma razão para a separação dos elementos e nem influência de outras palavras que ocorrem em LP.

Tabela 47 - Segmentação assistemática

Transferência	Texto
‘Fui pontual, assí duo , participei das atividades’. (L. 12)	A7T3
Fui pontual, assíduo, participei das atividades.	
‘minha família criar comunidade [...] criar gente movimentar nossa luta da qui para frente’. (L. 10)	A15T1
Minha família cria comunidade e organizações para movimentar nossa luta daqui para frente.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

5.2.3 Junção de palavras

Nos dados da Tabela 48, os graduandos reanalisaram formas dependentes ou formas livres da LP como morfemas presos, ou seja, como partes de outras palavras. Nos três primeiros casos, ocorre a junção do artigo à palavra que o segue. Em “lana”, o graduando juntou o elemento “na” (resultante de em+a) com o advérbio “lá”. No último caso, a junção da preposição “de” ao verbo gostar é menos óbvia, devido ao ensurdecimento da consoante inicial da preposição.

Tabela 48 - Junção de palavras

Transferência	Texto
‘a sua explicação foi muito ótimos para aminha vida cotidiano’. (L. 12)	A5T5
A sua explicação foi muito ótima para a minha vida cotidiana.	
‘[...] eu sou quem aprendei mas omenos ’. (L. 11)	A9T3
[...] eu sou quem aprendeu mais ou menos.	
‘más eu aprender maés omenos etc’ (L. 4)	A9T5
Mas eu prendo mais ou menos etc.	
‘ lana minha comunidade unido para trabalha Junto’. (L. 7)	A12T1
Lá na minha comunidade nos unimos para trabalhar juntos.	
‘Eu gostati estudar’. (L. 4)	A12T1
Eu gosto de estudar.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

5.2.4 Supressão da vogal inicial “a”

Os dados apresentados na Tabela 49 mostram a supressão da vogal inicial “a” que ocorre em vários dados, mas que não parece apresentar uma motivação clara. Não foi possível

observar esse fenômeno com itens lexicais iniciados por outras vogais e, nesse contexto sintático, não é possível associar a supressão à ocorrência de um possível artigo “a”, que levaria o falante a interpretar o “a” inicial como outra palavra.

Tabela 49 - Supressão da vogal inicial “a”

Transferência	Texto
‘Quando o ex-presidente da a foi fastado . esse em partido que trabalhou para assumir a presidência.’ (L. 12)	A9T2
Quando o ex-presidente da FUNAI foi afastado, esse partido foi quem trabalhou para assumir a presidência.	
‘Eu prenti um pouco [...]’. (L. 10)	A12T3
Eu aprendi um pouco [...]’. (L.10)	
‘a minha família, clã de e clã de solão ’. (L. 7)	A7T1
A minha família é do clã Azulão	
‘Eu prende muitas coisas pelo professor Sanderson’. (L. 1)	A10T3
Eu aprendi muitas coisas com o professor Sanderson.	
‘a minha deveculdade e presentação de trabalho’. (L. 5)	A10T3
A minha dificuldade é a apresentação de trabalho.	
‘As pessoa sovia e logem da aldeia’. (L. 24)	A17T3
As pessoas assobiam de longe da aldeia.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

5.2.5 Inserção de “a” no início de palavra

Na Tabela 50, está registrado um caso em que ocorre exatamente o contrário do que registramos na seção anterior, ou seja, a inserção de uma vogal no início da palavra. Nesse caso, também não encontramos uma motivação, mas cabe mencionar que a LP apresenta algumas variações como “laranjado” e “alaranjado”, “justiçamento” e “ajustiçamento”. Localmente, pela experiência que temos, em ATN há as pronúncias “alevantar” para “levantar” e “aproveitoso” para “proveitoso” (marcas do português arcaico).

Tabela 50 - Inserção de “a” no início de palavras

Transferência	Texto
‘a aula foi poucos dias, mas foi aproveitoso ’. (L. 5)	A13T5
A aula foi em poucos dias, mas foi proveitosa.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

5.2.6 Reanálise morfológica sem motivação aparente

Por fim, há alguns casos em que não se consegue observar qualquer motivação aparente e não há sistematicidade no fenômeno. Nesses casos, pode ser considerado apenas que são resultantes de baixa fluência, comum em situações de aprendizagem de L2.

Nos dados da Tabela 51, a seguir, há uma inserção de “em” e “en”, mas não parecem estar ligados a um possível prefixo. No primeiro caso, o verbo “é” acaba sendo analisado

como parte da palavra “bom”. No segundo caso, não parece haver qualquer relação com o verbo haver, que foi considerado como a forma que seria adequada na frase pretendida.

Tabela 51 - Reanálises morfológicas envolvendo “em” e “en”

Transferência	Texto
‘isso que vais embom para nos’. (L. 11)	A14T3
Isso que fazem é bom para nós.	
‘embora entroca de conhecimento nos indígenas e não indígenas’. (L. 13)	A14T3
embora haja troca de conhecimento entre indígenas e não indígenas.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Na Tabela 52, ocorrem dois casos que envolvem a pluralização de elementos, mas que envolvem construções e elementos muito diferentes. No primeiro caso, há a pluralização de uma preposição e a supressão do artigo; no segundo caso seria uma pluralização do verbo haver reanalisado como o artigo “a”.

Tabela 52 - Reanálises envolvendo pluralização

Transferência	Texto
‘em portante para fala cons alluridade’. (L. 6)	A12T1
É importante para falar com as autoridades	
‘meu pai já faleceu as três anos atrás’ (L. 6)	A13T1
Meu pai já faleceu há três anos.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Na Tabela 53, a seguir, estão registrados seis casos em que não encontramos qualquer padrão comum e que apenas mostram um registro ortográfico distinto do esperado, mas que não resultam em qualquer palavra da Língua Portuguesa e nem é possível caracterizar qualquer elemento comum entre eles ou com os dados apresentados anteriormente.

Tabela 53 - Reanálises assistemáticas

Transferência	Texto
‘Eles não Aversaram com o representante da nossa região’. (L. 19)	A9T2
Eles não avisaram o representante da nossa região.	
‘Conhecimos conteu diferente’. (L. 15)	A17T3
Conhecemos conteúdo diferente.	
‘mas a língua portuque nos conversa Com Parente importante a língua 2 lí’. (L. 17)	A17T3
Conversamos também em português com parente, é importante as duas línguas.	
‘el Bluno Ele é tinha chegadaram ’ na frente’. (L. 12)	A17T2
O Bruno tinha chegado na frente.	
‘ agro eu moro junto com meus família’. (L. 17)	A18T1
Agora eu moro junto à minha família.	
‘Ele respeitoso com os aulos ’. (L. 4)	A2T3
Ele é respeitosos com os alunos.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

5.3 Casos de transferências morfossintáticas

Nesta seção, discute-se os dados levantados que incidem sobre a morfologia que tem implicação para a sintaxe ou para a construção da oração, mas não a sintaxe propriamente. Nesse caso, são de especial interesse a concordância nominal e a concordância verbal e as questões a estas relacionadas como a marcação do plural, o comportamento do gênero no interior do sintagma, o emprego do artigo, a marcação de Tempo, Aspecto e Modo (TAM), a marcação de número e pessoa. Para um melhor entendimento, subdividimos essas questões em subtemas para dar maior clareza ao fenômeno sob análise.

5.3.1 Concordância nominal

A concordância nominal, de acordo com os princípios sintáticos, é a flexão do número⁵⁰ do substantivo e de outras classes gramaticais como os pronomes, os numerais, os adjetivos etc, que se harmonizam nos enunciados frasais para apresentarem concordância entre si (cf. BARRETO *et al.*, 2016 e PERINI, 2005). Quanto à concordância nominal de número, Mattoso Câmara (1992, 92) define que esta flexão implica a “oposição de um indivíduo e mais de um indivíduo. Apenas, cabe ressaltar a situação especial dos <<coletivos>> em que a forma de singular envolve uma significação de plural”.

5.3.1.1 Concordância de número

Nesta seção, são mostrados vários casos de concordância nominal de número que podem ser explicadas, em sua maioria, devido à influência do Português Regional falado em ATN. Um exemplo disso é o primeiro caso de concordância nominal de número (singular e plural) em que a oração diz: “Eu considero os conteúdo \emptyset do curso” em vez de ser “Eu considero os conteúdos do curso”. O que acontece nesse exemplo é a pluralização do elemento mais à esquerda do sintagma nominal ‘os’, então, para de toda região do Brasil é muito comum falar ‘as coisa \emptyset ’ em vez de ‘as coisas’, e com mais frequência nas áreas menos urbanizadas ou na fala dos que têm pouca escolarização. Segundo Martins (2010, 47), “o plural é marcado, em geral, apenas na primeira posição do sintagma nominal. Portanto, na fala é utilizada uma construção sintática diferente da estabelecida pela norma padrão”. Segundo a mesma autora (*Op. Cit*), algumas variáveis linguísticas devem ser consideradas no estudo

⁵⁰ Alguns autores tratam a concordância de gênero como flexional, mas não nos parece o caso mais geral da LP e trataremos disso em uma subseção específica. Mattoso propõe que a marcação de concordância (gênero e número) seja morfossintática (a casa/ os lápis). A marcação morfológica seria só mais uma marca (redundante: a menin-**a**/ as menina-**s**).

desse fenômeno, são: ‘posição no sintagma nominal’, ‘saliência fônica’, ‘contexto seguinte’; e classes de palavras.

Por outro lado, há casos de concordância nominal de número observados no texto que são devidos à influência de L1. No caso da frase ‘Pedagogia Indígenas’, o aprendente de segunda língua está pluralizando o segundo elemento do sintagma nominal, caso que, pelo pouco que sabemos, não é comum entre falantes da variedade do Português falada em ATN. Há que se observar, entretanto que Martins (2013) observou a omissão da marca de plural no elemento mais à esquerda em sintagmas com a estrutura “Determinante + Pronome Possessivo + Substantivo (‘as minhas amigas’)”. Para a autora, a questão relaciona-se com o vocábulo fonológico, uma vez que “o meus” ou “a minhas” formariam uma única palavra do ponto de vista fonológico, o que estaria levando os falantes a flexionarem apenas o elemento mais à direita dentro da palavra fonológica, produzindo dados como “do meus parente mesmo” (MARTINS, 2013, 152-154). Apesar de não ser exatamente o mesmo fenômeno observado em nossos dados, a análise de Martins (*Op. Cit.*) é interessante por nos mostrar que há variedades da LP em que a marcação do plural no elemento mais à esquerda não é obrigatória. Por fim, cabe ainda mencionar que como a LM não apresenta concordância nominal, e nem marcas flexionais de número no Sintagma Nominal é bastante difícil para o falante dessa língua estabilizar as regras de concordância da LP.

Em LM, como já informado, não há marcação de número plural no substantivo, embora exista um morfema *-vo* que funcione como coletivizador. Este morfema foi analisado por Kennel Jr. (1978) como ‘genérico’. Além desse morfema, é possível ainda ocorrer *-vakĩ*, analisado pelo mesmo autor como ‘dual’. Ainda que se observe a ocorrência desses morfemas, é importante ressaltar que não há uma regra de concordância no interior do sintagma nominal e que a categoria número não é obrigatória no substantivo ou no interior do SN.

5.3.1.1.1 Concordância nominal influenciada pelo falar regional

Nos exemplos da Tabela 54, estão registrados os dados em que ocorre o apagamento da marca de plural no substantivo em combinação com o artigo, que recebe a marca de plural *-s*. Essas ocorrências em Sintagma Nominal são influenciadas pela estrutura da LP falada na região (cf. MARTINS, 2010 e 2013), como também em outras regiões do nosso país.

Tabela 54 - Número marcado apenas no artigo do SN

Transferência	Texto
‘Eu considero os conteúdo do curso. (L. 1)	A15T5
Eu considero os conteúdos do curso.	
‘[...] funcionava com osex-presidente ’ (L. 1-2)	A1T2
‘[...] funcionava com o ex-presidente.	
‘Meus pais: eram são Sata Nawavo que Vivem nas aldeia ’. (L. 4)	A6T1
Meus pais são do clã Sata Nawavo e vivem na aldeia.	
‘ As administração , antigas construíram tudo nas calhas de rios e os posto’. (L. 5-6)	A3T2
As administrações antigas construíram tudo nas calhas de rios, postos [...]	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Na Tabela 55, são apresentados dados em que a marcação de plural -s ocorre apenas no Pronome Demonstrativo e não ocorre no substantivo. Da mesma forma que nos exemplos anteriores, este tipo de marcação ocorre também na variante da LP da região (Cf. Martins, 2010 e 2013).

Tabela 55 - Número marcado apenas no Pronome Demonstrativo

Transferência	Texto
‘Por que essas disciplina foi muito importante para nós professores indígenas’. (L. 8-9)	A4T3
Porque essas disciplinas foram muito importantes para nós professores indígenas.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

5.3.1.1.2 Concordância nominal não influenciada pelo falar regional

Na Tabela 56, o número é marcado apenas no artigo, mas trata-se de um sintagma preposicional, introduzido pela preposição “de” que se aglutina com o artigo “os”, resultando em “dos”. Nota-se que o pronome demonstrativo “mesmo” não concorda com o artigo, o que também é possível na variante da LP em ATN⁵¹.

Tabela 56 - Número marcado apenas no artigo

Transferência	Texto
‘Todo o interesse dos mesmo está voltado para as riquezas’. (L. 23)	A1T2
Todo o interesse dos mesmos está voltado para as riquezas.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

No caso do dado apresentado na Tabela 57, a seguir, o sintagma nominal “os Marúbo” ocorre como o núcleo do predicativo do sujeito. A questão de concordância aqui é bastante complexa, pois a LM apresenta estruturas bastante distintas da LP. Primeiro há uma questão em LP, pois o graduando parece fazer o que se chama de “concordância psicológica” na Gramática Normativa, ou seja, ele interpreta “povo” como plural e, por isso, utiliza o verbo

⁵¹ Essa afirmação está baseada em nossas observações e vivências na região.

“ser” também no plural. No entanto, dentro do SN dos predicativos, ele não observa a concordância, apagando a marcação em “Marúbo” e em “grupo indígena”.

Tabela 57 - Ausência de Concordância Nominal no Predicativo do Sujeito

Transferência	Texto
Meu povo são os marubo, são grupo indígena que moram na minha aldeia’. (L. 7-8)	A6T1
Meu povo é o Marúbo, é um grupo indígena que mora na minha aldeia.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Nos dados apresentados na Tabela 58, a seguir, ocorre o apagamento da marca de plural no determinante, o que não ocorre nas variedades da LP. Como é possível verificar em Martins (2010, 2013), a marcação do plural acontece com mais frequência no elemento mais à esquerda em LP. Nos dois primeiros casos, o elemento mais à esquerda são artigos e no último é um pronome adjetivo.

Tabela 58 - Ausência de marcação de plural no determinante

Transferência	Texto
O pontos positivos para nós [...]. L. 15	A4T5
Os pontos positivos para nós [...].	
O curso e aprendei, um poucos [...]. L. 8	A4T5
Com o curso eu aprendi um pouco mais.	
Os problemas que eles discutiram vão melhorar na nossa vivências . (L. 8)	A4T2
Os problemas que eles discutiram vão melhorar nas nossas vivências.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Na Tabela 59, também há a não marcação da marcação do elemento mais à esquerda, mas o elemento não marcado para o plural é um substantivo, “pedagogia”. Assim como nos dados anteriores, ocorre uma estrutura incomum para os falantes nativos de LP.

Tabela 59 - Ausência de marcação de plural no substantivo à esquerda

Transferência	Texto
Pedagogia Indígenas . (L. 2)	A2T2
Pedagogia Indígena.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

No caso do dado seguinte, na Tabela 60, a seguir o núcleo do Sintagma Preposicional é pluralizado, mas a marcação não é esperada. Não há uma explicação baseada na LM, o que nos leva a pensar que é devido a hipercorreção.

Tabela 60 - Pluralização do substantivo no Sintagma Preposicional

Transferência	Texto
[...] a nossa terra está homologada, mas temos muitos problemas de saúdes . (L. 10)	A2T2
[...] a nossa terra está homologada, mas temos muitos problemas de saúde.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Nos exemplos da Tabela 61, a seguir, temos a pluralização do predicativo do sujeito, embora o sujeito não seja pluralizado. Diferentemente do dado apresentado na Tabela 58, não é possível falar em “concordância psicológica” e o verbo também não está no plural. A LM não apresenta regra de concordância de construções predicativas e as estruturas na língua são muito distintas da LP. Pelo pouco que se sabe, não há marcação de plural em adjetivos na LM, embora possa haver marca em substantivos, como mencionado anteriormente. Ainda sobre as estruturas de predicação em LM, é importante enfatizar que há a possibilidade de omissão do verbo cópula, diferentemente da LP (cf. KENNEL Jr., 1978).

Tabela 61 - Ausência de marcação de plural no determinante

Transferência	Texto
‘O prejuízo tem sido causados [...]’. (L. 9)	A1T2
O prejuízo tem sido causado [...].	
‘a sua explicação foi muito ótimos [...]’. (L. 17)	A5T5
A sua explicação foi ótima [...].	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

5.3.2 Concordância de gênero

Nesta seção vemos muitos casos de concordância nominal de gênero, que, segundo Perini (2005, 183) “pode ser resultado de variação ou de marca lexical”. Mattoso Câmara (1992, 89) debate sobre algumas incoerências das Gramáticas Tradicionais quanto à flexão de gênero e simplifica dizendo que: “a flexão de gênero é uma só, com pouquíssimos alomorfes: o acréscimo para o feminino, do sufixo flexional -a (/a/ átomo final) com a supressão da vogal temática, quando ela existe no singular: lob(o) + a loba; autor + a = autora”. Além do gênero do determinante, na LP, há dois gêneros (masculino e feminino), mas várias estratégias para a sua marcação. As estratégias são tão variadas que levam mesmo a uma discussão sobre se o gênero em LP é um fenômeno gramatical, lexical ou morfossintático. Não entraremos nessa discussão, mas apenas observamos algumas das estratégias da marcação de gênero de acordo com Mattoso Câmara (1992):

1. Substantivos invariáveis que apresentam um único gênero;
2. Substantivos invariáveis que apresentam 2 gêneros, segundo o artigo com o qual se combinam;
3. Substantivos que recebem sufixo -a para a expressão de gênero;

Para o autor (*Op. Cit.*), a marca de gênero sufixal é redundante, uma vez que ela é, de fato, marcada no artigo ou determinante à esquerda do substantivo. Cabe lembrar que em sua análise todas as formas consideradas como heterônimos, epicenos e as que recebem sufixo

derivacional (-esa, -essa, -isa, -triz, -ez) são apenas relacionadas semanticamente, mas seriam cada uma (a forma masculina e a forma feminina – uma palavra invariável de gênero único. Assim, “boi” é uma palavra de gênero masculino e “vaca” é uma palavra de gênero feminino, assim como “imperador” é uma palavra de gênero masculino e “imperatriz” é uma palavra de gênero feminino, não havendo a mesma relação que existe entre menino e menina, que seriam formas flexionadas da mesma palavra.

Em todo caso, como o gênero é marcado no determinante à esquerda do substantivo. Nota-se uma relação entre esses elementos, assim como com o adjetivo, que concorda com o gênero do substantivo que modifica. Nesta seção observamos as relações de concordância entre elementos dentro do SN, observando a inexistência de qualquer estratégia flexional de marcação de gênero ou de concordância desse traço em LM.

5.3.2.1 Uso do masculino no lugar do feminino

Os exemplos desta seção apresentam casos em que o masculino é utilizado no sintagma nominal no lugar do feminino. O caso típico é a troca do gênero no elemento mais à esquerda, ou seja, naquele que define o gênero no interior do Sintagma Nominal. Como o masculino é a forma mais comum em LP, é esperado que o aprendente de LP como L2 tenda a utilizar o masculino como forma geral (cf. PERINI, 2005). Na Tabela 62, estão listados apenas os casos em que o elemento mais à esquerda é um artigo definido e não há a mudança de nenhum outro elemento do SN.

Tabela 62 - Uso do masculino sem concordância no interior do SN

Transferência	Texto
‘eu quero estudamos oproxima etapa ’. (L. 4)	A9T4
Eu quero estudar na próxima etapa	
‘É por isso que estou sem sair do comunidade ’ (L. 16)	A13T1
É por isso que eu estou sem sair da comunidade.	
‘o mais importante foi o conhecimento do língua Portuguesa’. (L. 2-3)	A17T3
O mais importante foi o conhecimento da Língua Portuguesa.	
‘muitos importante A língua português O tradução [...]’ L. 10	A17T4
Foi muito importante a tradução da língua portuguesa.	
‘ o metodologia que ele ensinou como, ortografia, presente, passado, alfabeto [...]. Ele explicou bem’. (L. 2-3)	A18T3
Os assuntos que ele ensinou foram: ortografia, tempo presente, passado, alfabeto [...], ele explicou bem.	
‘eu moro no aldeia liberdade’. (L 2)	A8T1
Eu moro na aldeia Liberdade.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Diferentemente dos exemplos acima, nos casos da Tabela 63, a seguir, o uso do artigo masculino leva a mudanças no interior do SN. Nos três primeiros exemplos, o pronome adjetivo “meu” concorda com o artigo, embora não haja variação nos substantivos, que são invariáveis em LP. No quarto caso é bastante semelhante aos três primeiros, com a diferença que “primeiro” é um numeral. No último caso, o substantivo composto “carga-horária” é flexionado para concordar com o artigo, havendo concordância de ambas as partes que compõem o substantivo.

Tabela 63 - Uso do masculino com concordância no interior do SN

Transferência	Texto
‘ O meu família vica na aldeia’. (L. 13)	A2T1
A minha família fica na aldeia.	
‘ O meu aprendizagem aprendi com trabalhando por grupo’. (L. 6)	A16T5
A minha aprendizagem melhorou com os trabalhos em grupo.	
‘ O meu avaliação o professor não aconteceu nada’. (L. 16)	A2T3
Na minha avaliação o professor não pôs nenhuma observação.	
‘ O primeiro aula eu aprender, presente, passado, vogais [...]’. L. 8	A2T3
Na primeira aula eu aprendi sobre o presente, passado, vogais, dígrafos [...]	
‘professor explica mais, por que o cargo horários é pouco’. (L. 4)	A18T5
O professor explica bem, mas a carga-horária é pouca.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

No caso do pronome adjetivo “nosso” que varia para gênero e apresenta a forma “nossa”, na Tabela 64, a seguir, também se verifica o seu uso sem concordância no interior do SN. Em todos os casos, ocorreu com o substantivo “língua”, que é invariável em LP.

Tabela 64 - Uso do masculino no pronome “nosso”

Transferência	Texto
‘Para conhecer nosso língua Sentaxe’. (L. 5)	A4T5
Para conhecer a sintaxe da nossa língua.	
‘nos já aprendemos ainda conhecemos nosso língua materna’. (L. 10)	A14T5
Nós já aprendemos e ainda conhecemos a nossa língua materna.	
‘ensinaram com na língua português e depois ensinaram com nosso língua Materna (L. 10)	A18T5
Ensinaaram na língua Portuguesa e depois ensinaram na nossa língua materna.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

No caso das ocorrências do pronome indefinido “todo”, na Tabela 65, a seguir, também se observou o uso do masculino com substantivos intrinsecamente femininos, mas o artigo no interior do SN concordava com o pronome.

Tabela 65 - Uso do masculino com o pronome “todos”

Transferência	Texto
‘Eu participei todos os aula que ele passou para nós’. (L. 6)	A8T3
Eu participei de todas as aulas que ele passou para nós.	
‘Eu tenho muito dificuldades , mas todos os leitura [...]’. (L. 2)	A7T3
Eu tenho muitas dificuldades, mas fiz todas as leituras.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Fato semelhante ocorre com o pronome “outro”, como ilustrado na Tabela 66, em que o pronome ocorre no masculino com substantivo intrinsecamente feminino. Diferentemente de todos, não ocorrem artigos no interior do SN.

Tabela 66 - Uso do masculino com o pronome “outro”

Transferência	Texto
‘Eu morava na comunidade paulinho depois eu modei pra outro aldeia ’. (L. 5)	A8T1
Eu morava na comunidade Paulinho, depois eu me mudei para outra aldeia.	
‘Eu precisa outros etapas ’. (L. 16)	A9T5
Eu preciso de outras etapas.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Registramos apenas um caso em que o pronome “outro” é utilizado no masculino em discordância com o artigo e com o substantivo, quando ocorre na 2ª posição do sintagma.

Tabela 67 - Uso do masculino no pronome “outro” como 2º elemento do SN

Transferência	Texto
‘ Na outro etapa ele tem que trazer mais outra informação pra nós todos os alunos ’ (L. 8)	A8T3
Na outra etapa ele tem que trazer mais informações para todos os alunos	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

A não concordância no interior do SN também pode envolver adjetivos. No caso de “muito” e “muitos”, na Tabela 68, observa-se o uso do masculino no adjetivo em ocorrência no interior do SN com substantivos femininos.

Tabela 68 - Uso de masculino como adjetivo “muito”

Transferência	Texto
‘Eu tenho muito dificuldades , mas todos os leitura [...]’. (L. 2)	A7T3
Eu tenho muitas dificuldades, mas fiz todas as leituras.	
‘com você muitos Coisas Orientados Aulas.’ L. 22	A17T4
Aprendi muitas coisas com as orientações nas aulas.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

O mesmo ocorre com o adjetivo “bom”, invariável nos exemplos da Tabela 69.

Tabela 69 - Uso do masculino com o adjetivo “bom”

Transferência	Texto
‘Foi muito bom aula dele ’. (L. 1)	A12T3
Foi muito boa a aula dele.	
‘ bom orientação mais pocas horas’. (L. 6)	A14bT5
Boa orientação, mas poucas horas de aula.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Há apenas um caso em que a troca do gênero ocorre apenas no substantivo “política”, que é invariável em LP, mas a mudança pode se dar por influência do substantivo (ou adjetivo) “político/política”, que é variável.

Tabela 70 - Troca do gênero apenas no substantivo

Transferência	Texto
‘Essa nova político não nos trouxe um bom resultado’. (L. 14)	A12T2
Essa nova política não nos trouxe um bom resultado.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

O único outro substantivo que apresentou a forma masculina em contexto em que deveria ocorrer o feminino foi “aproveitoso”. Sobre o “a” inicial, foi mencionado na seção sobre fonologia. No caso do uso masculino não há uma explicação clara, apenas a tendência do falante de LP como L2 de usar o masculino como forma geral.

Tabela 71 - Forma masculino do substantivo em contexto feminino

Transferência	Texto
‘a aula foi poucos dias, mas foi aproveitoso ’. (L. 5)	A13T5
A aula foi em poucos dias, mas foi proveitosa.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Há ainda um caso de inserção de um artigo masculino em um sintagma introduzido pela preposição “a”. Nesse caso, observa-se que a ocorrência da preposição leva à inserção do “o”, resultando na forma “aos”, resultante da contratação da referida preposição com o artigo masculino da LP.

Tabela 72 - Inserção de artigo masculino em sintagma introduzido pela preposição “a”

Transferência	Texto
‘a melhoria da auto-imagem trazem não apenas aos todas comunidade ’. (L. 4-5)	A17T2
[...] a melhoria da autoimagem não apenas a todas as comunidades.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

5.3.2.2 Uso do feminino no lugar do masculino

Como é esperado, a ocorrência de feminino no lugar do masculino é bem menos frequente, como pode ser observado pelo número de exemplos apresentados nesta seção. Assim como nos casos de uso do masculino, o mais comum é a mudança do gênero no artigo, como na Tabela 73. Também é possível notar que mesmo com a mudança do gênero no artigo, não ocorre a concordância no interior do sintagma, ou seja, o graduando não fez a mudança do gênero no substantivo ou no pronome que acompanha o artigo.

Tabela 73 - Uso do masculino no artigo sem concordância no interior do SN

Transferência	Texto
‘ na disciplina foi muito bom ’. (L. 2)	A7T4
A disciplina foi muito boa.	
‘ são passamos nós da interior do assistimos isso na televisão’. (L. 7)	A9T2
Foi passado para nós do interior, assistimos na televisão.	
‘ A pensamento ’ deles e deei assumim a presidência da Funai’. (L. 6)	A9T2

O pensamento deles é de ele assumir a presidência da FUNAI.	
‘O psc foi um dos partidos que apoiaram a afastamento da Presidente Dilma’. (L. 4-5)	A10T2
O PSC foi um dos partidos que apoiou o afastamento da presidente Dilma.	
‘ a curso começou muito boa ’. (L. 1)	A15T3
O curso começou muito bom.	
‘ anosso direito indígenas. Fundamentos A quim na Atalaia do norte Amazonas’. (L. 34)	A17T3
Temos fundamentos dos nossos direitos indígenas em Atalaia do Norte, Amazonas.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Nos dois exemplos da Tabela 74, o pronome adjetivo “minha” concorda com o artigo que está no feminino, enquanto o substantivo invariável “estudo” é masculino.

Tabela 74 - Uso do feminino no artigo com concordância no interior do SN

Transferência	Texto
‘[...] vou melhorando a minha estudo ’. (L. 9)	A10T3
[...] vou melhorando o meu estudo.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Também há casos de mudança de gênero no adjetivo, como são os casos de “boa”, “várias” e “português” na Tabela 75. Em “boa” e “várias” os adjetivos concordariam com “curso” e “conteúdo” e deveriam estar no masculino, enquanto em “português”, o adjetivo fica no masculino e o substantivo é feminino.

Tabela 75 - Uso do feminino no adjetivo

Transferência	Texto
‘ a curso começou muito boa ’. (L. 1)	A15T3
O curso começou muito bom.	
‘eu estou sabendo várias conteúdo do disciplina ’. L. 2	A15T5
Estou sabendo vários conteúdos do curso.	
‘ensinaram com na língua português e depois ensinaram com nosso língua Materna (L. 10)	A18T5
Ensinar na língua Portuguesa e depois ensinaram na nossa língua materna.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Há apenas um caso de mudança para o gênero feminino em substantivo, em uma locução adverbial. A equivalência entre “português” e “língua portuguesa” deve contribuir para essa ocorrência.

Tabela 76 - Uso do feminino no lugar do masculino

Transferência	Texto
‘Por que maioria professores está dificuldade de falar em portuguesas ’. (L. 10-11)	A4T3
Porque a maioria dos professores está com dificuldade de falar em português.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Registrou-se um caso de uso do feminino no pronome demonstrativo “essas”. Talvez o uso se deva a existência do termo “política”.

Tabela 77 - Uso do feminino no pronome “essa”

Transferência	Texto
‘eu entendo assim: essas políticos , os partidos e o Everaldo pereira. Querem explorar a Funai” (L. 2-3)	A9T2
Eu entendo assim: esses políticos, os partidos e o Everaldo Pereira querem explorar a FUNAI.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

5.3.2.3 Questões relacionadas ao uso do artigo

Nos dados analisados, nota-se uma tendência à supressão do artigo na produção dos graduandos. Pegamos como exemplo o segundo caso, ilustrado na Tabela 78, a seguir: ‘Como foi aprendido no curso’. Percebe-se aqui a ausência do artigo masculino “o” antes do enunciado ‘aprendizado’, como em todos os demais casos. A LM não apresenta artigos ou elementos equivalentes e não se sabe se há a codificação de “definido/indefinido” na língua. Por outro lado, embora as construções abaixo, na Tabela 78, nos pareça mais naturais com a presença do artigo, há que se lembrar que existe registro de tendência de apagamento de artigos em dialetos da LP (cf. FLUTUANTE, 2016).

Tabela 78 - Omissão de artigo masculino e feminino

Transferência	Texto
‘Eu agradeço o reitor da UEA e professor que se dedicaram com nós’. (L. 24-25)	A1T3
Eu agradeço o reitor da UEA e o professor que se dedicaram a nós	
‘Como foi aprendido no curso’. L. 9	A1T4
Como foi o aprendizado no curso?	
‘Eu sou professor fulano de tal’. (L. 1)	A2T1
Eu sou o professor fulano de tal.	
‘por que maioria professores está dificuldade de falar em portuguesas’. (L. 10-11)	A4T3
Porque a maioria dos professores está com dificuldade de falar em português.	
‘Atualmente, FUNAI (Fundação Nacional do Índio, está sem presidente’. (L. 2-3)	A5T1
Atualmente, a FUNAI (Fundação Nacional do Índio) está sem presidente.	
‘ Foi primeiro dia de aula’. (L. 2)	A5T5
Foi o primeiro dia de aula.	
‘Eu sou professor marubo que vem participar de curso Pedagogia Indígena’. (L. 2-3)	A6T1
Eu sou professor Marúbo que vim participar do curso de Pedagogia Indígena.	
‘ nome do e meu pai [...]’. (L. 3)	A7T1
O nome do meu pai é [...]	
‘O general peternelli assumiria presidência [...]’. (L. 1)	A7T2
O general Peternelli assumiria a presidência [...]	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Como visto na Tabela antecedente, é mais comum a omissão do artigo definido, mas registrou-se também a omissão do artigo indefinido, como vemos na Tabela 79, a seguir.

Tabela 79 - Omissão do artigo indefinido

Transferência	Texto
'Minha aldeia é maloca grande que cabem oito famílias que moram dentro dela'. (L. 10)	A6T1
Minha aldeia é uma maloca grande onde cabe oito famílias dentro dela.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

O caso da Tabela 80, a seguir, apresenta a troca do artigo indefinido masculino 'um' (aglutinado em "num" no lugar do definido 'na'). Consideramos que seja pela dificuldade do falante de operar com o traço de definitude.

Tabela 80 - Uso do artigo indefinido no lugar do artigo definido

Transferência	Texto
'Eu moro num aldeia Rio novo'. (L. 12)	A2T3
Eu moro na aldeia Rio Novo.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

No exemplo apresentado na Tabela 81, a seguir, ocorre, na segunda oração, a troca do artigo definido 'no' em vez do indefinido 'num'. Como no caso antecedente, deve-se a dificuldade de operar com o traço de definitude.

Tabela 81 - Uso do artigo definido no lugar do artigo indefinido

Transferência	Texto
'minha aldeia fica no imagem esquerdo e fica no barranco alto'. (L. 11)	A8T1
Minha aldeia fica na margem esquerda e fica num barranco alto.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Nos dados da Tabela 82, a seguir, estão evidenciados usos dos artigos em contextos não esperados. Nesse caso, a ocorrência não pode ser vista como uma transferência de uma estrutura em LM, mas também não é observada nas variedades da LP.

Tabela 82 - Artigo desnecessário

Transferência	Texto
'Ele respeitoso para os aulas – aula dele e o muito positivos'. (L. 3-5)	A2T3
Ele é respeitoso para com os alunos, a aula dele é muito positiva.	
'Sim eu queria aprender más nessas o disciplinas. etc'. (L. 26)	A9T5
Eu queria aprender mais nessas disciplinasetc.	
'Mas sobre essa a importância eu tenho partilha'. (L. 11)	A9T3
Mas sobre essa importância eu tenho partilha.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

5.3.2.4 Casos envolvendo adjetivos

O caso da Tabela 83, a seguir, apresenta uma intensificação do grau do superlativo. Nesse caso, trata-se do superlativo "ótimo" que está intensificado pelo advérbio "muito", utilizado no chamado superlativo analítico. O uso no contexto frasal é inadequado.

Aparentemente, o graduando regulariza a formação do superlativo com o uso de muito e não acessa a informação de que “ótimo” seria o superlativo de “bom”. Quanto à pluralização do adjetivo ‘ótimos’ já tratamos anteriormente.

Tabela 83 - Intensificação do superlativo

Transferência	Texto
‘a sua explicação foi muitoótimos [...]’. (L. 17)	A5T5
A sua explicação foi ótima.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

O dado na Tabela 84, a seguir, manifesta uma omissão do adjetivo ‘bom’ na oração. Acreditamos que tenha ocorrido por esquecimento na hora de escrever a palavra, pois não é comum aprendente de segunda língua falar dessa maneira com o nível de L2 que o graduando possui.

Tabela 84 - Omissão do adjetivo “bom”

Transferência	Texto
‘O curso foi muito , não houve falha, nem atraso e falta’. (L. 13)	A13T5
O curso foi muito bom, não houveram falha, nem atraso ou falta.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

5.3.3 Concordância verbal

Apresentamos abaixo casos de concordância verbal encontrados nos textos dos graduandos Marúbo e que são relevantes para a caracterização estrutural do Português Marúbo. A concordância verbal é a relação que o sujeito tem com o verbo. Perini (2005, 186) reforça esse conceito quando afirma que, “tradicionalmente, entende-se a concordância verbal como um sistema de harmonização entre o sujeito e o núcleo do predicado das orações”. Assim, podemos dizer que a concordância verbal é a ocorrência da conjugação do verbo de acordo com o sujeito em número e pessoa. No caso da concordância verbal de pessoa se envolvem as pessoas do discurso: eu, tu, você, ele/ela, nós, a gente, vós, eles/elas⁵², e a concordância verbal de número estão envolvidos o singular e o plural, que se harmonizam com o verbo para combinarem entre si.

Não se pode dizer que não há concordância na LM, mas é nítido que seu sistema de concordância é muito distinto do sistema da LP. Primeiramente, há que se notar que a concordância verbal só ocorre em contextos muito específicos e que ele envolve informações

⁵² Embora seja apresentado o paradigma imposto pela Gramática Tradicional, é importante lembrar que no uso corrente a 2ª pessoa do singular pode ser expressa por “você” e a 2ª pessoa do plural é expressa unicamente por “vocês”, nas variedades do PB. Também para a P4, a gente, segundo a Sociolinguística.

como tempo e modo. Alguns morfemas estão restritos a tipos muito específicos de verbos ou a combinação com outros morfemas. O sistema também não distingue todas as pessoas do discurso e privilegia a 2ª e a 3ª pessoa e o número plural. A partir da análise de Kennel Jr. (1978), é possível dizer que os seguintes morfemas fazem parte do sistema de concordância da LM:

Quadro 27 - Marcas de concordância em Marúbo

-katsia	‘2ª e 3ª pessoa plural futuro interrogativo’
-katsi	‘tempo futuro interrogativo’
-ía ~ -a	‘3ª pessoa plural interrogativo’ (ocorre com o verbo -vo e v.a.i.)
-na	‘2ª pessoa plural’ (ocorre com -rî)
-ma	‘2ª pessoa plural’ (ocorre com -tso)
-vo	3ª pessoa plural

Fonte: Kennel Jr. (1978)

Portanto, pode-se concluir que, de forma geral, a LM não marca a concordância com o sujeito, sendo a informação expressa por um nome ou por um pronome realizado na oração. Outra forma de mapear os argumentos de uma oração em LM é o seu intrincado sistema de referência cruzada.

5.3.3.1 Concordância verbal envolvendo a 1ª pessoa do singular

No caso da concordância de 1ª pessoa do singular, encontramos quatro situações distintas em que o graduando substitui a marca morfológica de 1ª do singular por outra marca. Na Tabela 85, é possível notar que o graduando marcou o verbo com a marca de 3ª pessoa do singular.

Tabela 85 - Uso da 3ª pessoa do singular para a 1ª do singular

Transferência	Texto
‘ Eu trabalha na escola’. (L. 2)	A3T1
Eu trabalho na escola.	
‘ Eu precisa melhorar no curso’. (L. 23)	A7T5
Eu preciso melhorar no curso.	
‘ Eu precisa outros etapas’. L. 16	A9T5
Eu preciso de outras etapas	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

No segundo conjunto, Tabela 86, a seguir, observa-se o uso sistemático da 1ª pessoa do plural no lugar da 1ª pessoa do singular. Nesse caso, é possível argumentar que há uma confusão quanto ao número, uma vez que a 1ª pessoa do plural envolve a pessoa que fala.

Tabela 86 - Uso da 1ª pessoa do plural para a 1ª pessoa do singular

Transferência	Texto
‘Também eu temos família ’. (L. 17)	A9T1
Também eu tenho família.	
‘eu estudei muitas Coisas eu estuteimos ’. (L. 4)	A9T4
Estudei muitas coisas, eu estudei.	
‘ Eu gostaríamos de orientação para nós’. (L. 12)	A9T5
Eu gostaria que tivesse mais orientação para nós.	
‘eu não queremos mais muda para outro cantor’. (L. 8)	A18T1
Eu não quero mais mudar para outro canto.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Na Tabela 87, a seguir, está apresentado um único exemplo em que a 3ª pessoa do plural é utilizada com um sujeito de 1ª pessoa do singular.

Tabela 87 - Uso da 3ª pessoa do plural para a 1ª pessoa do singular

Transferência	Texto
‘agro eu moram junto com meu família’. (L. 7)	A18T1
Agora eu moro junto à minha família.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Há três casos, na Tabela 88, em que, embora resulte em uma concordância divergente, a questão pode ser explicada pela alternância fonológica entre <e> e <i>, conforme explicado na sessão 5.1.1.1. Esse último caso pode ser observado em textos escritos por falantes nativos de LP, uma vez que o <e> átono também pode ser pronunciado como [i] em vários dialetos da LP.

Tabela 88 - Concordância influenciada pela fonologia

Transferência	Texto
‘ Eu aprende muitas coisas’. (L. 8)	A10T4
Eu aprendi muitas coisas.	
‘Como professor Sanderson eu aprende muitos coisas ’. (L. 12-13)	A10T4
Com o professor Sanderson eu aprendi muitas coisas.	
‘eu aprende poucas palavras [...]’. (L. 7)	A15T3
Eu aprendi poucas palavras.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Há apenas um caso em que o sujeito não se encontrava explícito, mas que foi considerado como de 1ª pessoa do singular pelo contexto em que ocorria e pelo tópico do texto, em que o aluno falava sobre si mesmo. Nesse caso, houve a substituição da 1ª pessoa do singular pela 3ª pessoa do singular, conforme vemos na Tabela 89.

Tabela 89 - Sujeito Oculto

Transferência	Texto
‘ mora na minha aldeia muito tempo’. (L. 3)	A18T1
Moro na minha aldeia há muito tempo	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

5.3.3.2 Concordância verbal envolvendo a 3ª pessoa do singular

No caso da concordância de 3ª pessoa do singular também foi possível observar mais de um tipo de marcação, utilizando morfemas de pessoas distintas para marcá-la. Na Tabela 90, nota-se o uso da 3ª pessoa do plural no lugar da 3ª pessoa do singular. Nos exemplos “o meu povo que vivem” e “dos partidos que” é possível se falar em concordância psicológica com “povo” e “partidos”, mas é importante notar que o sujeito é o relativizador “que”, em ambos os casos. No caso de “conteúdos”, o graduando pode também ter realizado a concordância com esse elemento e não com “organização”.

Tabela 90 - Uso da 3ª pessoa do plural para a 3ª pessoa do singular

Transferência	Texto
‘Meu povo habitam na aldeia maronal alto rio curuçá’. (L. 5-6)	A11T1
Meu povo habita na aldeia Maronal no alto rio Curuçá.	
O psc foi um dos partidos que apoiaram a afastamento da presidente Dilma [...]’. (L. 5-6)	A10T2
O PSC foi um dos partidos que apoiou o afastamento da presidente Dilma [...].	
‘O meu povo que vivem na aldeia rio novo’. (L. 4)	A16T1
O meu povo vive na aldeia Rio Novo.	
‘ele explicaram bém’. (L. 10)	A18T5
Ele explicou bem.	
‘ A organização dos conteúdos foram bem apresentado ’. (L 2-3)	A1T4
A organização dos conteúdos foi bem apresentada.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Na Tabela 91, há dois exemplos do uso de 1ª pessoa do singular no lugar da 3ª pessoa do singular. No exemplo “O Bruno eles”, o graduando utilizou dois marcadores sujeito, o SN e o pronome, o que torna sua estrutura algo mais complexa do que as demais. Há casos semelhantes no PB, como por exemplo, ‘A Joice ela gosta de café’. No caso de “a gente”, embora seja usado para referir uma 1ª pessoa, é fato bastante estabelecido que é tanto a concordância quanto a locução são de 3ª pessoa (cf. BECHARA, 2009).

Tabela 91 - Uso da 1ª pessoa do singular para a 3ª do singular

Transferência	Texto
‘A aula a gente estudei em Português para fins específicos’. (L. 1)	A16T3
Na aula a gente estudou português para fins específicos.	
‘O Bruno Eles. Terminou ’. (L. 16)	A17T2
O Bruno que terminou.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Na Tabela 92, há um único caso em que o graduando usa a marca morfológica de 1ª pessoa do plural para a concordância com um sujeito de 3ª pessoa do singular.

Tabela 92 - Uso da 1ª pessoa do plural para a 3ª pessoa do singular

Transferência	Texto
‘O professor Sanderson que explicamos pra nos o português’. (L. 1)	A9T3
O professor Sanderson explicou para nós o português.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

5.3.3.3 Concordância verbal envolvendo a 3ª pessoa do plural

Quando a concordância verbal esperada seria com a marca morfológica de 3ª pessoa do plural, houve sempre a substituição pela marca de 3ª pessoa do singular. Cabe ressaltar que no último caso em “e 6 dias”, o verbo ser na 3ª pessoa do singular não está marcado com o acento.

Tabela 93 - Uso da 3ª pessoa do singular para a 3ª pessoa do plural

Transferência	Texto
‘Tenho pai e mãe [...] estão morando na comunidade. Não gostam de morar na cidade, porque não gosto de comer os congelados’ (L. 22-25)	A1T1
Tenho pai e mãe [...] estão morando na comunidade, não moram na cidade porque não gostam de comer os congelados.	
‘ eles, Foi para Brasília [...]’. (L. 8)	A17T2
Eles foram à Brasília [...].	
‘a minha aldeia e rio novo é longe para chegar lá e 6 dias ’. (L. 6)	A16T1
A minha aldeia é Rio Novo, é longe, para chegar lá são seis dias.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

5.3.3.4 Concordância verbal envolvendo a 1ª pessoa do plural

Nos casos apresentados na Tabela 94, é possível dizer que foi utilizada apenas a 3ª pessoa do singular no lugar da marca da 1ª pessoa do plural. O caso de “aprendi” é algo mais complexo, pois poderia também ser interpretado como a 1ª pessoa do singular. No entanto, como vimos na seção sobre fonologia, é possível que o <i> seja usado como representação para o <e> e vice e versa. Mas é possível que os dois casos, apresentados abaixo, sejam por influências das variedades do PB, por exemplo: nós faz, a gente faz etc.

Tabela 94 - Concordância envolvendo a 1ª pessoa do plural

Transferência	Texto
‘ nós conversa com parente importante’. (L. 18)	A17T3
Nós conversamos com parentes importantes.	
‘nós professore aprendi conteúdo foi Expligado’. (L. 17)	A17T3
Nós professores aprendemos o conteúdo explicado.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Importante observar que, em todos os casos observados nesta seção, a troca se deu na concordância de número e pessoa, mas as relações de Tempo, Aspecto e Modo não eram alteradas, sendo possível reescrever as orações apenas com a correção da concordância.

5.3.3.5 Expressão de Tempo, Aspecto e Modo (TAM)

A flexão (ou desinência) de tempo, aspecto e modo do verbo da LP é fundamental para situar qualquer evento⁵³ em relação ao momento da fala, à sua estrutura interna e à apreciação do falante sobre o evento (cf. FONSECA, 2010). A alteração dessa flexão pode resultar tanto em um evento situado em outro tempo, distinto do objetivado pelo falante, assim como pode transformar uma afirmação em pergunta ou desejo ou representar algo pontual como habitual – e vice e versa – ou ainda resultar em uma oração sem sentido. Observe-se, por exemplo, a oração ‘Eu construir nove filhos cinco homens, e quatro meninas’ em vez de ‘Eu construí nove filhos, cinco homens e quatro meninas’. O que na verdade acontece nesse caso é a apresentação do verbo ‘construir’ no modo infinitivo e que poderia estar flexionado para expressar o tempo passado.

5.3.3.6 Uso do infinitivo

Na Tabela 95, todas as ocorrências dos verbos, que expressam ações no passado, estão marcadas pelo infinitivo. Como essa é a forma de citação do verbo (cf. MATTOSO CÂMARA, 1992), é possível que isso influencie os graduandos, levando-os a generalizar a forma de citação como uma forma de uso irrestrito. Não obstante, cabe ainda mencionar que formas como “conhecer” e “construir” são também observadas em textos de falantes nativos de LP, que tendem a confundir a forma infinitiva com a forma conjugada terminada em sílaba átona, provavelmente pela tendência de apagamento do /R/ em final de verbos em LP.

Tabela 95 - Uso do infinitivo para outros tempos e modos

Transferência	Texto
‘Eu aprender varios assuntos de Língua Português’. (L. 2)	A3T3
Eu aprendi vários assuntos da Língua Português.	
‘por isso que eu conhecer o novos assuntos na aula’. (L. 5)	A3T3
Por isso que eu conheci novos assuntos na aula.	
‘Eu construir ⁵⁴ nove filhos cinco homens, e quatro meninas’. (L. 14)	A6T1

⁵³ Usa-se o termo evento por considerá-lo mais neutro e abarcar tanto ações quanto estados, processos, fenômenos naturais, etc.

⁵⁴ Interessante notar o uso do verbo construir para “fazer filhos”, o que talvez tenha relação com a visão Marúbo sobre a concepção.

Eu construí nove filhos, cinco homens e quatro mulheres.	
‘minha família criar comunidade ’. (L. 7)	A15T1
A minha família criou a comunidade.	
‘Eu aprender o sua disciplinar e sintaxe’. (L. 7)	A9T5
Eu aprendi a sua disciplina de sintaxe.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Há um caso que seria o inverso do que vimos acima, quando o graduando marca o infinitivo com a acentuação da sílaba final, provavelmente baseando-se na pronúncia. Essa grafia é comum em textos informais como os utilizados na internet (por influência da fala - tanto monitorada quanto não monitorada - : há uma tendência ao apagamento do -r em verbos no infinitivo e em alguns nomes).

Tabela 96 - Infinitivo marcado por acento

Transferência	Texto
Seu desempenho, de certeza que vai ajudá a minha experiência na sala de aula [...]’. (L. 2-3)	A6T3
Seu desempenho, de certeza que vai ajudar a minha experiência em sala de aula.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

5.3.3.7 Outros casos envolvendo TAM

Há ainda outros casos de trocas da morfologia que codifica TAM, mas que não parecem passíveis de serem agrupados em uma grande categoria, motivo pelo qual nós os apresentamos nesta seção.

Na Tabela 97, há um caso em que o graduando usa o presente do indicativo para uma ação que ocorreria no pretérito imperfeito do indicativo. Importante notar que tanto em um caso quanto no outro, há uma ideia de evento costumeiro ou habitual, com a diferença que em um caso ocorreria próximo ao momento da fala (e até após ele), enquanto no outro ocorre antes, no passado.

Tabela 97 - Uso do presente para o pretérito imperfeito

Transferência	Texto
‘Antes, o pessoal fala que a funai ajudou muito’. (L. 11-12)	A8 T2
Antes, o pessoal falavaque a FUNAI ajudou muito.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Na Tabela 98, a seguir, há um caso em que não apenas o TAM está modificado, mas em que também a pessoa é modificada. No caso, o graduando utilizou a marca fonológica de 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, mas a forma adequada no contexto seria a 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo. Em todo caso, há que se observar que a 1ª e a 3ª pessoa são iguais no presente do subjuntivo.

Tabela 98 - Uso da 1ª pessoa do singular do indicativo para a 3ª pessoa do singular do subjuntivo

Transferência	Texto
‘Os povos indígenas da Amazonas não querem que ele administro como presidente da Funai’. (L. 22)	A18 T2
Os povos indígenas do Amazonas não querem que ele administre como presidente da FUNAI.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Na Tabela 99, a seguir, estão agrupadas as formas utilizadas que não correspondem a uma forma possível em LP, mesmo nas variantes dialetais regionais. Essas formas têm em comum a generalização de uma forma “-ei”, utilizada como marca flexional ou como uma forma base. Seriam casos de extensão ou de generalização (analogia), em que o falante parte de um verbo como “estudei” e forma “aprendei” e, a partir dessa última forma, “aprendeimos”.

Tabela 99 - Formas não existentes em LP com base em uma flexão “-ei”

Transferência	Texto
‘o curso e aprendei , um pocos mais muitos assuntos mas e aprendei’. (L. 8)	A4T5
No curso eu aprendi um pouco, muitos assuntos, mas eu aprendi.	
‘a curso começou muito boa que você ensinou para nós aprendei ’. (L. 2)	A15T3
O curso começou muito bom, você ensinou para nós aprendermos.	
‘[...] mais importante que eu aprende várias palavras e leitura apresentação e falar usa Português assim que eu aprendei ’. (L. 3-5)	A15T3
O mais importante foi que eu aprendi várias palavras, leitura, apresentação, a falar, usar o português, assim eu aprendi.	
‘Eu agradecei seu trabalho’. (L. 9)	A17T3
Eu agradecei seu trabalho.	
‘Eu aprenteir e uma Coisas’. (L. 2)	A9T3
Eu aprendi umas coisas.	
‘eu queria aprendeimos mais é formação’. (L. 5)	A9T4
Eu queria aprender mais na formação.	
‘Eu estuteimos ’. (L. 4)	A9T4
Eu estudei.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Nos exemplos da Tabela 100, a seguir, estão registradas duas formas em que o verbo resultante também não existe em LP, mas não há uma flexão comum entre essas formas. Nesses casos, também há o uso generalizado de terminações existentes em LP. No caso de “veu”, observa-se a mesma terminação de “comeu”, da 3ª pessoa do singular; e no caso de “trace”, o graduando parece utilizar a forma “traz-” como uma raiz regular, assim como em “bate” ou “come”.

Tabela 100 - Outras formas não existentes em LP

Transferência	Texto
‘Eu veu o conteúdo’. (L. 2)	A9T5
Eu vi o conteúdo.	
‘Professor: Sanderson segundo etapa trace língua Português para nos’. (L. 15)	A14T4
O professor Sanderson, na segunda etapa, trouxe a Língua Portuguesa para nós.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Embora seja raro a muitos falantes da LP e haja pouco estudo sobre essas formas, como moradora da região, observei o uso da forma “conhecimos”, que me parece comum na variedade local da LP. Da mesma forma que “conhecimos” também é possível ouvir na região “bebimo(s)”, “comimo(s)”. Ocorrem nesses casos os fenômenos de neutralização das vogais temáticas /e/ e /i/. Nós comimo X Nós comemo etc.

Tabela 101 - Conjugação conforme padrões regionais

Transferência	Texto
‘nos já aprendemos ainda conhecimos ’. (L. 9)	A14T5
Nós aprendemos e ainda conhecemos.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Nota-se, na Tabela 102, a seguir, um caso em que foi observado o uso do gerúndio no lugar do pretérito perfeito do indicativo.

Tabela 102 - Uso do gerúndio

Transferência	Texto
‘Outros na nossa Refeiturio também não voltando ’. (L. 16)	A9T4
Outros do nosso refeitório também não voltaram.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Há ainda um caso em que é possível observar o uso da forma conjugada em locução adverbial, havendo o uso de “estudamos” no lugar da forma infinitiva necessária para formar a locução “queria estudar”, na Tabela 103, a seguir.

Tabela 103 - Conjugação na forma de locução adverbial no lugar da forma infinitiva para formar a locução

Transferência	Texto
‘eu queria estudamos o proximo etapa. (L. 4)	A9T4
Eu queria estudar na próxima etapa.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

5.3.3.8 Verbo de ligação

O verbo de ligação ou verbo cópula da LP é responsável por carregar a informação gramatical de TAM em locuções verbais ou em construções predicativas, descritivas e

estativas (cf. PERINI, 2005). Outra característica desse verbo é a ausência de informação semântica, havendo apenas a oposição entre permanente “ser” e temporário “estar”. Em LM a cópula não é obrigatória em estruturas equivalentes às construções predicativas, descritivas e estativas. Ademais, não há uma distinção entre ser e estar, podendo ainda associar-se ao significado dos verbos ter e haver em LP.

Na Tabela 104, apresentam-se construções em que o verbo de ligação é omitido, havendo apenas dois casos em que o verbo estar é omitido, sendo a maioria das ocorrências de omissão de “é”. Considera-se como clara influência de LM em LP, uma vez que as estruturas equivalentes em LM não exigem a obrigatoriedade do verbo de ligação.

Tabela 104 - Ausência do verbo de ligação

Transferência	Texto
‘A minha aldeia localizada na margem esquerda do rio curuçá da T.I Vale do Javari.’ (L. 14)	A1T1
A minha aldeia está localizada na margem esquerda do rio Curuçá da T.I Vale do Javari.	
‘Pela primeira vez que participando esse curso’. (L. 7)	A10T3
É a primeira vez que eu estou participando desse curso.	
‘A minha família grande, unido ’. L. 9-10	A3T1
A minha família é grande e unida	
‘O pontos positivos para nós, por que vai melhorar na nossos língua sintaxe’. L. 15	A4T5
O ponto positivo para nós é porque vai melhorar a sintaxe da nossa língua.	
‘[...] a minha deveculdade fala em língua portugues’. (L. 10)	A10T3
[...] a minha dificuldade é falar a língua portuguesa.	
minha comunidade alto curuçá ’. (L. 1)	A7T1
Mínha comunidade é no Alto Curuçá.	
‘O meu pai Também ele etnia Marubo’. (L. 8)	A9T1
O meu pai também é da etnia Marúbo.	
‘a minha aldeia são Salvador ’. (L. 2)	A10T1
A minha aldeia é a São Salvador.	
‘[...] a minha deveculdade fala em língua portugues’. (L. 10)	A10T3
[...] a minha dificuldade é falar a língua portuguesa.	
‘minha família muito unida ’. (L. 3)	A11T1
A minha família é muito unida.	
‘A minha mãe Antônia Tomas Maruba’. (L. 35)	A17T1
A minha mãe é Antônia Tomas Marúbo.	
‘ O meu povo etnia marubo . (L. 7)	A17T1
O meu povo é da etnia Marúbo.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Há um caso de omissão do verbo haver que, apesar de não equivaler aos verbos de ligação acima é também um caso de verbo vazio de significação e que traz apenas a interpretação existencial. Em Marúbo, há um verbo “aya”, que poderia ser traduzido como haver/ter e que se comporta distintamente das cópulas (o equivalente a verbos de ligação) da LM. Talvez, a omissão se deva mais às semelhanças de haver, estar e ser em LP.

Tabela 105 - Omissão do verbo haver

Transferência	Texto
‘Foi primeiro dia de aula, explicação na lousa sintaxe das Línguas Indígenas’. L. 1-2	A5T5
Foi o primeiro dia de aula, houve explicação na lousada sintaxe das línguas indígenas.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Essa possível semelhança entre os verbos haver, ser e estar é também justificada pelo conjunto de dados na Tabela 106, a seguir, em que a cópula é utilizada no lugar do verbo existencial. Embora em “é muitas pessoas”, se possa pensar no uso de haver, no caso de “era 12 anos” é inegável que a forma apropriada seria “tinha”. Dessa forma, reforça-se a semelhança entre as formas ter/haver e sua relação com o verbo cópula do português, uma vez que todos são verbos que têm pouca ou nenhuma semântica e que cumprem mais funções gramaticais na estrutura da LP.

Tabela 106 - Cópula no lugar do “ter existencial”

Transferência	Texto
‘Também a aldeia é muitas pessoas [...]’. L. 4	A9T1
Também na aldeia tem muitas pessoas.	
‘eu era 12 anos’. (L. 6)	A18T1
Eu tinha 12 anos.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

As dificuldades no uso da cópula, e mais especificamente da distinção entre permanente vs temporário, também ficam evidentes em algumas estruturas com locução adverbial. Na Tabela 107, a seguir, estão registrados três casos, em que a estrutura exige o verbo “estar”, mas os graduandos marcam com o verbo “ser” ou simplesmente omitiram o verbo no último caso. Há que se notar que nos dois primeiros casos, há ainda problemas com a forma adequada do verbo principal.

Tabela 107 - Verbo estar em locução verbal

Transferência	Texto
‘Eu sou gosto de aprender, a língua Portugue’. (L. 8)	A5T1
Eu estou gostando de aprender a Língua Portuguesa.	
‘ eu sou trabalha ’. (L. 2)	A5T1
Estou estou trabalhando.	
‘Eu gostando aminha aprendizado [...]’. (L. 13-14)	A5T5
Eu estou gostando do meu aprendizado [..].	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Embora não possa ter o mesmo tratamento dos demais verbos acima, é importante observar a omissão do verbo “vou” na locução adverbial da Tabela 108. Semelhantemente aos

outros casos, o verbo ocorre apenas para marcar TAM, não apresentando uma semântica clara nesse caso.

Tabela 108 - Omissão do verbo locução verbal

Transferência	Texto
‘[...] cada dia que eu aprendendo com senhor professor’. (L. 14)	A5T5
A cada dia eu vou aprendendo com o senhor, professor.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

5.3.3.9 Locução adverbial

Uma locução adverbial em LP, segundo Bechara (2009, 359) é “o grupo geralmente constituído de preposição + substantivo (claro ou subtendido) que tem o valor e o emprego de advérbio. A preposição, funcionando como transpositor, para o substantivo para exercer uma função que primariamente não lhe é própria”, formada por um advérbio ou por uma locução adverbial, esta última introduzida por uma preposição. No caso da LM, o sintagma adverbial é composto por um advérbio ou por um sintagma introduzido por posposição. Vale ressaltar que enquanto a LP apresenta preposições, a LM apresenta posposições. Ademais, não há equivalência semântica ou funcional entre os elementos preposicionais e posposicionais de cada língua.

De forma geral, adposições são elementos funcionais ou gramaticais e de difícil apreensão por parte do falante de L2. Portanto, é bastante previsível que os falantes terão dificuldade em aprender e utilizar adequadamente as adposições de uma língua.

A preposição “de” tem funções e significados muito diversos em LP, podendo marcar relações genitivas, locativas ou ainda introduzir argumentos verbais. Talvez por sua frequência ser alta, foi a preposição que mais verificamos a omissão em nossos dados, como se pode ver na Tabela 109⁵⁵.

Tabela 109 - Omissão da preposição “de”

Transferência	Texto
‘ eu interessei muito sua aula sobre sintaxe [...]’. (L. 2)	A6T4
Eu me interessei muito pela sua aula de sintaxe.	
‘ O professor deu oportunidade se conhecer ’. (L. 19)	A1T5
O professor deu oportunidade de se conhecerem.	
‘ por que maioria professores está dificuldade de falar em portuguesas ’. (L. 10-11)	A4T3
Porque a maioria dos professores está com dificuldade de falar em português.	
‘ Eu aprendi o sua disciplina é sintaxe [...]’. (L. 7)	A9T5
Eu aprendi a sua disciplina de sintaxe [...].	

⁵⁵ Diferentemente das outras seções, nesta também são marcados os elementos na nossa reescritura, sempre que se considera necessário.

‘As pessoa sovia E logem da Aldia’. (L. 23)	A17T3
As pessoas assobiam de longe da aldeia.	
‘Eu sou etnia marubo do alto rio ituí’. (L. 1)	A8T1
Eu sou da etnia Marúbo do Alto Rio Ituí.	
‘Eu participei todos os aula que ele passou para nós’. (L. 6)	A8T3
Eu participei de todas as aulas que ele passou para nós.	
‘O meu pai Também ele etnia Marubo’. (L. 8)	A9T1
O meu pai também, ele é da etnia Marúbo.	
‘eu sou etnia marubo’. (L. 1)	A10T1
Eu sou da etnia Marúbo.	
‘ Eu sou elnia marubo ’. (L. 3)	A12T1
Eu sou da etnia Marúbo.	
‘A minha família e 5 pessoas e fala própria a língua indígena’. (L. 8)	A16T1
A minha família é de 5 pessoas e falam a própria língua indígena.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

“Em” é outra preposição muito comum em LP, mas, geralmente, tem significados mais fáceis de serem delimitados. Em nosso corpus, foi possível observar sua omissão na introdução de locuções verbais locativas e temporais, como apresentado na Tabela 110. Em alguns casos, é possível observar que a forma aglutinada foi omitida. As formas aglutinadas podem ser resultantes de “em+o” ou “em+a”. Há casos ainda de omissão do “em”, mas da ocorrência do pronome demonstrativo “esse”.

Tabela 110 - Omissão da preposição “de”

Transferência	Texto
‘ minha comunidade alto curuça . (L. 1)	A7T1
Minha comunidade é no Alto Curuçá.	
‘ eu queria estudarmos o próxima etapa ’. (L. 4)	A9T4
Eu queria estudar na próxima etapa.	
‘ a aula foi poucos dias ’. (L. 6)	A13T5
A aula foi em poucos dias.	
‘ minha aldeia, temos posto de saúde mas não temos remédio’. (L. 11)	A14T1
Na minha aldeia temos posto de saúde, mas não temos remédio.	
‘meu povo habitam na aldeia maronal alto rio curuça’. (L. 5-6)	A11T1
Meu povo habita na aldeia Maronal, no Alto Rio Curuçá.	
‘ mas iniciar de estudo , professor Sanderson orientou muito ótimo para nos’. (L. 3)	A14T4
Mas no início do estudo o professor Sanderson nos orientou bem.	
‘ Também estudo dicionário em acha uma palavra ’. (L. 10)	A14T4
Também estudamos no dicionário para achar palavras.	
‘ esse aldeia minha aldeia 6 maloca 37 casa. 34 família população 130 população’. (L. 12)	A14T1
Nessa minha aldeia tem 6 malocas, 37 pessoas, 34 famílias e uma população de 130.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Há um caso, apresentado na Tabela 111, a seguir, em que foi observada a omissão da preposição “com” em um sintagma preposicional em posição de complemento relativo do verbo.

Tabela 111 - Ausência da preposição “com” em um complemento relativo

Transferência	Texto
‘Não revolto nada ’. (L. 13)	A1T3
Não me revolto com nada.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

A outra omissão de “com” foi observada na estrutura abaixo, na Tabela 112. Nota-se que a preposição “para” poderia ser omitida, mas a omissão de “com” torna a oração estranha ao falante nativo de LP.

Tabela 112 - Omissão da preposição “com”

Transferência	Texto
‘Ele respeitoso para os aulas – aula dele e o muito positivos’. (L. 3-5)	A2T3
Ele é respeitoso para com os alunos, sua aula é muito positiva.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Há ainda casos em que o advérbio “onde” deveria introduzir orações adverbiais, mas foi omitido pelo graduando ou substituído pelo pronome relativo “que”. Nesse último caso, a estrutura seria possível em variedades da LP.

Tabela 113 - Orações adverbiais introduzidas por “onde”

Transferência	Texto
‘A minha casa é mora com família’. (L. 13)	A17T1
A minha casa é onde moro com a família.	
‘Minha aldeia é maloca grande que cabem oito famílias que moram dentro dela’. (L. 10)	A6T1
Minha aldeia é uma maloca grande onde cabem oito famílias dentro dela.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

De forma semelhante ao que ocorre na Tabela 114, também se observou a omissão da locução “em que” para introduzir uma oração adverbial.

Tabela 114 - Omissão da locução “em que”

Transferência	Texto
‘Nasci em 22 de novembro de 1982 na comunidade atualmente estou morando’. (L. 3)	A1T1
Nasci em 22 de novembro de 1982 na comunidade em que atualmente estou morando.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Há dois casos em que não houve a simples omissão da preposição, mas a troca de uma preposição adequada ao contexto por outra que torna a oração estranha ao falante nativo de LP. A troca de “a” por “com” faz pensar em um esforço conjunto, o que não parece ser o caso, pelo contexto da oração.

Tabela 115 - Preposição inadequada

Transferência	Texto
‘Eu agradeço o reitor da UEA e professor que se decaram com nós ’. (L.24-25)	A1T3
Eu agradeço ao reitor da UEA e ao professor que se dedicaram a nós .	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

No exemplo da Tabela 116, nota-se o uso da preposição “de” no lugar de “em”, o que torna a oração incomum ao falante nativo de LP.

Tabela 116 - Uso da preposição “de” no lugar de “em”

Transferência	Texto
‘A minha aldeia fica a 900 km de linha reta no município de atalaia do norte, comapopulação aproximadamente 308 pessoas’. (L. 7-8)	A13T1
A minha aldeia fica a 900 km em linha reta do município de Atalaia do Norte, com população de aproximadamente 308 pessoas.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

No último dado, apresentado na Tabela 117, observa-se o uso inadequado de “em” como introdutor de um objeto que é exigido pelo verbo e, portanto, direto.

Tabela 117 - Uso de “em” como introdutor de objeto direto

Transferência	Texto
‘O professor sabe nesta conteúdo [...]’. (L. 12)	A4T5
O professor sabe este conteúdo [...].	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

5.3.3.10 Pronomes

Tanto a LM quanto a LP são analisadas como línguas que codificam as pessoas do discurso através de pronomes. Ademais, ambas apresentam as mesmas 6 pessoas do discurso, com a diferença que a LM não apresenta distinção entre masculino e feminino nas 3as pessoas. Se são bastante semelhantes com relação a esses aspectos, apresentam diferenças com relação à marcação de caso codificada nos pronomes, como vimos na seção 5.3.2.1.

Ainda com muitas semelhanças e coincidências entre os dois sistemas pronominais, foi possível verificar muitos casos em que o uso do pronome não se conforma aos padrões observados em LP. Em especial, estratégias mais específicas e que envolvem tipos especiais de pronomes como a relativização e a reflexivização demonstram as dificuldades dos graduandos Marúbo para dominar o sistema pronominal da LP.

Há alguns casos em que se poderia objetar que é uma questão de concordância e não de uso de pronomes. No entanto, foram considerados os contextos de ocorrência nos textos

para a decisão se a questão era sobre a concordância verbal ou sobre a escolha adequada do pronome.⁵⁶

Nos dois casos apresentados na Tabela 118, a seguir, trata-se da escolha inadequada da forma, com a diferença que “a gente apresentamos” é uma forma possível de ser produzida por falantes nativos de LP, embora estigmatizada. No caso de “ele querem”, essa forma não parece possível de ser formulada por falantes nativos de LP em qualquer variedade estudada.

Tabela 118 - Uso inadequado do pronome

Transferência	Texto
‘ Ele querem assumim o Controle das terras indígenas’. (L. 13)	A9T2
Eles querem assumir o controle das Terras Indígenas.	
‘A gente apresentamos nosso trabalho’. (L. 4)	A10T3
Nós apresentamos nosso trabalho.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

No caso da Tabela 119, a seguir, nota-se a supressão do pronome “ele”, que aparece substituído pelo verbo “é”, mas que não forma uma oração gramatical no exemplo. Haveria ainda a possibilidade de formar esta oração sem um sujeito explícito. Nesse caso, o problema na construção da oração recairia unicamente sobre o redobro do verbo “ser”.

Tabela 119 - Ausência de pronome pessoal “ele”

Transferência	Texto
‘ Assim que é foi exonerado como coordenador ’. (L. 15)	A17T2
Assim que ele foi exonerado do cargo de coordenador.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Nos dados da Tabela 120, a seguir, é possível notar a ausência do pronome relativo “que” para introduzir orações relativas. Como não há informações suficientes sobre essas estruturas na LM, não é possível julgar se há interferência da L1 em L2. Em todo caso, é importante mencionar que estruturas relativas costumam ser bastante complexas e de difícil apreensão por falantes/aprendentes de L2.

⁵⁶ Agradecemos a professora Flávia Santos Martins por nos apontar que “no PB, há uma tendência para o preenchimento do sujeito pronominal nas sentenças e para o ‘desaparecimento’ das marcas morfológicas de número-pessoa. Dessa forma, há uma tendência da informação de número-pessoa ser marcada só no pronome, como por exemplo: eu amo, tu/você ama, ele ama, nós / a gente ama, vocês ama, eles ama”.

Tabela 120 - Ausência do pronome relativo “que”

Transferência	Texto
‘ No diz Respeito gramatical ou lexical ’. (L. 3)	A1T4
No que diz respeito ao gramatical e ao lexical.	
‘eu quero na outra etapa o senhor trazer, o seu conhecimento para nos’. (L. 4)	A16T3
Eu quero que na outra etapa o senhor traga o seu conhecimento para nós.	
‘Língua Portuguesa e não e facíl e até o branco e também acham difícil’ (L. 6)	A17T3
A língua portuguesa é que não é fácil, é difícil até para o branco também.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Por outro lado, observou-se também orações em que o relativizador “que” é utilizado em orações em que não deveria ocorrer.

Tabela 121 - Uso inadequado do “que”

Transferência	Texto
‘[...] cada grupo que Fala sobre suas necessidades das aldeias indígenas’. (L. 15)	A14T5
Cada grupo fala das necessidades das suas aldeias.	
O professor que ensino bem’. (L. 7)	
O professor ensinou bem.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Na Tabela 122, a seguir, estão apresentados os casos que envolvem estratégias de reflexivização. Nos dois primeiros casos, há apenas a não ocorrência do pronome reflexivo, sendo usada a forma não reflexiva dos verbos. No 3º caso, ocorre uma reanálise da palavra “aumentasse”, que é grafada pelo graduando como se fosse o verbo reflexivizado.

Tabela 122 - Reflexivização do verbo

Transferência	Texto
‘ Não revolto nada’. (L. 13)	A1T3
Não me revolto com nada.	
‘ eu interessei muito sua aula sobre sintaxe [...]’. L. 2	A6T4
Eu me interessei muito pela sua aula de sintaxe.	
‘Eu quero quer ’almenta-se os dias’. (L. 3)	A7T4
Eu queria que aumentassem os dias.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

No caso apresentado na Tabela 123, a forma está ocorrendo com um objeto “me”, mas o graduando também utiliza a forma pronominal de 3ª pessoa “se”, marcando 2 objetos para o mesmo verbo. Aparentemente, ele trata o verbo a partir de sua forma reflexiva “chamar-se”.

Tabela 123 - Uso indevido do reflexivo

Transferência	Texto
‘A minha família me chama-se em língua marubo’. (L. 3)	A10T1
A minha família me chama na língua Marúbo.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Outro caso em que os graduandos assinalam dois pronomes para o mesmo verbo envolve o pronome pessoal oblíquo átono “o”. Nesse caso, o objeto do verbo está expresso pelo SN “o novo coordenador”, mas o graduando assinala também o objeto pronominal “o”, o que torna a oração incomum para um falante de LP como L1.

Tabela 124 - Uso indevido do pronome “o”

Transferência	Texto
‘Os próprios indígenas indicaram o Júnior, como coordenador interino da FUNAI, enquanto o esperam o novo coordenador’. (L. 17)	A13T2
Os próprios indígenas indicaram o Júnior como coordenador interino da FUNAI enquanto esperam o novo coordenador.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

O único caso que envolve o uso de acento e que parece ter motivação linguística clara é o registro de “taé”. De fato, em LP é muito comum o uso de [ta.'i] no lugar de “está aí”.

Tabela 125 - Uso de acento

Transferência	Texto
‘A língua taé. (L. 6)	A10T1
A língua está aí	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

5.4 Casos de Transferências Sintáticas

A boa formação de orações, frases e períodos dependem da relação entre os elementos no interior da sentença, da ordem etc. Segundo Perini (2005), a área da linguística que estuda esses fenômenos é a sintaxe. Segundo Barreto *et al.* (2016, 152) a sintaxe “[...] estuda, analisa e descreve as regras de combinação de palavras que operam na formação de enunciados gramaticais”.

O nível sintático é o que menos conhecemos da LM e, por isso, serão apresentados menos detalhes, diferentemente das seções anteriores. Ainda assim, há bastante dados que evidenciam uma sintaxe peculiar de falantes de LP como L2.

Na Tabela 126, a seguir, é possível observar questões na modificação da ordem dos elementos no interior de sintagmas ou da sentença. No primeiro exemplo, o graduando utiliza por duas vezes “muito foi”, no lugar de “foi muito”. No segundo exemplo, há o deslocamento da cópula, tornando a frase agramatical. No último caso, há não só a inversão dos elementos como a omissão da preposição.

Tabela 126 - Inversão de ordem de elementos

Transferência	Texto
' muito foi boa curso minha aprendizado no curso muito foi em portante para nós'. (L. 8)	A7T5
Foi muito bom o curso para o meu aprendizado, foi muito importante para nós.	
'nome do e meu pai [...]'. (L. 3)	A7T1
O nome do meu pai é [...]	
' todos gostei '. (L. 11)	A11T5
Gostei de todos.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Há ainda casos em que a não observância dos sintagmas no interior da sentença torna a oração de difícil interpretação. Somados a isso, os acréscimos de elementos e a não observância da concordância (tratada em seção anterior), a oração fica de difícil entendimento.

Tabela 127 - Acréscimos de elementos e não observância da concordância

Transferência	Texto
'O professor disciplina deles é portuguêsa '. (L. 3)	A9T3
O professor, a disciplina dele é português.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

Como não nos aprofundaremos nas questões de sintaxe, apenas selecionamos um conjunto de exemplos para demonstrar como se evidenciam as dificuldades na construção das orações, períodos e frases. Como é fácil notar, ao se observar a frase, nota-se que, além de questões propriamente do nível sintático, também se acumulam as transferências tratadas pormenorizadamente nas seções anteriores. As questões de sintaxe envolvem a delimitação de constituintes no interior da oração e a delimitação entre orações, o que envolve, na escrita, a pontuação, o uso de vírgula etc. Há ainda, como visto acima, a inversão de elementos e as dificuldades mesmo de construir uma oração estruturada em LP.

Tabela 128 - Frases mal elaboradas

Transferência	Texto
' Ainda, também que o trabalho foi feito várias maneiras [...]'. (L. 12-13)	A1T3
Ademais, o trabalho foi feito de várias maneiras [...].	
' O professor tem houve de ter aplicar o seu conteúdo aplicados [...]'. (L. 21-22)	A1T4
O professor soube aplicar o seu conteúdo.	
' O meu avaliação o professor não a conteceu nada'. (L. 16-17)	A2T3
Na minha avaliação o professor não pôs nenhuma observação.	
'[...] eu não regramei na alimentação , lá no rio bardo eu regramam aqui eu alimentamo bem (mĩ tanai) '. (L. 10-12)	A3T3
[...] eu não reclamei da alimentação, lá no rio Pardo eu reclamei. Aqui eu me alimento bem (você entende).	
' A minha família clã e clã de solão '. (L. 7)	A7T1
A minha família é do clã Azulão.	
' Ele explicou muito bém todos é também e outros [...]'. (L. 7-8)	A7T3
Ele explicou muito bem todos os conteúdos.	

‘Eu quero que volta-se na outra Etapa continua mais línguas materna’. (L. 4)	A7T4
Eu gostaria que na outra etapa continuasse o ensino sobre língua materna.	
‘muito foi boa curso’. (L. 7)	A7T5
O curso foi muito bom.	
‘O professor conteúdos explicou muito bem todos os conteúdos [...]’. (L. 12)	A7T5
O professor explicou muito bem todos os conteúdos.	
‘O professor conteúdos explicou muito bem todos os conteúdos fui pontual asi duo, participei dos atividades. Que ele ministrou me esforcei bastante [...]’. (L 12-15)	A7T5
O professor explicou muito bem todos os conteúdos; fui pontual, assíduo, participei das atividades que ele ministrou e me esforcei bastante.	
‘Eu tenho filha gêmea de duas meninas’. (L. 13)	A8T1
Eu tenho filha gêmea, duas meninas.	
‘o professor, eu gostei muito de aula dele disciplina que ele deu’. (L. 1-2)	A8T3
O professor, eu gostei muito da aula dele, da disciplina que ele deu.	
‘todas as aula que ele passou pra nos eu me achei muito importante para todos os nós [...]’. (L. 3-4)	A8T3
Todas as aulas que ele passou eu achei que foi muito importante para nós.	
‘[...] na minha Sala de aula no Aldeia Alegria, é escola’. (L. 2)	A9T1
Minha sala de aula é na escola da aldeia Alegria.	
‘Também a aldeia é muitas pessoas temos 7 malocas também temos 39 casas também população de total de pessoas 106 pessoas’. (L. 3-6)	A9T1
Também a aldeia tem muitas pessoas, temos 7 malocas, também temos 39 casas, a população total é de 106 pessoas.	
‘O professor no prega ele E cauma ele explica muito bom’. (L. 9)	A12T3
O professor não tem pressa, ele é calmo, ele explica muito bem.	
‘Eu vo passa para meus a lunos português em portante’. (L. 5)	A12T3
Eu vou passar para os meus alunos o Português, é importante.	
‘tudos assuntos que teu más Foi melhora o próximo anos’. (L. 12)	A17T3
Todos os assuntos que deu vai melhorar nos próximos anos.	
‘primeiro Dia de aulas Disciplina. 4 de julho de 2018’. (L. 3)	A17T4
O primeiro dia de aula da disciplina foi no dia 4 de julho de 2018.	
‘eu não queremos mais muda para outro cantor eu queria ficar lá mesmo’. (L. 8)	A18T1
Eu não queria mais mudar para outro canto, queria ficar lá mesmo.	
‘o metodologia que ele ensinou como, ortografia, presente, passado, alfabeto, consoantes e vogais’. (L. 2-3)	A18T3
a metodologia como ele ensinou a ortografia, o presente, o passado, o alfabeto, as consoantes e as vogais.	
‘ele explicaram bém com nós, ensinaram com na língua português’. (L. 10)	A18T5
Ele explicou bem para nós e ensinou em língua portuguesa.	

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

5.5 Observações sobre textualidade

Inicialmente, tinha-se como objetivo desenvolver um capítulo sobre questões de textualidade. Como informado no Capítulo 4, a análise dos textos resultou no levantamento de critérios para essa análise, conforme o Quadro 28. Esses critérios foram observados em todos os 73 textos dos graduandos Marúbo, dentre eles muito pouco são os que apresentam a tipologia e o gênero textual adequado ao que era solicitado. Como critérios de textualidade, embora não sejam os utilizados canonicamente, observou-se a pontuação, a acentuação gráfica, o uso de maiúsculas e minúsculas, o título do texto, a estrutura de texto. A princípio,

fizemos de modo exaustivo toda a análise, observando esses critérios nos textos e trazendo os exemplos em tabelas, como se observa nos apêndices dessa dissertação. Devido a massa de dados gerados e a dificuldade em analisá-los, acabamos optando por não apresentá-los nessa dissertação.

Quadro 28 - Problemas de adequação textual

Critérios	Ausência e uso inadequado da pontuação.
	Uso adequado/inadequado de letra maiúscula e minúscula.
	Texto com e sem espaçamento ente linhas após parágrafo.
	Presença/ausência de acentuação gráfica.
	Paragrafação adequada/inadequada.
	Textos com 20 a 30 linhas.
	Textos com poucas linhas.
	Textos com mais de 30 linhas.
	Não apresentam estruturas dos tipos de textos e de gêneros textuais.

Fonte: Maria Jaques e Sanderson Oliveira (jan. 2021)

A partir da observação desses critérios, foi possível observar que muitos graduandos Marúbo não apresentam familiaridade com questões básicas da elaboração textual ou do gênero específico que deveria ser observado. Havia inclusive algumas produções que poderiam não ser consideradas como textos, uma vez que não pareciam apresentar alguns fatores de textualidade como “situacionalidade”, “aceitabilidade” e “informatividade”, ou seja, não pareciam adequados à situação solicitada, não pareciam aceitáveis às pessoas a quem foram apresentados e era difícil depreender as informações contidas nos textos. Há que se observar que foram poucos textos assim e que parecem estar relacionados a uma baixa fluência em LP.

Dada a extensão desta dissertação, que acabou por resultar em um trabalho muito maior do que o inicialmente pensado, e considerando as observações da banca de qualificação, não fizemos uma análise mais pormenorizada e atenta das questões textuais, ficando o trabalho para uma pesquisa futura ou para ser apresentada em artigo independente. Entretanto, é importante ressaltar que se trata de pesquisa que nos parece frutífera e que, pelo pouco que conseguimos saber, ainda é escassa ou inexistente no campo do Português Indígena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Português Indígena é tema novo, complexo e um campo aberto a novas pesquisas, mas, dentro da perspectiva adotada nesta dissertação, considera-se que primeiramente é necessário partir de princípios da Linguística Descritiva e Contrastiva, dar atenção ao contexto histórico e linguístico da etnia, a qual se pretende estudar, para poder delimitar aquilo que se pretende, porque uma língua não revela somente traços linguísticos, mas a identidade e a história de um povo.

Os resultados apresentados neste trabalho surgiram da investigação dos aspectos estruturais do Português Marúbo e da contextualização da história do povo Marúbo, de seus aspectos culturais, e do contexto atual da etnia. Tomando essas informações, foi possível estabelecer o contraste dos aspectos da LM (L1) com a LP (L2), mas não com uma LP genérica e sim pensando na variedade utilizada na região em que os Marúbo vivem. A análise foi realizada a partir de 73 textos escritos por graduandos Marúbo, residentes em aldeias dos rios Ituí e Curuçá, no Vale do Javari, em Atalaia do Norte (AM).

A metodologia utilizada foi um tanto diversificada, considerando as mudanças que surgiram durante a pesquisa e o novo título que se apresentou mediante os desencontros do contexto pandêmico em que estamos vivendo nesse momento. Nossa pesquisa teve duas fases: a primeira iniciada antes da pandemia e a segunda, que manifestou mudanças naquilo que pretendíamos, mas houve aproveitamento de boa parte da pesquisa, no que diz respeito ao levantamento do contexto sociolinguístico e cultural do povo Marúbo.

No Capítulo 1 apresentamos uma base teórica sobre diversas áreas da Linguística envolvendo a Linguística Descritiva, assim como sobre aspectos específicos como a Linguística Contrastiva, a Análise Contrastiva, a Variação Linguística/Sociolinguística, o Contato Linguístico, a Aquisição e a Aprendizagem de segunda língua, o Bilinguismo/Multilinguismo, o Preconceito Linguístico, o Português falado/escrito no Amazonas, o Português Indígena no Amazonas, etc.

O Capítulo 2 registrou um panorama da vida dos Marúbo, a conservação da língua, da cultura e do seu modo de viver, alguns relatos sobre região - fronteira Peru e Brasil - desde a época da exploração do caucho, da borracha e da madeira e do marco histórico da formação do povo Marúbo. Isto só se tornou possível pelos trabalhos antropológicos realizados no Vale do Javari, especialmente, os de Melatti e Melatti (2005 [1975]), Welper (2009) e Cesarino (2008). Considerou-se ainda o relato da luta das mulheres para seguir seus estudos, descrito no texto de Nelly Duarte (2017), a qual conta os desafios e problemas por ela enfrentados

frente à tradição do seu povo, para continuar a sua trajetória como pesquisadora. Com a elaboração desse capítulo demos conta do nosso primeiro objetivo específico.

O Capítulo 3 foi dedicado aos procedimentos metodológicos e as especificidades dos procedimentos adotados na presente dissertação. Tratou-se do perfil dos colaboradores, apresentou-se os dados, o tratamento dado a eles, a maneira como se realizou sua “transcrição” e como os textos foram selecionados, identificados e nomeados. Sobre a questão metodológica, é importante ressaltar que, na presente pesquisa, foi feita a seleção, compilação, classificação e descrição dos casos de transferências/interferências dentro da fonologia, morfologia, morfossintaxe e sintaxe considerando a abordagem descritiva.

No Capítulo 4 temos a apresentação dos trabalhos sobre a Língua Marúbo, ilustrando alguns aspectos da gramática Marúbo elaborada por Kennel Jr. (1978) e um apanhado de temas apresentados nos trabalhos de Costa (1992 e 2000), trabalhos estes dedicados aos padrões rítmicos, à marcação de caso em Marúbo e aos aspectos da fonologia e da morfologia Marúbo,

O tratamento das análises dos dados de escrita do Português Marúbo verificado em nosso *corpus*, se apresenta no Capítulo 5, ponto principal desta dissertação e a concretização do nosso segundo e terceiro objetivos específicos. A investigação das características da LM exibidas na gramática Marúbo de Kennel Jr. (1978) nos permitiu contrastar com os aspectos do que se sabe sobre o Português falado/escrito no Alto Solimões para averiguação da transferência/interferência da L1 na L2. A importância desse contraste gerou a concretização dos objetivos pretendidos nesta pesquisa e uma caracterização do Português Marúbo (escrito).

Conforme as análises demonstradas no Capítulo 5 encontramos marcas linguísticas da Língua Marúbo no Português Marúbo, principalmente no que diz respeito à fonologia e à morfossintaxe. Na fonologia são claras as interferências que vimos como nos casos de lambdacismo e rotacismo, de alternância entre surdas e sonoras, de alternância entre vogais, entre outras. Com relação aos fenômenos da morfologia destacamos as trocas de itens lexicais, a segmentação da palavra, a junção de palavras, supressão de vogal e inserção de vogal no início de palavra. As marcas morfológicas são tão presentes nos textos escritos dos graduandos Marúbo quanto as marcas fonológicas, como é o caso da não concordância de número e de gênero, a omissão do artigo, a ausência de concordância verbal, a ausência de cópula, o uso inadequado de TAM, a ausência ou uso inadequado de preposições. De forma geral, é possível ainda afirmar que a influência da Língua Marúbo tende a ocorrer em fenômenos que são facilitados pelo Português Regional.

Dos fenômenos da sintaxe destacamos apenas algumas questões mais óbvias, como a inversão da ordem de elementos, mas a questão não foi aprofundada. Notou-se que as produções escritas dos graduandos parecem relacionar-se com a familiaridade que eles têm com o PB. Assim, encontramos frases agramaticais no PB, outras incompletas, mas de modo que ainda era possível recuperar o que, na verdade, eles desejariam comunicar. O não detalhamento dessas estruturas se deve, principalmente, ao não conhecimento da sintaxe da Língua Marúbo, pois não temos, até o momento, uma gramática mais abrangente da língua.

Concernente aos dados da textualidade – sobre as técnicas e características textuais e suas tipologias – também não realizamos uma exaustiva análise. Com o que foi observado, só é possível dizer que observou-se o uso inadequado de maiúsculas e minúsculas, a ausência e o uso inadequado da pontuação (vírgula, ponto e vírgula, ponto seguido...), a ausência de paragrafação, o espaçamento entre linhas sem necessidade, a ausência e o uso inadequado da acentuação gráfica, textos contendo 7 linhas e outros com mais de 50 linhas, etc. Verificou-se que muitos deles não dominam os gêneros textuais existentes (ou solicitados). Pelo comando dos exercícios a eles solicitados, nota-se que muitos, ao invés de elaborarem um texto dissertativo-argumentativo, acabaram produzindo um narrativo e, em vez de produzirem um texto explicativo – com início, meio e fim, a partir de frases instrucionais dadas pelo seu professor – alguns transformaram no gênero questionário. Portanto, apresentam características em um texto que pertence a outro tipo e, ao que parece, lhes faltam recursos para uma escrita fluente, embora acreditemos que a escrita dos graduandos Marúbo seja típica de um escritor de português como L2.

Cabe ressaltar que não nos ocupamos de analisar variáveis sociais conforme o que preconiza a sociolinguística, pois não foi possível acessar, por exemplo, a faixa-etária de cada um dos estudantes e nem o seu tempo de contato com a Língua Portuguesa. Ressaltamos que a pandemia da COVID-19 nos impediu de realizarmos o levantamento de dados *in loco* como seria o ideal nesse tipo de pesquisa.

A partir das informações sócio-históricas apresentadas e da observação das características do Português Marubo, podemos considerar que o Português Marúbo foi construído ao longo do processo de contato desse povo com os brasileiros não indígenas. Pela pesquisa realizada, primeiramente os Marúbo tiveram contato com comunidades peruanas. No entanto, o contato permanente com a sociedade (brasileira) envolvente e que segue até hoje, só se deu a partir do contato com os missionários da Missão Novas Tribos do Brasil, em 1952, e, posteriormente, com a FUNAI. Importante ressaltar que somente em 1985 é que o governo brasileiro projetou garantir a segurança aos indígenas com a demarcação da Terra Indígena

Vale do Javari, iniciando o processo de sua demarcação e homologação entre os anos de 1991 a 1993 e concluindo-o apenas nos anos 2000.

Ainda que não tenhamos investigado a questão sistematicamente, é possível considerar que o desenvolvimento do Português Marúbo não parece se dar por meio de educação formal, mas por meio da convivência e de práticas cotidianas de fala, embora haja escola e escolarização nas aldeias do povo. Nesse sentido, é muito importante haver mais trabalhos sobre a variedade regional da LP para que se possa aprofundar mais a análise aqui apresentada. De igual maneira, uma gramática de referência da LM também seria uma valiosa contribuição para análise futuras do Português Marúbo dentro da perspectiva por nós adotada. Por fim, uma etnografia da fala, observando os espaços de uso e os contextos em que a Língua Marúbo e o Português Marúbo são utilizados por esse povo também seriam uma contribuição importante.

Vale ressaltar que esse é um trabalho pioneiro nessa área da linguística, uma vez que não havia dados sobre o Português Marúbo até o presente. Inclusive, este é o único trabalho realizado, até o momento, sobre o português falado por uma das etnias que habitam o Vale do Javari. Ainda assim, cabe mencionar que trabalhos anteriores sobre o Português Indígena também nos serviram como inspiração e parâmetro (e. g. Bonifácio, 2019; BRAGGIO, 2015; FERREIRA e AMADO, 2014 e 2012; PIKANÇO E LUCHESI, 2020). Sobre os trabalhos anteriores, é importante observar ainda que alguns aspectos como a concordância nominal de número, de gênero e a concordância verbal parecem ser comuns às distintas variedades do que se vem convencionando chamar de “Português Indígena” em que ocorrem transferências de estruturas de uma língua (materna) a outra em aquisição (L2).

Por fim, dado o percurso muito singular desta pesquisa e o contexto em que se desenvolveu, cabe apenas mencionar que, apesar das intercorrências extraordinárias e dos muitos imprevistos que surgiram, além do pouco tempo para a concretização desta pesquisa esperamos que sirva de subsídio para outras pesquisas.

REFERÊNCIAS

AMADO, Rosane de Sá. **O português étnico dos povos Timbira**. PAPIA, São Paulo, 25(1), p. 103-119, jan/jun, 2005.

_____. **Português Segunda Língua: perspectivas para a pesquisa linguística e o ensino pluri- e intercultural**. PAPIA 22(2), p. 385-398, 2012. ISSN 0103-9415 e ISSN 2316-2767. Disponível em: <<http://www.revistas.fflch.usp.br/papia/article/view/1678>>. Acesso: fevereiro de 2021.

ANDRADE, Fabrícia. **Análise de erros em produção escrita em estudantes de inglês como língua instrumental**. Centro Federal de Educação e Tecnologia (CEFET – BA). Disponível em:<Microsoft Word - Fabricia Andrade pronto.doc (leffa.pro.br)>. Acesso: dezembro de 2020.

APARECIDA, Aparecida dos Reis Justo Barreto; Gladis Massini-Cagliari. **Rotacismo e lambdacismo no português: o processo de padronização ortográfica e as consoantes líquidas**. Revista Falange Miúda ISSN 2525-5169. Disponível em: <https://www.academia.edu/43871368/Rotacismo_e_lambdacismo_no_portugu...>. Acesso: agosto de 2021.

ARAÚJO, Gabriel Antunes. **O acento em português: abordagens fonológicas** / Gabriel Antunes de Araújo, organizador; Bernadete Albaurre... [et al.] – São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ATANAKA, Alessandra Haro. **Análises de erros resultantes da interlíngua de brasileiros aprendizes de espanhol como idioma estrangeiro/L2**. R-LEGO – Revista Lusófona de Economia e Gestão das Organizações, N° 5,2017. Disponível em:<<https://core.ac.uk/download/pdf/233633158.pdf>>. acesso: fevereiro de 2021.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: O que é, como se faz**. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1999.

_____. **A língua de Eulália : novela sociolinguística** / Marcos Bagno, 15. ed. — São Paulo: Contexto, 2006.

BARRETA, Juliana Maria. **A correção de erros, inimiga ou aliada? A Reescrita como Estratégia de Correção e de Conscientização na Produção Escrita de Aprendizes de Inglês como Língua Estrangeira**. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/2589/000322975.p...> . Acesso: janeiro de 2021.

BARRETO, Ricardo Gonçalves. **Ser protagonista : língua portuguesa, 3º ano : ensino médio** / Ricardo Gonçalves Barreto ... [et al.] ; organizadora Edições SM ; obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida por Edições SM ; editora responsável Andressa Munique Paiva. – 3. Ed. – São Paulo : Edições SM, 2016.

BASÍLIO, Margarida. **Teoria Lexical**. Editora Ática S. A. – São Paulo, 1987. ISBN 85 08 015178.

BATTISTI, Elisa. **A representação da nasal em coda silábica e os ditongos nasais do português**. XVII CONGRESO INTERNACIONAL ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE AMÉRICA LATINA (ALFAL 2014) João Pessoa - Paraíba, Brasil #1433. Disponível em: <www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R0819-1.pdf>. Acesso: agosto de 2021.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37ª, Edição Revista, ampliada e atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 2009.

BISOL, Leda (Org.) (1996). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 3ª ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

_____. **A nasalidade fonológica no português e suas restrições**. Disponível em <<https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/download/4050/...>>. Acesso: agosto de 2021.

BONIFÁCIO, Ligiane Pessoa dos Santos. **O Contato Linguístico Tikuna-Português no Alto Solimões-Amazonas**: um estudo sobre a variedade de Português falada por professores Tikuna. Universidade Federal do Rio de Janeiro - RJ, 2019.

BONILLA, Oiara e FRANCHETTO, do DR. **Entrevista com Nelly Duarte (Marubo) e Sandra Benites (Gguarani)**. Disponível em: <“Os antropólogos contam tudo errado! Nós somos as autoras das nossas falas.” - Geledés (geledes.org.br)>. Acesso: dezembro de 2020.

BULL, Paulo e TEIXEIRA, Rodolfo. **O saber local**: entrevista com Osmar Ye'kuana e nelly Marubo. Disponível em: <O saber local: entrevista com Osmar Ye'kuana e nelly Marubo - Bing>. Acesso: dezembro de 2020.

BRAGGIO, Sílvia L. B. **A variedade étnica Português Xerente Akwê: subsídios para a educação escolar indígena**. PAPIA, São Paulo, 25(1), p. 121-140, Jan/Jun 2015. Disponível em: <A variedade étnica Português Xerente Akwê: subsídios para a educação escolar indígena | Braggio | PAPIA - Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico (usp.br)>. Acesso: fevereiro de 2021.

CASTRO, Maria Guadalupe e Lídia Spaziani e Maria Célia Lima-Hernandes. **O português de contato falado pelos índios Kamayurás**. V.O Out/2001. Disponível em: <<https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/download/782/683>>. Acesso: fevereiro de 2021.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Análise Fonológica: Introdução à teoria e a prática, com especial destaque para o modelo fonêmico** / Luiz Carlos Cagliari. – Campinas, SP: Mercado de letras, 2002. – (Coleção idéias sobre linguagem).

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**/Louis-Jean Calvet; tradução Marcos Marcionilo. – São Paulo: Parábola, 2002.

CAMILO, Camilo Jaílton Martins dos Santos. **A realização da vogal /o/ em posição tônica no falar paulivense – zona rural (Amazonas)** / Camilo Jaílton Martins dos Santos, 2020.

MARCILENE, da Silva Nascimento Cavalcante. **Educação Intercultural: uma possibilidade para o desenvolvimento de formas educativas diferenciadas**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, 2013. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/8442_4520.pdf>. Acesso: maio de 2021.

CAVALCANTE C, Marilda. **Transculturalidade, linguagem e educação**. Marilda C. Cavalcante / Stella Maris Bortoni-Ricardo, (Orgs.). – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

CESARINO, Pedro de Niemeyer. **Babel da floresta, cidade dos brancos?** Os marubos no trânsito entre dois mundos. Novos Estudos – CEBRAP, N° 82 - São Paulo, 2008.

Cidade Brasil / **Microrregião do Alto Solimões**. Disponível em: <<https://www.cidade-brasil.com.br/microrregiao-do-alto-solimoes.html>>. Acesso: abril de 2021.

COELHO, J. **A influência indígena na Língua Portuguesa - Brasil**. T4945746, Minas Gerais, 2014. Classificação de conteúdo: seguro. Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/artigos/4945746>>. Acesso: setembro de 2020.

COELHO, Izete Lehmkuhl. **Sociolinguística** / Izete Lehmkuhl Coelho ... [et al.]. – Florianópolis : LLV/CCE/UFSC, 2010. 172 p.: 28 cm. Florianópolis, 2012. <<https://www.coursehero.com/file/52094613/172-Sociolinguística-UFSC...>>. Acesso: maio de 2021.

CORRÊA, Hydelvídia Cavalcante de Oliveira. **O falar do caboclo amazonense: aspectos fonéticos-fonológicos e léxicos semânticos de Itacoatiara e Silves**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro – Brasil, 1980.

CORDEIRO, Daisy. **Análise de erros na produção escrita de estudantes do PL2: uma abordagem sociocultural**. Domínios de Linguagem | Uberlândia | vol. 12, n. 2 | abr. – jun. 2018 ISSN 1980-5799. Disponível em: <Análise de erros na produção escrita de estudantes do PL2: uma abordagem sociocultural - Bing>. Acesso: dezembro de 2020.

CORDER, S. P. **Error Analysis, interlanguage and second language acquisition**. University of Edinburgh. 1975. Disponível em: <http://journals.cambridge.org/abstract_S0261444800002822>. Acesso: janeiro de 2021.

_____. **The significance of learner's errors**. IRAL, vol. 5, p. 161-170, 1967.

COSTA, Raquel Guimarães Romankevicius. **Padrões rítmicos e marcação de caso em marubo (pano)**. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 1992. Dissertação de Mestrado em Linguística.

_____. **Aspectos da Fonologia Marubo (Pano): uma visão não-linear**. UFRJ. Rio de Janeiro, 1º semestre de 2000.

_____. **Aspects of ergativity in Marubo (Panoan)**. Museu Nacional/UFRJ - JOURNAL OF AMAZONIAN LINGUISTICS, 2000.

_____. **Interações entre restrições em Marubo (Pano)**. Revista da ABRALIN, vol. 1, nº 1, p. 11-34, julho de 2002.

CHRISTINO, Beatriz e COSTA, João Pedro Peres. **“Só isso que é meu ideia”**: fórmulas de fechamento como uma particularidade discursivo-interacional do Português Kaxinawá. Revista de Linguística Antropológica, 2020. Disponível em: <“Só isso que é meu ideia”: fórmulas de fechamento como uma particularidade discursivo-interacional do Português Kaxinawá - Bing>. Acesso: dezembro de 2020. Falta pegar o site

CRUZ, M. L. de C.. **Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM**. Rio de Janeiro: UFRJ, Tese de Doutorado em Letras Vernáculas. 2 sem. 2004.

Centro de Trabalho Indigenista – CTI. **Informe sobre a Saúde na Terra Indígena Vale do Javari**. CTI, 2010. Disponível em: <CTI documento_saúde_javari_final (survivalinternational.org)>. Acesso: junho de 2019.

DÊBORA SILVA, Maria dos Santos Castro. **Hipercorreção e o imaginário de “correção” de língua**. Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013. Disponível em: <www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel20...>. Acesso: maio de 2021.

DUARTE, Nelly. **Minha vida como estudante no mundo dos brancos**. Rev. antropol. (São Paulo, Online) | v. 60 n. 1: 35-46 | USP, 2017.

DRYER, Matthews S. **Descriptive theories, explanatory theories, and Basic Linguistic Theory**. Disponível em: <http://udel.edu/~pcole/fieldmethods2010/CatchingLanguageFelixKAmekaAlanCharlesDenchNicholasEvans2006book/>. Acesso: março de 2021.

ERIKSON, Philippe. **História dos índios do Brasil** / Organização Manuela Carneiro da Cunha. 1ª edição – Editora SCHWARCZ, São Paulo – SP, 1992.

EVERETT, Daniel L. **Linguagem: a história da maior invenção da humanidade** / Daniel L. Everett; tradução de Maurício Resende. – São Paulo: Contexto, 2019.

_____ e Izete Lehmkuhl Coelho. **Uma abordagem sociolinguística da concordância nominal de número no falar dos moradores do município de Fonte Boa (Amazonas)** / Flávia Santos Martins e Izete Lehmkuhl Coelho. Doi: <http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2019v16n4p4097>. 2020.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FERNÁNDEZ, Yamilka Rabasa. **A presença de erros na interlíngua de estudantes brasileiros aprendizes de Espanhol**. Disponível em: <<https://www.bing.com/search?q=A+presença+de+erros+na=interlíngua+de+estudantes+brasileiros+aprendizes+de+Espanhol&cvid=5610a68be71442e48b51d9ab2bc8aaf8&pgl+43&FORM=annta1&PC=SMTS>>. Acesso: dezembro de 2020.

FERREIRA, Rogério Vicente; Rosane de Sá Amado; Beatriz Protti Cristiano. **Português Indígena: novas reflexões**. Rogério Vicente Ferreira, Rosane de Sá Amado e Beatriz Protti Cristiano (Orgs.). in book: *Português Indígena: novas reflexões* (pp. 52-71), 2014. Disponível em: <http://www.researchgate.net/profile/RodrigoMesquita5/publication/299604978_ASPE> Acesso: setembro de 2020.

FERREIRA, Vitória Regina Spanghero. **Língua Matís (Pano): uma análise fonológica**. Campinas UNICAMP, 2000. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/268998/1/Ferreira_VitoriaReginaSpanghero_M.pdf>. Acesso: setembro de 2020.

FIGUEIREDO, F. J. Q. **Pesquisas sobre a escrita em LE/L2: algumas considerações temáticas e metodológicas**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRAPUI, 1., 2007, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: UFMG, 2007. p. 1-12. Disponível em: <[franciscoquaresma - pesquisas sobre a escrita \(leffa.pro.br\)](http://franciscoquaresma-pesquisas-sobre-a-escrita-leffa.pro.br)>. Acesso: janeiro de 2021.

_____. **Aprendendo com os erros: uma perspectiva comunicativa de ensino de línguas**. 2. ed. rev. e aum. Goiânia: Editora da UFG, 2002.

FONSECA, Ana Maria Hernandez da. **Tempo, Aspecto, Modo / Modalidades (TAM) na expressão de futuridade**. ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, São Paulo, 39 (1): p. 45-58, mai.-ago. 2010. Disponível em: <Microsoft Word - EL_39_vol_1_20jul10_paginado_com rodape_vITO_.doc (hospedagemdesites.ws)>. Acesso: julho de 2021.

FORTES, Melissa S. **Análises de erros em textos escritos em Português/Língua Estrangeira**. Disponível em: <[Análise de erros de textos escritos em Português/Língua Estrangeira \(ufrgs.br\)](http://analise-de-erros-de-textos-escritos-em-portugues-lingua-estrangeira.ufrgs.br)>. Acesso: dezembro de 2020.

FOLHA DE SÃO PAULO. Disponível em: <<https://sustentabilidade.estadao.com.br/noticias/geral,mineracao-em-terras-indigenas-poe-em-risco-indios-isolados-diz-lideranca-indigena,70003072690>>. Acesso: setembro de 2020.

FOLHA UOL. <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/04/funai-localiza-34-indios-isolados-e-reduz-tensao-na-fronteira-entre-brasil-e-peru.shtml>>. Acesso: agosto de 2020.

FUNASA. **A população Marubo 2016**. Disponível em: <<https://culturasindigenasdobrasil.blogspot.com/2013/04/marubo.html>>. Acesso: março de 2020.

FLUTUANTE, Samanta. **Como aprender o sotaque baiano**. 2016. Disponível em: <<https://educacao.umcomo.com.br/artigo/como-aprender-o-sotaque-baiano...>>. Acesso: julho de 2021.

FRIES, Alana. **Multilingual Brazil: Language Resources, Identities and Ideologies in a Globalized World**. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 9, n. 2, p. 513-520, maio-ago/2019. Disponível em: <www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/download...>. Acesso: maio de 2021.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. **Morfologia** / Carlos Alexandre Gonçalves: [coordenação] Tommaso Raso, Celso Ferrarezi Jr. – 1. ed. – São Paulo: parábola, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Atalaia do Norte** – IBGE cidades 2016. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/atalaia-do-norte/panorama>. Acesso em: jul de 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE.

Brasil/Amazonas/Atalaia do Norte. Disponível em:

<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/atalaia-do-norte/panorama>>. Acesso: agosto de 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Histórico de Atalaia do Norte** - IBGE, 2017. Disponível em:

<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/atalaia-do-norte/historico>>. Acesso: julho de 2020.

_____. IBGE (1990). **Divisão regional do Brasil em mesorregiões e microrregiões geográficas, 2018**. Disponível em: <Lista de mesorregiões e microrregiões do Amazonas – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org)>. Acesso: maio de 2020.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL – ISA (2018). **Povos indígenas do Brasil**. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Marubo>>. Acesso: 17 de março de 2020.

Juruá Online. **Para aprender português, tribo indígena vive em área de periferia no município de Guajará**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ujALl6xI6-E>>. Juruá Online, 2018. Acesso: maio de 2020.

KARWOSKI, Acir Mário, Beatriz Gaydeczka, Karim Siebeneicher Brito (organização); Luiz Antônio Marcuschi... [et al.]. **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. – 4. Ed. – São Paulo : parábola Editorial, 2011.

KENNEL Jr., Geraldo Raymnd. **Descrição da gramática e da fonêmica de marubo**. Puraquequara - AM, 22 de junho, 1978.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos** / William Lavob; tradução Marcos Bagno, Maria Pereira Scherre. Caroline Rodrigues Cardoso. -São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

LADO, Robert. *Linguistics across cultures: applied linguistics for language teachers*. Editora: University of Michigan Press, 1957.

LAKATOS, Eva Maria; Marcolí, Mariana de Andrade. **Técnica de Pesquisa**; 6 Ed. 3º Reimpressão. São Paulo, Editora Atlas, 2009.

_____. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas S.A., 1991.

LEITÃO, Mateus. **Índigena que se formou em direito e teve seguidas vitórias na justiça**. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/matheus-leitao/o-indigena-que-se-formou-em-direito-e-teve-seguidas-vitorias-na-justica/>>. Acesso: agosto de 2020.

LUCCHESI, D., BAXTER, A., and SILVA, JAA. **A concordância verbal**. In: LUCCHESI, D., BAXTER, A., and RIBEIRO, I., orgs. O português afro-brasileiro. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 331-371. ISBN 978-85-232-0875-2. Available from SciELO Books.

LUCCHESI, Dante; Hellen Picanço. **Análise sociolinguística da variação na concordância nominal de gênero no português indígena sateré-mawé da Amazônia**. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7831418.pdf>>. Acesso: julho de 2021.

LYONS, Jhon. **Linguagem e Linguística: uma introdução**. Tradução: Marilda Winkler Averbugue e Clarisse Sieckenius de Souza. Guanabara Koogan S.A – Rio de Janeiro, R.J, 1981.

MAHER, Terezinha de Jesus Machado. **Políticas Linguísticas e Políticas de Identidade: currículo e representações de professores indígenas na Amazônia ocidental brasileira**. Currículo sem Fronteiras, v.10, n.1, pp.33-48, Jan/Jun 2010. Disponível em: <www.curriculosemfronteiras.org/vol10iss1articles/maher.pdf>. Acesso: setembro de 2019.

MAPA do Vale do Javari. Disponível em: <<https://cimi.org.br/wp-content/uploads/2018/04/MAPA-TI-VALE-DO-JAVARI-FUNA>>. Acesso: junho de 2019.

MAPA da microrregião alto Solimões. Disponível em: <<http://sit.mda.gov.br>>. Acesso: junho de 2019.

MARCUSCHI, L. A. (2008). **Produção textual: análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 296p. ISBN 978-85-88456-74-7.

MARTINS, Flávia Santos. **Uma abordagem sociolinguística da concordância nominal de número no falar dos habitantes do município amazonense de Benjamin Constant** / Flávia Santos Martins. Work. pap. linguíst., n.esp.: 45-56, Florianópolis, 2010. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/fe91/ebe8434683eeae35e3dacf8e3ec64dc431.pdf>. Acessado: agosto de 2019.

_____. **Variação na concordância nominal de número na fala dos habitantes do alto Solimões (Amazonas)** / Flávia Santos Martins. Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis – Santa Catarina, 2013.

_____. **Uma reflexão sobre a variação na concordância nominal de número na fala dos habitantes do alto Solimões (Amazonas/Brasil)** / Flávia Santos Martins. Gallæcia. Estudos de lingüística portuguesa e galega Universidade de Santiago de Compostela, 2017. ISBN 978-84-16954-41-4, pp. 499-527 DOI <http://dx.doi.org/10.15304/cc.2017.1080.27>.

MARTINS, Rosemari Lorenz. **Influências interlinguísticas do hunsrückisch na escrita em português brasileiro por crianças bilíngues do 1º, 2º e 3º ano do Ensino Fundamental da cidade de Morro Reuter/RS**. Organon, Porto Alegre, v. 30, n. 58, p. 109-125, jan/jun. 2015. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/organon/article/download/51989/34330>> Acesso: janeiro de 2021.

MATTOSO CÂMARA, Joaquim Jr. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Joaquim Mattoso Câmara Jr. 21ª Edição - Editora Voze Ltda. Petrópolis - RJ, 1992.

_____. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Joaquim Mattoso Câmara Jr. 363 Edição Ôi Editora y Vozes. Petrópolis 2004.

MELATTI, D. M. e Melatti, J. C (2005 [1975]). **Relatório sobre os índios marubo**. Brasília, 2005.

_____. **A maloca marubo: organização do espaço**. Revista De Antropologia, (29), 41-55, 1986. Disponível em: <www.revistas.usp.br/ra/article/view/111142>. Acesso: março de 2020.

MELATTI, J. C. (2018). **Os padrões Marubo**. *Anuário Antropológico*, 8(1), 155-198. Recuperado de <<https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6306>>.

MESQUITA, Rogério Vicente Rodrigo & MENEZES, Adriane Melo de Castro. **Português Indígena: novas reflexões**. LIAMES 16(2): 361-366 - Campinas, Jul./Dez. – 2016.

MINERO, Sonia Izquierdo & Gregorio Pérez de Obanos Romero. **Estrategias de reflexión contrastiva para la clase de ELE**. Sonia Izquierdo Merinero (Instituto Cervantes de São Paulo) Gregorio Pérez de Obanos Romero (Instituto Cervantes de São Paulo). São Paulo, 2006. Disponível em: 52_izquierdo-perez.pdf (cervantes.es). Acesso: fevereiro de 2021.

MIRANDA, Jacinto da Veiga. **O erro, uma análise necessária: sua implicação no ensino da Língua Portuguesa em Cabo Verde**. Universidade de Lisboa – Faculdade de Letras, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/10053/1/ulfl148010_tm.pdf>. Acesso: janeiro de 2021.

MONSERRAT, Ruth Maria Fonini. **O que é ensino bilíngue: a metodologia da gramática contrastiva. Pontos de vista: o que pensam outros especialistas**. Brasília, 1994. Disponível em: <rbepold.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/1973/1942>. Acesso: dezembro de 2020.

MONTEIRO, José Lemos. **Morfologia Portuguesa / José Lemos Monteiro**. 4ª edição revista e ampliada. – Campinas: Pontes, 2002.

NASCIMENTO, Joseney Lira do. **Projeto de prevenção ao cólera no Vale do Javari – AM**. Benjamin Constant, 1992.

NAKAMURA, Rafael. **Vale do Javari: maior concentração de isolados do mundo**. Edição 1, 2015. Disponível em: <<https://boletimisolados.trabalhoindigenista.org.br/2015/12/09/vale-do-javari-maior-concentracao-de-isolados-no-mundo/>>. Acesso: julho de 2020.

NEVES, Irison Rodrigues. **Atividades de assessoria à Organização das Aldeias Marubo no Rio Ituí (OAMI) para a realização de levantamento junto aos Marubo nas aldeias nos rios Ituí e Curuçá e nas cidades de Guajará e Cruzeiro do Sul (na região do alto Juruá, entorno da TI Vale do Javari)**. Tabatinga - AM, 2017.

_____. **Um levantamento das famílias do povo Marúbo na bacia do Javari**. 2020.

NOSSA, Leonencio & Milanez F. **Vale do Javari**, 2015. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Terra_Ind%C3%ADgena_do_Vale_do_Javari. Acessado em 5 de agosto de 2019.

NOVAK, Maria da Glória e Luiza Neri. **Problemas de Linguística Geral**: Tradução de Maria da Glória Novak e Luiza Neri: Revisão do professor Isaac Nicolau Salum. São Paulo, 1976.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa** /Maria Marly de Oliveira. 4. ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2012.

OLIVEIRA, Sanderson Castro Soares. **Preliminares sobre a fonética e a fonologia da língua falada pelo primeiro grupo de índios Korúbo recém-contatados**. Brasília/DF, 2009.

_____. **Contribuições para a reconstrução do Protopáno**. Brasília: Universidade de Brasília. (Tese de Doutorado), 2014.

PEIXOTO, Jaqueline dos Santos. **O contato do português com as línguas indígenas brasileiras**: considerações sobre o desenvolvimento de L2. Revista Brasileira de Revista Antropológica, 2020. Disponível em: <O contato do português com as línguas indígenas brasileiras: Considerações sobre o desenvolvimento de L2 | Semantic Scholar>. Acesso: dezembro de 2020. Falta pegar a referência

PERINI, Mário A. **Gramática Descritiva do Português**. Editora Ática. 4ª edição, 8ª impressão. São Paulo – SP, 2005.

_____. **Sintaxe** / Mário Alberto Perini: editores científicos Tomamaso Raso, Celso Ferrarezi Jr. – 1. ed. – São Paulo: Parábola, 2019.

PINTO, Erick Marcondes da Silva. **Aspectos sociolinguísticos da palatização de /S/, /D/, /T/ e /L/ do português brasileiro**. Universidade Estadual do Amazonas, Parintins, 2017. Disponível em: <Aspectos sociolinguísticos da palatização de S, D, T e L do português brasileiro..pdf (uea.edu.br)>. Acesso: julho de 2021.

POPPER, Karl R. **A lógica da pesquisa científica**. Tradução de Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. Editora Cultrix. Ed. 18 - São Paulo, SP, 2012.

Povos Indígenas do Vale do Javari e o perfil sociodemográfico na cidade de Atalaia do Norte - - AM/ Núcleo de Estudos Socioambientais da Amazônia. - Manaus – AM. Editora: UEA, UFAM, 2020.

Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia Intercultural Indígena - PAFOR/UEA Vale do Javari – Atalaia do Norte. Escola Normal Superior. Núcleo docente estruturante, 2017.

REIS, Rodrigo Braga & Darcy Marubo. **Os Brasis e suas memórias**. Biografia de Darcy Marubo: Peña, o espírito do pássaro falante dos povos indígenas da Amazônia. Disponível em: <<https://osbrasisesuasmemorias.com.br/biografia-darcy-marubo>>. Acesso: março de 2019.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. **Línguas indígenas brasileiras**. Laboratório de Línguas Indígenas da UnB. Laboratório de Línguas Indígenas – IL /UnB, Brasília, 2013.

ROBERTO, Tania Mikaela Garcia. **Fonologia, fonética e ensino: Guia introdutório** / Mikaela Roberto. 1. Ed. – São Paulo: Parábola Editora, 2016.

SILVA, Thais Cristófar. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudo e guia de exercício**. 6 ed. – São Paulo: contexto, 2002.

SAMPAIO, Wany Bernadete de Araújo, Julie Estefane Dorico Peres e Maria de Fátima Marques da Cunha. **Manifestações da L1 nos processos de aquisição-aprendizagem da L2 na formação de professores indígenas**. Revista Vozes dos Vales da UFVJM: Publicações Acadêmicas – MG – Brasil – Nº 02 – Ano I – 10/2012 Reg.: 120.2.095–2011 – PROEXC/UFVJM – ISSN: 2238-6424 – www.ufvjm.edu.br/vozes. Disponível em: <<https://silo.tips/download/manifestacoes-da-l1-nos-processos-de...>>. Acesso em: fevereiro de 2021.

SANTOS, Onilma Freire dos. **Análise Contrastiva: uma ferramenta para subsidiar o ensino-aprendizagem de espanhol no Brasil**. Selimel – Seminário Nacional Sobre o Ensino de Língua Materna, Estrangeira e de Literatura. 2011. Disponível em: <(99+) (PDF) ANÁLISE CONTRASTIVA UMA FERRAMENTA PARA SUBSIDIAR O ENSINOAPRENDIZAGEM DE ESPANHOL NO BRASIL | Onilma Freire - Academia.edu>. Acesso: janeiro de 2021.

SAUSSURE, Ferdinand de, 1857-1913. **Curso de Linguística Geral / Ferdinand de Saussure**: organizado por Charles Baliy, Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger; prefácio de edição brasileira Issac Nicolau Salum; tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. – 27. Ed. – São Paulo : Cultrix, 2006.

SOUZA, Juliana Chaves e Amado, Rosane de Sá Amado. **Português como segunda língua entre os índios Timbira: elementos dificultadores na aquisição verbal**. ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, São Paulo, 40 (2): p. 595-602, mai-ago 2011. Disponível em: <<https://revistadogel.emnuvens.com.br/estudos-linguisticos/article...>>. Acesso: fevereiro de 2021

STOCCO, Nina. **O que é bilinguismo. Sproutly/Bilinguismo para todos**. Disponível em: <O que é bilinguismo? – Sproutly – Educação Bilíngue para Todos>. Acesso: fevereiro de 2021.

TELLES, Stella. **Consoante nasal pos-vocálica no latundê e no português do Brasil**. Disponível em:<www.scielo.edu.uy/pdf/ling/v35n1/2079-312X-ling-35-01-167.pdf>. Acesso: agosto de 2021.

TORRE, Manoel Gomes da. **Uma análise de erros: contribuição para o ensino da língua inglesa em Portugal**. Volume I. Universidade de Porto – Porto/Portugal, 1985. Disponível em: <Uma análise de erros: contribuição para o ensino da língua inglesa em Portugal. Volume I. - Bing>. Acesso: dezembro de 2020.

TURATO, ER. **Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas de saúde e humanas**, Petrópolis: Vozes, 2003.

UNIVAJA. Disponível em: <<https://univaja.com/marubo/>>. Acesso: agosto de 2020.

VALENZUELA, Pilar e Antoine Guillaume. **Estudios sincrónicos y diacrónicos sobre lenguas Pano y Takana**: uma introducción. *Amerindia* 39 (1): 1-49, 2017.

VILLALVA, Alina & Edson Rosa de Souza. **Estudos de Morfologia**: recortes e abordagens / organização Alina Villalva, Edson Rosa de Souza. – Campinas: Mercado de Letras, 2008.

WEEDWOOD, Barbara. **História Concisa da Linguística** / Barbara Weedwood; [trad.] Marcos Bagno. – São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

WEINREICH, Uriel. **Languages in contact**: Finding and problems. New York, Linguistic Circle of New York, 1953.

_____. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. Uriel Weinreich, William Labov, Marvin I. Herzog; Tradução de Marcos Bagno; revisão técnica Carlos Alberto Faraco; posfácio Maria da Conceição A. de Paiva; Maria Eugênia L. Duarte. São Paulo : Parábola Editorial, 2006.

WELPER, Elena Monteiro. **O mundo de João Tuxaua**. (Trans)formação do povo Marubo. Elena Monteiro Welper. Rio de Janeiro, PPGAS – MN /UFRJ, 2009.

APÊNDICE A - ANÁLISE DOS TEXTOS SOBRE “INTERFERÊNCIA/ TRANSFERÊNCIA” PORTUGUÊS/MARÚBO

Transferências/Interferências Fonológicas

Alternância <e> ~ <i>

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
Uso do <e> por <i>	‘ Descrimino alguns os conteúdos abaixo’. (L. 4)	A1T3
	Discrimino alguns dos conteúdos abaixo.	
Uso do <e> por <i>	‘Isso que as lideranças indígenas preorisam ’. (L. 16)	A3T3
	Isso que as lideranças indígenas priorizam.	
Uso do <e> por <i>	‘Sobre a presedência da Funai’. (L. 1)	A4T2
	Sobre a presidência da FUNAI.	
Uso do <e> por <i>	‘Atualmente o presedente da Fundação nacional do índio indicado nós não gostamos’. (L. 2)	A4T2
	Nós não gostamos da indicação do atual presidente da FUNAI.	
Uso de <e> por <i>	‘Para conhecer nossos língua sentaxe ’. (L. 5)	A4T5
	Para conhecer a sintaxe da nossa língua.	
Uso de <e> por <i>	‘Apresentamos assim cada partir ’. (L. 14)	A5T3
	Apresentamos assim cada parte.	
Uso de <e> por <i>	‘Quando nós terminamos o nosso seminário , apresentamos cada entividual’. (L. 12)	A5T3
	Cada um tivemos uma fala individual no seminário.	
Uso de <e> por <i>	‘apresentamos cada entividual ’. (L. 13)	A5T3
	Apresentamos fala individual.	
Uso de <e> por <i>	‘Não tevemos interesse em apoio-los’. (L. 17)	A6T2
	Não tivemos interesse em apoiá-los.	
Uso de <e> por <i>	‘O general peternelli assumiria presedência ’. (L. 1)	A7T2
	O general Peternelli assumiria a presidência.	
Uso de <e> por <i>	‘Eu tenha muito dificuldades’. (L. 1)	A7T3
	Eu tinha muitas dificuldades.	
Uso de <e> por <i>	‘Na aldeia muitos crianças muitos jovens muitas as mininas ’. (L. 15)	A9T1
	Na aldeia tem muitas crianças, jovens e meninas.	
Uso de <e> por <i>	‘Esses políticos do estão querendo o cargo de presidente do FUNAI. Tem enteresse nessa pasta’. (L. 9)	A9T2
	Esses políticos estão querendo o cargo de presidente da FUNAI. Eles têm interesse nessa pasta.	
Uso de <e> por <i>	‘a língua taé ’. (L. 6)	A10T1
	A língua está aí.	
Uso de <e> por <i>	‘partido social cristão (PSC) e o pastor Everaldo Pereira estão interessados na presidência da Funai’. (L. 3-4)	A10T2
	O partido Social Cristão (PSC) e o pastor Everaldo Pereira estão interessados na presidência da FUNAI.	
Uso de <e> por <i>	‘Pois eles não querem dermarcar as terras indígenas para tirar meniração ’. (L. 12)	A10 T2
	Pois eles não querem demarcar as terras Indígenas para tirarem mineração.	
Uso de <e> por <i>	‘[...] a minha deveculdade fala em língua portuguesa’. (L. 5)	A10T3
	[...] a minha dificuldade é de falar a Língua Portuguesa.	
Uso de <e> por <i>	‘pelo nosso trabalho vezemos juntos em grupo’. (L. 10)	A10T3
	Fizemos o nosso trabalho junto, em grupo.	
Uso de <e> por <i>	‘O indicado nas foi presédente ele era presidente interino’. (L. 6)	A12T2
	O indicado não foi presidente, ele era presidente interino.	

Uso de <e> por <i>	‘o português e difecio ’. (L. 3) O português é difícil.	A12T3
<e> por <i>	‘[...] nós indígenas dificuldade em muito ainda. Saber porque nos mesmos fazer carta, documento para autulidade como. Funai, sesai, prefeito, governo e presendente ’. (L. 11) [...] nós indígenas temos muitas dificuldades ainda. Nós mesmos queremos aprender para fazer carta, documento para, FUNAI, SESAI, e às autoridades como, prefeito, governo e presidente.	A14T3
<e> por <i>	‘ esprecação do professor [...]’. (L. 3) A explicação do professor [...].	A14T5
<e> por <i>	‘[...] ele é formado com a línquestica ’ L. 13 [...] ele é formado em Linguística	A16T5
<e> por <i>	‘Melhoria da informes da A língua indígenas. Nós professores conhecir cada etnia aprendendos’. (L. 10) Nós professores conhecemos cada etnia e aprendemos sobre a estrutura das suas línguas.	A17T4
<e> por <i>	‘a minha preocupação é com o nosso território e as requizas ’. (L. 19) A minha preocupação é com o nosso território e com as riquezas.	A16T2

Alternância <i> ~ <e>

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
Uso do <i> por <e>	‘[...] continua na mesma situação, no maior problima ’. (L. 22) [...] continua na mesma situação, no maior problema.	A3T2
Uso de <i> por <e>	‘Está licionando Fundamental’. (L. 2) Está lecionando no Ensino Fundamental.	A7T1
<i> por <e>	‘na próxima Itapa volta professor ensinar mais em Português’. (L. 7) Na próxima etapa o professor volta a ensinar mais português.	A18T3
Uso de <i> por <e>	‘[...] eles não querem dermarcar as terras indígenas para tirar meniração ’. (L. 12) [...] eles não querem demarcar as Terras Indígenas para tirarem mineração.	A10T2
<i> por <e>	‘Eles contribuin para indígenas’. (L. 47) Eles contribuem para com os indígenas.	A17T2
<i> por <e>	‘Pouco mas foi milhoria ’. (L. 26) Tive pouca melhoria.	A17T3
<i> por <e>	‘As pessoas sovia e logem da aldeia Assim que aprindir sonora’. (L. 26) As pessoas assobiando de longe da aldeia, assim foi que aprendi as sonoras.	A17T3

Alternância <u> ~ <o>

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
Uso de <u> por <o>	‘O professor Sanderson fui muito legal para mim’. (L. 2) O professor Sanderson foi muito legal para mim.	A3T2
Uso de <u> por <o>	‘Abordando as considerações atuais sobre os sabere nu sentido concreto como conjunto de valores’. (L. 38) Abordando as considerações atuais sobre os saberes no sentido concreto como conjunto de valores.	A5T3
Uso de <u> por <o>	‘Outros na nossa refeiturio também vão voltando’. (L. 15) Outros que estavam no nosso refeitório foram voltando à sala de aula.	A9T4

<u> por <o>	‘[...] nós indígenas dificuldade em muito ainda. Saber porque nos mesmos fazer carta, documento para autulidade como. Funai, sesai, prefeito, governo e presendente’. (L. 11)	A14T3
	‘[...] nós indígenas temos dificuldades ainda, queremos aprender mais para nós mesmos fazermos carta, documento para a FUNAI, SESAI e para as autoridades como, prefeito governo e presidente.’	

Alternância <o> ~ <u>

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
Uso de <o> por <u>	‘algumas assuntos que e aprendei, nesta curso vou continuar aproximimo modolo ’. (L. 10)	A4T5
	Alguns assuntos que eu aprendi neste curso vou continuar no próximo módulo.	
Uso de <o> por <u>	‘Eu morava na comunidade paulinho depois eu modei ’. (L. 5)	A8T1
	Eu morava na comunidade Paulinho, depois mudei	
Uso de <o> por <u>	‘eu morava na comunidade paulinho depois eu modei pra outro aldeia’. L. 3	A8T1
	Eu morava na comunidade Paulinho, depois eu mudei-me para outra aldeia.	
Uso de <o> por <u>	‘Sou de rio curoca ’ L. 5	A10T1
	Sou do Rio Curuçá	
<o> por <u>	‘Quando mato uma csa granti chamo todo mondo ’. (L. 8-9)	A12T1
	Quando mato uma caça grande chamo todo mundo.	
<o> por <u>	‘Outras també padrão comunidade Dono da língua. focionamentos ’. (L. 14)	A18T4
	A comunidade tem o padrão de funcionamento da sua língua.	

Alternância <a> ~ <o>

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
Uso de <a> por <o>	‘Não quero a valta dos missionários’. (L. 20)	A9T2
	Não quero a volta dos missionários.	
Uso de <a> por <o>	‘la no rio bardo eu regramei’. (L. 11)	A3T2
	Lá no rio, a bordo, eu reclamei.	
Uso de <a> por <o>	Os povos indígenas da Amazonas não querem que ele administro como presidente da Funai’. (L. 22)	A18T2
	Os povos indígenas do Amazonas não querem que ele administre como presidente da FUNAI.	

Alternância <o> ~ <a>

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
<o> por <a>	‘Assim que oprendi e falar na frente de pessoa’. (L. 16)	A16T3
	Assim que aprendi a falar na frente de pessoas.	
<o> por <a>	‘O meu pai que vive na oldeia rio novo’. (L. 4)	A16T1
	O meu pai vive na aldeia Rio Novo.	
<o> por <a>	‘minha aldeia fica na imagem esquerdo e fica no barranco alto’. (L. 10)	A8 T1
	A minha aldeia fica na margem esquerda, num barranco alto.	
<o> por <a>	‘A minha oldeia e rio novo’. (L. 5)	A16T1
	A minha aldeia é Rio Novo.	

Alternância <e> ~ <é>

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
Uso de <e> por <é>	‘Eu percebei que você e uma Pessoa Profissional e muito Capacitado para isso’. (L.11)	A6T4
	Eu percebi que você é uma pessoa profissional e muito capacitada para isso.	

Alternância <e> ~ <o>

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
<e> por <o>	‘Quando foi 03 de junho ele foi exenerado ’. (L. 10)	A12 T2
	Quando foi 03 de junho ele foi exonerado.	
<e> por <o>	‘Eu sougosto de estudo de português’. (L. 13)	A17 T1
	Eu só gosto do estudo de português.	

Inserção de <l>

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
Inserção de <l>	‘a sua explicação foi muito óltimos para aminha vida cotidiano’. (L. 12)	A5T5
	A sua explicação foi muito ótima para a minha vida cotidiana.	
Inserção de <l>	‘A minha oldeia e rio novo’. (L. 5)	A6T1
	A minha aldeia é Rio Novo.	

Supressão de consoantes

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
Supressão de <m>	‘Outras també padrão comunidade dono da língua. Foicionamentos’. (L. 19)	A17T4
	A comunidade tem o padrão de funcionamento da sua língua.	

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
Supressão de <s>	‘Na perspectivo dos povos indígenas do Vale do Javari [...]’. (L. 2)	A3T2
	Na perspectiva dos povos indígenas do Vale do Javari [...].	

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
Omissão de <n>	‘Eu apretendo e algumas palavras’. L. 5	A9T3
	Estou aprendendo algumas palavras.	
Omissão de <n>	‘ O curso e aprendei, um pocos’. (L. 7)	A4T5
	No curso eu aprendi um pouco.	
Omissão de <n>	‘Você oriedados Pra nós’. (L. 19)	A17T4
	Você foi orientando para nós.	

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
Omissão de <t>	‘Em eles pensando, o povo Indígena A juntar Mas ennão Porque nen quem no podem A chou da nada em três dias Eles. Foi para Brasília’. (L. 7)	A18T2
	Eles pensaram em o povo indígena se juntar... então porque se juntaram em três dias chegaram em Brasília.	

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
Supressão de <r>	‘Nesta ocasião que ocorreão a troca ou a mudança da presidência da República, não tivemos interesse em apoia-los’. (L. 17)	A6T2
	Nesta ocasião em que ocorreram a troca ou mudança da presidência da República não tivemos interesse em apoiá-los.	

Supressão de vogais

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
Supressão do <a>	‘Eu prenti um poco’. (L.11)	A4T5
	Eu aprendi um pouco.	
Supressão do <a>	‘Quando mato uma csa Granti chamo todo mondo para comer junto unido’. (L. 9)	A12T1

	Quando mato caça grande chamo todo mundo para comer junto, unido.	
Supressão do <a>	‘Quando fica perto da queixda nós Fazer o qesto [...]’. (L. 11)	A17T3
	Quando ficamos perto da queixada nós fazemos o gesto.	
Supressão do <a>	‘eu tenho postilha ’. (L. 12)	A9T3
	Eu tenho apostila.	

Monotongação pela supressão de <u>

Classificação	Transferência/interferência	Texto
Supressão do <u>	‘O curso e aprendei, um pocos ’. (L. 7)	A4T5
	No curso eu aprendi um pouco.	
Supressão do <u>	‘Fiz projetos de hidrelétricas em terras Indígenas e traxe muitos problemas para as comunidades’. (L. 7)	A2T2
	Fiz projetos de hidrelétricas em Terras Indígenas e trouxe muitos problemas.	
Supressão do <u>	‘[...] bom orientação mais pocas horas’. (L. 6)	A14T5
	‘[...] boa orientação, mas poucas horas.	
Supressão do <u>	‘Eu vo passa para meus a lunos português em portante’. (L. 5)	A12T3
	Eu vou passar para os meus alunos o português, é importante.	

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
<ou> por <ó>	‘Eu sou gosto de estudo de português’. (L. 13)	A17T1
	Eu só gosto do estudo de português.	

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
Supressão do <e>	‘Na aldia rio novo. O meu família vica na aldeia’. L. 11	A2T1
	A minha família fica na aldeia rio Novo.	

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
Supressão do <o>	‘Eu me precupo com o meu povo do vale do Javari’. (L. 9)	A2T2
	Eu me preocupo com o meu povo do Vale do Javari.	
Supressão do <o>	‘[...] eles estão preocupados que vocês discutam isso’. (L. 17)	A4T2
	[...] eles estão preocupados que vocês discutam isso.	

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
Omissão de <i>	‘nós lideranças tradicionas , nas aldeias ou nos povos indígenas. Não sabemos que o presidente da sai funai’. (L. 1-2)	A14T2
	Nós, lideranças tradicionais das aldeias ou nós povos indígenas não sabemos quando um presidente sai da FUNAI.	

Acentos

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
Deslocamento do acento	‘O conteúdo da disciplina de Sintaxe, explicou bém ’. (L. 5)	A18T5
	O conteúdo da disciplina de sintaxe explicou bem.	
Deslocamento do acento	‘A língua taé ’ L. 6	A10T1
	A língua está aí	
Deslocamento do acento	‘meu povo étnia marubo’. (L. 4)	A7T1
	Meu povo é da etnia marúbo	

Deslocamento do acento	‘O general peternelli assumiria presidência da Fundação nacional do Índio’. (L. 1)	A7T2
	O general Peternelli assumiria a presidência da Fundação Nacional do Índio.	
Deslocamento do acento	‘nome do meu pai e meu pai Domingo marubo’. (L. 3)	A7T1
	O nome do meu pai é Domingo Marúbo.	
Deslocamento do acento	‘Em 1992, ele é ra segurança. De José Sarney’. (L. 4)	A7T2
	Em 1992 ele era segurança de José Sarney.	
Deslocamento do acento	‘O professor Sanderson ensiná bem’. (L. 25)	A18T5
	O professor Sanderson ensina bem.	

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
Acento gráfico	‘Ele explicou muito bém ’. (L. 8)	A7T3
	Ele explicou muito bem.	
Acento gráfico e monotongarão	‘Eu só fulano de tal’. (L. 1)	A9T1
	Eu sou fulano de tal.	
Acento gráfico	‘ eú moro no aldeia liberdade’. (L. 2)	A8T1
	Eu moro na aldeia Liberdade.	
Acento gráfico	‘nome do meu pai é artémio ’. (L. 6)	A8T1
	O nome do meu pai é Artêmio.	
Acento gráfico	‘disciplina que ele deu e português’. (L. 2)	A8T3
	A disciplina que ele deu foi português.	
Acento gráfico	‘Eu quero que na outra etapa ele tem que dar aula para nos também’. (L. 6)	A8T3
	Eu gostaria que na outra etapa ele dê aula para nós novamente.	
Acento gráfico	‘todas as aula que ele passou pra nos [...]’. (L. 3)	A8T3
	Todas as aulas que ele passou para nós [...]	
Acento gráfico	‘ensinava para nos muitas maneiras’. (L. 16)	A9T3
	Ensinava para nós de muitas maneiras.	
Acento gráfico	‘Sou de rio curuca só professor’. (L. 5)	A10T1
	Sou do Rio Curuçá, sou professor.	
Acento gráfico	‘ e difícil estabelecer seu significado, artigo, preposição, conjunção’. (L.9)	A10T4
	É difícil estabelecer o significado do artigo, da preposição, da conjunção.	
Acento gráfico	‘meu povo habitam na aldeia Maronal alto rio curuca ’. (L. 6)	A11T1
	Meu povo habita na aldeia Maronal, Alto Rio Curuçá.	
Acento gráfico	‘ nos temos pouco tempo para estudar’. (L. 14)	A11T5
	Nós temos pouco tempo para estudar.	
Acento gráfico	‘ e por isso que estou morando sem sair do comunidade’. (L. 10)	A13T1
	É por isso que estou morando sem sair da comunidade.	
Acento gráfico	‘ Nos , principalmente indígenas do Vale do Javari não aceitamos e não reconhecemos o presidente [...]’ L. 12	A16T2
	Nós, principalmente indígenas do Vale do Javari não aceitamos e não reconhecemos o presidente [...].	

Apagamento de sílabas

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
Supressão da sílaba	‘Para que possamos dar legitidade e confiabilidade a este processo’. (L. 34)	A6T4
	Para que possamos dar legitimidade e confiabilidade a este processo.	
Redução	‘O professor soube entender o sentido do verbo pa classificar a língua marubo’. (L. 14)	A1T5

	O professor soube entender o sentido do verbo para classificar a Língua Marúbo.	
Omissão de mi	‘A minha maloca é maloca grande é 6 casa. 2 casa de alunio 4 casa de madeira’. (L. 11)	A17T1
	A minha maloca é a maloca grande, na aldeia tem mais 6 casas: 2 de alumínio e 4 de madeira.	

Inserção de vogais

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
Inserção indevida de <e>	‘Eu aprenteir e uma coisas’. (L. 2)	A9T3
	Eu aprendi umas coisas.	
Inserção indevida de <e>	‘Assim que viveia na aldeia meu pai e mãe’. (L. 9)	A14T1
	Assim que vivia na aldeia meu pai e minha mãe.	
Inserção indevida de <e>	‘A nossa organização não sabeia ’. (L. 26)	A9T2
	A nossa organização não sabia.	
Inserção indevida de <o>	‘Eu aprender o sua disciplinar e sintaxe’. (L. 7)	A9T5
	Eu aprendi sua disciplina de sintaxe.	
Inserção indevida de <u>	‘aprendei sujeito e u / adj advr’. (L. 4)	A7T5
	Aprendi sobre sujeito, adjetivo e advérbio.	

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
Inserção de <i>	‘Esprecação do professor. orinetação usa leitra ’. (L. 8)	A14T5
	A explicação do professor foi como usar as letras.	

Ortográficos

<c> por <ç>	‘Sou de rio curuca só professor’. (L. 5)	A10T1
	Sou do Rio Curuçá, sou professor.	

am por ão

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
<am> por <ão>	‘Ele também não tem o poder de sozinham Porque em povos indígenas para funçam ’. (L. 22)	A17T2
	Ele também não tem o poder de sozinho exercer a função que é também dos povos indígenas.	

R no final de palavras

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
	‘A pensamento deles, e dui assumim a presidencia da Funai’. (L. 10)	A9T2
	O pensamento dele era de assumir a presidência da Funai.	
<r> desnecessário	‘mas na outra etapa tem quer ensina de novo’. (L. 12)	A15T3
	Mas na outra etapa tem que ensinar de novo.	
<r> final	‘Nós professores Conhecer cada etnia aprendendor ’. (L. 10)	A17T4
	Nós professores conhecemos e aprendemos sobre cada etnia.	
Uso indevido do <r>	‘Lei Estão objetivos que deverão orientar os nossos programas de sistemar ’ L. 33	A18T2
	Há Leis com objetivos de orientar os nossos programas de sistemas.	

Rotacismo e Lambdacismo

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
Lambdacismo	‘Eu sou gosto de a prender, a língua Portugue. Porque eu a fala com autolidade ’. (L. 8)	A5T1
	Eu só gosto de aprender a Língua Portuguesa porque eu uso para falar com autoridade.	
Lambdacismo	‘Não existiu uma falha ao contra-lhou observado’. (L. 10)	A6T3

	Não existiu uma falha em tudo que foi observado, pelo contrário.	
Lambdacismo	‘Foi para Brasília em Gonglesso Nacional de Brasília’. (L. 11)	A17T2
	Foi à Brasília para o Congresso Nacional de Brasília.	
Lambdacismo	‘El Bluno Ele é tinha chegadaram na Frente’. (L. 12)	A17T2
	O Bruno, ele foi quem chegou na frente.	

Rotacismo	‘Alimentação para mim foi muito legal, por isso que eu não regramei na alimentação’. (L. 11)	A3T2
	Alimentação para mim foi muito legal, por isso que eu não reclamei da alimentação.	
Rotacismo	‘la no rio bardo eu regramam aqui eu alimentamo bem (<i>mĩ tamai</i>)’. (L. 12)	A3T2
	Lá no rio, a bordo, eu reclamo, mas aqui nós nos alimentamos bem (<i>mĩ tamai</i>).	
Rotacismo	‘Comunidade alegria era tem muito grande’. (L. 13)	A9T1
	A comunidade alegria ela é muito grande.	
Rotacismo	‘ainda, ele não Regramação com alunos [...]’. (L. 5)	A14T4
	Ele não ouviu reclamação dos alunos.	
Rotacismo	‘ esprecação do professor. Orientação, como usa letra’. (L.3)	A14T5
	A explicação do professor foi orientação de como se usa as letras.	
Rotacismo	‘[...] ponto de esgramação nós confirmado de é foi Explicados’. (L. 17)	A18T4
	O ponto de exclamação foi explicado para nós.	

Surdas e sonoras

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
Uso de <v> por <f>	‘o meu família vica na aldeia’. (L. 12)	A2T1
	A minha família fica na aldeia.	
<v> por <f>	‘isso que vaiz embom para nós’. (L. 11)	A14T3
	Isso que se faz é bom para nós.	
Uso de <v> por <f>	‘O professor Sanderson vez aula para nos’. (L. 1)	A2T3
	O professor Sanderson fez aula para nós.	
<v> por <f>	‘pelo nosso trabalho vezemos juntos em grupo participamos cada grupo’. (L. 10)	A10T3
	O nosso trabalho fizemos juntos em grupo, cada grupo participou.	
Uso de <v> por <f>	‘a minha deveculdade e apresentação de trabalho seminário’. (L.5)	A10T3
	A minha dificuldade é apresentar seminário.	

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
Uso de por <p>	‘7 casa de baxiuba ’. (L.6)	A7T1
	7 casas de paxiúba	

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
<p> por 	‘Meu eles pesca e caçar ele é paxo, minha mãe magra poxo’. (L. 2-3)	A14T1
	Meu pai pesca e caça, ele é paxo, minha mãe é magra e é paxo também.	

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
Uso de <d> por <t>	‘ele respeidoso para os aulas’. (L. 3)	A2T3
	Ele é respeitoso para com os alunos	
Uso de <d> por <t>	‘meu clã e londra ’. (L. 3)	A12T1
	Meu clã é lontra.	
<d> por <t>	‘ enquando isso muito se enteresaram em ser Presidente da (FUNAI)’. (L. 11)	A12T2
	Enquanto isso muitos se interessaram em ser presidente da FUNAI.	

<d> por <t>	‘os pontos positivo do curso é muito curdo ’. (L. 16)	A15T5
	Um dos pontos negativos do curso é porque é muito curto.	
<d> por <t>	‘o melhor é consultar os povos indígenas redirar o presidente novato’. (L. 14)	A16T2
	O melhor é consultar os povos indígenas para retirar o presidente novato.	
<d> por <t>	‘Com você muitas coisas orientados Aulas’. (L. 21)	A17T4
	Com você muitas coisas foram orientadas.	
<d> por <t>	‘ Eu gostaríamos de orientação para nós’. (L. 12)	A 9T5
	Eu gostaria que tivesse mais orientação para nós.	

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
<t> por <d>	‘Quando mato uma csa grantí chamo todo mundo’. (L. 8-9)	A12T1
	Quando mato uma caça grande chamo todo mundo.	
<t> por <d>	‘Eu prenti um poco’. (L.10)	A12T3
	Eu aprendi um pouco.	
Uso de <t> por <d>	‘nós Apresentamos cada entivudual . Apresentamos assim cada partir’. (L. 13)	A5T3
	Nós apresentamos de modo indiviaual.	
Uso de <t> por <d>	‘Professor, Santerson Oliveira, Professsor Doutor’. (L. 1)	A6T4
	Professor Sanderson Oliveira, professor doutor.	
Uso de <t> por <d>	‘Meu nome é fulano de tal Etnia marubo minha comunidade, alto curuça, e Esta lecionando Funtamental ’. (L. 2)	A7T1
	Meu nome é fulano de tal, sou da etnia Marúbo, minha comunidade vive no Alto Rio Curuçá, estou lecionando no ensino Fundamental	
Uso de <t> por <d>	‘eu apretendo e algumas palavras’. (L. 5)	A9T2
	Vou aprendendo algumas palavras.	
Uso de <t> por <d>	‘Eu aprenteir e uma coisas’. (L. 2)	A9T3
	Eu aprendi umas coisas.	
Uso de <t> por <d>	‘Eu sou que aprentei muitas coisas’. (L. 8)	A9T3
	Eu sou quem aprendeu muitas coisas.	
Uso de <t> por <d>	‘Eu aprenter o partidas coisas’. (L. 15)	A9T3
	Eu aprendi coisas dos partidos.	
Uso de <t> por <d>	‘eu apretendo em algumas palavras’. (L. 5)	A9T3
	Vou aprendendo algumas palavras.	
Uso de <t> por <d>	‘eu estutei muitas coisas, eu estuteimos mais’. (L. 3)	A9T4
	Estudei muitas coisas, eu estudei mais.	
<t> por <d>	‘Eu gostati estudar para ensina meu parente da aldeia’. (L. 4)	A12T1
	Eu gosto de estudar para ensinar meus parentes da aldeia.	
Uso de <t> por <d>	‘foi muito bens de sai a nossa alimentos, também é mesma coisas de hospitage ’. (L. 17)	A9T4
	Foi muito bom sair a nossa alimentação e a hospedagem também.	
Uso de <t> por <d>	‘é orindamos para nós foi muito bom eu gostei muito o trabalho dele’. (L. 9)	A9T4
	A orientação para nós foi muito boa, eu gostei muito do trabalho dele.	
<t> por <d>	‘Quando mato uma csa grantí chama todo mundo para comer junto unidos’. (L. 9)	A12T1
	Quando mato uma caça grande chamo todo mundo para comer junto, unido.	
<t> por <d>	‘Tudos conteúdos Foi dato de gesto pra nós’. (L. 8)	A17T3
	Todos os conteúdos foram dados com gestos para nós.	
<t> por <d>	‘Tudos assuntos que teu más Foi melhora o próximo’. (L. 12)	A17T3
	Dos conteúdos que deu vão ser melhorados no próximo encontro.	

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
Uso de <g> por <c>	‘Alimentação pra mim foi muito legal, por isso que eu não regramei na alimentação’. (L. 11)	A3T2
	A alimentação para mim foi muito legal, por isso que eu não reclamei.	
Uso de <g> por <c>	‘la no rio bardo eu regramam ’. (L. 12)	A3T2
	Lá no rio, a bordo, eu reclamo.	
Uso de <g> por <c>	‘ainda, ele não Regramação com alunos’. (L. 5)	A14T4
	Ele ainda não fez reclamação dos alunos.	
Uso de <c> por <g>	‘Fazemos Documento Para Mandara Para Covernos ’. (L. 42)	A17T2
	Fazemos documentos para mandar aos governos.	
Uso de <c> por <g>	‘Nós professores Aprendi conteúdo foi muito expligardo ’. (L. 16)	A17T3
	Nós professores aprendemos os conteúdos que foram bem explicados.	
<c> por <g>	‘ Coverno Brasileiro Faz com quem nossos direitos Fossem Legislativo das na Constituição’. (L. 3)	A17T2
	O governo brasileiro faz com que nossos direitos [...].	
<gu> por <qu>	‘Não houvi informação das lideranças se entre eles mesmos gueriam indicar outras pessoas’. (L. 5)	A14T2
	Não houve informação às lideranças, para averiguar se eles mesmos queriam indicar outras pessoas.	
<g> por <c>	‘ponto de esgramação nós corfirmado de é foi explicado’. (L. 17)	A17T4
	O ponto de exclamação foi explicado.	

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
Uso de <qu> por <gu>	‘Os meus povos e o marubo, eles são querreiros e os colandeiros’. (L. 6)	A4T1
	Os meus povos são os Marúbo, são guerreiros e curandeiros.	
<qu> por <gu>	‘Avisaram para consequem em Problema é povos indígenas’. (L. 7)	A17T2
	Avisaram para conseguirem resolver os problemas dos povos indígenas.	
<qu> por <gu>	‘Porque em povos Indígenas para Funçam eles para consequim ’. (L. 21-22)	A17T2
	Os povos indígenas conseguem apontar alguém para a função de liderança.	
<c> por <g>	‘e lucar do Bruno Para Povos Pensando’. (L. 22)	A17T2
	Pensaram em colocar o Bruno para ocupar a pasta dos povos indígenas em Brasília.	
<qu> por <gu>	‘a língua portuque nós corvessa Com Parente importante’. (L. 17)	A17T3
	Na Língua Portuguesa nós conversamos com parentes importantes.	
<q> por <g>	‘Quando Fica Perto da queixda nós Fazer o qesto ’. (L. 12)	A17T3
	Quando ficamos perto da queixada nós fazemos o gesto.	

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
Uso de <s> por <z>	‘A minha família, clã de solão ’. (L. 7)	A7T1
	A minha família é do clã Azulão.	
Uso de <ss> por <s>	‘eu precisso ’ e próxima etapa o você mesmo que voltamos para é outros etapa o professor Sanderson’. (L. 11)	A9T4
	Preciso que na próxima etapa seja você mesmo, professor Sanderson!	
Uso de <ss> por <s>	‘eu precissa é outras modelos’. (L. 13)	A9T5
	Eu preciso dos outros módulos.	
<s> por <z>	‘A nossa preocupação esta cada ves a nossa esperança’. (L. 17)	A12T2
	Apesar da preocupação temos esperança.	

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
<s> por <ç>	‘Quando mato uma csa Granti chamo todo mondo para comer junto unido’. (L. 9)	A1T1
	Quando mato uma caça grande chamo todo mundo para comer junto, unido.	

Nasalidade em coda

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
Omissão da nasal	‘meu eles pesca e caçar ele é paxo, minha mãe mãe magra paxo, Também. Meu pai assi [...]’. (L. 4)	A14T1
	Meu pai pesca e caça, ele é paxo, minha mãe é magra e paxo também. Meu pai vive assim.	
Inserção de nasal	‘minha mãe também assim mesmos ela, fazinha comida para nós’. (L. 7-8)	A14T1
	Minha mãe também é assim mesmo, ela fazia comida para nós.	
Omissão da nasal	‘outras també padrão comunidade Dono da língua’. (L. 19)	A17T4
	Outra coisa também é que a comunidade é dona da sua língua.	A17T4
	‘Você oriedados ’Pra nós’. (L. 21)	
	Você foi um orientador para nós.	

Transferências/Interferências Morfológicas

Problemas na formação da palavra

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
Reanálise morfológica	‘O meu avaliação o professor não a conteceu nada’. (L. 17)	A2T3
	O professor disse que a minha avaliação estava boa.	
Reanálise morfológica	‘O professor você o próximo etapa você trazer outra em formação para nós’. (L. 19)	A2T3
	Professor, na próxima etapa traga outra informação para nós.	
Reanálise morfológica	‘nesta curso vai continuar aproximo modulo’. (L. 10)	A4T5
	Este curso vai continuar no próximo módulo.	
Reanálise da palavra por influência de outra	‘Esse orientador, foi assidue de ensinar para nós professores indígenas do Vale do javari.’ (L. 1-2)	A4T3
	Esse orientador foi assíduo em ensinar para nós professores indígenas do Vale do Javari.	
Reanálise da palavra por influência de outra	‘mas aproxima ’ periodo vai continuar a mesma assunto que ensinou para nós’. (L. 3)	A4T3
	Mas no próximo período vai continuar o mesmo assunto que ensinou para nós.	
Reanálise da conjunção	‘[...] entanto no escrito, entanto no oralidade [...]’ (L. 23)	A5T4
	[...] tanto na escrita quanto na oralidade [...].	
	‘a sua explicação foi muito últimos para aminha vida cotidiano’. (L. 12)	A5T5
	A sua explicação foi muito ótima para a minha vida cotidiana.	
	‘Por causa disso nós pensamos que a Funai em fraqueceu a sua força [...]’. (L. 7)	A6T2
	Por causa disso nós pensamos que a FUNAI enfraqueceu a sua força.	
Reanálise	Na minha perspectiva Pelo seu trabalho estava muito claro não existiu uma falha ao contra-lho observado’ (L. 10)	A6T3
	Na minha perspectiva o seu trabalho estava muito claro, não existiu uma falha.	
Reanálise	‘a minha família, clã de e clã de solão ’. (L. 7)	A7T1
	A minha família é do clã Azulão	
Reanálise	‘Fui pontual, assí duo , participei das atividades’. (L. 12)	A7T3
	Fui pontual, assíduo, participei das atividades.	
Reanálise	‘Eu quero que volta-se na outra Etapa continuar mais língua materna’. (L. 12)	A7T4

	(L. 4)	
	Eu quero que volte na outra etapa para continuar mais os estudos sobre a língua materna.	
Reanálise	‘minha aldeia fica na imagem esquerdo e fica no barranco alto’. (L. 10)	A8T1
	Minha aldeia fica na margem esquerda, num barranco alto.	
Reanálise	‘Quando o expresidente da a foi fastado . esse em partido que trabalhou para assumir a presidência.’ (L. 12)	A9T2
	Quando o ex-presidente da FUNAI foi afastado, esse partido foi quem trabalhou para assumir a presidência.	
Reanálise	‘esse em partido que trabalhou para assumir a presidência.’ (L. 12)	A9T2
	Esse foi o partido que trabalhou para assumir a presidência.	
Reanálise	‘Eles não Aversaram com o representante da nossa região’. (L. 19)	A9T2
	Eles não avisaram o representante da nossa região.	
Reanálise	‘[...] eu sou quem aprendei mas omenos ’. (L. 11)	A9T3
	[...] eu sou quem aprendeu mais ou menos.	
Troca do item lexical	‘foi muito bens de sai a nossa alimentos ’. (L. 15)	A9T4
	Foi muito bom ter saído a nossa alimentação.	
Reanálise	‘más eu aprender maés omenos etc’ (L. 4)	A9T5
	Mas eu prendo mais ou menos etc.	
	‘Eu prende muitas coisas pelo professor Sanderson’. (L. 1)	A10T3
	Eu aprendi muitas coisas com o professor Sanderson.	
	‘a minha deveculdade e presentação de trabalho’. (L. 5)	A10T3
	A minha dificuldade é a apresentação de trabalho.	
Gramática por gramatical	‘ eu aprende muitas coisas’. (L. 8)	A10T4
	Eu aprendi muitas coisas.	
	‘ Preciso melhor ’. (L. 14)	A11T5
	Preciso melhorar.	
Reanálise	‘Eu gostati estudar’. (L. 4)	A12T1
	Eu gosto de estudar.	
Reanálise	‘em portante para fala cons alluridade’. (L. 6)	A12T1
	É importante para falar com as autoridades	
Reanálise	‘ em portante para fala cons alluridade’. (L. 6)	A12T1
	É importante para falar com as autoridades.	
Reanálise	‘em portante para fala cons alluridade ’. (L. 6)	A12T1
	É importante para falar com as autoridades.	
Reanálise	‘ lana minha comunidade unido para trabalha Junto’. (L. 7)	A12T1
	Lá na minha comunidade nos unimos para trabalhar juntos.	
	‘Eu prenti um poco [...]’. (L. 10)	A12T3
	Eu aprendi um pouco [...]’. (L.10)	
	‘eu vou a prender mais assim’. (L. 13)	A12T3
	Eu vou aprender mais assim.	
Reanálise	‘na outra ves eu vou a Prenti ’. (L. 13)	A12T3
	Na outra vez eu vou aprender.	
Reanálise	‘meu pai já faleceu as três anos atrás’ (L. 6)	A13T1
	Meu pai já faleceu há três anos.	
	‘a aula foi poucos dias, mas foi proveitoso ’. (L. 5)	A13T5
	A aula foi em poucos dias, mas foi proveitosa.	
	‘isso que vais embom para nos’. (L. 11)	A14T3
	Isso que fazem é bom para nós.	
	‘embora entroca de conhecimento nos indígenas e não indígenas’. (L. 13)	A14T3

	Há troca de conhecimento entre indígenas e não indígenas.	
Troca do item lexical	‘mas iniciar de estudo, professor Sanderson orientou muito otimo’. (L. 6)	A14T4
	No início do estudo o professor Sanderson orientou muito bem.	
	‘minha família criar comunidade [...] criar gente movimentar nossa luta da qui para frente’. (L. 10)	A15T1
	Minha família cria comunidade e organizações para movimentar nossa luta daqui para frente.	
	‘ei Bluno Ele é tinha chegadaram ’na frente’. (L. 12)	A17T2
	O Bruno tinha chegado na frente.	
	‘Ele também não tem o poder de sozinham Porque em povos indígenas para Funçam.’ (L. 23)	A17T2
	Ele também não tem o poder de decidir sozinho porque os povos indígenas podem escolher alguém para a função.	
	‘Foi caminhados ’ a nosso direito indígenas’. (L. 33)	A17T2
	Foram encaminhados os nossos direitos indígenas.	
	‘ a quem na Atalaia do norte Amazonas’. (L. 35-36)	A17T2
	Aqui em Atalaia do Norte, Amazonas.	
Reanálise	‘Sonora você me deu conteúdo A prender Pouco’. (L. 22)	A17T3
	Você me deu conteúdo das sonoras, aprendi pouco.	
Reanálise	‘Conhecimos conteu diferente’. (L. 15)	A17T3
	Conhecemos conteúdo diferente.	
Reanálise	‘mas a língua portuque nos conversa Com Parente importante a língua 2 lí’. (L. 17)	A17T3
	Conversamos também em português com parente, é importante as duas línguas.	
Reanálise	‘Fazemos Documento Para Mandara Para Governos’. (L. 42)	A17T3
	Fazemos documentos para mandar aos governos.	
Reanálise	‘As pessoa sovia e logem da aldeia’. (L. 24)	A17T3
	As pessoas assobiam de longe da aldeia.	
Reanálise	‘As pessoa sovia e logem da aldeia’. (L. 22)	A17T3
	As pessoas assobiam de longe da aldeia.	
Reanálise	‘ agro eu moro junto com meus família’. (L. 17)	A18T1
	Agora eu moro junto à minha família.	
	‘Agora eu não quero mais muda para Outro Cantor’. (L. 8)	A18T1
	Agora eu não quero mais mudar para outro canto.	
Troca de léxico	‘Agora eu não quero mais mudapara Outro Cantor ’. (L. 8)	A18T1
	Agora eu não quero mais mudar para outro canto.	
Troca de léxico	‘Hoje em dia, a 169 Existe isso na Lei [...]’. (L. 28)	A18 T2
	Hoje em dia há a Convenção 169. Existe isso na Lei.	
	‘Ele respeitoso com os aulos ’. (L. 4)	A2T3
	Ele é respeitosos com os alunos.	
	‘Eu quero quer almenta-se os dias’. (L. 4)	A7 T4
	Eu queria que aumentasse os dias.	
	‘muito defecio para mim mas assim mesmo que a gente aprender’. (L. 6)	A3T2
	Foi muito difício para mim, mas é assim mesmo que a gente aprende.	
	‘A pensamento deles, e dei assumim a presidência da Funai’. (L. 6)	A9T2
O pensamento deles é de ele assumir a presidência da FUNAI.		

Transferências/Interferências Morfosintáticas

Concordância nominal

Número

Classificação	Transferências/Interferências	Texto
Concordância nominal	‘tenho pai e mãe que trabalham como agricultura ’. (L. 23)	A1T1
	Tenho pai e mãe que trabalham como agricultores.	
	‘[...] funcionava com os ex-presidente ’ (L. 1-2)	A1T2
	[...] funcionava como ex-presidente.	
	‘O prejuízo tem sido causados [...]’. (L. 9)	A1T2
	O prejuízo tem sido causado [...].	
	‘Todo o interesse dos mesmo está voltado para as riquezas’. (L. 23)	A1T2
	Todo o interesse dos mesmos está voltado para as riquezas.	
	‘ Pedagogia Indígenas ’. (L. 2)	A2T2
	Pedagogia Indígena.	
	‘[...] a nossa terra está homologada, mas temos muitos problemas de saúdes [...]’. (L. 10)	A2T2
	[...] a nossa terra está homologada, mas temos muitos problemas de saúde [...].	
Concordância do numeral	‘ o primeiro aula eu aprender, presente, passado [...]’. (L. 8)	A2T3
	Na primeira aula eu aprendi sobre o presente, passado [...].	
	‘ As administração , antigas construíram tudo nas calhas de rios e os posto’. (L. 5-6)	A3T2
	As administrações antigas construíram tudo nas calhas de rios e postos.	
	‘Os problemas que eles discutiram vão melhorar na nossa vivências ’. (L. 8)	A4T2
	Os problemas que eles discutiram vão melhorar na nossas vivências.	
	‘Por que essas disciplina foi muito importante para nós professores indígenas’. (L. 8-9)	A4T3
	Porque essas disciplinas foram muito importantes para nós professores indígenas.	
	‘Para conhecer ossos língua Sentaxe’. (L. 5)	A4T5
	Para conhecer a sintaxe da nossa língua.	
	‘ O pontos positivos para nós [...]’. L. 15	A4T5
	Os pontos positivos para nós [...].	
	‘O curso e aprendei, um poucos [...]’. L. 8	A4T5
	Com o curso eu aprendi um pouco mais.	
Concordância nominal	‘Meus pais: eram são Sata Nawavo que Vivem nas aldeia ’. (L. 4)	A6T1
	Meus pais são do clã Sata Nawavo e vivem na aldeia.	
	Meu povo são os marubo, são grupo indígena que moram na minha aldeia’. (L. 7-8)	A6T1
	Meu povo é Marúbo, grupo indígena que mora na minha aldeia.	
Pluralização de “bastante”	‘Ficarão bastantes o invasores, a terra indígena vai ficar livre para os brancos [...]’. (L. 8)	A6T1
	Ficarão bastante invasores, a terra indígena vai ficar para os brancos [...].	
	‘ meu povos étnia marubo’. (L. 4)	A7T1
	O meu povo é da etnia Marúbo.	
	‘É minha e pequena pocas gente ’. (L. 4-5)	A7T1
	Pertencço a esse povo pequeno de poca gente.	
	‘uma maloca, e 7 casa de baxiuba’. (L. 6)	A7T1
	Uma maloca e sete casas de paxiúba.	
	‘Estou muito. Preocupado. Com nosso povos ’ (L. 9)	A7T2

	Estou muito preocupado com nosso povo.	
Erro de concordância	‘estudamos todo tipos de leitura e verbal’. (L. 10)	A7T3
	Estudamos todo tipo de leitura e verbos.	
Erro de concordância	‘tenho sete família na minha aldeia’. (L. 12)	A8T1
	Tem sete família na minha aldeia.	
	‘ele ensinava pra nós muitas maneiras que ensinava pra a gentes ’. (L. 5)	A9T3
	Ele ensinava de muitas maneiras para nós.	
Erro de concordância	‘Eu aprendeir uma coisas ’. (L. 2)	A9T3
	Eu aprendi umas coisas.	
	‘pois esse partido não defende os direito dos indios’. (L. 13)	A10T2
	Pois esse partido não defende os direitos dos índios.	
	‘ Estamos preocupado ’ com as notícias’. (L. 14)	A10T2
	Estamos preocupados com as notícias.	
	‘Nas outras regiões outros povos indígenas estão lutandos por suas terras’. (L. 17)	A11T2
	Nas outras regiões outros povos indígenas estão lutando por suas terras.	
Concordância nominal	‘ O seu objetivos era garantir o mesmo [...]’. (L. 3)	A12T2
	O seu objetivo era garantir o mesmo [...].	
	‘e nós professore valia mas ele costa más Trabalho’. (L. 2-3)	A12T3
	E nós professores fazíamos, mas ele gosta de aplicar mais trabalho.	
	‘tenho onze irmãos, quatro mulher e sete homens’. (L. 3)	A13T1
	Tenho onze irmãos: quatro mulheres e sete homens.	
	‘ outro vão entrar na FUNAI’. L. 3	A15T2
	Outros vão entrar na FUNAI.	
	‘Eu considero os conteúdo do curso. (L. 1)	A15T5
	Eu considero os conteúdos do curso.	
	‘Os pontos positivo do curso é muito cudo tem que completar o tempo’. (L. 17)	A15T5
	Um dos pontos negativos é o tempo curto dedicado ao curso, poderiam aumentar.	
	‘mas nós estudante pensando é assim para melhorar’. (L. 23)	A15T5
	Mas nós estudantes pensamos assim para melhorar.	
	‘eu agradeço muito mesmos ’. (L. 13)	A1T3
	Eu agradeço muito mesmo.	
Concordância nominal	‘Algun de nós estamos já estão se formando [...]’. (L. 6)	A16T2
	Alguns de nós já estão se formando.	
Concordância nominal	‘A minha aldeia é maloca grande é 6 casa. 2 casa de alumínio 4 casa de madeira’. (L. 11)	A17T1
	A minha aldeia tem maloca grande e mais 6 casas: 2 casas de alumínio e 4 casas de madeira.	
Concordância nominal	‘ aos todas comunidade . Avisaram para conseguem em problema é povos Indígenas’. (L. 6)	A17T2
	Avisaram a todas as comunidades sobre a tentativa de resolverem os problemas dos povos indígenas.	
Concordância nominal	‘ os nosso direitos conquistados na Educação esc. Indígenas [...]’. (L. 26)	A17T2
	Os nossos direitos estão contemplados na .Educação Escolar Indígena [...].	
Concordância nominal	‘pra nós Conhecimos conteu diferente não Indígena Porque todos igual ’. (L. 16)	A17T3
	Nós conhecemos conteúdos diferentes dos não indígenas, antes pensávamos que era tudo igual.	

Concordância nominal	‘ nós professore . Indígenas do Vale do javari’. (L. 8)	A17T4
	Nós professores indígenas somos do Vale do Javari.	
Concordância nominal	‘ O curso de aprendizagem com a sua aulas muitos importante a língua-portuguê’ (L. 9)	A17T4
	O curso trouxe aprendizagem, as aulas sobre a língua portuguesa foram importantes.	
Concordância nominal	‘O Tradução Melhoria da Informes da A língua indígenas ’. (L. 10)	A17T4
	As informações e traduções das línguas indígenas trouxe melhoria.	
Concordância nominal	‘obrigado o meus professor ’. (L. 25)	A17T4
	Obrigado, professor!	
	‘[...] meus irmão São pequenos’. (L. 6)	A18T1
	[...] meus irmãos são pequenos.	
Concordância nominal	‘ O indígenas fulano de tal, tem interesse em ocupar o cargo [...]’. (L. 15)	A18T2
	O indígena fulano de tal tem interesse em ocupar o cargo [...].	
	‘Por que maioria professores está dificuldade de falar em portuguesas ’. (L. 10-11)	A4T3
	Porque a maioria dos professores está com dificuldade de falar em portugueses.	
Número	‘ As administração , antigas construíram tudo nas calhas de rios e os posto’. (L. 5-6)	A3T2
	As administrações antigas construíram tudo nas calhas de rios e postos.	
	‘ Os meu povos e o marubo’. (L. 5)	A4T1
	O meu povo é Marúbo	

Gênero

	‘Nós temos criadas as nossas organizações [...]’ (L. 29)	A1T2
	‘Nós temos criado as nossas organizações [...]’.	
	‘A organização dos conteúdos foram bem apresentado’. (L. 2-3)	A1T2
	A organização dos conteúdos foi bem apresentada.	
	‘ O meu família vica na aldeia’. (L. 13)	A2 T1
	A minha família fica na aldeia.	
	‘aula dele e o muito positivos ’. (L. 4)	A2T3
	A aula dele é muito positiva.	
	‘Minha aldeia é muito bonita, tem varios plantas ’. (L. 8)	A3T1
	Minha aldeia é muito bonita, tem várias plantas.	
	‘A minha família grande, unido ’. (L. 9)	A3T1
	A minha família é grande e unida.	
	‘ na perspectivo dos povos indígenas do Vale do javari, que vivem no Amazonas, toda administração der modo geral deve melhorar [...]’. (L. 2-3)	A3T2
	Na perspectiva dos povos indígenas do Vale do Javari, que vivem no Amazonas, toda a administração deve melhorar.	
	‘eu aprender varios assuntos de Língua Português [...]’. (L. 2-3)	A3T2
	Eu aprendi vários assuntos de Língua Portuguesa.	
	‘ mas apróxima período vai continuar a mesma assunto que ensinou para nós [...]’. (L. 6)	A4T3
	Mas no próximo período vai continuar o mesmo assunto que ensinou para nós [...].	
	‘ Algumas assuntos que e aprendei, nesta curso vai continuar apróximo modolo ’. (L. 8)	A4T5
	Alguns assuntos que aprendi neste curso vai continuar no próximo módulo.	

	‘ O pontos positivos para nós, por que vai melhorar na nossos língua sintaxe ’. (L. 15)	A4T5
	O ponto positivo para nós é porque vai melhorar o entendimento da sintaxe da nossa língua.	
	‘foi muito bom para mim. Tanto no escrito , tanto no fala ’. (L. 6)	A5T3
	Foi muito bom para mim, tanto para a escrita quanto para a fala.	
Pluralização de ótimo e Gênero	‘a sua explicação foi muito ótimos [...]’. (L. 17)	A5T5
	A sua explicação foi ótima [...].	
Troca do Gênero	‘professor Anderson. Com sua aula português, me deu muito atenção’. (L. 1-2)	A6T3
	O professor Sanderson, na sua aula de português, me deu muita atenção.	
Troca do Gênero	‘Durante 60 horas de Carga horário de a sua aulas que foram ministrado eu aproveitei a partes essencial [...]’. L. 12-13	A6T3
	Das 60 horas de carga-horária das aulas que foram ministradas eu aproveite as partes.	
Concordância nominal	‘Eu percebi que você e uma Pessoa Profissional e muito Capacitado para isso’. (L. 11)	A6T4
	‘Eu percebi que você é uma pessoa profissional e muito capacitada para isso.	
Erro de concordância	‘Eu tenho muito dificuldades , mas todos os leitura [...]’ L. 2	A7T3
	Eu tenho muitas dificuldades, mas fiz todas as leituras.	
Erro de concordância	‘eu moro no aldeia liberdade’. (L. 2)	A8T1
	Eu moro na aldeia Liberdade.	
Erro de concordância	‘Eu morava na comunidade paulinho depois eu modei pra outro aldeia ’. (L. 5)	A8T1
	Eu morava na comunidade Paulinho, depois eu me mudei para outra aldeia.	
Erro de concordância	‘ Eu participei todos os aula que ele passou para nós’. (L. 6)	A8T3
	Eu participei de todas as aulas que ele passou para nós.	
Erro de concordância	‘ Na outro etapa ele tem que trazer mais outra informação pra nós todos os alunos ’ (L. 8)	A8T3
	Na outra etapa ele tem que trazer mais informações para todos os alunos	
Erro de concordância	‘ essas políticos , os partidos e o <i>Fulano de tal</i> . Querem explorar a Funai’. L. 2	A9T2
	Esses políticos, os partidos e o <i>fulano de tal</i> querem explorar a FUNAI.	
Erro de concordância	‘ A pensamento ’ deles e deei assumim a presidência da Funai’. (L. 6)	A9T2
	O pensamento deles é de ele assumir a presidência da FUNAI.	
	‘ são passamos nós da interior do assistimos isso na televisão’. (L. 7)	A9T2
	Foi passado para nós do interior, assistimos na televisão.	
	‘eu entendo assim: essas políticos , os partidos e o Everaldo pereira. Querem explorar a Funai’’ L. 2-3	A9T2
	Eu entendo assim: esses políticos, os partidos e o Everaldo Pereira querem explorar a FUNAI	
	‘eu quero estudamos o proxima etapa ’. (L. 4)	A9T4
	Eu quero estudar na próxima etapa	
	‘ Eu precisa outros etapas ’. (L. 16)	A9T5
	Eu preciso de outras etapas.	
	‘O psc foi um dos partidos que apoiaram a afastamento da Presidente Dilma’. (L. 4-5)	A10T2
	O PSC foi um dos partidos que apoiou o afastamento da presidente Dilma.	
	‘[...] vou melhorando a minha estudo ’. (L. 9)	A10T3
	[...] vou melhorando o meu estudo.	
Concordância	‘Essa nova politico não nos trouxe um bom resultado’. (L. 14)	A12T2

nominal	Essa nova política não nos trouxe um bom resultado.	
Concordância nominal	‘Foi muito bom aula dele ’. (L. 1)	A12T3
	Foi muito boa a aula dele.	
	‘É por isso que estou sem sair do comunidade ’ (L. 16)	A13T1
	É por isso que eu estou sem sair da comunidade.	
	‘nos já aprendemos ainda conhecemos nosso língua materna’. (L. 10)	A14T5
	Nós já aprendemos e ainda conhecemos a nossa língua materna.	
	‘ bom orientação mais poucas horas’. (L. 6)	A14T5
	Boa orientação, mas poucas horas de aula.	
	‘ a curso começou muito boa ’. (L. 1)	A15T3
	O curso começou muito bom.	
	‘eu estou sabendo várias conteúdo do disciplina ’. L. 2	A15T5
	Estou sabendo vários conteúdos do curso.	
Concordância nominal	‘ O meu aprendizagem aprendi com trabalhando por grupo’. (L. 6)	A16T5
	A minha aprendizagem melhorou com os trabalhos em grupo.	
Concordância nominal	‘a melhoria da auto-imagem trazem não apenas aos todas comunidade ’.	A17T2
	(L. 4-5) [...] a melhoria da autoimagem não apenas a todas as comunidades.	
Concordância nominal	‘ anosso direito indígenas. Fundamentos A quim na Atalaia do norte Amazonas’. (L. 34)	A17T3
	Temos fundamentos dos nossos direitos indígenas em Atalaia do Norte, Amazonas.	
Concordância nominal	‘o mais importante foi o conhecimento do língua Portuguesa’. (L. 2-3)	A17T3
	O mais importante foi o conhecimento da Língua Portuguesa.	
Concordância nominal	‘ muitos importante A língua português O tradução [...]’ L. 10	A17T4
	Foi muito importante a tradução da língua portuguesa.	
Concordância nominal	‘com você muitos Coisas Orientados Aulas.’ L. 22	A17T4
	Aprendi muitas coisas com as orientações nas aulas.	
Concordância nominal	‘ o metodologia que ele ensinou como, ortografia, presente, passado, alfabeto [...]. Ele explicou bem’. (L. 2-3)	A18T3
	Os assuntos que ele ensinou foram: ortografia, tempo presente, passado, alfabeto [...], ele explicou bem.	
Concordância nominal	‘professor explica mais, por que o cargo horários é pouco’. (L. 4)	A18T5
	O professor explica bem, mas a carga-horária é pouca.	
Concordância nominal	‘nós professores indígenas queremos o cargo horário da disciplina na próxima modulo’. (L 4-5)	A18T5
	Nós professores indígenas queremos aumento na carga-horária no próximo módulo.	
	‘ensinaram com na língua português e depois ensinaram com nosso língua Materna (L. 10)	A18T5
	Ensinaaram na língua Portuguesa e depois ensinaram na nossa língua materna.	
	‘Por que maioria professores está dificuldade de falar em portuguesas ’.	A4T3
	(L. 10-11) Porque a maioria dos professores está com dificuldade de falar em português	
Erro de concordância	‘ na disciplina foi muito bom ’. (L. 2)	A7T4
	A disciplina foi muito boa.	
	‘Eu estou sabendo várias conteúdo ’. (L. 2)	A15T5
	Eu estou sabendo de vários conteúdos.	

Artigo

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
Ausência do artigo	‘Eu agradeço o reitor da UEA e professor que se dedicaram com nós’.	A1T3

	(L. 24-25) Eu agradeço o reitor da UEA e o professor que se dedicaram a nós	
Ausência do artigo	‘Como foi aprendido no curso’. L. 9 Como foi o aprendizado no curso	A1T4
Ausência do artigo	‘Eu sou professor fulano de tal ’. (L. 1) Eu sou o professor <i>fulano de tal</i> .	A2T1
Ausência do artigo	‘por que maioria professores está dificuldade de falar em portuguesas’. (L. 10-11) Porque a maioria dos professores está com dificuldade de falar em português.	A4T3
Ausência do Artigo	‘Atualmente, FUNAI (Fundação Nacional do Índio, está sem presidente’. (L. 2-3) Atualmente, a FUNAI (Fundação Nacional do Índio) está sem presidente.	A5T1
Ausência de artigo	‘ Foi primeiro dia de aula’. (L. 2) Foi o primeiro dia de aula.	A5T5
Ausência de artigo	‘Eu sou professor marubo que vem participar de curso Pedagogia Indígena’. (L. 2-3) Eu sou professor Marúbo que vim participar do curso de Pedagogia Indígena.	A6T1
Ausência de artigo	‘Minha aldeia é maloca grande que cabem oito famílias que moram dentro dela’. (L. 10) Minha aldeia tem uma maloca grande onde cabe oito famílias dentro dela.	A6T1
Ausência do artigo	‘ nome do e meu pai [...]’. (L. 3) O nome do meu pai é [...]	A7T1
Ausência do artigo	‘O general peternelli assumiria presidência [...]’. (L. 1) O general Peternelli assumiria a presidência [...]	A7T2

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
Indefinido pelo definido	‘Eu moro num aldeia Rio novo’. (L. 12) Eu moro na aldeia Rio Novo.	A2T3
	‘minha aldeia fica no imagem esquerdo e fica no barranco alto ’. (L. 11) Minha aldeia fica na margem esquerda e fica num barranco alto.	A8T1

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
Não é necessário o artigo	‘Ele respeitoso para os aulas – aula dele e o muito positivos’. (L. 3-5) Ele é respeitoso para com os alunos, a aula dele é muito positiva.	A2 T3
Não é necessário o artigo	‘Sim eu queria aprender más nessas o disciplinas . etc’. (L. 26) Eu queria aprender mais nessas disciplinas etc.	A9 T5

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
Gênero	‘ O primeiro aula eu aprendir, presente, passado, vogais [...]’. L. 8 Na primeira aula eu aprendi sobre o presente, passado, vogais, dígrafos [...]	A2T3
	‘ O meu avaliação o professor não aconteceu nada’. (L. 16) Na minha avaliação o professor não pôs nenhuma observação.	A2T3
Gênero	‘eu moro no aldeia liberdade’. (L. 2) Eu moro na aldeia Liberdade.	A8T1

Ausência do artigo	‘nome do meu pai é artêmio [...]’. (L.5-6)	A8T1
	O nome do meu pai é Artêmio.	
Ausência do artigo	‘A situação da Funai não está melhorando, porque presidência da Republica esta querendo acabar com a lei que existe na Funai’. (L. 1-2)	A8T2
	A situação da FUNAI não está bem porque a presidência da república pretende acabar com a lei que existe na FUNAI.	
Ausência do artigo	‘O professor, eu gostei muito de aula dele’. (L. 1)	A8T3
	Eu gostei muito da aula dele.	
Ausência do artigo	‘eu gostei muito de professor’. (L. 7)	A8T3
	Eu gostei muito do professor.	
Ausência do artigo	‘Na aldeia muitos crianças Muitos jovens muitas muitas as meninas [...]’. (L. 15)	A9T1
	Na aldeia tem muitas crianças, jovens e muitas meninas [...].	
Ausência do artigo	partido social cristão (PSC) e o pastor <i>fulano de tal</i> estão interessados na presidência da Funai’. (L. 2-3)	A10T2
	O Partido Social Cristão (PSC) e o pastor <i>fulano de tal</i> estão interessados na presidência da FUNAI.	
Ausência do artigo	‘ Sintaxe , parte da gramática que estudamos a disposição das palavras na frase e a das frases no discurso’. L. 1-3	A10T4
	A sintaxe é a parte da gramática que está à disposição das palavras nas frases e nos discursos.	
Ausência do artigo	Nome do meu pai, é <i>fulano de tal</i> . (L. 2)	A18T1
	O nome do meu pai é <i>fulano de tal</i> .	
Ausência do artigo	‘ Tudosconteúdos Foi dato [...]’. (L. 9)	A17T3
	Todosos conteúdos foram dados.	
Ausência do artigo	‘ tudos assuntos que teu más foi melhora o próximo anos’. (L. 12)	A18T3
	Todos os assuntos que deu vai revisar no próximo ano.	

Intensificação do superlativo

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
Superlativo	‘a sua explicação foi muito ótimos [...]’. (L. 17)	A5T5
	A sua explicação foi ótima.	

Concordância verbal

Número-Pessoal

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
Concordância verbal.	‘Tenho pai e mãe [...] estão morando na comunidade. Não gostam de morar na cidade, porque não gosto de comer os congelados’ (L. 22-25)	A1T1
	Tenho pai e mãe [...] estão morando na comunidade. Não gostam de morar na cidade porque não gostam de comer os congelados	
	‘ Eu trabalha na escola’. (L. 2)	A3T1
	Eu trabalho na escola.	
Erro de concordância	‘ Eu precisa melhorar no curso’. (L. 23)	A7T5
	Eu preciso melhorar no curso.	
Erro de concordância	‘Antes, o pessoal fala que a funai ajudou muito’. (L. 11-12)	A8T2
	Antes, o pessoal falavaque a FUNAI ajudou muito.	
Erro de concordância	‘Também eu temos familia ’. (L. 17)	A9T1
	Também eu tenho família.	
	‘O professor Sandrson que explicamos pra nos o português’. (L. 1)	A9T3
	O professor Sanderson explicou para nós o português.	

	‘eu estudei muitas Coisas eu estuteimos ’. (L. 4)	A9T4
	Estudei muitas coisas, eu estudei.	
	‘ Eu gostaríamos de orientação para nós’. (L. 12)	A9T5
	Eu gostaria que tivesse mais orientação para nós.	
	‘ Eu precisa outros etapas’. L. 16	A9T5
	Eu preciso de outras etapas	
	O psc foi um dos partidos que apoiaram a afastamento da presidente Dilma [...]’. (L. 5-6)	A10T2
	O PSC foi um dos partidos que apoiou o afastamento da presidente Dilma [...].	
	‘ Eu aprende muitas coisas’. (L. 8)	A10T4
	Eu aprendi muitas coisas.	
	‘Como professor Sanderson eu aprende muitos coisas ’. (L. 12-13)	A10T4
	Com o professor Sanderson eu aprendi muitas coisas.	
Concordância verbal	‘Meu povo habitam na aldeia maronal alto rio curuça’. (L. 5-6)	A11T1
	Meu povo habita na aldeia Maronal no alto rio Curuçá.	
	‘O meu povo que vivem na aldeia rio novo’. (L. 4)	A16T1
	O meu povo vive na aldeia Rio Novo.	
Concordância verbal	‘A aula a gente estudei em Português para fins específicos’. (L. 1)	A16T3
	Na aula a gente estudou português para fins específicos.	
Concordância verbal	‘ eles, Foi para Brasília [...]’. (L. 8)	A17T2
	Eles foram à Brasília [...].	
	‘ nós conversa com parente importante’. (L. 18)	A17T3
	Nós conversamos com parentes importantes.	
Concordância verbal	‘agro eu moram junto com meu família’. (L. 7)	A18T1
	Eu moro junto com a minha família.	
Concordância verbal	‘eu não queremos mais muda para outro cantor’. (L. 8)	A18T1
	Eu não quero mais mudar para outro canto.	
	‘ele explicaram bém’. (L. 10)	A18T5
	Ele explicou bem.	
Concordância verbal	‘ mora na minha aldeia muito tempo’. (L. 3)	A18T1
	Moro na minha aldeia há muito tempo	
	‘a minha aldeia e rio novo é longe para chegar lá e 6 dias ’. (L. 6)	A16T1
	A minha aldeia é Rio Novo, é longe, para chegar lá levam seis dias.	
	‘A minha família e 5 pessoas ’. (L. 8)	A16T1
	A minha família é de 5 pessoas.	
	‘o meu povo que vivem na aldeia rio novo’. (L. 4)	A16T1
	O meu povo vive na aldeia Rio Novo.	

Modo-Temporal

	‘Eu aprender varios assuntos de Língua Português’. (L. 2)	A3T3
	Eu aprendi vários assuntos da Língua Português.	
	‘por isso que eu conhecer o novos assuntos na aula’. (L. 5)	A3T3
	Por isso que eu conheci novos assuntos na aula.	
	‘muito defecio para mim mas assim mesmo que a gente aprender ’. (L. 6)	A3T2
	Foi muito difícil para mim, mas é assim mesmo que a gente aprende.	
	‘ Esta licionando o fundamental’. (L. 2)	A7T1
	Estou lecionando no Ensino Fundamental.	
Erro de concordância	‘Eu tenha muitodificuldades [...]’. (L. 2)	A7T3
	Eu tenho muitas dificuldades	

Erro de concordância	‘Eu entende sufixos e composta’. (L. 6)	A7T4
	Eu entendo de sufixos e compostos.	
	‘ Eu construir nove filhos cinco homens, e quatro meninas’. (L. 14)	A6T1
	Eu tenho nove filhos, cinco homens e quatro mulheres.	
Erro de concordância	‘Antes, o pessoal fala que a funai ajudou muito’. (L. 11-12)	A8T2
	Antes, o pessoal falavaque a FUNAI ajudou muito.	
	‘Ele ensina para nos muitas maneiras [...]’. (L. 4)	A9T3
	Ele ensina para nós de muitas maneiras.	
	‘eu aprender maés o menos etc’. (L. 6)	A9T5
	Eu aprendi mais ou menos.	
	‘[...] eu aprender maes omenos etc. L. 2	A9T5
	[...]eu aprendi mais ou menos etc	
	‘ Eu gostaríamos de orientação para nós’. (L. 12)	A9T5
	Eu gostaria que tivesse mais orientação para nós.	
	‘ Eu aprende ’ L. 8	A10T4
	Eu aprendi	
	‘Como professor Sanderson eu aprende muitas coisas ’. L. 12-13	A10T4
	Com o professor Sanderson eu aprendi muitas coisas	
	‘Eu gostati estudar [...] em portante para trabalha ’fala cons alluridade [...]’. (L. 8-9)	A12T1
	Eu gosto de estudar [...] é importante para trabalhar, para falar com as autoridades.	
	‘Eu vou a prente ’. (L. 13)	A12T3
	Eu vou aprender.	
	‘caso ele assuma esse cargo os indígenas fazer a mobilização nacional [...]’. (L. 8)	A13T2
	Caso ele assuma esse cargo os indígenas faraão uma mobilização nacional [...].	
Concordância verbal	‘meu eles pesca e caçar ele é paxo. (L. 2)	A14T1
	Meu pai pesca e caça, ele é paxo.	
	‘eu pensava que não, não chega e estuda ’ universidade’. (L. 1)	A14T4
	Eu pensei que não chegaria a estudar numa universidade.	
	‘Também estudo dicionário em, acha uma palavra’. (L. 10)	A14T4
	Também estudei o dicionário, foi sobre achar uma palavra.	
	‘eu estou considero muitas coisas conteúdos que eu vir ’. (L. 4)	A15T5
	Eu estou considero muitas coisas, conteúdos que eu vi.	
	‘o professor explicar muito boa’. (L. 16)	A15T5
	O professor explica muito bem.	
	‘o professor é muito sabedoria para explicar conteúdo sabe ensina ’. (L. 14)	A15T5
	O professor tem muita sabedoria para explicar os conteúdos, sabe ensinar.	
	‘vamos responsabilidade de nosso trabalho de em nosso disionário vai sai ainda ’. (L. 12)	A14T5
	Temos esperança que o nosso dicionário vai sair ainda.	
	‘Sim, eu considera os conteúdo do curso eu estou aprendendo várias conteúdo [...]’. (L. 2)	A15T5
	Sim, eu considero os conteúdos do curso, estou aprendendo vários assuntos.	
Concordância verbal	‘ eles, o trabalhar mas não gostara’. (L. 14)	A17T2
	Eles não gostaram de trabalhar.	
	‘Quando fica perto da queixda nós Fazer o qesto [...]’. (L. 11)	A17T3
	Quando ficamos perto da queixada nós fazemos o gesto.	

Número-pessoal e modo-temporal

	‘minha família criar comunidade ’. (L. 7)	A15T1
	A minha família criou a comunidade.	
	‘professor que ensino bem ’. (L. 7)	A14T5
	O professor ensinou bem.	
	‘eu aprende poucas palavras [...]’. (L. 7)	A15T3
	Eu aprendi poucas palavras.	
Concordância verbal	‘O Bruno Eles. Termino ’. (L. 16)	A17T2
	O Bruno que terminou.	
Concordância verbal	‘nós professore aprendi conteúdo foi Expligado’. (L. 17)	A17T3
	Nós professores aprendemos o conteúdo explicado.	
Concordância verbal	‘Os povos indígenas da Amazonas não querem que ele administro como presidente da Funai’. (L. 22)	A18T2
	Os povos indígenas do Amazonas não querem que ele administre como presidente da FUNAI.	
Concordância verbal	‘Eu aprender o sua disciplinar e sintaxe’. (L. 7)	A9T5
	Eu aprendi a sua disciplina de sintaxe.	

Conjugação conforme padrões regionais

	‘nos já aprendemos ainda conhecimos ’. (L. 9)	A14T5
	Nós aprendemos e ainda conhecemos.	

Redobro do verbo

	‘Eu formando, aprende consegui aprender 95% de aulas [...]’. (L. 14-15)	A1T3
	Eu como formando consegui aprender 95% das aulas [...]	

Não existente em Língua Portuguesa

	‘o curso e aprendei , um pocos mais muitos assuntos mas e aprendei’. (L. 8)	A4T5
	No curso eu aprendi um pouco, muitos assuntos, mas eu aprendi.	
	‘eu queria aprendeimos mais é formação’. (L. 5)	A9T4
	Eu queria aprender mais na formação.	
	‘Eu estuteimos ’. (L. 4)	A9T4
	Eu estudei.	
	‘Eu veu o conteúdo’. (L. 2)	A9T5
	Eu vi o conteúdo.	
	‘Professor: Sanderson segundo etapa trace lingua Português para nos’. (L. 15)	A14T4
	O professor Sanderson, na segunda etapa, trouxe a Língua Portuguesa para nós.	
	‘a curso começou muito boa que você ensinou para nós aprendei ’. (L. 2)	A15T3
	O curso começou muito bom, você ensinou para nós aprendermos.	
	‘[...] mais importante que eu aprende várias palavras e leitura apresentação e falar usa Português assim que eu aprendei ’. (L. 3-5)	A15T3
	O mais importante foi que eu aprendi várias palavras, leitura, apresentação, a falar, usar o português, assim eu aprendi.	
	‘Eu aprenteir e uma Coisas’. (L. 2)	A9T3
	Eu aprendi umas coisas.	
Concordância verbal	‘Eu agradecei seu trabalho’. (L. 9)	A17T3
	Eu agradecei seu trabalho.	

Infinitivo marcado por acento

	Seu desempenho, de certeza que vai ajudá a minha experiência na sala de aula [...]. (L. 2-3)	A6T3
	Seu desempenho, de certeza que vai ajudar a minha experiência em sala de aula.	

Erro no uso do pronome

Erro de concordância	‘ Ele querem assumim o Controle das terras indígenas’. (L. 13)	A9T2
	Eles querem assumir o controle das Terras Indígenas.	

Uso de “a gente” por “nós”

Concordância verbal	‘A gente apresentamos nosso trabalho’. (L. 4)	A10T3
	Nós apresentamos nosso trabalho.	

Troca do verbo

Troca do verbo	‘eu era 12 anos’. (L. 6)	A18T1
	Eu tinha 12 anos.	

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
Inversão da ordem dos elementos	‘ muito foi boa curso minha aprendizado no curso muito foi em portante para nós’. (L. 8)	A7T5
	Foi muito bom o curso para o nosso aprendizado, foi importante para nós.	
	‘Eu aprenteir e uma Coisas’. (L. 2)	A9T3
	Aprendi umas coisas.	
Inversão da ordem dos elementos	‘ todos gostei ’. (L. 11)	A11T5
	Gostei de todos.	

Locução verbal

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
Erro no uso da locução verbal	‘ eu sou trabalha ’. (L. 2)	A5T1
	Estou estou trabalhando.	
Erro no uso da locução verbal	‘Eu sou gosto de aprender, a língua Portugue’. (L. 8)	A5T1
	Eu estou gostando de apender a Língua Portuguesa.	
Erro no uso da locução verbal	‘Eu gostando aminha aprendizado [...]’. (L. 13-14)	A5T5
	Eu estou gostando do meu aprendizado [...].	
Erro no uso da locução verbal	‘[...] cada dia que eu aprendendo com senhor professor’. (L. 14)	A5T5
	A cada dia eu vou aprendendo com o senhor, professor.	
	‘eu queria estudamos o proximo etapa. (L. 4)	A9T4
	Eu queria que estudássemos na próxima etapa.	
	‘Outros na nossa Refeiturio também não voltando ’. (L. 16)	A9 T4
	Outros do nosso refeitório também não voltaram.	

Verbo haver

Classificação	Transferência/Interferencia	Texto
Supressão do verbo haver.	‘Foi primeiro dia de aula, explicação na lousa sintaxe das Línguas Indígenas’. L. 1-2	A5T5
	Foi o primeiro dia de aula, houve explicação na lousada sintaxe das línguas indígenas.	

Verbo de ligação

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
Ausência de cópula.	‘ A minha aldeia localizada na margem esquerda do rio curuçá da T.I Vale do Javari.’ (L. 14)	A1T1

	A minha aldeia está localizada na margem esquerda do rio Curuçá da T.I Vale do Javari.	
	‘A minha família grande, unido ’. (L. 9-10)	A3T1
	A minha família é grande e unida	
	‘O pontos positivos para nós, por que vai melhorar na nossos língua sintaxe’. L. 15	A4T5
	O ponto positivo para nós é porque vai melhorar a sintaxe da nossa língua.	
Duplo uso da cópula	‘Meus pais: eram são Sata Nawavo que vivem nas aldeia’. L. 4	A6T1
	Meus pais são Satã Nawavo que vivem nas aldeias.	
Ausência de Cópula	minha comunidade alto curuçá ’. (L. 1)	A7T1
	Minha comunidade é no Alto Curuçá.	
Uso inadequado da cópula	‘nome do e meu pai [...]’. (L. 3)	A7T1
	O nome do meu pai é [...]	
Cópula no lugar do “ter existencial”	‘Também a aldeia é muitas pessoas [...]’. L. 4	A9T1
	Também na aldeia tem muitas pessoas.	
Ausência da cópula	‘O meu pai Também ele etnia Marubo’. (L. 8)	A9T1
	O meu pai também é da etnia Marúbo.	
Ausência da cópula	‘a minha aldeia são Salvador ’. (L. 2)	A10T1
	A minha aldeia é a São Salvador.	
Ausência da cópula	‘[...] a minha deveculdade fala em língua portgues’. (L. 10)	A10T3
	[...] a minha dificuldade é falar a língua portuguesa.	
Ausência da cópula	‘Pela primeira vez que participando esse curso’. (L. 7)	A10T3
	É a primeira vez que eu estou participando desse curso.	
Ausência da cópula	‘ minha família muito unida ’. (L. 3)	A11T1
	A minha família é muito unida.	
Ausência da cópula	‘A minha mãe Antônia Tomas Maruba’. (L. 35)	A17T1
	A minha mãe é Antônia Tomas Marúbo.	
Ausência da cópula	‘ O meu povo etnia marubo . (L. 7)	A17T1
	O meu povo é da etnia Marúbo.	

Locuções Adverbiais e Preposições

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
Ausência de advérbio e/ou locução adverbial	‘ Nasci em 22 de novembro de 1982 na comunidade atualmente estou morando ’. (L. 3)	A1T1
	Nasci em 22 de novembro de 1982 na comunidade em que atualmente estou morando.	
Ausência de advérbio	‘Eu formando, aprende consegui aprender 95% de aulas [...]’. (L. 14-15)	A1T3
	Eu como formando consegui aprender 95% das aulas [...].	
Ausência do advérbio	‘Minha aldeia é maloca grande que cabem oito famílias que moram dentro dela’. (L. 10)	A6T1
	Minha aldeia é uma maloca grande onde cabem oito famílias dentro dela.	

Ausência de preposição	‘ Não revolto nada ’. (L. 13)	A1T3
	Não me revolto com nada.	
	O primeiro aula eu aprender Presente , passado, vogais, dígrafos [...]’. (L. 8)	A2T3
	Na primeira aula eu aprendi sobre o presente, passado, vogais, dígrafos [...]	
Ausência da preposição	‘ No diz Respeito gramatical ou lexical [...]’. (L. 3)	A1T5
	No que diz respeito ao gramatical e lexical [...].	

Ausência de preposição	‘ O professor deu oportunidade se conhecer ’. (L. 19)	A1T5
	O professor deu oportunidade de se conhecerem.	
Ausência de Preposição	‘ por que maioria professores está dificuldade de falar em portuguesas ’. (L. 10-11)	A4T3
	Porque a maioria dos professores está com dificuldade de falar em português.	
Ausência da preposição	‘ professor Anderson. Com sua aula português, me deu muito atenção ’. (L. 1-2)	A6T3
	O professor Sanderson, na sua aula de português, me deu muita atenção.	
Ausência de preposição	‘ eu interessei muito sua aula sobre sintaxe [...]’. (L. 2)	A6T4
	Eu me interessei muito pela sua aula de sintaxe.	
Ausência de Preposição	‘ minha comunidade alto curuçá . (L. 1)	A7T1
	Minha comunidade é no Alto Curuçá.	

Uso de Preposição inadequada	‘Eu agradeço o reitor da UEA e professor que se decaram com nós ’. (L.24-25)	A1T3
	Eu agradeço o reitor da UEA e o professor que se dedicaram a nós.	
Uso inadequado da preposição	‘Ele respeitoso para os aulas – aula dele e o muito positivos’. (L. 3-5)	A2T3
	Ele é respeitoso para com os alunos, sua aula é muito positiva.	
Uso inadequado da preposição	‘O professor sabe nesta conteúdo [...]’. (L. 12)	A4T5
	O professor sabe este conteúdo [...].	
Uso equivocado de preposição	‘me esforcei bastante em aprender conteúdo do texto que Ele ministrou’. (L 13-15)	A7T3
	Me esforcei bastante para aprender os conteúdos do texto que ele ministrou.	
Uso equivocado de preposição	‘na disciplina foi muito bom ’. (L. 2)	A7T4
	A disciplina foi muito boa.	
Como por com	‘ Como professor Sanderson eu aprende muitas coisas’. (L. 12-13)	A10T4
	Com o professor Sanderson eu aprendi muitas coisas.	

Ausência de preposição	‘ Eu sou etnia marubo do alto rio ituí’. (L. 1)	A8T1
	Eu sou da etnia Marúbo do Alto Rio Ituí.	
Ausência de preposição	‘ Eu participei todos os aula que ele passou para nós’. (L. 6)	A8T3
	Eu participei de todas as aulas que ele passou para nós.	
Ausência de preposição	‘ O meu pai Também ele etnia Marubo ’. (L. 8)	A9T1
	O meu pai também é da etnia Marúbo.	
Ausência de preposição	‘ eu queria estudarmos o próxima etapa ’. (L. 4)	A9T4
	Eu queria estudar na próxima etapa.	
Ausência de preposição	‘ eu sou etnia marubo ’. (L. 1)	A10T1
	Eu sou da etnia Marúbo.	
Ausência de preposição	‘ Eu gostei da sua aula todos os conteúdos que você nos deu eu aprendi um pouco não muito, mas vou melhorar ’. (L. 1-3)	A11T3
	Eu gostei da sua aula, de todos os conteúdos que você deu eu aprendi um pouco, não muito, mas vou melhorar.	
Ausência da preposição	‘ Eu sou elnia marubo ’. (L. 3)	A12T1
	Eu sou da etnia Marúbo.	
Ausência de preposição	‘ a aula foi poucos dias ’. (L. 6)	A13T5
	A aula foi em poucos dias.	
Ausência de preposição	‘ minha aldeia, temos posto de saúde mas não temos remédio ’. (L. 11)	A14T1

	Na minha aldeia temos posto de saúde, mas não temos remédio.	
Ausência de preposição	‘ Professor Sanderson, nos estudamos ciências Sociais foi muito coisa aprendemos antropologia, filosofia, psicologia, foram muitas coisas [...] ’. (L. 2-3)	A14T3
	Como professor Sanderson nós estudamos ciências Sociais, Antropologia, Filosofia, Psicologia, foram muitas coisas.	
Ausência de preposição	‘esse curso estamos conhecendo o sintaxe’. (L. 19)	A16T5
	Nesse curso estamos conhecendo asintaxe.	
Omissão e uso inadequado da preposição	‘ A minha casa é mora com família ’. (L. 13)	A17T1
	Na minha casa mora a minha família.	
Ausência da preposição	‘ A minha família e 5 pessoas e fala própria a língua indígena’. (L. 8)	A16T1
	A minha família é de 5 pessoas e falam a própria língua indígena.	
Ausência de preposição	‘ meu povo habitam na aldeia maronal alto rio curuçá ’. (L. 5-6)	A11T1
	Meu povo habita na aldeia Maronal, no Alto Rio Curuçá.	
Ausência de preposição	‘A minha aldeia fica a 900 km de linha reta no município de atalaia do norte, com a população aproximadamente 308 pessoas’. (L. 7-8)	A13T1
	A minha aldeia fica a 900 km em linha reta do município de Atalaia do Norte, com população de aproximadamente 308 pessoas.	

Pronomes

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
Reflexivização do verbo	‘Não revolto nada’. (L. 13)	A1T3
	Não me revolto com nada.	
Ausência do pronome relativo	‘ No diz Respeito gramatical ou lexical ’. L. 3	A1T4
	No que diz respeito ao gramatical e lexical.	
Uso indevido de “que”	‘[...] cada grupo que Fala sobre suas necessidades das aldeias indígenas’. L. 15	A6T2
	Cada grupo fala das necessidades das suas aldeias.	
Reflexivização do verbo	‘eu interessei muito sua aula sobre sintaxe [...]’. L. 2	A6T4
	Eu me interessei muito pela sua aula de sintaxe.	
	‘Eu quero quer ’almenta-se os dias’. (L. 3)	A7T4
	Eu quero que almentassem os dias.	
Uso indevido do reflexivo	‘A minha família me chama-se em língua marubo’. (L. 3)	A10T1
	A minha família me chama na língua Marúbo.	
Uso da preposição pelo pronome relativo	‘eu aprende muitas coisas de tem função gramatica, artigo, preposição, conjunção’. (L. 8)	A10T4
	Eu aprendi muitas coisas, a função na gramática do artigo, da preposição, da conjunção.	
Uso indevido do pronome “o”	‘Os próprios indígenas indicaram o Júnior, como coordenador interino da FUNAI, enquanto o esperam o novo coordenador’. (L. 17)	A13T2
	Os próprios indígenas indicaram o Júnior como coordenador interino da FUNAI enquanto esperam o novo coordenador.	
Uso inadequado do pronome relativo “que”	O professor que ensino bem’. (L. 7)	A14T5
	O professor ensinou bem.	

Variações comuns a falantes de Português como Primeira Língua

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
Concordância	‘ A minha aldeia localizada na margem esquerda do rio curuçá da T. I Vale do javari. Ela e grande, 180 habitantes [...]’. (L. 16)	A1T1
	A minha aldeia está localizada na margem esquerda do Rio Curuçá da T. I Vale do Javari. Ela é grande, tem 180 habitantes [...].	

	‘O professor Sanderson vez aula para nos ’. (L. 1)	A2T3
	O professor Sanderson prepearou aula para nós.	
	‘ A organização dos conteúdos foram bem apresentado ’. (L 2-3)	A1T4
	A organização dos conteúdos foi bem apresentada.	
Acentuação	‘clã do o meu pai ni nawavo significa o povo de arvore ’. (L. 8)	A2T1
	O clã do meu pai é Ni Nawavo que significa,o povo da árvore.	
Problema de grafia	‘toda administração der modo geral deve melhorar [...]’. (L.3)	A3T3
	Toda a administração, de modo geral, deve melhorar.	
Problema de grafia	‘Esses língua Portugues, muito deficeo ’. (L. 5)	A3T3
	Essa língua portuguesa é muito difício.	
	‘ Os meu povos e o marubo’. (L. 5)	A4T1
	O meu povo é Marúbo.	
	‘Depois os indígenas indicaram o Darcy compa para coordenação da FUNAI. (L. 9)	A5T2
	Depois os indígenas indicaram Darcy Comapa para a coordenação da FUNAI.	
	‘Porque ele conhece a realidade e a siluação dos povo indigenas do Vale do Javari’. (L. 11)	A5T1
	Porque ele conhece a realidade e a situação dos povos indígenas do Vale do Javari.	
	‘Eu sou elnia marubo’. (L. 3)	A12T1
	Eu sou da etnia Marúbo.	

Transferências/Interferências Sintáticas

Inversão de ordem de elementos

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
	‘ muito foi boa curso minha aprendizado no curso muito foi em portante para nós’. (L. 8)	
	Foi muito bom o curso para o meu aprendizado, foi muito importante para nós.	A7T5
	‘nome do e meu pai [...]’. (L. 3)	A7T1
	É o nome do meu pai	
	‘ todos gostei ’. (L. 11)	A11T5
	Gostei de todos.	

Acréscimos de elementos e a não observância de concordância

Classificação	Transferência/Interferência	Texto
	‘O professor disciplina deles é portuguêsa ’. (L. 3)	A9T3
	O professor, a disciplina dele é Português.	

Frases mal elaboradas

Classificação	Transferência	Texto
	‘ Ainda, também que o trabalho foi feito várias maneiras [...]’. (L. 12-13)	A1T3
	Ademais, o trabalho foi feito de várias maneiras [...].	
	‘ O professor tem houve de ter aplicar o seu conteúdo aplicados [...]’. (L. 21-22)	A1T4
	O professor soube aplicar o seu conteúdo.	
	‘ O meu avaliação o professor não a conteceu nada’. (L. 16-17)	A2T3
	Na minha avaliação o professor não pôs nenhuma observação.	
	‘[...] eu não regramei na alimentação, lá no rio bardo eu regramam aqui eu alimentamo bem (mĩ tanai) ’. (L. 10-12)	A3T3
	[...] eu não reclamei da alimentação, lá no rio Pardo eu reclamei. Aqui eu me alimento bem (você entende).	
	‘ A minha família clã e clã de solão ’. (L. 7)	A7T1
	A minha família é do clã Azulão.	

	‘Ele explicou muito bém todos é também e outros [...]’ (L. 7-8)	A7T3
	Ele explicou muito bem todos os conteúdos.	
	‘Eu quero que volta-se na outra Etapa continua mais línguas materna’. (L. 4)	A7T4
	Eu gostaria que na outra etapa continuasse o ensino sobre língua materna.	
	‘muito foi boa curso’. (L. 7)	A7T5
	O curso foi muito bom.	
	‘O professor conteúdos explicou muito bem todos os conteúdos [...]’. (L. 12)	A7T5
	O professor explicou muito bem todos os conteúdos.	
	‘O professor conteúdos explicou muito bem todos os conteúdos fui pontual asi duo, participei dos atividades. Que ele ministrou me esforcei bastante [...]’. (L 12-15)	A7T5
	O professor explicou muito bem todos os conteúdos; fui pontual, assíduo, participei das atividades que ele ministrou e me esforcei bastante.	
	‘Eu tenho filha gêmea de duas meninas’. (L. 13)	A8T1
	Eu tenho filha gêmea, duas meninas.	
	‘o professor, eu gostei muito de aula dele disciplina que ele deu’. (L. 1-2)	A8T3
	O professor, eu gostei muito da aula dele, da disciplina que ele deu.	
	‘todas as aula que ele passou pra nos eu me achei muito importante para todos os nós [...]’. (L. 3-4)	A8T3
	Todas as aulas que ele passou eu achei que foi muito importante para nós.	
	‘[...] na minha Sala de aula no Aldeia Alegria, é escola’. (L. 2)	A9T1
	Minha sala de aula é na escola da aldeia Alegria.	
	‘Também a aldeia é muitas pessoas temos 7 malocas também temos 39 casas também população de total de pessoas 106 pessoas’. (L. 3-6)	A9T1
	Também a aldeia tem muitas pessoas, temos 7 malocas, também temos 39 casas, a população total é de 106 pessoas.	
	‘O professor no prega ele E cauma ele explica muito bom’. (L. 9)	A12T3
	O professor não tem pressa, ele é calmo, ele explica muito bem.	
	‘Eu vo passa para meus a lunos português em portante’. (L. 5)	A12T3
	Eu vou passar para os meus alunos o Português, é importante.	
	‘tudos assuntos que teu más Foi melhora o próximo anos’. (L. 12)	A17T3
	Todos os assuntos que deu vai melhorar nos próximos anos.	
	‘primeiro Dia de aulas Disciplina. 4 de julho de 2018’. (L. 3)	A17T4
	O primeiro dia de aula da disciplina foi no dia 4 de julho de 2018.	
	‘eu não queremos mais muda para outro cantor eu queria ficar lá mesmo’. (L. 8)	A18T1
	Eu não queria mais mudar para outro canto, queria ficar lá mesmo.	
	‘o metodologia que ele ensinou como, ortografia, presente, passado, alfabeto, consoantes e vogais’. (L. 2-3)	A18T3
	a metodologia como ele ensinou a ortografia, o presente, o passado, o alfabeto, as consoantes e as vogais.	
	‘ele explicaram bém com nós, ensinaram com na língua português’. (L. 10)	A18T5
	Ele explicou bem para nós e ensinou em língua portuguesa.	

APÊNDICE B - ANÁLISE DOS TEXTOS PARA “OBSERVAÇÕES SOBRE TEXTUALIDADE”

Análises textuais Problemas de adequação/inadequação textual

Classificação	Inadequações textuais	Texto
Ausência e uso inadequado da pontuação		A1T1
Uso inadequado de minúscula		A1T1
Tem espaçamento ente linhas após parágrafo		A1T1
Ausência e uso inadequado da pontuação		A1T2
Uso inadequado de maiúscula		A1T2
Ausência de vírgula		A1T3
Não tem paragrafação		A1T5
Não tem estrutura de texto		A1T5
Uso inadequado de maiúscula		A1T5
Ausência e uso de inadequado da pontuação		A1T5
Ausência de acentuação gráfica		A1T5
Não tem paragrafação		A1T5
Não tem estrutura de texto		A1T5
Espaçamento de linhas entre parágrafos		A1T5
Uso inadequado de maiúscula		A1T5
Ausência e uso inadequado da pontuação		A1T5
Ausência de acentuação gráfica		A1T5
Sem paragrafação		A2T1
Tem estrutura de texto		A2T1
Texto com poucas linhas		A2T1
Uso inadequado de maiúscula		A2T1
Ausência e uso inadequados da pontuação		A2T1
Ausência de acentuação gráfica		A2T1
Não tem paragrafação		A2T2
Não tem estrutura de texto		A2T2
Texto com poucas linhas		A2T2
Ausência e uso de maiúscula inadequada		A2T2
Ausência de pontuação		A2T2
Uso inadequado de acentuação gráfica		A2T2
Não tem paragrafação		A2T3
Sem estrutura de texto		A2T3
Uso de maiúsculas inadequadas		A2T3
Uso inadequado da pontuação		A2T3
Ausência de acentuação gráfica		A2T3
Não tem paragrafação		A3T1
Não tem estrutura de texto		A3T1
Texto com muitas linhas		A3T1
Uso inadequado de maiúscula e minúscula		A3T1
Uso inadequado da pontuação		A3T1
Ausência de acentuação gráfica		A3T1

Não tem paragrafação		A3T3
Sem estrutura de texto		A3T3
Uso de maiúsculas inadequadas		A3T3
Uso inadequado da pontuação		A3T3
Separação silábica inadequada		A3T3
Texto com poucas linhas		A4T1
Uso de minúscula inadequada		A4T1
Não tem paragrafação		A4T3
Sem estrutura de texto		A4T3
Texto com poucas linhas		A4T3
Uso inadequado de maiúscula e minúscula		A4T3
Uso inadequado de maiúsculas e minúsculas		A4T5
Ausência e uso de inadequado da pontuação		A4T5
Uso de acentuação gráfica inadequado		A4T5
Não tem paragrafação		A5T1
Não tem estrutura de texto		A5T1
Texto com poucas linhas		A5T1
Uso inadequado de maiúsculas e minúsculas		A5T1
Uso inadequado da pontuação		A5T1
Ausência de acentuação gráfica		A5T1
Não tem paragrafação		A5T2
Não tem estrutura de texto		A5T2
Texto com poucas linhas		A5T2
Uso inadequado de maiúsculas e minúsculas		A5T2
Pontuação inadequada		A5T2
Ausência da acentuação gráfica		A5T2
Sem estrutura de texto		A5T3
Uso inadequado de maiúsculas		A5T3
Uso inadequado da pontuação		A5T3
Ausência e uso de inadequado da pontuação		A5T5
Ausência de acentuação gráfica		A5T5
Tem espaçamento ente linhas após parágrafo		A6T1
Tem estrutura de texto		A6T1
Texto com poucas linhas		A6T1
Uso de maiúsculas e minúsculas inadequadas		A6T1
Uso inadequado da pontuação		A6T1
Ausência de acentuação gráfica		A6T1
Uso inadequado de maiúsculas e minúsculas		A6T2
Ausência e uso inadequado da pontuação		A6T2
Texto com poucas linhas		A6T3
Uso de maiúsculas e minúsculas inadequadas		A6T3
Pontuação inadequada		A6T3
Ausência da acentuação gráfica		A6T3
Há espaço entre parágrafos		A6T4
Uso de maiúsculas e minúscula inadequados		A6T4
Ausência e uso inadequado da pontuação		A6T4
Ausência de acentuação gráfica		A6T4

Não tem paragrafação		A6T5
Não tem estrutura de texto		A6T5
Uso inadequado de maiúsculas e minúsculas		A6T5
Uso inadequado da pontuação		A6T5
Ausência de acentuação gráfica		A6T5
Não tem paragrafação		A7T1
Não tem estrutura de Texto		A7T1
Ausência e uso inadequado da pontuação		A7T1
Texto com poucas linhas		A7T1
Uso inadequado de maiúscula e minúscula		A7T1
Uso inadequado da pontuação		A7T1
Ausência de pontuação gráfica		A7T1
Não tem paragrafação		A7T2
Não tem estrutura de texto		A7T2
Texto com poucas linhas		A7T2
Uso inadequado de maiúscula e minúscula		A7T2
Uso inadequado da pontuação		A7T2
Ausência de acentuação gráfica		A7T2
Não tem paragrafação		A7T3
Não tem estrutura de texto		A7T3
Texto com poucas linhas		A7T3
Uso inadequado de maiúsculas e minúsculas		A7T3
uso inadequado da pontuação		A7T3
Ausência de acentuação gráfica		A7T3
Não tem paragrafação		A7T4
Não tem estrutura de texto		A7T4
Texto com poucas linhas		A7T4
Uso inadequado de maiúsculas e minúsculas		A7T4
Ausência de pontuação		A7T4
Não tem paragrafação		A7T5
Não tem estrutura de texto		A7T5
Texto com poucas linhas		A7T5
Uso inadequado de maiúscula e minúscula		A7T5
Ausência de pontuação		A7T5
Não tem paragrafação		A8T1
Não tem estrutura de texto		A8T1
Texto sem título		A8T1
Texto com poucas linhas		A8T1
Uso inadequado de maiúscula e minúscula		A8T1
Ausência e uso inadequados da pontuação		A8T1
Uso inadequado da acentuação gráfica		A8T1
Não tem paragrafação		A8T2
Não tem estrutura de texto		A8T2
Texto com título		A8T2
Texto com poucas linhas		A8T2
Uso inadequado de maiúscula e minúscula		A8T2
Pontuação inadequada		A8T2

Acentuação gráfica adequada		A8T2
Não tem paragrafação		A8T3
Não tem estrutura de texto		A8T3
Texto com título		A8T3
Texto com poucas linhas		A8T3
Uso inadequado de maiúscula		A8T3
Uso inadequado e ausência da pontuação		A8T3
Ausência de acentuação gráfica		A8T3
Não tem paragrafação		A9T1
Não tem estrutura de texto		A9T1
Texto sem título		A9T1
Uso inadequado de maiúscula e minúscula		A9T1
Uso inadequado da pontuação		A9T1
Ausência de acentuação gráfica		A9T1
Não tem estrutura de texto		A9T2
Texto com muitas linhas		A9T2
Separação silábica inadequada		A9T2
Uso inadequado de maiúscula e minúscula		A9T2
Uso inadequado da pontuação		A9T2
Não tem estrutura de texto		A9T3
Texto com poucas linhas		A9T3
Uso inadequado de maiúscula e minúscula		A9T3
Uso inadequado da pontuação		A9T3
Ausência de acentuação gráfica		A9T3
Não tem paragrafação		A9T4
Não tem estrutura de texto		A9T4
Texto com título		A9T4
Texto com muitas linhas		A9T4
Uso inadequado de maiúscula e minúscula		A9T4
Ausência e uso de inadequado da pontuação		A9T4
Ausência da acentuação gráfica		A9T4
Não tem paragrafação		A9T5
Não tem estrutura de texto		A9T5
Texto com título		A9T5
Texto com poucas linhas		A9T5
Uso inadequado de maiúscula e minúscula		A9T5
Ausência e uso inadequado da pontuação		A9T5
Ausência e uso inadequado da acentuação gráfica		A9T5
Não tem paragrafação		A10T1
Não tem estrutura de texto		A10T1
Texto sem título		A10T1
Texto com poucas linhas		A10T1
Uso inadequado de maiúscula e minúscula		A10T1
Uso inadequado da pontuação		A10T1
Ausência de acentuação gráfica		A10T1
Ausência da acentuação gráfica		A10T4
Tem paragrafação		A11T1

Tem estrutura de texto		A11T1
Texto sem título		A11T1
Texto com poucas linhas		A11T1
Uso adequado de maiúscula e minúscula		A11T1
Uso inadequado da pontuação		A11T1
Ausência e uso adequado da acentuação gráfica		A11T1
Não tem estrutura de texto		A11T3
Texto sem título		A11T3
Texto com poucas linhas		A11T3
Uso inadequado da pontuação		A11T3
Ausência de uso adequado da acentuação gráfica		A11T3
Uso de inadequado da pontuação		A11T5
Não tem paragrafação		A12T1
Não tem estrutura de texto		A12T1
Texto com título		A12T1
Texto com poucas linhas		A12T1
Uso inadequado de maiúscula e minúscula		A12T1
Uso inadequado da pontuação		A12T1
Ausência de acentuação gráfica		A12T1
Não tem paragrafação		A12T2
Não tem estrutura de texto		A12T2
Texto com título		A12T2
Texto com muitas linhas		A12T2
Uso inadequado de maiúscula e minúscula		A12T2
Ausência e uso inadequado da pontuação		A12T2
Ausência e uso adequado da acentuação gráfica		A12T2
Não tem paragrafação		A12T3
Não tem estrutura de texto		A12T3
Texto com título		A12T3
Texto com poucas linhas		A12T3
Uso inadequado de maiúscula e minúscula		A12T3
Ausência e uso inadequado da pontuação		A12T3
Ausência de acentuação gráfica		A12T3
Não tem paragrafação		A13T1
Não tem estrutura de texto		A13T1
Texto sem título		A13T1
Texto com poucas linhas		A13T1
Uso inadequado de maiúscula e minúscula		A13T1
Ausência de pontuação		A13T1
Ausência de acentuação gráfica		A13T1
Não tem paragrafação		A13T2
Não tem estrutura de texto		A13T2
Texto com título		A13T2
Texto com muitas linhas		A13T2
Uso inadequado de maiúscula e minúscula		A13T2
Uso inadequado da pontuação		A13T2
Ausência de acentuação gráfica		A13T2

Não tem paragrafação		A13T3
Não tem estrutura de texto		A13T3
Texto com título		A13T3
Texto com poucas linhas		A13T3
Uso inadequado de maiúscula e minúscula		A13T3
Uso inadequado da pontuação		A13T3
Ausência de acentuação gráfica		A13T3
Não tem paragrafação		A13T5
Não tem estrutura de texto		A13T5
Texto sem título		A13T5
Texto com muitas linhas		A13T5
Uso inadequado de maiúscula e minúscula		A13T5
Ausência e uso de inadequado da pontuação		A13T5
Ausência e uso inadequado da acentuação gráfica		A13T5
Não tem paragrafação		A14T1
Não tem estrutura de texto		A14T1
Texto sem título		A14T1
Uso inadequado de maiúscula e minúscula		A14T1
Ausência de pontuação		A14T1
Ausência de acentuação gráfica		A14T1
Tem paragrafação		A14T2
Não tem estrutura de texto		A14T2
Texto com título		A14T2
Texto com muitas linhas		A14T2
Uso inadequado de maiúscula e minúscula		A14T2
Uso inadequado da pontuação		A14T2
Uso adequado da acentuação gráfica		A14T2
Não tem paragrafação		A14T3
Não tem estrutura de texto		A14T3
Texto com título		A14T3
Texto com poucas linhas		A14T3
Uso inadequado de maiúscula e minúscula		A14T3
Ausência de pontuação		A14T3
Ausência de acentuação gráfica		A14T3
Não tem paragrafação		A14T4
Não tem estrutura de texto		A14T4
Texto sem título		A14T4
Texto com poucas linhas		A14T4
Uso inadequado de maiúscula e minúscula		A14T4
Ausência e uso inadequado da pontuação		A14T4
Ausência e uso inadequado da acentuação gráfica		A14T4
Não tem paragrafação		A14T5
Não tem estrutura de texto		A14T5
Texto com título		A14T5
Texto com poucas linhas		A14T5
Uso inadequado de maiúscula e minúscula		A14T5
Ausência e uso inadequado da pontuação		A14T5




Ausência de acentuação gráfica		A14T5
Não tem paragrafação		A5T1
Não tem estrutura de texto		A15T1
Texto com título		A15T1
Texto com poucas linhas		A15T1
Uso inadequado de minúscula		A15T1
Ausência da pontuação		A15T1
Uso adequado da acentuação gráfica		A15T1
Não tem paragrafação		A15T2
Não tem estrutura de texto		A15T2
Texto com título		A15T2
Texto com muitas linhas		A15T2
Uso inadequado de maiúscula e minúscula		A15T2
Ausência de pontuação		A15T2
Uso adequado da acentuação gráfica		A15T2
Não tem paragrafação		A15T3
Não tem estrutura de texto		A15T3
Texto sem título		A15T3
Texto com poucas linhas		A15T3
Uso inadequado de maiúscula e minúscula		A15T3
Ausência de pontuação		A15T3
Ausência de acentuação gráfica		A15T3
Não tem paragrafação		A15T5
Não tem estrutura de texto		A15T5
Texto com título		A15T5
Texto com muitas linhas		A15T5
Uso inadequado de maiúscula e minúscula		A15T5
Ausência de pontuação		A15T5
Ausência e uso inadequado da acentuação gráfica		A15T5
Não tem paragrafação		A16T1
Não tem estrutura de texto		A16T1
Texto sem título		A16T1
Texto com poucas linhas		A16T1
Uso inadequado de minúscula		A16T1
Uso inadequado da pontuação		A16T1
Ausência de acentuação gráfica		A16T1
Não tem paragrafação		A16T2
Não tem estrutura de texto		A16T2
Texto com título		A16T2
Texto com muitas linhas		A16T2
Uso inadequado de maiúscula e minúscula		A16T2
Uso inadequado da pontuação		A16T2
Uso adequado da acentuação gráfica		A16T2
Não tem paragrafação		A16T3
Não tem estrutura de texto		A16T3
Texto com título		A16T3
Texto com muitas linhas		A16T3

Uso inadequado de maiúscula e minúscula		A16T3
Ausência de pontuação		A16T3
Ausência de acentuação gráfica		A16T3
Não tem paragrafação		A16T5
Não tem estrutura de texto		A16T5
Texto com título		A16T5
Texto com muitas linhas		A16T5
Uso inadequado de maiúscula e minúscula		A16T5
Ausência e uso de inadequado da pontuação		A16T5
Uso inadequado da acentuação gráfica		A16T5
Não tem paragrafação		A17T1
Não tem estrutura de texto		A17T1
Texto sem título		A17T1
Texto com poucas linhas		A17T1
Texto com espaço entre linhas		A17T1
Uso inadequado da pontuação		A17T1
Ausência de acentuação gráfica		A17T1
Não tem paragrafação		A17T2
Não tem estrutura de texto		A17T2
Texto com título		A17T2
Texto com 50 linhas		A17T2
Uso inadequado de maiúscula e minúscula		A17T2
Uso inadequado da pontuação		A17T2
Uso inadequado da acentuação gráfica		A17T2
Não tem paragrafação		A17T3
Não tem estrutura de texto		A17T3
Texto com título		A17T3
Texto com poucas linhas		A17T3
Uso inadequado de maiúscula e minúscula		A17T3
Uso inadequado da pontuação		A17T3
Ausência de acentuação gráfica		A17T3
Não tem paragrafação		A17T4
Não tem estrutura de texto		A17T4
Texto com título		A17T4
Texto com muitas linhas		A17T4
Uso inadequado de maiúscula e minúscula		A17T4
Ausência e uso de inadequado da pontuação		A17T4
Ausência e uso inadequado da acentuação gráfica		A17T4
Não tem paragrafação		A18T1
Não tem estrutura de texto		A18T1
Texto sem título		A18T1
Texto com poucas linhas		A18T1
Uso inadequado de maiúscula e minúscula		A18T1
Ausência e uso inadequado da pontuação		A18T1
Ausência de acentuação gráfica		A18T1
Não tem paragrafação		A18T2
Não tem estrutura de texto		A18T2

Texto com título		A18T2
Texto com muitas linhas		A18T2
Uso inadequado de maiúscula e minúscula		A18T2
Uso inadequado da separação silábica		A18T2
Ausência e uso inadequado da pontuação		A18T2
Ausência e uso inadequado da acentuação gráfica		A18T2
Não tem paragrafação		A18T3
Não tem estrutura de texto		A18T3
Texto sem título		A18T3
Texto com poucas linhas		A18T3
Uso inadequado de maiúscula e minúscula		A18T3
Uso inadequado da pontuação		A18T3
Ausência de acentuação gráfica		A18T3
Não tem paragrafação		A18T5
Não tem estrutura de texto		A18T5
Texto com título		A18T5
Texto com muitas linhas		A18T5
Uso inadequado de maiúscula e minúscula		A18T5
Ausência e uso de inadequado da pontuação		A18T5
Ausência e uso inadequado da acentuação gráfica		A18T5

APÊNDICE C - SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA

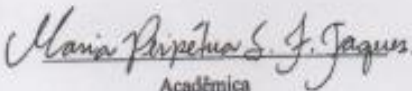
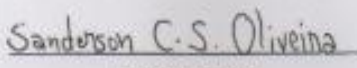
SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA ACADÊMICO-CIENTÍFICA

 Poder Executivo Ministério da Educação Universidade Federal do Amazonas Faculdade de Letras Programa de Pós-Graduação em Letras	 UFAM	 FLET FACULDADE DE LETRAS U F A M
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

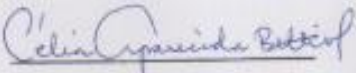
SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA ACADÊMICO-CIENTÍFICA

Através do presente instrumento, solicitamos da senhora CÉLIA APARECIDA BETTIOL, autorização para atividade de análise linguística de textos escritos dos estudantes indígenas Marúbo do curso de Pedagogia Intercultural – Primeira Licenciatura/UEA, das disciplinas do professor Dr. Sanderson Castro Soares de Oliveira no município de Atalaia do Norte, Amazonas. A atividade é parte da pesquisa da acadêmica, MARIA PERPÉTTUA SOCORRO FREITAS JAQUES, do Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL/UFAM, orientada pelo professor, Dr. SANDERSON CASTRO SOARES DE OLIVEIRA, tendo como título prévio: Descrição Preliminar de Aspectos da Língua Marúbo. A presente atividade é requisito para a conclusão do curso de Mestrado.

Manaus, 13 de julho de 2020

 Acadêmica	 Prof. Orientador
--------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------

Deferido (X)
Indeferido ()


Assinatura e carimbo da coordenadora

**ANEXO A - DESCRIÇÃO DA GRAMÁTICA E DA FONÊMICA DA LÍNGUA
MARÚBO, DE ACORDO COM KENNEL JR. (1978)**

DESCRIÇÃO DA GRAMÁTICA E DA FONÊMICA DA LÍNGUA MARUBO

TRABALHO REALIZADO POR GERALD RAYMOND
KENNEL JR., MISSIONÁRIO DA MISSÃO NOVAS
TRIBOS DO BRASIL, NO POSTO INDÍGENA VIDA
NOVA, JUNTO AOS MEMBROS MARUBO, NO
ESTADO DO AMAZONAS. (1978)

Marubo é a língua falada pelos habitantes do alto rio Ituí e do alto rio Curuçá e seus afluentes, no estado do Amazonas, perto da fronteira peruana. A população total da tribo é mais ou menos quatrocentas pessoas. “Marubo” não é alto-denominação da tribo, mas é um nome que foi dado pelos moradores civilizados da região. Não existe um nome que abranja a tribo toda. Os marubo usam a palavra “Myora” quando referem-se a si mesmos. Esta palavra existe em contraste com “naua,” ou seja, pessoa de fora, estrangeiro. A tribo é dividida em vários “clãs”, mesmo que a palavra “clã” não descreva adequadamente os grupos. O nome **xx**⁵⁷ são: vori nauavo (povo rio sol), kamã nauavo (povo da onça), kama nauavo (povo do relâmpago), txonavo (os do macaco barrigudo), etc.

A tribo marubo é uma tribo relativamente monolíngue. Há entre eles algumas pessoas que falam português, mas bom limitadamente. Assim a análise foi feita completamente numa **xxxx**. O meu informante principal foi o João Dionísio, um dos feiticeiros da tribo. Agradeço muito a paciência e perseverança dele, pois sem a sua ajuda o trabalho teria sido muito mais difícil. Também quero agradecer aos meus colegas de trabalho, principalmente ao Jhon Uansma e Paul Hich. Sem a ajuda deles esta obra teria demorado muito mais tempo.

Agora quero dar uma ligeira explicação dos símbolos usados na ortografia de marubo. Para uma explicação mais detalhada do alfabeto marubo onde-se ler o último capítulo desta descrição da língua, que é uma descrição da fonêmica. As letras do alfabeto marubo são: £, Í, £, li, £, §, a, e, i, £, y, m, ts, u, y, cjh, sh, tx, e !. A maior parte delas têm o mesmo valor que em português, com a exceção das seguintes:

⁵⁷As palavras ‘xx’ marcadas com sombra em amarelo se dão pela ilegibilidade do texto original.

o - equivale ao o fechado em português, mas há uma flutuação em certos ambientes ao w, mas não como uru português mesmo;

a - equivale sempre ao a da palavra patu;

e - é o vocóide alto aberto central não arredondado sonoro (1). Não existe vogal semelhante em português.

s - equivale sempre a ss em português;

r - equivale ao r intervocálico do português;

v - fricativa bilabial sonora, *t* semelhante ao v do português, mas o pronunciamento com os dois lábios;

u - semi-vogal labial sonora, equivale ao u do português nas palavras ou expressões como guarda, uau, e ué, mas funciona como consoante;

y - semi-vogal velar sonora, corresponde ao i em português nas palavras como iniô, e iaiê, mas funciona como consoante;

sh - fricativa alveo-palatal para trás (š). É semelhante ao ch em português, mas com a língua um pouco para trás na posição normal usada quando fala-se o ch;

tx - africada alveo-palatal surda. Equivale a tch em português nas palavras tnhoco e thau;

! - oclusivo **central** surda.

A sílaba tônica é normalmente a primeira sílaba, ou a sílaba com uma vogal nasal, **moroado** com o til (/?). **xx** indicam-se pelo acento agudo (**v'**).

A abordagem **xx** foi empregada tanto na análise como na descrição da gramática de marubo. Na apêndice há uma lista de todas as abreviaturas usadas nas fórmulas **xx** e nas definições das palavras e afixos, dispostas em ordem alfabética.

A análise de marubo não é complexa. Realmente creio que nenhuma língua no mundo foi completamente analisada até agora. O que segue nesta obra é o resultado do meu trabalho até o presente. Tenho toda certeza que futuramente haverá novas descobertas que exigirão mudanças desta descrição da gramática e da fonologia de marubo. O meu desejo é que esta obra possa ajudar aos outros colegas que encontram-se na mesmo tipo de trabalho.

Puraquequara, AM, 22 de junho de 1978

Gerald Raymond Kennell, Jr.

Abreviaturas

A

A = posição de associativo (oração)

Adj = adjetiva

Adjlo = adjetivo locativo

Aum = aumentativo

Aux = posição da auxiliar (locução)

C

C = posição de coordenador (período)

C = conjunção coordenativa

Ca = causativo

CEF = contorno de entonação final

Ch = posição chave (locução)

CNF = Contorno de entonação não-final

D

Dem = posição de demonstrativo (locução)

des = locução descritiva

di = posição de direção (palavra)

dim = diminutivo

E

E = posição de eixo (locução)

E = posição de encerramento verbal (palavra)

Em = enfático

Ento = posição de entonação (período)

Es = encerramento verbo subordinado

Esp = específico, especificado

F

F = foco narrativo

I

I = posição de instrumento (oração)

I = intransitivo

Im = imediato

In = intenção

Inc = (aspecto) incompleto

Int = interrogativo

Intm = intermediário

L

L = posição de local (oração)

Lo = locução locativa

Loc = local, locativo

M

M = posição de modo oração

m = marginal, posição de margem verbal (palavra)

Marg = posição de margem (período)

Mo = posição de moção/posição (locução)

N

nu = número

nv = posição de núcleo verbal (palavra)

O

O = posição de objeto (oração)

obj = objeto

OI = posição de objeto indireto (oração)

Or = oração

OrDec = oração declarativa

OrEs = oração de estado

OrImp = oração imperativa

OrInd = oração independente

OrInterr = oração interrogativa

OrNeg = oração negativa

OrSub = oração subordinada

P

P = posição de predicado (oração)

P = posição de posição (palavra)

pa = (tempo) passado

per = perigo, mostra perigo

pl = plural

pn = pronome

pnd = pronome demonstrativo

pnp = pronome possessivo

Poss = posição de posse (locução)

pr = (tempo) presente

Q

Qn = posição de quantia (locução)

R

R s posição de relacionador (locução)

r = posição de ação repetida (palavras)

re – recente

redup comp = reduplicação completa

re = referente do sujeito

rvb-t = radical verbal bi-transitivo

rvi – radical verbal intransitivo

rvt c radical verbal transitivo

S

S = posição de sujeito (oração)

sg = singular

sj = sujeito

sub = subordinada

Subs = locução substantiva

subs = substantivo

Subss= locução substantiva sujeita

subss = substantivo sujeito

substa = substantivo temporal

T

T = posição de tempo (oração)

t = transitivo

te = locução temporal

ta = tempo verbal

V

v.a = verbo auxiliar

v.a.i. = verbo auxiliar intransitivo

v.a.iimp. = verbo auxiliar intransitivo imperativo

v.a.iint = verbo auxiliar intransitivo interrogativo

v.a.isub = verbo auxiliar intransitivo subordinado

v.asub = verbo auxiliar subordinado

v.a.timp = verbo auxiliar transitivo imperativo

vb-t = locução verbal bi-transitiva

vb-t = verbo bi-transitivo

vb-timp = locução verbal bi-transitiva imperativa

vb-t = verbo bi-transitivo

Vb-timp = locução verbal bi-transitiva imperativa

vb-timp = verbo bi-transitivo imperativo

Vb-tint = locução verbal bi-transitiva interrogativa

vb-tint = verbo bi-transitivo

Vb-tsub = locução verbal bi-transitiva subordinada

vb-tsub = verbo bi-transitivo subordinado

VBS = locução verbal de estado

Vesint = locução verbal de estado interrogativa

Vessub = locução verbal de estado subordinada

Vi = locução verbal intransitiva

vi = verbo intransitivo

Viimp = locução verbal intransitivo imperativo

viimp = verbo intransitivo imperativo

Viint = locução verbal intransitiva interrogativa

viint = verbo intransitivo interrogativo

Visub = locução verbal intransitiva subordinada

visub = verbo intransitivo subordinado

vm = verbo de moção/posição

vmc = verbo de moção/posição causativo

vmcimp = verbo de moção/posição causativo imperativo

vmcint = verbo de moção/posição causativo interrogativo

vmcsub = verbo de moção/posição causativo subordinado

vmimp = verbo de moção/posição imperativo

vmint = verbo de moção/posição interrogativo

vmsub = verbo de moção/posição subordinado

Vp = verbo principal, ou locução verbal principal

Vs = verbo subordinado, ou locução verbal subordinada

Vt = locução verbal transitiva

vt = verbo transitivo

Vtimp = locução verbal transitiva imperativa

vtimp = verbo transitivo imperativo

Vtint = locução verbal transitiva interrogativa

vtint = verbo transitivo interrogativo

Vtsub = locução verbal transitiva subordinada

vtsub = verbo transitivo subordinado

DESCRIBÇÃO FONÊMICA DE MARUBO

Gerald R. Kennel Jr. 1978

I. Descrição da formação dos fonemas:

A. As consoantes são todos os não vocóides e todos os vocóides que precedem um vocóide mais silábico.

Ortografia	Fonema	Alofone	Descrição/Ocorrência/Exemplos
<v>	/β/	[β]	Fricativa bilabial sonora. Nunca precede o vocóide alto aberto central não arredondado sonoro [i]. /vana/ [βana] 'fala', /aβo/ [aβo] 'sabão'.
		[β ^w]	Fricativa bilabial sonora labializada. Sempre precede o vocóide alto central aberto não arredondado contínuo [i]. /βini/ [β ^w ini] 'macho'.
<k>	/k/	[k]	Oclusiva velar surda. Ocorre sem restrição /karo/ [karo] 'lenha', [kipo] [kipo] 'fechar'.
<m>	/m/	[m]	Nasal bilabial sonora. Ocorre sem restrição. /mapo/ [mapo] 'cabeça'.
<n>	/n/	[n]	Nasal alveolar sonora. Ocorre sem restrição. /pino/ [pino] 'beija-flor'.
<p>	/p/	[p]	Oclusiva bilabial surda. Nunca precede o vocóide alto aberto central não arredondado sonoro contíguo [i]. /pano/ [pano] 'cunhada'.
		[p ^w]	Oclusiva bilabial surda labializada. Sempre precede o vocóide alto aberto central não arredondado sonoro contíguo [i]. /pino/ [p ^w ino] 'telhado'.
<r>	/r/	[r]	Desfraldada alveolar sonora. Ocorre sem limitação. /rama/ [rama] 'agora'.
<s>	/s/	[s]	Fricativa alveolar surda. Ocorre sem restrição. /pasa/ [pasa] 'sopa'.
<ch>	/ʃ/	[ʃ]	Fricativa álveo-palatal surda. Ocorre limitadamente precedendo o vocóide alto aberto central não arredondado sonoro contíguo. Fora disto ocorre sem restrição. /ʃai/ [ʃai] 'pássaro'.
<sh>	/ʂ/	[ʂ]	Fricativa álveo-palatal surda para trás. Não precede o vocóide alto fechado anterior não arredondado sonoro /i/, mas fora disto ocorre sem restrição. /ʂai/ [ʂai] 'envira'.
<t>	/t/	[t]	Oclusiva alveolar surda. Ocorre sem restrição. /tapo/ [tapo] 'assoalho, jirau'.
<ts>	/ts/	[ts]	Africada alveolar surda. Ocorre sem restrição. /tsano/ [tsano] 'colher'.
<tx>	/tʃ/	[tʃ]	Africada álveo-palatal surda. Ocorre sem restrição. /tʃano/ [tʃano] 'nome de menino'.
<w>	/w/	[w]	Semi-vogal bilabial sonora. Nunca precede o vocóide médio fechado posterior arredondado sonoro /o/. /wapa/ [wapa].

<y>	/y/	[y]	Semi-vogal velar sonora. Nunca precede o vocóide alto fechado anterior não arredondado sonoro [i]. [yapa] ['yapa] 'peixe'.
	/ʔ/	[ʔ]	Oclusiva glotal surda. Ocorre limitadamente no meio de algumas palavras. /ʂaβáʔma/ [ʂaβaʔma] 'ontem, amanhã'

B. As vogais são todos os vocóides simples e o vocóide mais silábico de uma seqüência de vocóides dentro da mesma palavra.

Ortografia	Fonema	Alofones	Descrição/Ocorrência/Exemplos
<a>	/a/	[a]	Vocóide baixo aberto central não arredondado sonoro. Ocorre sem restrição. /kapa/ ['kapa] 'quatipuru'
		[a̰]	Vocóide baixo aberto central não arredondado surdo. Ocorre raramente entre /k/ e /t/. Quando a palavra é enunciada bem devagar o vocóide transforma-se na forma sonora /mirakatsa/ [m̄irakatsa] ~ [mirakatsa] 'achará'.
<ã>	/ã/	[ã]	Vocóide baixo aberto central não arredondado sonoro nasal. Ocorre sem restrição. / t[ãpo/ [t[ãpo] 'gafanhoto'.
<e>	/i/	[i]	Vocóide alto aberto central não arredondado sonoro. Ocorre sem restrição. /iri/ [īri] 'correr'.
<ẽ>	/ĩ/	[ĩ]	Vocóide alto aberto central não arredondado sonoro nasal. Ocorre sem restrição. /kavĩ/ [kaβ ^w ĩ] 'escolher'.
<i>	/i/	[i]	Vocóide alto fechado anterior não arredondado sonoro. Ocorre sem limitação. /tipi/ ['tipi] 'espingarda'.
		[e^]	Vocóide médio fechado anterior não arredondado sonoro elevado. Ocorre raramente na última sílaba, quando esta não é a sílaba tônica. /iwiβãiai/ [īwiβãiae^] 'levou (uma pesca) consigo'.
		[ḭ]	Vocóide alto fechado anterior não arredondado surdo. Ocorre em raras palavras entre duas oclusivas surdas, quando a palavra é enunciada rapidamente. /nasikiti/ [nasik̄iti] 'viga transversal de uma casa'.
<î>	/ĩ/	[î]	Vocóide alto fechado anterior não arredondado nasal. Ocorre sem limitação. /naî/ [naî] 'esteio'
<o>	/o/	[o]	Vocóide médio fechado posterior arredondado sonoro. Ocorre sem limitação. /poto/ ['poto] 'pó'.
		[o^]	Vocóide médio fechado posterior arredondado sonoro elevado. Às vezes já uma flutuação do [o] até esta posição. Ocorre com mais freqüência, mas nem sempre, quando o [o] segue a fricativa alveopalatal surda /ʃ/, e a semivogal velar sonora /y/. /kaʃo/ [kaʃo^] 'graveto', /yoa/ [yo^a] 'mentir'.
<õ>	/õ/	[õ]	Vocóide médio fechado posterior arredondado sonoro nasal. Ocorre sem restrição. /nõti/ [nõti]

			‘canoa’.
		[õ^]	Vocóide médio fechado posterior arredondado sonoro nasal elevado. Às vezes o [õ] flutua a esta posição quando segue contiguamente a africada álveo-palatal surda /ʃ/. /ʃõ^mo/ [ʃõ^mõ] ‘pote’.

C. Fonemas supra-segmentais:

/Ø/, /V/ Ênfase:	Ênfase: Ocorre com mais frequência na primeira sílaba da palavra, ou na sílaba que tem uma vogal nasal /Ṽ/. Se ocorre uma palavra bissilábica, e as vogais de ambas as sílabas são nasais /C̃ṼC̃Ṽ/, a sílaba tônica é a segunda. Nestes casos, a ênfase não é indicada. As exceções indicam-se pelo acento agudo /V/. /pakiai/ [pakiai] ‘deixar cair’ /pakiai/ [pa'kiai] ‘cair’, /kamã/ [ka'mã] ‘onça’, /kamãni/ [kamãni] ‘da onça’, /ʃĩnã/ [ʃĩ'nã] ‘pensar, respirar’, /nõti/ [nõti] ‘canoa’, /nõti/ [nõ'ti] ‘de canoa’.
------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

D. Fenômenos não fonêmicos adicionais:

1. A oclusiva glotal surda [ʔ] ocorre no início de cada enunciado se a primeira sílaba deste começa com uma vogal. Contudo, se a mesma palavra ocorre no meio do enunciado a oclusiva glotal sempre é omitida, a não ser que haja uma pausa no meio do enunciado. Exemplos: /iki/ [ʔi'kiʔ] ‘fazer’, /mĩ iki/ [mĩ: i'kiʔ] ‘trabalhar’, /oa/ [ʔoaʔ] ‘chegou’, /mĩ oa/ [mĩ'oaʔ] ‘você chegou (saudação)’. A mesma oclusiva também ocorre na última vogal de qualquer enunciado, mas se a mesma palavra ocorre no meio do enunciado, é omitida também. /papa/ [papaʔ] ‘pai’, /ĩ papa oa/ [ʔĩpapa 'oaʔ] ‘meu pai chegou’.
2. A desfraldada alveolar sonora é sempre precedida por um vocóide médio fechado central não arredondado sonoro [ə], quando ocorre no início de qualquer enunciado. O vocóide é omitido quando a desfraldada [r] ocorre no meio do enunciado. /rama ã kai/ [ʔə'rama ãkai] ‘agora eu vou’, /ĩ kai ramara/ [ʔĩ kai ramara] ‘eu vou agora’.

II. Declaração da distribuição dos fonemas.

- A. A sílaba é a unidade menor da estrutura das palavras. Todas as palavras contêm pelo menos uma sílaba. Cada sílaba tem um ápice de sonoridade, o qual é sempre uma vogal. Todas as sílabas são abertas, isto é, somente têm consoantes no início da sílaba e não no fim. A vogal pode ser precedida por uma consoante. No meio de palavra a vogal pode ser precedida por uma seqüência de duas consoantes. A sílaba inicial da palavra pode ser constituída de somente uma vogal ou de uma consoante e vogal, mas nunca pode haver uma seqüência de consoante que preceda a vogal.

Também, embora que seqüência de vogais possam ocorrer nas palavras, não existem seqüência de vogais dentro da mesma sílaba.

B. A vogal ocorre como o ponto mais alto de sonoridade da sílaba. Duas vogais contíguas sempre formam sílabas separadas. Há vogais com duração, e estas foram interpretadas como duas sílabas separadas na base de certos fenômenos morfofonêmicos que não permitem outra interpretação.

1. Nas palavras mais comuns há vogais simples e seqüências de duas vogais. /tapo/ ['tapo] 'assoalho, jirau', /tai/ ['tai] 'pé', /koĩ/ [koĩ?] 'fumaça'.
2. Nos verbos com afixos as seqüências de três vogais contíguas podem ocorrer, e até pode haver seqüências de quatro vogais contíguas em alguns verbos. /pakĩ/ [pa'ki] 'cair', + /-ai/ [ai] = /pakiai/ [pa'kiai] 'caiu', /βi-/ [βi] 'levar' + /-βai/ [βai] 'ação transitiva indo para fora' + /-ai/ [ai] 'tempo passado imediato', /βiβai/ [βiβai] 'levou (para fora)'.

C. As consoantes ocorrem da seguinte maneira:

1. As consoantes simples ocorrem somente no início das sílabas, mas a sua ocorrência não é obrigatória, pois há sílabas constituídas somente de vogais. Apenas as consoantes simples podem ocorrer na sílaba inicial das palavras.

2. Existem seqüências de consoantes no início das sílabas no meio das palavras, mas nunca ocorrem na sílaba inicial da palavra. Os tipos de seqüência com exemplos são:

a. Fricativa com oclusiva. /ichtóhta/ (i'štošta) 'pequeno', /ashkã/ (?a'ška?) 'todos', /masta-/ ('masta) 'empurar', /richkiti/ (?a'riškiti?) 'facção de mato'.

b. Fricativa com africada. /ochtxo/ ('oštšo?) 'avô paterno', /txichtxo/ ('tšištšo?) 'avó materna'.

c. Fricativa com nasal. /ichnáca/ (?i'snaka?), 'mau', /tsismã/ (tsi'sma) 'traíra (peixe)', /veshnáca/ (βi'šnaka?) 'inquieto', /meshmiri/ ('mišmiři?) 'lado esquerdo'.

I. O nível mais alto da hierarquia gramatical do Marubo a ser investigado até agora é o do período: O xx xx xx xx. Nesta obra, porém, pretendo levar em consideração os três fatores seguintes da definição de período: (1) constituir o período a um nível da hierarquia gramatical ao nível superior e inferior ao nível de parágrafo, (2) serem os períodos isoláveis e (3) incluírem os períodos desta língua morfemas de entonação e traços da conjuntura.

1.1. Um período mínimo consiste de um verbo. O período expandido consiste de uma oração independente com orações subordinadas facultativas.

O período declarativo tende a ocorrer na forma complexa mais que os outros tipos. Este período também ocorre na forma mais complexas nas narrações, mas não há diferenças suficientes entre períodos de conversação e períodos narrativos para fazer uma distinção entre os dois tipos.

Deve ser mencionado aqui que os contornos de entonação não servem completamente para isolar os períodos. Acontece às vezes que o narrador para no meio de um período bem complexo para pensar no que vai dizer, muitas vezes nesta pausa emprega entonação final. Por outro lado, os contornos de entonação não podem ser ignorados. Estes servem de critérios para se fazer distinção entre alguns tipos de períodos.

1.2. Os tipos de período que foram descobertos são: período declarativo, período interrogativo, período imperativo, período composto e período fragmentário.

A seguir as fórmulas dos períodos, com um exemplo de cada tipo, e depois quaisquer regras para esclarecer a estrutura do período.

1.2.2. Período Declarativo

Marg(s): Or(s) Sub(s) +Bases: OrDec ± Marg(s): Ur(s) Sub(s) -Ento: CEF

Kaí, Raimundo Cabral kashõ, Benjamin-namã nokópakétachã.

Indo, Raimundo Cabral-com ir-tendo Benjamim-lugar-de chegar-descendendo-e-voltando-tempo~passado intermediário.

Indo (para lá), tendo ido com Raimundo Cabral, chegamos em Benjamin Constant.

1.2.1.1. Pode haver mais de uma posição marginal nos períodos declarativos que ocorrem antes da posição de base. Nas narrações estas posições ocorrem com mais frequência do que nas conversões.

1.2.1.2. Ainda não foi determinado o número máximo de posições marginais que podem preceder a posição marginais que podem preceder a posição de base. Mas é muito rara a ocorrência de mais de uma posição marginal que segue a posição base. Geralmente o período é determinado com a ocorrência da posição base.

1.2.1.3. Período Interrogativo. Este tipo de período é distinguido do período declarativo pelo fato do tagmema-base ser expresso por uma oração interrogativa, e por haver uma diferença no morfema de entonação final. A fórmula para um período interrogativo é a seguinte:

±Marg= orSub + Base: OrInterr -Ento: CEF_{2,1}

txasho nami mĩ piara

veado carne você come-int

Você come carne de veado?

Auetisho mĩ vichĩa?

Qual-distância você comprar-te.pa.int

Por quanto você comprou?

ãuẽ omãinõ nõ vokatsi

Ele chegar-quando nós ir-te.fut.int.

Iremos quando ele chegar?

No primeiro e último exemplos o período termina-se com entonação subindo, e o período no meio usa a mesma entonação final do que um período declarativo.

Neste tipo de período pode haver mais que uma posição marginal, mas ocorre com menos frequência do que o período declarativo.

1.2.3. Período Imperativo. Este tipo de período é distinguido dos dois tipos já descritos pelo fato do tagmema-base ser expresso por uma oração imperativa, e por um outro tipo de contorno de entonação final. A fórmula para este tipo de período é a seguinte:

±Marg: OrSub +base: OrImp ±Marg: OrSub -Ento: CEF_{3,1}

rama matoparí wai txashatsoma

agora vocês-antes roçado limpar-imp-pl

Agora vocês limpem o roçado primeiro.

nõ pinõ kão

nós comer-in ir-1a.ps.pl.imp.

Vamos comer!

Ë pokéi kai. Õpo ea vishouaitso oi ipáimãinõ

Eu passear vou roupa me levar-ben-imp chuva fazer-ação descendo-quando

Eu vou passear, tire a roupa (do varal) para mim quando chover.

1.2.4. Período Composto. Este tipo de período é distinguido dos outros tipos pelo fato deste ter dois tagmemas-bases ligados por um coordenador ou um morfema de entonação não final. A fórmula deste período é a seguinte:

\pm Marg(s): Or(s) +Base: OrInd +C:c \mp Ento:CNF \pm Marg(s): Or (s) Sub (s) +Base₂: OrInd - Ento: CEF

ẽ nachia mĩ oa

eu banhar-me você chegar-te.pa.

Eu estava tomando banho e você chegou.

Atokeská mĩ nia ivoro, yora vanayai mĩ nia ivoro mia noima ikeiná ea

eles-como você vive se gente falar-característica você vive você (obj)

gostar-neg fazer-condicional eu (enfático)

Se você vivesse como eles, se vivesse falando à gente eu não gostaria de você.

Mia oĩnõ ãĩã ẽ ovai neno

2a.ps.sg.objver-in porque eu chegar-te.pa.recente aqui

Eu vim para cá porque quero ver você.

Como na segunda ilustração, pode haver até três tagmemas-base num período composto, mas isto não é comum.

1.2.5. Período Fragmentário. Este tipo de período é geralmente composto de uma exclamação – geralmente uma palavra. É a reação do ouvinte ao ouvir uma narração ou qualquer novidade.

Maa ‘É mesmo!’

aví ‘Pudera! Que coisa!’

1.2.6. Há mais ou menos três contornos de entonação final em marubo, e um outro contorno não final. Também deve ser mencionado que há dois níveis de tonalidade em

marubo. Qualquer sílaba tônica ocorre com tom alto, e qualquer sílaba átona ocorre com tom baixo. Assim, o nível de tonalidade da última, é às vezes da penúltima sílaba, pode influenciar um pouco a entonação.

(1) Entonação Final – CEF. Este contorno desde 3 1↓, e é bem semelhante ao português numa declaração simples.

(2) Entonação Final Interrogativa – CEF. Este contorno ascende, 1 3↑ de um nível baixo até o nível mais alto.

(3) Entonação Final Imperativa – CEP. Este contorno 1 2 2↑, é usado mais para dar ênfase, e ocorre mais na 1ª pessoa plural imperativo.

(4) Entonação Não Final – CNF. Este contorno desce 3 2↓, mas não até o nível de CEF. Ao ouvir este contorno o ouvinte marubo espera o resto da declaração.

2. Nível da Oração

2.0.1. As orações de marubo ocupam um nível na hierarquia gramatical inferior ao nível de período e inferior ao nível de locução. As posições são preenchidas por locuções ou palavras.

2.0.2. Existem quatro tipos principais de oração na língua marubo. Eles são oração intransitiva, oração transitiva, oração be-transitiva, e oração de estado.

Estes quatro tipos de oração podem ser divididos por quatro sub-tipos que são: declarativo, interrogativo, imperativo, e subordinado.

2.0.3. As orações não têm posições fixas. Isto quer dizer que há mudança da ordem de ocorrência das posições facultativas. O predicado, a única posição obrigatória, ocorre quase sempre na última posição, e às vezes na penúltima posição. Quando uma posição ocorre após a posição de predicado é para dar ênfase ou por razões estruturais. Quando a posição do sujeito e a posição do objeto são preenchidas por pronomes tendem a ocorrer antes da posição do predicado. Fora disto não há normas para a ordem de ocorrência das posições facultativas oracionais.

2.0.4. A seguir regras e fórmulas para orações. Apesar do fato das fórmulas serem meio complexas com a inclusão dos ocupantes das posições, creio que esta é a melhor maneira de mostrar a estrutura das orações. Assim seguirão as regras gerais para cada tipo

principal de oração, a fórmula de cada tipo com exemplos, e quaisquer explicações adicionais necessárias.

2.1. Oração Intransitiva

2.1.0.1. Com este tipo de oração existem a possibilidade da ocorrência de sete posições, mas o número máximo não ocorre. Uma oração com três a quatro posições é mais comum, e até agora não foi descoberta nenhuma oração intransitiva com mais de cinco posições.

2.1.0.2. Este tipo de oração é intransitiva ou indefinida. Quando um radical verbal transitivo torna-se radical verbal intransitivo (veja 4.1.3.1.2), o referente do objeto da oração transitiva torna-se o referente do sujeito da oração intransitiva sem a possibilidade da ocorrência de uma posição de agente como em orações transitivas com voz passiva. Sendo que em todos os aspectos a oração indefinida funciona como, e tem a mesma composição da oração intransitiva, resolvi tratar as duas como um só tipo de oração.

2.1.1. Oração Intransitiva Declarativa:

±T:Te₁/pnd ±L: Lo/Lo₁_{☐☐}/av ±A: Subs/pn ±I: Subss ±M:Des/adj
±S: Subs/Subs₁/pns-pn +P: Vi

Pavorõ nõĩs nõ venõ

Paulo-poss canoa-por 1a.ps.pl.sj vir-in

Viremos na canoa de Paulo.

Shavá¹maẽ vakechta uakã pakévai

Ontem 1^aps.sg.poss. filho-dim rio-loc. cair-te.pa.re

Ontem seu filhinho caiu no rio.

Senotinĩs ã senóvai

Foca-por eu ser-cortado-to.pa.rg

Fui cortado por uma faca.

2.1.2. Oração Intransitiva interrogativa

±T: Te/Te₁/pnd/pni: ±Lo/Lo₁/av/pni ±A: Subs/pn/pni ±I: Subss

±M: Des/adj/pni ±S: Subs/Subs₁/pns-pn/pni +P: Viint

mĩ epa ato karai

2^aps.sg.poss. tio onde ir-int

Aonde foi seu tio?

natxi tsoanĩ okatsai

tia quem-com chegar-te.fut

A tia virá com quem?

2.1.3. Oração Intransitiva Imperativa

±T: Te/Te₁/pnd ±L: Lo/Lo₁/av ±A: Subs/pn ±I: Subss ±M: Des/adj

±S: pn-pns/Subs/Subs₁ +P: Viimp

Shavá' ma neno iekarãkõtso mia

Amanhã aqui fazer-i-r-fut-imp 2a.ps.sg.obj

Volte para cá amanhã.

Nõtĩ nõ venẽ kãõ

Canoa-por 1aps.pl.sj ir-in ir-1^a.ps.pl.sj-imp

Vamos de canoa!

A oração imperativa ocorre geralmente com menos posição do que os outros tipos já mencionados. Quando a posição de sujeito ocorre é para esclarecer ou/ar ênfase, pois o verbo mesmo indica o sujeito. A exceção a isto é o verbo com: a 1^a pessoa plural que ocorre com o pronome nõ, 1^a pessoa plural sujeito.

2.1.4. Oração Intransitiva Subordinada:

±T: Te/Te₁/pnd ±L: Lo/Lo₁/av ±A: Subs/pn ±I: Subss ±M: Des/adj

±S: Subs/Subs₁/pns-pn +P: Visub

manausnamã kashõ

Manaus-lo ir-ação-sub-asp-com

Tendo ido a Manaus...

ãwẽ vakerasĩ neno tachinamãinõ

3a.ps.sg.pos filho-pl aqui aparecer-ação-subindo-quando

Quando os filhos dele aparecem aqui...

A oração subordinada é a menos complicada de todas. Uma oração com mais de quatro posições é bem rara, e é mais comum achar uma oração subordinada com três ou menos posições. Neste tipo de oração a ocorrência do referente do sujeito depende do verbo subordinado. Se este ocorrer com certos sufixos, o sujeito já é indicado, mas com outros sufixos subordinados é necessário indicar o referente do sujeito na oração.

2.2. Oração Transitiva

As orações transitivas têm algumas características gerais. Em primeiro lugar o objeto ocorre depois do referente do sujeito se este ocorrer na forma de uma locução substantiva. Por outro lado, se o referente do sujeito ocorrer na forma de um pronome, este seguirá o referente do sujeito, e procederá contiguamente o predicado.

Este tipo de oração tem oito posições possíveis, mas é mais comum achar orações transitivas com quatro posições ou menos nos textos.

±I: Te/Te₁/or ±L: Lo/Lo₁/Iv ±A: Subs/pe ±I: Subss ±O Subs/Subs₁/pn

±M: Des/adj ±S: Subss/Subss/pns-pn +P Vt

nami ãtsaka ã merai

carne muita 1^a.ps.sg.sj achar-te.p

achei muita caça

ronõ ã vake nachamisi

cobra-sj 1aps.sg.pos filho morder-per

A cobra pode picar o meu filho.

2.2.2. Oração Transitiva interrogativa:

±T: Te/Te₁/pnd/pni +L: Lo/Lo₁ /av/pni ±A: Subs/pn/pni ±I: Subss ±O:

Subs/Subs₁/pn/pni ±M: Des/adj/pni ±S: Subss/Subss₁/pns-pn/pni +P: Vtint

kokátina auetishõ mĩ vichĩa

gravador-esp por-quanto 2^a.ps.sg.sj comprar-te.pa.intm

Por quanto você comprou o gravador?

Mĩ uapa tsoã richkiai

2a.ps.sg.pos cachorro quem-sj bater-te.pa.im

Quem foi que bateu no seu cachorro?

2.2.3. Oração Transitiva Imperativa:

±T: Te/Te₁/pnd ±Lo/Lo₁/av ±A: Subs/pn ±I: Subss ±0: Subs/Subs /pn

±M: Des/adj ±S: pn-pns/Subs/Sub₁+P: Vtemp

ẽ txainamã uanĩ uaka nõ anõ kãõ

1^a.ps.sg.pos cunhado-lo pupunha bebida 1^a.ps.pl.sj fazer-t-in ir-1^a.ps.pl.imp

Vamos tomar caçuma de pupunha na casa do meu cunhado.

Rama matõparĩ na uai txashaatsoma

Agora 1^aps.pl.sj.en-antes este roçado limpar-imp-pl

Antes, vocês limpem este roçado.

2.2.4. Oração Transitiva Subordinada

±T: Te/Te₁/pnd ±L: Lo₁/av ±A: Subs/pn ±I: Subss ±0: Subs/Subs /pn

±M: Des/adj ±S: Subss/Subss₁/pns-pn +P: Vtsub

Na papĩri pavoronamã vivãiki

Este papel Paulo=lo levar-para-fora-ação-simultânea

Enquanto leva este papel à casa de Paulo...

2.3. Oração Bi-Transitiva

2.3.0.1. A oração bi-Transitiva tem a possibilidade na ocorrência de nove posições, mas a ocorrência de todas as posições dentro da mesma oração é impossível. Nos textos a ocorrência média é três ou quatro posições.

2.3.0.2. As orações mais complexas, ou seja, as que ocorrem com mais posições, tendem a usar pronomes mais para preencher as suas posições de sujeito, objeto, e objeto indireto. Até agora não foi descoberto nenhum exemplo nos textos de uma oração bi-transitiva com as posições do sujeito, objeto e objeto indireto todas preenchidas por substantivos, ou locuções substantivas. Pelo menos uma destas posições tem que ser preenchida por um pronome.

2.3.0.3. Um outro aspecto deste tipo de oração é o de ordem preferida da ocorrência das posições, principalmente as posições de sujeito, objeto, e objeto indireto. A posição de sujeito geralmente precede a duas posições de objeto se for preenchida por uma locução e se estas forem preenchidas por pronome.

A posição de objeto indireto pode seguir a posição de predicado se for preenchida por um pronome, mas nunca se for preenchida por uma locução substantiva. Isto acontece quase sempre quando a posição do sujeito e de objeto indireto são preenchidas por pronomes.

2.3.0.4. Estas regras como as outras regras com respeito à ordem das posições das orações não são rigidamente fixas, pois há outros critérios para indicar a posição do sujeito, objeto, etc.

2.3.1. Oração Bi-transitiva Declarativa:

±T: Te/Te₁/pnd ±L: Lo/Lo₁/av ±A: Subs/pn ±I: Subss ±O: Subs/Subs / pn
±OI: Subs/Subs₁/pn ±M: Des/adj ±S: Subss/Subss₁/pns-pn +P; Vbi-t

Karo ätsaka motó nisati mea ã ashõkõno shavá¹ma

Lenha muita motor serra-t-sj 2^aps.sg.obj 1^aps.sg.sj. fazer-t-te.fut-in amanhã

Amanhã pretendo cortar muita lenha para você com a serra motorizada.

Nauã vana atõ yosivãivãivo ea

Estrangeiro-pos fala 3^aps.pl.sj saber-ca-asp.cnnt,-t-pl 1^aps.sg.obj

Eles estão me ensinando o português.

2.3.2. Oração Bi-transitiva Interrogativa:

±T: Te/Te₁/pnd/pni ±L: Lo/Lo₁/av/pni ±A: Subs/pn/pni ±I: Subss/pni

±0: Subs/Subs₁/pn/pni ±OI: Subs/Sub₁/pn/pni ±M: Des/adj/pni +S: Subss/
Subss₁/pns-pn/pni +P: Vb-tint

awe nami mia ãnãvai

Que-int carne 2^aps.sg.obj dar-te-pa-re

Que (tipo) de carne (foi) que lhe deu?

vari ato rao ea ãmaõkatsis

sol onde remédio 1^aps.sg.obj 2^aps.sg.sj fazer-t-r-te.fut.int

A que horas você vai me dar mais remédio?

2.3.3. Oração Bi-transitiva Imperativa:

±T: Te/Te₁/pnd ±L: Lo/Lo /av ±A: Subs/pn ±I Subss ±O: Subs/Subs₁/pn

±OI: Subs/Subs₁/pn ±M: Des/adj ±S:pn-pns/Subs/Subs₁ +: Vb-timp

ã vicha evé daro amatso

2^aps.sg.pos irmão comigo fazer-t-ca-imp

Faça o seu irmão cortar lenha comigo.

ẽ vake rao raya sheatso

1^aps.sg.pos filho remédio depressa engolir-ca-imp

Faça o meu filho tomar o remédio depressa.

2.3.4. Oração Bi-transitiva Subordinada:

±T: Te/Te₁/nxx±L: Lo/Lo₁/av ±A: Subs/pn ±I: Subss ±O: Subs/Subs₁/pn

±OI: Subs/Subs₁/pn ±M: Des/adj ±S: Subss/Subss₁/pns-pn +P: Vb-tsub

Eaparí tanamavaikĩ?

1^aps.sg.obj-antes entender-ca-sub

Logo depois de ter-me avisado primeiro.

Kopímati ãuẽ papa tsekashokĩ

Dinheiro 3^aps.sg.poss pai tirar-ben-sub

Tirando dinheiro para o seu pai.

2.4. Oração de Estado

Esta oração é bem diferente dos outros tipos. É bem menos complicada, e tem menos posições. A posição de predicado é preenchida por uma palavra descritiva, quer seja um substantivo, quer seja um adjetivo, quer seja um advérbio.

A ocorrência deste tipo de oração é muito restrita nas narrações. Ocorre mais nas conversões simples. Não há orações do estado imperativas.

2.4.1. Oração de Estado Declarativa:

±T: Te/Te₁/pnd±L Lo/Lo₁/av +S: Subs/pn +P: Ves

mĩ uapa onika

2^{aps}.sg.pos cachorro bravo-aum

Seu cachorro está bravo.

aa wachika

3^aps.sg.obj egoísta-aum

Você é um pão-duro.

2.4.2. Oração de Estado Interrogativo:

±T: Te/Te₁/pnd/pni ±L: Lo/Lo/av/pni +S: Subs/pn/pni +P: Vesint

Awetiã mia roaka ikatsai

Quando 2^aps.sg.obj bom-aum v.a.i-te.fut

Quando é que você vai ficar bom?

aa venera

3^aps.sg.obj macho-int

É macho?

2.4.3. Oração de Estado Subordinado:

±T: Te/Te/pnd ±L: Lo/Lo/av +S: Subs/pn +P: Vesub

ẽvakekeyákamãinõ

1ªps.sg.obj filho alto-aum-sub

Quando meu filho ficar alto...

3. Níveis de oração

3.0.1. **xxxx** locuções do marubo ocupam um nível na hierarquia gramatical inferior ao nível de oração e superior ao nível de palavra. As locuções não são muito complicadas, com a exceção de algumas locuções verbais que encontram-se em algumas narrações.

3.0.2. Há vários tipos de locução. Os tipos principais são: locução temporal, locução locativa, locução descritiva, e locução verbal. Todos estes tipos podem ser divididos em subtipos, os quais serão mostrados.

3.1. Locução Temporal

A locução preenche a posição de tempo no nível de oração. Embora que a posição chave seja preenchida por substantivos, nem todos os substantivos podem preencher esta posição. Substantivos como shavá ‘dia’, oshaj ‘dormida’ oshe ‘lua’, e outros semelhantes a estes preenchem esta posição. Alguns outros substantivos que ocorrem com o enclítico -txinĩ ‘tempo de, época de’, tais como waritxinĩ, ‘época da seca’, wanĩtxinĩ ‘época de chuva (um ano),’ e outros também podem preencher a posição chave da locução.

3.1.1. Locução Temporal:

±Dem: pnd ±M: subs +rh subste/subs + -txinĩ ±Qn: adj/nu
 ±

neaivo shavá

este dia

hoje

oitxinĩ ravénitakema

chuva-época-de três

há três anos

3.1.2. Locução Temporal:

+E: Subs/Or +R: -txinĩ

Mĩ papa vopichnatxinĩ

2ªps.sg.pos pai morrer-te.pa-época-do

Na época da morte do seu pai.

3.2. Locução Locativa:

Neste tipo de locução a posição chave é preenchida por um substantivo sujeito. A posição de modificador é preenchida por um tipo de adjetivo que ocorre somente neste tipo de locução. Estes adjetivos locativos são: naki ‘entre’, teró, ‘em baixo de’, matxi ‘em cima de’, pasó ‘pela metade, ao lado’ e kesó ‘à margem de.’

A locução locativa preenche a posição de locativo no nível de oração.

3.2.1. Locução Locativa:

±Dem: pnd ±Poss: Subss/pnp +Ch: subss ±M: adjlo

ãuẽ papã shavá wetsã

3^aps.sg.pos pai-pos clareira outro-lo

no outro lugar do pai dele

ẽ tapó teró

1^aps.sg.pos jirau em-baixo-de

em baixo do meu jirau

3.2.2. Locução Indicativa:

+E: Subs/Or +R: -namã/kirí/-tõ

ãwẽ shavá anikatõ

3^aps.sg.pos clareira grande-aum-lo

na clareira grande dele

awá ẽ tekachnanamã

anta 1^aps.sg.sj atirar-te.pa-lugar.de

Onde eu matei a anta

A posição de relacionador deste tipo de oração é percebida pelos enclíticos locativos que são: -namã ‘lugar de,’ -kirí ‘direção de’ e -tõ ‘locução (veja 4,2,3).

3.3. Locução Descritiva:

Esta locução preenche uma posição no nível de oração, a posição de modo. É uma locução-eixo de relacionador, como as locuções Te_1 e Lo_1 . O seu relacionamento é o enclítico -keská ‘como, igual a.’

+E: Subs/pn/or +R: -keská

wakarí nō vochiakeská

rio abaixo 1^aps.pl.sj ir(pl)-te.pa.intm-como

tal fomos para baixo

ãwẽ papakeská

3^aps.sg.pos pai-como

igual ao seu pai

3.4. Locução Substantiva Sujeita

Esta locução preenche a posição de sujeito de uma oração transitiva ou bi-transitiva, e a posição de instrumento de qualquer tipo de oração.

3.4.1. Locução Substantiva Sujeita:

±Dem: pnd ±Poss: pnp ±M: subs + Ch: subss

Aaivo ronõ

Essa cobra-sj

Essa cobra

nokẽ shenirasínĩ

1^aps.pl.pos velho-pl-sj

os nossos velhos

3.4.2. Locução substantiva Sujeita₁:

+E: Or +R: -tõ

rao mĩ sheavaitõ

remédio 2^aps.sg.sj engolir-te.pa.re-sj

o remédio que você tomou...

matõ nõti anikatõ

2^aps.pl.pos canoa grande-aum-sj

na sua canoa grande (instrumento)

3.5. Locução Substantiva

Esta locução preenche a posição de sujeito das orações intransitivas e descritivas, o objeto e objeto indireto das orações transitivas e bi-transitivas, e de acompanhamento de todos os tipos de oração.

3.5.1. Locução substantiva:

±Dem: pnd/pn ±Poss: pnp/Subss ±M: subs +Ch subs ±M1: adj /nu

ẽ papã shovo

3^aps.sg.pos pai-pos maloca

a maloca do meu pai

ãwẽ ãĩĩ mane yoá

3^aps.sg.pos mulher-pos metal panela

a panela da esposa dele

mi tipi venáka

2^aps.sg.pos espingarda nova-aum

sua espingarda nova

3.5.2. Locução Substantiva₁:

Esta é uma locução-eixo de relacionador. O relacionador é o enclítico -ivo ‘especificado’

±E: Or +R: -ivo

Õpo mĩ vitãchnaivo

a roupa 2^aps.sg.sj levar-(ir-e-voltar)-te.pa.intm-esp

a roupa que você foi comprar...

3.6: Locução Coordenada

Este tipo de locução pode preencher a posição chave das locuções substantivas. Realmente funciona mais como uma oração às vezes, e por isso não parece nas fórmulas das orações como um tipo diferente de locução ou de oração. A sua ocorrência não é muito comum, mas pode ocorrer em conversação e nas narrações.

Não foi descoberto nenhum limite da quantia de posições marginais, mas duas ou três posições marginais ocorrem com mais frequência nos textos.

+Marg(s): Or/Subs/pn +Ch: aatí/aká

venerasĩ ãivorasĩ aatí	yapayãwã tsismãyãwã aká
macho-pl fêmea-pl essa-quantia	peixe-muito traíra-muito vat-asp-inc
todos os homens e todas as mulheres	há muitos peixes e muitas traíras

mara eshé õpo avo aatí
bala semente roupa sabão essa-quantia
cartuchos, roupa e sabão

3.7. Locução Verbal

A locução verbal preenche a posição de predicado no nível de oração. Há dois verbos auxiliares que preenchem as posições de verbo auxiliar das locuções verbais. Eles são: a- ‘fazer, ser (transitivo)’; e i- ‘fazer, ser, estar, (intransitivo)’. Nas fórmulas, quando os dois tipos podem preencher a posição de auxiliar, isto será indicado pelo símbolo “v.a”. Quando é necessário fazer distinção entre os dois tipos, o símbolo “v.a.t.” será usado para o verbo auxiliar transitivo, e “v.a.i.” será usado para o verbo auxiliar intransitivo.

Há quatro verbos que preenchem a posição da moção-posição (Mo), São: ka- e vo- ‘ir sg e pl’, o e ve-, ‘vir sg e pl’, ni- e shoko- ‘estar (em pé) sg e pl’, e tsao- e seté- ‘sentar-se sg e pl’.

Quando um verbo preenche a posição de moção-posição, o verbo principal sempre ocorre com o sufixo 5041-i ~ # ∞-kí.

Há quatro tipos principais de locução verbal: declarativa, interrogativa, imperativa e subordinada. Estes são divididos em três sub-tipos: intransitiva, transitiva e bi-transitiva.

Também há a locução verbal de estado. A sua posição chave é preenchida por um substantivo, pronome ou adjetivo. Esta locução tem três sub-tipos: declarativa, interrogativa e subordinada.

3.7.1. Locução Declarativa

Neste tipo de locução a posição facultativa do auxiliar ocorre da seguinte maneira: Se o verbo principal, ou verbo de moção ocorrem com o sufixo 2201 -ma ‘negativo’, o verbo

auxiliar será empregado para expressar o tempo. Também se o sufixo 2104 -katsi ‘declarativo’ ocorre ou no verbo principal, ou no verbo da moção-posição, o verbo auxiliar intransitivo tem que ocorrer.

3.7.1.1. Locução Verbal Intransitiva Declarativa:

+Ch: vi ±Mo: vm ±Aux: v.a.i.

kama ivai	me ikí kama ikatsai
ir-neg-v.a.i.-te.pa	trabalhar ir-neg v.a.i-te.fut
não foi	não irá trabalhar
pokéi ao	kakatsi ikí
passar chegar-te.p	ir-des v.a.i-asp.inc
chegou para passar	quer ir

3.7.1.2. Locução Verbal Transitiva Declarativa

±Ch: vt ±Mo: vm ±Aux: v.a.

oĩ onõ	pii kai
ver vir-in	comer-sub ir-te-p
quero vir ver	vai comer

3.7.1.3. Locução Verbal Bi-transitiva Declarativa:

+Ch: vb-t ±Mo: vmc/vm ±Aux: va

pií kamai	tanamasma ivai
comer-sub ir-ca-te.p	entender-ca-neg v.a.i-te.pa
faz ir comer	não avisou

3.7.2. Locução Verbal Interrogativa

Neste tipo de locução ocorre algum indicador de interrogação, e este sempre ocorre na última posição da locução.

3.7.2.1. Locução Verbal Intransitiva Interrogativa:

±Ch: viint/vi ±Mo: vmint/vm ±Aux: v.a.i.int

pakérai	pokéi karai
cair-int.pa	passear-sub ir-int.pa
caiu?	Foi passear?

vopima ikatsi
morrer-neg v.a.i-te.fut
não vai morrer?

3.7.2.2. Locução Verbal Transitiva interrogativa:

±Ch: vtint/vt ±Mo: vmint/vm ±Aux: v.a.int

pokevãima ikátsi
atravessar –(ação transitiva para fora)-neg v.a.i.te.fut.int
não vai atravessar?

3.7.2.3. Locução Verbal Bi-transitiva Interrogativa

+Ch: vb-t int/vb-t ±Mo: vmcint/vmc/vmint/vm±Aux: v.a.int

yoãóma ikatsi
contar-r-neg v.a.i-te.fut.int
não vai contar de novo?

3.7.3. Locução Verbal Imperativa

Neste tipo de locução o verbo auxiliar não expressa tempo. Ele ocorre somente no caso do negativo plural. Neste caso, o verbo auxiliar transitivo tem que ocorrer com o sufixo 4002 -roa ‘imperativo negativo’.

Quando o verbo ocorre no imperativo na primeira pessoa plural, a ocorrência do verbo da moção kão ‘1ª pessoa plural imperativo de ir (vamos) torna-se obrigatória. Neste caso somente o verbo kão pode ocorrer.

3.7.3.1. Locução Verbal Intransitiva Imperativa:

+Ch: viimp/vi +Mo: vmimp +Aux: v.a.timp

pokéi otso	vonõ kãõ
passear-sub chegar-imp	ir(pl)-in ir-1 ^a ps.pl.imp
venha passear	vamos!

pokéi votsoma aroa
 passear-sub ir(pl)-imp-pl v.a.t-imp.neg
 não vão passear!

3.7.3.2. Locução Verbal Transitiva Imperativa:

+Ch: vtemp/vt ±Mo: vmimp +Aux: v.a.timp

vinõ kãõ	nĩkã votsoma aroa
comprar-in ir-1 ^a ps.pl.imp	escutar-sub ir(pl)-imp-pl v.a.t -imp.neg
vamos comprar!	não vou escutar!

3.7.3.3. Locução Verbal Bi-transitiva Imperativa

+Ch: vt-timp/vb-t ±Mo: vmcimp/vmimp ±Aux: v.a.timp

pimanõ kãõ	yosĩtsoma aroa
comer-ca-in ir-1 ^a ps.pl.imp	saber-ca-imp-pl v.a.t-imp.neg
vamos alimentá-(los)	não ensinem

3.7.4. Locução Verbal Subordinada.

Tal como os sufixos indicadores de interrogação sempre preenchem a última posição a ocorrer na locução interrogativa, assim também os sufixos indicadores de subordinação sempre preenchem a última posição da locução.

3.7.4.1. Locução Verbal intransitiva Subordinada:

±Ch: visub /vi +Mo: vmsub/vm +Aux: v.a.isub

me imãinõ	oshai kashõ
trabalhar v.a.i-sub	dormir-sub ir-sub.asp.com
quando trabalha	tendo ido dormir

3.7.4.2. Locução Verbal Transitiva Subordinada:

+Ch: vtsub/vt ±Mo: vmsub/vm ±Aux: v.asub

pii kama ishō

comer-sub ir-neg v.a.i-sub.asp.com

não tendo ido comer

merai kamãinō

achar-sub ir-sub

quando for achar

3.7.4.3 Locução Verbal Bi-transitiva Subordinada:

+Ch: vg-tsub/vb-t ±Mo: vmcsub/vmc/vmsub/vm ±Aux: v.asub

tanamai kavaikī

entender-ca-sub ir-sub(logo depois)

logo depois de ir avisar

3.7.5. Locução Verbal da Estado

Este tipo de locução verbal é menos complexo do que os outros tipos. A sua posição chave é preenchida por adjetivos ou substantivos.

A posição auxiliar ocorre para indicar o tempo de locução, que não pode ser indicado pelo ocupante da posição chave.

3.7.5.1. Locução Verbal de Estado Declarativa:

+Ch: sub/adj +Aux: v.a.i.

vene ikatsai

ãtsamachta ichĩa

macho v.a.i-te.fut

quantia-neg-dim v.a.i-te.pa

será macho

havia pouco

3.7.5.2. Locução Verbal de Estado Interrogativo:

+Ch: subsint/subs/adjint/adj ±Aux: v.a.i.int

keyáka ikatsi

alto-aum v.a.i-te.fut.in

vai ser alto?

3.7.5.3. Locução Verbal de Estado Subordinada

+Ch: subs/adj +Aux: v.a.isub

anika imãinõ

tsokóska imãinõ

grande-aum v.a.i-sub

cerrado-aum v.a.i-sub

quando for grande

quando ficar cerrado

4. Nível da palavra

No nível de palavra em marubo há sete classes principais. Elas são: (1) verbos, (2) substantivos, (3) pronomes, (4) adjetivos, (5) advérbios locativos, (6) demonstrativos, (7) palavras inflexivas. Todas as classes são distinguidas pelos afixos típicos à classe. Embora que haja sufixos que ocorrem em todas as classes, menos a última, há diferenças suficientes de afixação entre as diversas classes de palavras para fazer as distinções já feitas.

As palavras preenchem, tipicamente, posições no nível de locução, mas algumas, tais como os pronomes, pronomes interrogativos, e alguns substantivos preenchem posições no nível de oração.

4.1. Verbos.

Os verbos são as palavras mais complexas que há em marubo. Há três divisões principais dos verbos: verbos intransitivos, verbos transitivos, e verbos bi-transitivos. Dentro dessas três classificações principais há algumas classificações menores. As divisões menores foram feitas na base das diferenças internas da sua estrutura, e da sua distribuição nos níveis de locução e oração. As sub-classificações dos verbos são: verbos declarativos, interrogativos, imperativos e subordinados.

Existem no sistema dos verbos de marubos dois verbos auxiliares que são: i- ‘fazer, ser, estar, dizer (intransitivo); o a- ‘fazer, ser, estar, contar (transitivo).’ Estes substituem aos radicais verbais às vezes nas narrações, e também funcionam como verbos auxiliares para mostrar tempo, aspecto, etc., nas locuções verbais.

4.1.1. Radicais Verbais.

Há três tipos principais de radical verbal em marubo. Estes são: radical verbal intransitivo, radical verbal transitivo, e radical verbal bi-transitivo.

4.1.1.1. Radical Verbal Intransitivo.

Há radicais verbais intransitivos simples, radicais verbais intransitivos compostos, e radicais intransitivos derivados (dois tipos).

4.1.1.1.1 Radical Verbal Intransitivo Simples

ka- 'ir'	vo- 'ir (plural)'
tsao- 'sentar-se	aská- 'ser assim'
o- 'vir'	ni- 'viver, estar em pé'
osha- 'dormir'	neská- 'ser assim'

4.1.1.1.2. Radical Verbal intransitivo Composto:

Este é um tipo de verbo de duas palavras. Emprega-se um tipo de raiz verbal que ocorre sem afixos, com o verbo auxiliar intransitivo. Sendo que às vezes os pronomes sujeitos ocorrem entre o verbo e o verbo auxiliar, não é possível unir os dois para fazer uma só palavra, como tem sido em outras línguas do mesmo ramo linguístico.

koká i- 'cantar'	tee i- 'doer'	mee i- 'trabalhar'
------------------	---------------	--------------------

4.1.1.1.3. Radical Verbal Intransitivo Derivado (Reflexivo)

Este radical é composto de um radical verbal transitivo e o morfema supra-segmental intransitivador, $\underline{vf} > \underline{ýf}$.

mashte- 'terminar' > mashté- 'terminar-se, ser terminado'

veno- 'perder' > venó- 'perder-se'

4.1.1.1.4 Radical Verbal Intransitivo Derivado₁:

Este radical é composto de um radical adjetivo com sufixos de moção da classe 350. Este tipo do radical verbal é mais raro que os outros tipos.

ãtsamachata 'pouco' + 351 -kãi 'ação fora' > ãtsamachtakãi- 'haver
pouco'

txikíse 'preguiçoso' + 355 -kawã 'ação passado' > txikísekawã-
'estar sendo preguiçoso'

4.1.1.2. Radical Verbal Transitivo.

Há radicais verbais transitivos simples, radicais verbais transitivos compostos, e radicais verbais transitivos derivados.

4.1.1.2.1. Radical Verbal Transitivo Simples:

Mashte- ‘terminar’ atxi- ‘segurar’ vi- ‘levar’

4.1.1.2.2. Radical Verbal Transitivo Composto:

Este radical é composto de duas palavras, tal como o radical verbal intransitivo composto. A primeira palavra é um substantivo ou um adjetivo ou um verbo sem afixo, e a segunda palavra é o verbo auxiliar transitivo.

roa ‘bom’ + a- > roa a- ‘fazer bom’

karo ‘lenha’ + a- > karo a- ‘cortar lenha’

kashma ‘preparar’ +-> kashma a- ‘preparar’

4.1.1.2.3. Radical Verbal Transitivo Derivado:

Este radical é composto de um radical verbal intransitivo e o sufixo 101 -ma ‘causativo,’ ou o sufixo 211 -sho- ‘benefício’.

shovi- ‘ser feito, existir’ + 101 -ma- shovima- ‘criar’

osha- ‘dormir’ + 101 vf Ṽf oshã- ‘fazer dormir’

raká- ‘deitar-se + 101 vf Ṽf rakã- ‘deitar algo’

mee i- ‘trabalhar’ + 211 -shõ- mee ishõ- ‘trabalhar para’

4.1.1.3. Radical Verbal Bi-transitivo.

Há dois tipos de radical verbal bi-transitivo: radical bi-transitivo simples e radical verbal bi-transitivo derivado.

4.1.1.3.1. Radical Verbal Bi-transitivo Simples

ĩnã- ‘dar’ yoã- ‘contar, narrar’

4.1.1.3.1. Radical Verbal Bi-transitivo Derivado

Este radical é composto de um radical verbal transitivo e o sufixo 101 -ma- ‘causativo,’ ou o sufixo 211 -sho- ‘benefício.’

tane – ‘entender’ + 101 -ma- tanama- ‘fazer entender, avisar, traduzir’

yosi- ‘aprender +101 Vf Ṽf yosĩ ‘ensinar’

4.1.2. A forma mínima de um verbo é um radical verbal simples com um sufixo obrigatório de encerramento verbal. Isto pode ser expandido e incluir um radical complexo,

sufixos marginais e um ou mais sufixos de encerramento verbal. Não excede, geralmente a quatro sufixos no radical, mas raramente pode haver cinco.

4.1.2.1. Há dois tipos de sufixo que ocorrem no verbo. O primeiro tipo é marginal, e a ocorrência deste tipo de sufixo é facultativa. Nunca pode haver um sufixo marginal na última posição do verbo. Os sufixos marginais são representados por centenas.

O outro tipo de sufixo é o sufixo de encerramento verbal. A ocorrência de pelo menos um destes sufixos no verbo é obrigatória, e mais de um podem ocorrer no mesmo verbo. Todos os sufixos de encerramento podem ocorrer na última posição do verbo.

4.1.2.2. Há quatro tipos principais de verbo que são distinguidos pela estrutura de cada tipo, e pelos sufixos característicos a cada tipo. Os tipos principais são: verbo declarativo, verbo interrogativo, verbo imperativo e verbo subordinado. Os quatro tipos são distinguidos entre si por mais uma divisão. Há uma divisão dos verbos em três classes que são: intransitiva, transitiva, e bi-transitiva. Assim há um total de doze tipos diferentes de verbos que são: verbo intransitivo declarativo, verbo transitivo declarativo, verbo bi-transitivo declarativo, verbo intransitivo interrogativo, verbo transitivo interrogativo, verbo bi-transitivo interrogativo, verbo intransitivo imperativo, verbo transitivo imperativo, verbo bi-transitivo imperativo, verbo intransitivo subordinado, verbo transitivo subordinado, e verbo bi-transitivo subordinado. A fórmula de todos estes tipos de verbo encontra-se no mapa nº 1.

4.1.2.2.1. Verbo Declarativo.

Se a primeira posição de encerramento ocorrer no verbo, não haverá nenhuma posição marginal. Neste caso, não haverá nenhum sufixo de tempo. No caso de verbo bi-transitivo, esta posição não pode ocorrer.

Neste verbo existe a possibilidade teórica de doze sufixos no mesmo verbo. O número máximo de sufixos num verbo declarativo descoberto até agora é cinco, e isto é muito raro. É mais comum achar quatro ou menos sufixos no verbo.

4.1.2.2.2. Verbos Interrogativos.

Este tipo de verbo é distinguido dos outros tipos de verbo pelos sufixos de tempo interrogativos (2320), pelos sufixos de encerramento verbal interrogativos (2420), e pela ocorrência da posição facultativa de interrogação preenchida pelo enclítico de interrogação 2501 -ra, que ocorre somente nos verbos de interrogação.

As regras de estrutura básica dos verbos de interrogação são geralmente as mesmas que as regras dos verbos declarativos em 4.1.2.2.1., com algumas diferenças que são mostradas.

O verbo interrogativo requer algum sufixo de encerramento interrogativo. Se um sufixo de tempo interrogativo (2320) ocorrer, não pode haver outro sufixo depois. Se um sufixo de encerramento interrogativo (2420) ocorrer, não pode ser precedido por um sufixo de tempo interrogativo, mas, com a exceção do sufixo 2423 -pa, pode ser precedido por um sufixo de tempo declarativo (2300). Neste caso o sufixo da classe 2420 não pode ser seguido por outro sufixo, mas encerrará o verbo. Se não ocorrer no verbo nenhum sufixo das classes 2320 ou 2420 a ocorrência do enclítico indicador de interrogação 2501 -ra é necessária.

4.1.2.2.3. Verbo Imperativo.

A estrutura deste tipo de verbo é menos complexa do que dos dois tipos já descritos. A forma mínima consiste de um radical verbal simples com um sufixo de encerramento verbal imperativo. Isto pode ser expandido a incluir um radical verbal complexo, até três sufixos marginais, e até três sufixos de encerramento verbal imperativos. Verbos imperativos com mais de cinco sufixos não existem em marubo, e menos de quatro sufixos ocorrem com mais frequência.

4.1.2.2.3.1. Nos verbos imperativos o número de sufixos marginais que possam ocorrer neste tipo de verbo é mais limitado. Na primeira posição marginal ocorrem somente afixos da classe 210, e na última posição marginal ocorrem somente sufixos da classe 620.

4.1.2.2.3.2. Há muito menos posições de encerramento verbal nos verbos imperativos, e menos ocupantes para preencher as posições. Neste tipo de verbo, como se vê na fórmula, tem que haver pelo menos uma posição de encerramento verbal, e pode haver até três.

4.1.2.2.4. Verbo subordinado.

O verbo subordinado é o menos complexo de todos. A forma mínima, a mais comum, consiste de um radical verbal simples e um sufixo de encerramento verbal subordinado. Isto pode ser expandido a incluir um radical verbal complexo, até dois sufixos marginais e um sufixo de encerramento verbal subordinado. O número máximo de sufixos num verbo subordinado que foi descoberto até agora é três.

4.1.2.2.5. As três Classes Verbais.

Como já foi mencionado, há três classes verbais que são: verbo intransitivo, verbo transitivo, e verbo bi-transitivo. Há vários critérios na base dos quais foram postuladas estas três classes.

4.1.2.2.5.1. Os verbos intransitivos são distinguidos dos outros tipos pelo tipo de radical verbal que preenche a sua posição nuclear, que é qualquer tipo de radical verbal intransitivo, e pelos sufixos marginais que ocorrem com o radical. Somente com os verbos intransitivos podem ocorrer sufixos marginais da classe 350. Também o sufixo 101 -ma ‘causativo,’ e o sufixo 211 -sho, ‘benefício’ não podem ocorrer nos verbos intransitivos, como também nenhum sufixo de classe marginal 200-210 pode ocorrer neles.

4.1.2.2.5.2 Os verbos transitivos são distinguidos dos outros tipos de verbo pelo tipo de ocupante da posição nuclear, e pelos sufixos característicos a esta classe.

A posição nuclear é preenchida normalmente por qualquer tipo de radical verbal transitivo. Um radical verbal intransitivo pode preencher a posição nuclear, mas neste caso torna-se obrigatória a ocorrência de ou o sufixo 211 -sho- ‘benefício,’ ou o sufixo 101 -ma- ‘causativo’ após os sufixos de direção 300, de posição 400, ou de repetição 501.

Os sufixos da classe 350 não podem ocorrer nos verbos transitivos.

4.1.2.2.5.3. Os verbos bi-transitivos são distinguidos dos outros tipos de verbo pelos ocupantes da sua posição nuclear, e por diferenças de flexão do verbo.

A posição nuclear é preenchida tipicamente por qualquer tipo de radical verbal bi-transitivo. Um radical transitivo pode preencher esta posição, tornando-se obrigatória a ocorrência de ou o sufixo 211 -sho- ‘benefício’ ou o sufixo 101 -ma- ‘causativo,’ depois dos sufixos das classes 300, 400 ou 501. Somente neste tipo de verbo podem ocorrer juntos os sufixos 101 -ma- e 211 -sho-.

No verbo bi-transitivo não podem ocorrer sufixos de encerramento verbal da classe 2000-2020, nem da classe marginal 350.

4.1.3. Os Afixos Verbais

Os mapas anexos mostram a distribuição dos sufixos dentro de sua classe, i.e., sufixos marginais, sufixos de encerramento declarativos, etc. ao lado do sufixo aparecerá o número dele. Depois em ordem numérica, aparecerá uma descrição do significado, ou a função de cada sufixo.

Mapa n° 1 continuação

Verbo transitivo Imperativo:

+nv:rvt/rvi ±m:210 ±di:300 ±p:400 ±r:501 +m₁:101 ±m₂:620 +(±e:3000 ±e :3010) ±pl:3100
 ±

Verbo Bi-transitivo Imperativo:

+ nv:rvb-t/rvt ±m:210 ± di:300 ±r:501 +m₁:101 ±m₂:620 +(±e:3000 ±e:3010) ±pl:3100
 ±

Verbo Intransitivo Subordinado:

+nv:rvi ±di:300-350 ±p:400 ±r:501 +es:4000

Verbo Transitivo Subordinado:

+nv:rvt/rvi ±m:210 ±di:300 ±p:400 ±r:501 +m₁:101 +es:4000
 ±

Verbo Bi-transitivo Subordinado:

+nv:rvb-t/rvt :±m210 ±di:300 ±p:400 ±r:501 +m₁:101 +es:4000
 ±

Além dos sufixos, há alguns morfemas suprasegmentais, tais como a vogal final oral torna-se nasal (Vf > ãf) que serão descritos com os sufixos.

Nesta língua foram descobertos vários morfemas que são definidos fonologicamente com os seus alomorfes. Em geral a mesma regra fonológica aplica-se a todos estes morfemas, com algumas exceções. Sempre aparece o que foi escolhido como a norma primeiro, e os seus alomorfes seguirão. Um exemplo disto é : 2304 -chna ~ chña ‘tempo passado intermediário . Estas regras são gerais, e há algumas exceções. É possível que futuramente as regras poderão ser modificadas para incluir a maioria das exceções. As regras gerais são as seguintes.

- (1) Se a palavra (radical ou radical e afixos) consiste de duas sílabas a norma será usada.
- (2) Se a palavra consiste de uma ou três sílabas, e a última sílaba não é acentuada nem nasalizada, o alomorfe será usado. Se, por outro lado, a sílaba que precede os sufixos em questão é acentuada ou nasalizada, a norma será usada.

4.1.3.1 Sufixos de Encerramento Verbal Declarativo

2001 -pawa	‘tempo passado contínuo remoto’. Aparece raramente em algumas narrações históricas
2011 -ká ∞ -á	‘aspecto incompleto’. Ocorre somente no verbo auxiliar transitivo, e em alguns verbos de uma sílaba.
2012 -ka	‘tempo passado imediato (mesmo dia), aspecto completo’. Ocorre somente no verbo de uma sílaba.

2021 -kí ∞ -á	‘aspecto incompleto’. Ocorre no verbo auxiliar intransitivo e em alguns verbos de uma sílaba.
2022 -ki	‘tempo passado imediato (mesmo dia), aspecto completo’. Ocorre somente no v.a.i.
2101 -ya ~ -a	‘característica de’. Um verbo com este sufixo quase funciona como um adjetivo.
2102 -‘ya	‘perfeito’
2103 -misi	‘perigativo’
2104 -miska	‘habitual’
2105 -katsi	‘desiderativo’. Sempre ocorre em combinação com o v.a.i.
2106 -típá	‘futilidade, impossibilidade’
2107 -msāwa	‘costumeiro’
2108 -tiská	‘dever’
2109 -ti	‘potencial, possível’
2110 -iná	‘desejo pessoal (?)’
2111 -nō	‘intenção’
2112 -kāiko	‘proffissional’
2113 -as	‘aspecto contínuo, tempo presente e futuro’
2114 -snō	‘intenção incerta, incerteza’
2115 -rivi	‘apenas’
2116 -se	‘declaração simples’
2117 -sho	‘declaração narrativa’
2118 kēa ~ -kēkā	‘ação condicional’
2201 -ma ~ áma	‘negativo’
2301 -ai ~ -a ~ -āi ~ i ∞ #	‘tempo presente e passado do mesmo dia, aspecto completo’
2302 -vai	‘tempo passado recente (de 1 – 7+ dias atrás), aspecto completo.’
2303 -chna ~-chĩa	‘tempo passado intermediário (de 8-10 dias atrás até mais ou menos um ano atrás), aspecto completo.’
2304 -mta ~ -kĩ	‘tempo passado remoto (de um ano atrás até tempo indefinido no passado), aspecto completo.’
2305 -ki ~ -kĩ	‘tempo passado narrativo, aspecto completo’ nunca ocorre com o plural.
2351 -vo	‘3ª pessoa plural’
2401 – katá	‘enfático’
2402 -riví	‘sempre (?)’
2403 -seví	‘ação simultânea’
2404 -taise	‘probabilidade indefinida’
2405 -tĩ	‘o seu significado e a sua função não estão completamente entendidos. Mostra declarações de um fato já realizado.’
2406 -tivetsóka	‘probabilidade iminente’
2407 – veré	‘especificação e declaração enfática’

4.1.3.2. Sufixos de Encerramento Verbal Interrogativos

2321 -rei	‘interrogativo tempo passado inespecífico, aspecto completo’
2322 -chni ~ chĩ	‘tempo passado intermediário interrogativo’
2323 -ía ~ -a	‘3ª pessoa plural interrogativo’. Ocorre no verbo vo- e v.a.i.
2324 -katsi	‘tempo futuro interrogativo’
2325 -katsia	‘2ª e 3ª pessoa plural futuro interrogativo’
2421 -naa	‘o seu sentido não completamente entendido. Em algumas frases funciona como a expressão portuguesa “não é?”’
2422 -pá	‘permissivo interrogativo’. Não pressupõe a resposta.

2423 -to	‘permissivo interrogativo’. Pressupõe uma resposta.
2501 -ra	‘enclítico da interrogação’
2502 -rõ	‘enclítico de interrogação indefinida’

4.1.3.3. Sufixos de Encerramento Verbal Imperativos.

3001 -rí	‘modo imperativo vindo, também cede permissão’
3002 -roa	‘modo imperativo negativo’
3003 -ta ~ -tã	‘modo imperativo’
3011wẽ	‘modo imperativo’

Verbos

Verbo Intransitivo Declarativo:

+nv:rvi ±e:2000/2020 ±di:300-350 ±p:400 ±m:600-620 ±e₁:2100 ± neg:2201 ± te:2300 ±pl:2351 ± e₂:2400 ±f:-ro
 _____ ± _____

Verbo Transitivo Declarativo:

_____ ± _____
 +nv:rvt/rvi ±e:2000/2010 ±m:200-210 ±di:300 ±p:400 ±r:501 +m₁:101 ±m₂:600-620 ±e₁:2100 ±neg:2201 ±te:2330 ±pl: 2351 ±e: 2400 ±f:-ro
 _____ ± _____

Verbo Bi-transitivo Declarativo:

+nv:rvo-t/rvt ±m:200-210 ±d:300 ±p:400 ±r:501 +m₁:101 ±m₂:600-620 ± e:2100 ±neg:2201 ±te:2300 ±pl:2351 ±e₁:2400 ±f:-ro
 _____ ± _____

Verbo Intransitivo Interrogativo:

+nv:rvi ±e:2000/2020 ±di:300-350 ±p:400 ±r501 ±m:600-620 ±e:2100 ±neg.:2201 ±te:2300-2320 ±p1:2351 ±e₂:2420-2420 ±int:2501

Verbo Transitivo Interrogativo:

_____ ± _____
 +nv:rvt/rvi ±e:2000/2010 ±m:200-210 ±di:300 ±p:400 ±r:501 ±m₁:101 ±m₂:600-620 ±e₂:2100 ±neg:2201
 ±te:2300-2320 ±pl: 2351 ±e₂: 2400-2420 ±int: 2501

Verbo Bi-transitivo Interrogativo:

_____ ± _____
 +nv:rvt-t/rvt ±m:200-210 ±d:300 ±p:400 ±r:501 +m₁:101 ±m₂:600-620 ±e:2100 ±neg:2201
 ±te:2300-2320 ±p1:2351 ±e₁:2400-2420 ±int:2501

Verbo Intransitivo Imperativo:

+nv:rvi ±di:300-350 ±p:400±r:501 ±m:620 +(±e:3000 ±e : 3010) ±p1:3100

MAPA N° 2

Sufixos de Encerramento Verbal Declarativos

<u>2000-2020</u>	<u>2100</u>	<u>2200</u>	<u>2100²</u>	<u>2300</u>	<u>2350</u>	<u>2400</u>
<u>2000</u>	2101 -ya ~ -	2201 -ma - áma	2113 -sa	2301 -ai	235 1 -vo	2401 -katá

	a			~ -a ~ -ãi ~ i ~#	
2001 -pawa	2102 -'ya		2114 -snõ		2402 riví
<u>2010</u> <u>transitivo¹</u>	2103 -misi		2115 -rivi	2302 -vai	2403 -seví
2011 -ká	2104 - miska		2116 -se	2303 -chna ~ -chã	2404 -taiso
2012 -ka	2105 -katsi		2117 -sho	2304 -mta ~ -yãta	2405 -tĩ
<u>2020</u> <u>intransitivo</u>	2106 – tĩpá		2018 -kẽa ~ -kẽkẽa	2305 -ki ~ -kĩ	2406 -tivetsóko
2020 -kí	2107 msãwã			2306 -katsa ~ -katsai	2407 -veré
2022 -ki	2108 -tiská				
	2109 -ti				
	2110 -iná				
	2111 -nõ				
	2112 – kãiko				

3012 - -tso ∞#	‘modo imperativo I. A forma mais comum
3101 -na	‘2ª pessoa plural (ocorre com -rí)
3102 -ma	‘2ª pessoa plural (ocorre com -tso)

58

4.1.3.4. Sufixos de Encerramento Verbal Subordinados

4001 -vai	‘a ação do verbo principal seguirá logo depois da ação do verbo subordinada. Tudo acontecerá no futuro.’
4002 -chna ~ -chã	‘a ação do Vp seguirá a ação do Vs, depois de um maior intervalo. Tudo no futuro.’
4011 -neshõ	‘a ação do Vs é propositalmente resultante da ação do Vp.’
4012 -í	‘ação propositada. O referente do sujeito do Vp e do Vs são o mesmo. O Vs é um verbo de moção.’
4021 -ki ~ -kĩ	‘a ação do Vs é simultânea à ação do Vp. Os dois verbos têm o mesmo rs.’
4022 -sho ~ -shõ	‘a ação do Vs é simultânea à ação do Vp. O rs dos dois verbos é o mesmo.’
4023 -mãinõ	‘a ação do Vs é mais ou menos simultânea à ação do Vp. O rs do Vp e o rs do Vs são diferentes.’
4031 -tõ	‘faz com que a oração funcione como um substantivo sujeito.’
4041 -i ~ # ∞ -kí	‘o Vs faz parte de uma locução verbal, e sempre é seguido pelo Vp, mas nem sempre contiguamente.’

4.1.3.5. Sufixos Verbais Marginais

101 -ma ~ Vf > Ṽf > ~ úf > Ṽf	‘causativo’
------------------------------------	-------------

⁵⁸ Há uma diferença de distribuição entre os membros de classe 2000. Os sufixos de classe 2010 ocorrem somente nos verbos transitivos, e os sufixos da classe 2020 ocorrem somente nos verbos intransitivos. O sufixo 2001 ocorre em ambos os tipos de verbo.

As duas colunas de 2100 são membros da mesma classe. Todos são mutuamente exclusivos uns com os outros, mas há entre eles uma diferença de distribuição com respeito à classe 2200.

201 -kõ-	‘aspecto durativo’
202 -no-	‘significado desconhecido. Ocorre precedendo e contíguo a 2201 -ma.’
211 -sho- ~ -shõ	‘benefício’
212 Vf >Ṽf ~ -ã-	‘prejudicial’
301 -vãĩ ~ -vai- ~ -va-	‘ação transitiva e intransitiva plural para fora’
302 -vavãĩ ~ ∞V>Ṽ + reduplicação completa	‘aspecto contínuo t e i pl. Ação contínua para reduplicação fora.’
303 -varã-	‘ação t e i pl até’
304 -vararã- ∞V > Ṽ redup. completa	‘ação t e i pl contínua até’
305 -vawã-	‘ação t e i pl passado’
306 -nanã-	‘ação recíproca’

MAPA N° 3

Sufixos de Encerramento Verbal Interrogativos

<u>2320</u>	<u>2420</u>	<u>2500</u>
2321 -rai	2421 -naa	2501 -ra
2322 -chni ~ -chĩ	2422 -pá	2502 -rõ
2323 -ía	2423 -to	
2324 -katsi		
2325 -katsía		

MAPA N° 4

Sufixos de Encerramento Verbal Imperativos

<u>3000</u>	<u>3010</u>	<u>3100</u>
3001 -rí	3011 -wẽ	3101 -na
3002 -roa	3011 -tso	3101 -ma
3003 -ta ~ -tã		

MAPA N° 5

307 (tanã- ~ -ta-) ~ tã	‘ação voltando de ter ido fazer’
308 (-wanã- ~ -wa-) ~ -tã-	‘ação voltando de ter vindo fazer’
309 -ã-	‘ação prejudicial indo para fora’
310 -iná-	‘ação subindo’
311 -paké- ~ -pá-	‘ação descendo’
351 -kãĩ-	‘ação i sg indo para fora’
352 -kakã- ∞V >Ṽ ~ + redup. comp.	‘aspecto contínuo i sg, ação contínua indo para fora’
353 -karã-	‘ação i sg até’
354 -karaã- ∞V >Ṽ redup. comp.	‘ação contínua i sg até’
355 -kawã-	‘ação i sg passado’
401 -ní-	‘posição ereta’
402 -ká-	‘mudança de posição, lugar, pensamento, etc’
501 -ó-	‘repetitivo’
601 -tá- ~ -ná	‘voz passiva’
602 -se-	‘aspecto indefinido’

603 -sho-	‘aspecto indefinido narrativo’
621 -kō- ~ -ko-	‘futuro’
622 -kōĩ-	‘veracidade, estado bom’
623 - parí-	‘antes’

4.1.3.6. Mais um fenômeno que deve ser descrito aqui. Certos radicais verbais são substituídos completamente quando ocorrem no plural. Segue uma lista dos verbos mais comuns que fazem isto. A maioria dos verbos, porém, não é transformado quando muda da forma singular para o plural.

SINGULAR	PLURAL
ka- ‘ir’	vo- ‘ir pl’
o- ‘chegar’	ve- ‘chegar pl’
raká- ‘deitar-se’	kātxí- ‘deitar-se pl’
ni- ‘estar em pé’	shoko- ‘estar em pé pl’
paké- ‘cair’	pará- ‘cair pl’
‘tsao- ‘sentar-se’	sete- ‘sentar-se pl’
nane- ‘pôr dentro (objeto sg)’	tĩ- ‘pôr dentro (objeto pl)’

4.2. Os substantivos compõem a segunda classe de palavras. Eles são bem menos complexos que os verbos, mas mesmo assim sofrem vários tipos de flexão. Um radical substantivo pode ser transformado num substantivo sujeito, e este tipo de substantivo não sofre flexão.

4.2.1. Há três tipos principais de radical substantivo: radicais substantivos simples, derivados, e um tipo meio raro, radical substantivo composto.

4.2.1.1. Radical Substantivo Simples:

karo	‘lenha’
nakáshe	‘cupim’
takare	‘galinha’
tapã	‘tronco’

4.2.1.2. O radical substantivo derivado consiste de um radical verbal com o substantivo -ti.

kopíma-	‘pagar’ + -ti >	kopímati	‘dinheiro’
pi-	‘comer’ + -ti >	piti	‘comida’

Outro tipo, um pouco mais complexo é:

tae	‘pé’ + -rí	‘direção’ + -rí >	-ti taeríti	‘sapato’
ravo	‘prego’ + ‘tseka	‘tirar’ + -ti >	ravo tsekati	‘martelo’

4.2.1.3. O terceiro tipo de radical substantivo é bem raro. Um exemplo é: evé ‘comigo’ + morar- ‘ser achado’ > avemerá ‘meio irmão’.

4.2.2. Há vários enclíticos que ocorrem nos radicais substantivos. A seguir um mapa da sua distribuição, seguido por uma lista de todos, que mostra o sentido e a função de cada um.

MAPA N° 6
Periferia Substantiva

<u>1</u>	<u>2</u>	<u>3</u>	<u>4</u>	<u>5</u>
1.1 Vf > v̄f	2.1 -na	3.1 -ma	4.1 -sho	5.1 -ra
1.2 -vakĩ	2.2 -shõ		4.2 -se	5.2 -ramẽ
1.3 -vo	2.3 -ka		4.3 -riví	5.3. -rõ
1.4 -vo	2.4 -chta		4.4 -rivi	
1.5 -mẽ			4.5 -veré	
1.6 -ki			4.6 -taise	
1.7 -ná			4.7 -seví	
1.8 -nĩ			4.8 – keská	
1.9 -tí			4.9 -parí	
1.10 -tío				
1.11 -tiá				
1.12 -kirí				
1.13 -koĩ				
1.14 -namã				
1.15 -txinĩ				

Lista dos enclíticos periféricos:

1.1 Vf > v̄f	‘vocativo e ênfase’
1.2 -vakĩ	‘dual’
1.3 -vo	‘genérico’
1.4 -vo	‘plural’
1.5 -mẽ	‘em benefício de (?), sobre, dentro de (pessoas)’
1.6 -ki	‘algo falado em detrimento de’
1.7 -ná	‘posse’
1.8 -nĩ	‘associativo (com)’
1.9 -tí	‘quantia’
1.10 -tío	‘tamanho’
1.11 -tiá	‘altura’
1.12 -kirí	‘direção’
1.13 -koĩ	‘bom’
1.14 -namã	‘lugar de’
1.15 -txinĩ	‘época de’
2.1 -na	‘demonstrativo’
2.2 -sho	‘de (procedimento)’
2.3 -ka	‘aumentativo’
2.4 -chta	‘diminutivo’
3.1 -ma	‘negativo’

4.1 -sho	‘declarativo narrativo’
4.2 -se	‘declaração simples’
4.3 -riví	‘sempre’
4.4 -rivi	‘somente, apenas’
4.5 -veré	‘enfático’
4.6 -taise	‘probabilidade’
4.7 -seví	‘também’
4.8 -keská	‘igual a, como’
4.9 -parí	‘antes’
5.1 -ra	‘interrogativo’
5.2 -ramẽ	‘não é bem entendido. É um tipo de adivinhação.’
5.3 -rõ	‘interrogativo indefinido’

4.2.3. O enclítico que muda um substantivo para um substantivo sujeito é bem complicado com respeito a sua função e o seu sentido, e também com respeito às suas várias formas.

Este enclítico indica que o substantivo é o sujeito de uma oração transitiva, ou bitransitiva, ou que é o instrumento de qualquer tipo de oração. Também indica posse e local.

Seguem exemplos.

wapa	‘cachorro’ >	wapã nachau	‘o cachorro morde’
nõti	‘canoa’ >	nõtĩ voavo	‘foram de canoa’
vene	‘homem’ >	venẽ tipi	‘a espingarda do homem’
shovo	‘maloca’ >	shovõ	‘na maloca’

Este enclítico existe em muitas formas, cuja ocorrência pode ser predita com as seguintes regras, com algumas exceções.

- (1) A forma mais comum é Vf > ṼF, e ocorre em todos os radicais de duas sílabas ou mais, cuja sílaba tônica é a primeira.
- (2) A forma VṼ > ṽṼ é bem limitada a palavras que consistem de apenas duas vogais, e cuja última vogal é nasal.
- (3) Se a palavra é composta de duas sílabas, e a última tem uma vogal nasal , o acento muda para a primeira sílaba e o enclítico -nẽ é acrescentado. Também, se o radical é composto de mais de uma sílaba , e a primeira não é a sílaba tônica , o enclítico -nẽ é usado. As palavras emprestadas do português geralmente usam este sufixo.
- (4) Se a palavra termina com “ĩ” o enclítico -ni é usado . Algumas palavras que normalmente ocorreriam com o enclítico -nẽ, mas terminam com a vogal “i,” também ocorrem com o enclítico -ni.
- (5) Todos os radicais cuja última sílaba é a sílaba tônica, mudam a ênfase e tomam o enclítico -pa.

A seguir ilustrações destas regras:

1	yora	‘pessoa’	yorã	‘da pessoa, etc’
2	iã	‘lago’	iã	‘no lago’
3	kamã	‘onça’	kamanẽ	‘onça (sj de Ort, etc.)’
4	yorarasĩ	‘todo mundo’	yorarasĩni	‘todo mundo (sj de Ort)’
5	teté	‘gavião’	tetepa	‘gavião (sj de ort, etc.)’

4.3. Pronomes

O sistema dos pronomes de marubo é interessante. Todos os pronomes objetos podem ocorrer com enclíticos na sua periferia, mas os pronomes possessivos e os pronomes sujeitos não podem.

4.3.1. A seguir uma lista dos pronomes com seu significado e função:

1.1 ã	‘1ª pessoa singular possessivo e sujeito’
1.1 ea	‘1ª pessoa singular objeto, sujeito de oração de estado ou oração negativo’
1.3 eã	‘1ª pessoa singular sujeito enfático’
2.1 mĩ	‘2ª pessoa singular sujeito e possessivo’
2.2 mia	‘2ª pessoa singular objeto e sj de OrEs e OrNeg’
2.3 miã (mĩ)	‘2ª pessoa singular sujeito enfático’
3.1 ãwã’	‘3ª pessoa singular sujeito e possessivo’
3.2 aa	‘3ª pessoa singular objeto e sj de OrEs e OrNeg’
3.3 ãtõ	‘3ª pessoa singular sujeito e possessivo enfático’
4.1 nõ	‘1ª pessoa plural sujeito’
4.2 noke	‘1ª pessoa plural objeto e sj de OrEs e OrNeg’
4.3 nokẽ	‘1ª pessoa plural possessivo’
4.4 nokẽ nõ	‘1ª pessoa plural sujeito enfático’
5.1 mã	‘2ª pessoa plural sujeito’
5.2 mato	‘2ª pessoa plural objeto e sj de OrEs e orNeg’
5.3 matõ	‘2ª pessoa plural possessivo’
5.4 matõ mã	‘2ª pessoa plural sujeito enfático’
6.1 atõ	‘3ª pessoa plural sujeito e possessivo’
6.2 ato	‘3ª pessoa plural objeto e sj de OrEs e OrNeg’

4.3.2. Segue um mapa da distribuição dos enclíticos pronominais, seguido por uma lista que mostra o significado e a função deles.

MAPA N° 7

Periferia Pronominal

<u>1</u>	<u>2</u>	<u>3</u>	<u>4</u>	<u>5</u>
1.1 -vé	2.1 -ka	3.1 -ma	4.1 -se	5.1 -ra
1.2 -nĩ	2.2 -chta		4.2 -riví	5.2 -rõ

1.3 -no			4.3 -rivi	
1.4 -mê			4.4 -veré	
1.5 -ki			4.5 -taise	
1.6 -ná			4.6 -seví	
1.7 -rí				
1.8 -kirí				
1.9 -pa				
1.10 -parí				
1.11 -namã				
1.12 -keská				
1.13 -vo				

Lista dos enclíticos pronominais

Com alguns enclíticos a última vogal do pronome é omitida, ea > e + rí > erí. Com os pronomes plurais na 1ª e 2ª pessoa, a primeira sílaba do pronome é omitida: noke > no +rí > norí. Na lista que segue, os enclíticos que provocam este fenômeno aparecem com o algarismo¹. Alguns enclíticos fazem isto somente no pronome singular, e não no plural, que será indicado por ².

1.1 -vé ¹	‘associativo (singular e dual)’
1.2 -ní	‘associativo plural’
1.3 -no ²	‘em benefício de, sobre, dentro (de pessoas): plural’
1.4 -mê	‘em benefício de, sobre, dentro (de pessoas): singular’
1.5 -ki ²	‘em detrimento de (algo falado)’
1.6 -ná ²	‘posse’
1.7 -rí ¹	‘reflexivo’
1.8 -kirí	‘direção, via’
1.9 -pa	‘nacionalidade, parentesco’
1.10 -parí	‘antes’
1.11 -namã	‘lugar de’
1.12 -keská	‘como, igual a’
1.13 -vo	‘plural’
2.1 -ka	‘aumentativo’
2.2 -chta	‘diminutivo’
3.1 -ma	‘negativo’
4.1 -se	‘declaração’
4.2 -riví	‘sempre’
4.3 -rivi	‘somente, apenas’
4.4 -veré	‘enfático’
4.5 -taise	‘probabilidade’
4.6 -seví	‘também’
5.1 -ra	‘interrogativo’
5.2. -rõ	‘interrogativo indefinido’

4.4. Adjetivos

Os adjetivos formam uma outra classe no nível de palavras. Esta classe serve de modificador de substantivos, e às vezes, embora raramente, os adjetivos modificam os verbos.

4.4.1. Até agora foram descobertos somente radicais adjetivos simples.

4.4.2. A seguir um mapa mostrando a periferia adjetiva, seguido por uma lista dos enclíticos adjetivos, dando o significado e a função deles.

MAPA N° 8
Periferia Adjetiva

<u>1</u>	<u>2</u>	<u>3</u>	<u>4</u>	<u>5</u>
1.1 -a	2.1 -ma	3.1 -chta	4.1 -se	5.1 -ra
1.2 -ka		3.2 -tõ	4.2 -sho	5.2 -rõ
1.3 -pa			4.3 -rivi	
1.4 -ki			4.4 -riví	
			4.5 -seví	
			4.6 -taise	
			4.7 -veré	

Lista dos enclíticos adjetivos

1.1 -a	‘declarativo’ simples’
1.2 -ka	‘aumentativo, declarativo’
1.3 -pa	‘comparativo’
1.4 -ki	‘aspecto incompleto’
2.1 -ma	‘negativo’
3.1 -chta	‘especificador’
4.1 -chta	‘diminutivo’
4.2 -sho	‘declarativo narrativo’
4.3 -rivi	‘apenas’
4.4 -riví	‘sempre’
4.5 -seví	‘também’
4.6 -taise	‘probabilidade’
4.7 -veré	‘(especificador) enfático’
5.1 -ra	‘interrogativo’
5.2 -rõ	‘interrogativo indefinido’

4.5. Os Demonstrativos

Os demonstrativos dividem-se em três classes, os advérbios, os pronomes demonstrativos, e os pronomes interrogativos. Há poucos radicais das três classes, mas há diferenças notáveis entre as suas respectivas periferias.

4.5.1. Os radicais adverbiais são: ne- ‘este,’ a- ‘esse, aquele,’ e o- ‘aquele lá.’

Segue um mapa da periferia adverbial, seguido por uma lista dos enclíticos com o significado e a função deles.

MAPA N° 9

Periferia Adverbial

<u>1</u>	<u>2</u>	<u>3</u>	<u>4</u>
1.1 -no	2.1 -ka	3.1 -se	4.1 -ra
1.2 -ki	2.2 -chta	3.2 -sho	
1.3 -kirí	2.3 -ivo	3.3 -riví	
1.4 -ri	2.4 -sho ~ -shõ	3.4 -seví	
1.5 -ská		3.5 -taise	
		3.6 -veré	

Lista dos enclíticos adverbiais

1.1 -no	‘lugar’
1.2 -ki	‘lado’
1.3 -kirí	‘via, direção’
1.4 -ri	‘direção’
1.5 -ská	‘maneira’
2.1 -ka	‘augmentativo, declarativo’
2.2 -chta	‘diminutivo, declarativo’
2.3 -ivo	‘especificador’
2.4 -sho ~ -shõ	‘procedimento de
3.1 -se	‘declarativo simples’
3.2 -sho	‘declarativo narrativo’
3.3 -riví	‘sempre’
3.4 -seví	‘também’
3.5 -taise	‘probabilidade’
3.6 -veré	‘enfático’
4.1 -ra	‘interrogativo’

4.5.2. Os radicais pronominais demonstrativos são: naa ‘este,’ e aa ‘esse, aquele.’

Segue um mapa da periferia pronominal demonstrativa, seguido por uma lista dos enclíticos com o significado e a função deles.

MAPA N° 10

Periferia Pronominal Demonstrativa

<u>1</u>	<u>2</u>	<u>3</u>	<u>4</u>	<u>5</u>
1.1 -ivo	2.1 -ka	3.1 -ma	4.1 -se	5.1 -ra
1.2 -tí	2.2 -chta		4.2 -sho	5.2 -rõ
1.3 -tiã			4.3 -riví	
1.4 -tío			4.4 -seví	
1.5 -tiá			4.5 -taise	
1.5 -tiá			4.6 -veré	
1.6 -tishõ			1.7 -keská	

Lista dos enclíticos pronominais demonstrativos

1.1 -ivo	‘especificando’
1.2 -tí	‘quantia’
1.3 -tiã	‘tempo, hora’
1.4 -tiá	‘tamanho’
1.5 -tiá	‘distância’
2.1 -ka	‘aumentativo’
2.2 -chta	‘diminutivo’
3.1 -ma	‘negativo’
4.1 -se	‘declaração simples’
4.2 -sho	‘declaração narrativa’
4.3 -rivé	‘sempre’
4.4 -seví	‘também’
4.5 -veré	‘(especificador) enfático’
4.6 -keská	‘como, igual a’
5.1 -ra	‘interrogativo’
5.2 -rõ	‘interrogativo indefinido’

4.5.3. Os radicais pronominais interrogativos são: awe ‘que?’, ato ‘onde?’ e ãwẽ- (+ -shõ) ‘como?’ O radical awe ocorre com todos os enclíticos pronominais demonstrativos, e ato ocorre somente com -ivo (atoivo ‘qual?’). Ãwẽ- ocorre somente com -shõ como já foi mostrado.

MAPA N° 11

Periferia Pronominal Interrogativo

<u>1</u>	<u>2</u>	<u>3</u>	<u>4</u>
1.1 -tí	2.1 -ivo	3.1 -keská	4.1 -ra
1.2 -tiã			
1.3 -tío			
1.4 -tiá			
1.5 -tishõ			
1.6 -saa			

Lista dos enclíticos pronominais interrogativos:

1.1 -tí	‘quantia’
1.2 -tiã	‘tempo, hora’
1.3 -tío	‘tamanho’
1.4 -tía	‘altura, comprimento’
1.5 tishō	‘distância’
1.6 -saa	‘maneira’
2.1 -ivo	‘especificador’
3.1 -keská	‘como, igual a’
4.1 -ra	‘interrogativo’

4.6. As Palavras não flexionadas dividem-se em vários tipos. O primeiro tipo consiste de alguns coordenadores como:

1	mēkī’	‘mas’
2	tōsho	‘porque, baseado num fato ou num ato já realizado’
3	ĩnã	‘porque, baseado num fato ou num ato não realizado’
4	ivoro	‘se’

Há um outro tipo que consiste de algumas exclamações:

1	ii’	‘eta!’
2	maa	‘é mesmo!’
3	aví	‘não diga, que coisa!’
4	ẽe	‘sim’
5	arriií	‘gemido’

Há mais um tipo residual. Isto é, com mais dados talvez seja possível classificar algumas destas palavras.

1	ma	‘já’
2	anō	‘mostra propósito em algumas instâncias, mas o seu significado não é bem entendido.’